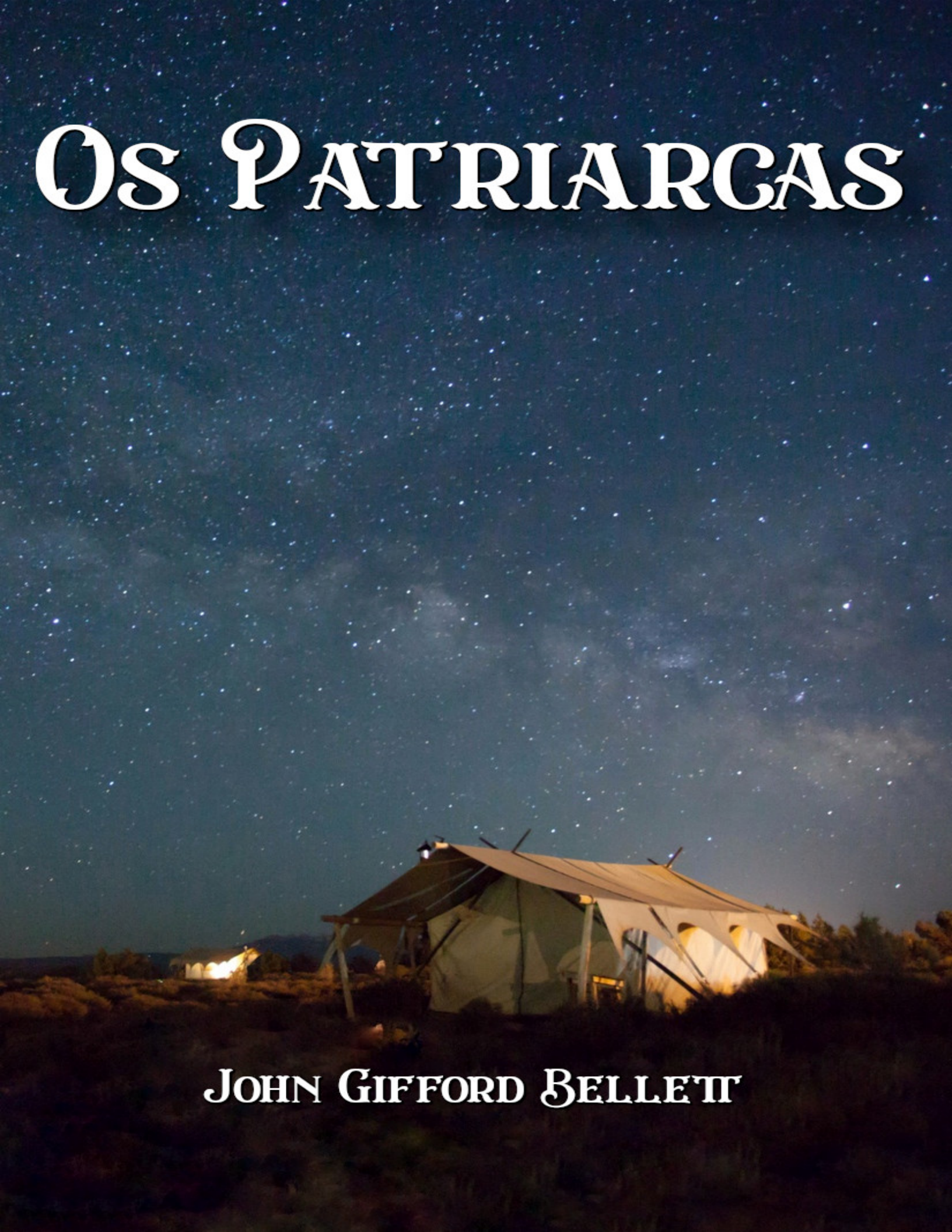
Os Patriarcas



John Gifford Bellett

Os Patriarcas

John Gifford Bellett

Título do original em inglês:
The Patriarchs – John Gifford Bellett
Primeira edição em português – setembro de 2024

Originalmente publicado por:
BIBLE TRUTH PUBLISHERS
59 Industrial Road, Addison, IL 60101
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.
Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:
ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995
ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993
TB – Tradução Brasileira – 1917
ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB – 1994
AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967
JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby
KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ARC, a não ser que outra esteja indicada.
Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

Os Patriarcas

John Gifford Bellett

Prefácio

O conteúdo de *Os Patriarcas* nunca foi tão relevante como é hoje. Os temas apresentados no livro de Gênesis antecipam todo o curso da história humana, visto da perspectiva de Deus. A vocação celestial do crente em Cristo e o caráter moral do crente são maravilhosamente vistos em figura. Assim como nas edições anteriores, o texto dos capítulos *"Cantares de Salomão"* e *"Céu e Terra"* foi mantido. Embora não se relacionem estritamente com os patriarcas, eles fazem extensas referências a figuras do livro de Gênesis. Também tratam de muitos temas em comum com os capítulos referentes aos sete patriarcas. Você sem dúvida os achará muito proveitosos.

Esta edição de *Os Patriarcas* tem o mesmo texto das edições anteriores lançadas pela Bible Truth Publishers. No entanto, para facilitar a leitura do livro, adicionamos subtítulos, guias e cabeçalhos de seção.

Bible Truth Publishers, abril de 2008

Enoque

Não é tanto sobre o próprio Enoque que pretendo agora, na graça do Senhor, espero, escrever um pouco, mas sim sobre os tempos e os santos antes do dilúvio. Sejam deles ou dele, os materiais, como sabemos, são muito escassos; mas no caminho e na sabedoria do Espírito de Deus, eles são cheios de significado e valor.

Uma atração peculiar tem sido comumente sentida pelo Livro do Gênesis.

O caráter dos primeiros tempos

A simplicidade das narrativas deve explicar muito disso, não duvido. A vida humana está em sua infância e ingenuidade. As cenas são domésticas e os hábitos e costumes, como deveres e afeições familiares, foram se formando. Esta é uma grande fonte de regozijo para a mente com este livro. Essas fontes de gozo às vezes são provadas apesar de nós mesmos. Somos muito mimados pelos costumes do mundo e supomos que gostamos deles. Mas ainda assim nos sentimos naturalmente à vontade em cenários tais como os que este admirável livro nos apresenta. A esposa de um senhor rico, que tinha centenas de servos e milhares de rebanhos, amassava o bolo para o viajante e a filha de outro, sem praticar a linguagem do pedido de desculpas, era vista por estranhos dando de beber aos rebanhos da família.

No entanto, com tudo isso havia a mais verdadeira cortesia. A honra devida a todos os homens era tão bem entendida quanto o amor pelos parentes. Não era uma vida incivilizada, embora simples e natural. Não era uma simplicidade rude; mas aquilo que veio de uma influência que poderia moldar e adornar a vida. E essa influência foi o conhecimento de Deus. Os tempos deste livro não eram, como sabemos, devedores aos avanços da civilidade ou dos regulamentos da vida refinada; mas ainda assim

a situação não era de incivilização apenas porque havia o conhecimento de Deus. A mão de Deus era sentida, enquanto os conceitos de uma vida polida ainda não tinham tempo nem liberdade para enfeitar ou manchar o cenário.

É isso que molda os costumes desses primeiros tempos. Eles são peculiares, recomendando-se profundamente a uma mente correta; mas o suficiente, talvez, para provocar o sorriso de muitos que pertencem a tempos como o nosso. Pois hoje em dia seria estranha a amizade confidencial entre um senhor e seu servo. E, no entanto, isso aconteceu entre Abraão e Eliezer, embora durante todo o tempo os deveres e direitos do relacionamento fossem religiosamente observados. E quão injustificável seria considerado agora que o futuro marido de uma das filhas, ou o próprio genro, como no caso de Labão e Jacó, cuidasse dos rebanhos da família no calor do dia e na geada da noite, recebendo seu salário! E, no entanto, em tudo isso não há qualquer ofensa moral; nada além do que pode encantar as mais delicadas sensibilidades de nossa natureza.

O Senhor Se mostra

Mas o que deveria conferir a este livro seu principal poder de nos envolver é o seguinte: o próprio Senhor é visto nele de maneiras e caracteres adequados a esse estilo simples e original. Sendo a ação do livro muito doméstica, simples e sem adornos, Seu caminho é de acordo com isso. Quer Ele comunique Sua mente ou manifeste Sua presença, é segundo esse mesmo padrão. Ele não emprega profetas, mas pessoalmente torna conhecido o Seu prazer. Pode ser em sonho, ou por voz, bem como por manifestação Pessoal; mas ainda assim é *Ele mesmo*. E mesmo que os anjos sejam empregados, eles são mais Seus *companheiros* do que Seus *mensageiros.*

No frescor do dia, ou da tarde, Ele passeava pelo jardim. No campo, Ele argumentou com Caim, argumentou *Pessoalmente* com ele, acrescentando o peso e a autoridade de Sua própria

presença a um momento de terrível e solene interesse. Ele desceu ao clamor de Babel e ao clamor do pecado de Sodoma, apenas para que pudesse ver, como nós faríamos, se as coisas eram realmente tão ruins quanto se dizia que eram. Em formas de intimidade, Ele apareceu repetidas vezes a Abraão, Isaque e Jacó; convidando à confiança, expressando descontentamento ou transmitindo Seu propósito, em maneiras de plena familiaridade pessoal. E embora, no decorrer do livro, esse estilo possa se tornar menos frequente, ainda assim ele é mantido em medida até o fim, mesmo onde menos o esperávamos. Pois aos reis, que não eram da linhagem de Abraão, o Senhor Deus apareceu em sonhos à noite e, sem espanto, avisou-os de seu dever ou contou-lhes sobre o perigo.

O ministério dos profetas, como observei, não é empregado. Isso teria sido demasiado distante, demasiado reservado para se adequar ao estilo geral. Nem o agrado divino é comunicado pelo Espírito Santo ou por inspiração. Essa também não é a maneira – não a maneira *usual.* Mas é, como vimos, a interferência Pessoal do próprio Senhor, vindo numa visão, ou por meio de um sonho ou de uma palavra; ou de uma forma ainda mais próxima de assumir as formas e atributos da humanidade; e isso também não em trajes místicos, como depois aconteceu com Isaías, Daniel ou João; mas como Alguém que Se encontrava com o homem em seu lugar e circunstâncias. Como um viajante necessitado de hospitalidade, Ele come um bezerro e um bolo à porta da tenda com um; com outro Ele contende e luta, como um homem com seu próximo, tendo uma luta ou disputa com ele.

Veja todo esse estilo de ação no caso de Noé. Com que interesse o Senhor Deus entra em todo o estado das coisas naquele dia! Assim como todos nós sentimos, Seus olhos afetam Seu coração. E então, assim como todos nós fazemos, Ele Se aconselha Consigo mesmo. Ele viu que a maldade do homem era grande; isso O entristeceu profundamente; e então Ele disse: **"Destruirei, de sobre a face da Terra, o homem que criei"**. E depois de tudo

isso, assim como nós mesmos faríamos, tendo seguido Seu conselho, Ele o comunica a um amigo, passando-o ao ouvido, ao coração e às empatias de outro.

Foi assim que o Senhor tratou Noé. Ele tratou-o como um homem com seu amigo, assim como Deus com um pecador eleito. E nós mesmos praticamos essas maneiras. Amamos essas confidências de amizade. Amamos um segundo eu. **"O fim de toda carne é vindo perante a Minha face"**, diz o Senhor a Noé, contando-lhe o que se passava em Seu próprio seio. E depois, no dia das águas, da mesma forma de graciosa amizade, quando a arca estava prestes a flutuar no local do julgamento, **"e o SENHOR o fechou dentro"** (ACF). Com Suas próprias mãos Ele fez isso.

Aqui estava a intimidade. Aqui estava a proximidade viva e palpável do Senhor Deus com Sua criatura. E isso está de acordo com Suas ações e comunicações gerais neste livro. A glória ainda não estava ocupando o seu lugar numa dispensação, envolta numa carruagem entre as nuvens ou assentada entre querubins. Em tudo isso havia majestade e grandeza consciente, e a distância da santidade, conforme convinha a uma economia ordenada. Mas nos tempos de Gênesis não era assim. As coisas eram informais e a ação era variada; e o Senhor estava em Pessoa, conforme exigia a ocasião, de acordo com isso.

A resposta do nosso coração

É assim que encontramos a ação deste belo livro. Os eleitos de Deus são assim, e assim é o próprio Deus vivo. É tão divino quanto qualquer outra coisa na Palavra. E a alma assim o recebe. E temos boas razões para bendizer o Senhor, porque Ele apresentou ao nosso coração um livro tal como este. Pois nem sempre estamos prontos para as coisas mais elevadas. Não podemos alcançá-las em todos os momentos ou obedecer a uma convocação para ascender aos lugares celestiais. Mas o Espírito de Deus Se compadece de nossa fraqueza e providenciou para isso. As

Escrituras, se me permitem falar em figura, mudam de ares e de cenário para nossa alma.

É o gosto e o apetite que devemos cobiçar, amados – um santo deleite nas coisas de Deus, sejam elas as coisas dos **"filhos"** ou dos **"pais"**; o leite puro ou o alimento sólido. Os *pequeninos* de Sua escola ainda são os *vivos.* Essa é a coisa abençoada. Aquele que vive no mero poder do intelecto, ou nas escolas dos homens, está morto enquanto vive.

Não está sob a lei

Há, porém, outra coisa a ser dita sobre os tempos e sobre o Livro do Gênesis.

Naqueles tempos, ou, como fala o apóstolo, **"desde Adão até Moisés"**, *a lei* não dava caráter ao estado do povo de Deus. Adão estava sob a lei no Éden, e assim estiveram os filhos de Israel depois daquele dia no Monte Sinai. Mas não foi assim nas gerações de Adão a Moisés. O pecado estava igualmente no mundo, mas não havia lei (Rm 5:14).

Mas, posso observar, eles não só não estavam sob a lei; havia também uma ausência quase total de instrução moral ou prescritiva. Houve muita revelação do agrado e dos conselhos divinos; mas quase nada de preceito. Sob o Espírito, a revelação produziu seus resultados no caráter e na conduta, e formou a mente e os caminhos dos santos. O mal foi ressentido por eles e julgado por Deus; mas sem um padrão escrito de certo e errado. Sem qualquer lei contra o homicídio, Caim é exposto; sem um quinto mandamento, a desonra de Cam a seu pai é punida. E assim a astúcia de Jacó é visitada e ressentida pelo Senhor; e o mau caminho dos irmãos de José. E sem a luz de qualquer preceito a alma de um santo pode, portanto, rejeitar à tentação: como posso cometer esta grande maldade e pecar contra Deus?

Tudo isso é assim, embora nem a lei nem a instrução moral tenham sido promulgadas naquela época. Foi a revelação em

questões de fé que, sob o Espírito, formou o caráter patriarcal. Abraão não foi ordenado nem ao seu altar nem à sua tenda; mas seu chamado de Deus, por meio do Espírito, sugeriu ambos. Nenhum preceito exigia seu tratamento elevado e generoso para com Ló; mas sua fé e esperança em Deus ditaram e ordenaram isso. Sem orientação sobre o caso, seu conhecimento de Deus e da mente de Cristo que estava nele o dispôs e o ensinou a deixar os cacos de barro da Terra lutarem com seus companheiros, mas assim que seu parente foi cativo, ele partiu em busca de sua libertação. Nenhuma palavra, nenhum oráculo de Deus distinguiu para ele entre o rei de Salém e o rei de Sodoma; mas, sim, a luz que estava nele.

Eu poderia passar por outras histórias neste livro e encontrar essas mesmas coisas. O santo julgamento da mente que estava neles, sob o Espírito, sugeriu àqueles primeiros santos uma conduta por meio de revelação, promessa e chamado de Deus. E isso é sempre formoso, quando obtemos amostras ou exemplos genuínos disso.

Intimidade com Sua criatura

Essas são então algumas das características desta era mais antiga e primordial de nossa história e do precioso livro que a registra. E este primeiro método no caminho do Senhor deve ser o último e o permanente. Em Gênesis, como vimos, o Senhor Deus agiu "sob a forma humana", estando pessoalmente presente na cena e buscando a intimidade mais próxima com Sua criatura. E isso será algo eterno quando as dispensações terminarem. Deus em humanidade será para sempre!

Mistério precioso! Maravilha insondável! É abençoado refletir sobre isso. O primeiro será o último. O cântico da salvação – o **"cântico de Moisés"** – foi o primeiro suspiro das tribos resgatadas. Foi cantado nas margens do Mar Vermelho, exatamente quando eles estavam fora do alcance do Faraó. Depois as experiências foram diferentes. Eles tinham então a ver

consigo mesmos. Mas a princípio a vitória do divino **"Homem de guerra"** era tudo para eles. E esta primeira coisa será a coisa eterna. O cântico de Moisés encherá os átrios de glória (Êx 15; Ap 15). E assim, nos primeiros dias, nos dias de Gênesis, a presença divina não era considerada estranha, ou algo que não convinha à Terra, ou que não pertencia ao homem. Os favores divinos foram então, por assim dizer, dados gratuitamente e recebidos sem suspeitas. E assim, no final, nos dias de céus e Terra milenares, o Senhor Deus estará outra vez pessoalmente em cena.

O mundo antes do dilúvio

Os primeiros cinco capítulos deste livro nos dão um relato dos tempos antediluvianos, ou, como foram chamados, **"nos dias anteriores ao dilúvio"**. E são esses capítulos que pretendo agora examinar um pouco mais em particular.

O todo se abre, naturalmente, com o trabalho da criação. Não falo particularmente sobre isso. Mas, instruídos pelo apóstolo, podemos dizer que é somente *fé* que trata com justiça esta grande obra. A fé coloca Deus acima de todas as coisas que foram feitas ou que são vistas. **"Pela fé, entendemos que os mundos, pela Palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente"**. A fé trata Deus dignamente – o único princípio na alma que faz isso. Ele habita **"na luz inacessível"**. A fé reconhece isso. A sabedoria dos homens ocupa-se em vê-Lo ou inspecioná-Lo. Mas embora Ele "mostre" grandes coisas de Si mesmo, a fé sabe que nenhum homem O viu ou pode vê-Lo (1 Tm 6). Ela desfruta de todas as Suas manifestações; mas não inspeciona Sua morada na luz.

Adão em inocência

O segundo capítulo mostra o homem feito à imagem de Deus, em seu estado no jardim do Éden. Tudo o que havia lá lhe era tributário, tudo era para ele. Ele tinha alimento para todas as capacidades e desejos de sua natureza, e provisão de todas as coisas desejáveis. Ele foi feito, no entanto, tanto para *transmitir*

como para receber – e isso é sempre uma característica necessária para a felicidade de uma mente bem ordenada. Ele era importante para o jardim, assim como o jardim era importante para ele. Ele tinha que **"o lavrar e o guardar"**. E ele viu sua morada como a nascente de um rio frutífero, que corria com vida e refrigério para toda a Terra. Com tudo isso a voz de um Soberano foi ouvida. Um comando foi emitido: **"da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás"**. Mas isso não foi uma transgressão, nenhuma nota discordante aos ouvidos de Adão. Deus não dará e não pode dar Sua glória a outro. E uma criatura de pensamento correto, "tornada correta", como Adão era, deve deleitar-se em ter isso assim. Tudo isso era, portanto, somente uma harmoniosa e consistente felicidade.

A noiva

Para aperfeiçoar sua condição, o Senhor Deus celebra para ele um dia de coroação e um dia de desposório. Mas esta ação tem uma ordem. O Senhor Se aconselha Consigo mesmo sobre o desposório de Adão. Isto é feito *primeiro*. Então Ele o apresenta ao cenário de sua soberania. Ele traz as criaturas do campo e do ar a Adão, para ver como ele as chamaria, e como ele chamava cada alma vivente, esse era o seu nome. Isto era investi-lo de domínio, colocando a coroa real em sua cabeça. Então Ele prepara a companheira de ajuda e lhe apresenta Eva, seguindo-se à sua coroação o seu casamento.

Esta é a ordem destes eventos – uma ordem que tem um sentido santo e interessante. Não é o mero progresso de fatos independentes. É o desígnio, por assim dizer, de um grande Mestre. Pois existe, como sabemos agora, um mistério que havia sido **"oculto em Deus"**, **"que propusera em Si mesmo"**, antes da fundação do mundo, Seu mistério (Ef 3), do qual este casamento no jardim do Éden era a figura (Ef 5). E de acordo com isso, o Senhor, na solitude de Sua própria presença, nas reflexões de Seu próprio seio, antes de conduzir Adão ao seu reino, prepara sua companheira de ajuda para ele.

Este, porém, não é apenas o *desígnio de um grande mestre,* mas o *bem conhecido caminho de um amor perfeito.*

O propósito *mais rico* de gozo é o primeiro no conselho.

O primeiro pensamento do Senhor foi sobre a melhor bênção de Adão. A companheira de ajuda ao seu lado, aquela semelhante a ele, sua companheira, estava destinada a ser mais para ele do que tudo o mais. E aquela que era principal em seus regozijos foi o pensamento mais primordial e mais profundo na mente de seu Senhor. Seu Senhor ponderou sobre isso. Ele falou sobre isso Consigo mesmo. Sua coroação foi imediatamente tomada em mãos e resolvida; mas a obtenção da companheira para ele foi aconselhada e discutida de antemão.

Este é o caminho que o amor seguiria. Nós mesmos sabemos disso. Gostamos de pensar nos meios da felicidade de quem amamos. Para que tudo isso seja doce e importante para o nosso coração; pois lemos nele aquilo que pode novamente despertar a admiração e a adoração: **"Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai"**!

E Adão imediatamente possui tudo isso. Da abundância do coração fala a boca. **"Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne"**, diz ele, ao receber a mulher das mãos do Senhor Deus, reconhecendo que tudo agora estava completo. A serpente pode aos poucos insinuar que é o contrário. Mas ele é um mentiroso. Não há uma falha em toda essa possessão. Não há falta e nem exceção. Nada que não tenha contribuído de alguma forma para abençoá-lo; e nenhuma bem-aventurança da criatura lhe faltava.

Satanás se opõe

Mas tudo isso é imediatamente invejado pelo grande inimigo. E ele teve a autorização de testar a estabilidade disso. A nudez, a nudez que não se envergonhava do homem e da mulher era inocência. Sim, mas também era *exposição*. A criatura deveria ser

provada. A força da condição de criatura deveria ser testada. E o inimigo tinha autorização para entrar no jardim para realizar a provação. Ele não era um invasor lá. A ordem e o propósito da criação abriram espaço para ele, assim como para o próprio Adão. O próprio instrumento pelo qual ele conduziria seus projetos já estava lá. A árvore do conhecimento estava no meio do jardim.

O tentador, esta serpente que era **"mais astuta que todas as animálias do campo"**, era o diabo. Isto nos é dito diretamente (Ap 12:9, 20:2). E a cena que nos rodeia até hoje fala de sua vitória. **"O presente século** (**mundo** – ARA) **mau"**, seja em sua condição moral ou em suas circunstâncias, encontramos isso em Gênesis 3. E poderíamos ter esperado isso, pois o mundo como é agora derivou da apostasia de Adão; seu caráter e condição são formados por esse grande ato de rebelião.

Os três princípios-mestres que animam **"o curso"** do mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o soberba da vida são aqui vistos como se tornando as fontes da ação moral no coração da mulher, assim que ela deu ouvidos ao diabo; pois a alma que desiste de Deus deve encontrar outros mestres e outros recursos. E este é o mundo. O mundo não tem confiança em Deus, nada que o ligue a Ele, nada que lhe dê descanso n'Ele, nenhum senso de Seu amor e verdade. Assim tem sido desde esta hora, quando o homem deu ouvidos ao acusador de Deus. Portanto, descobriu outros objetos. **"Deus fez ao homem reto, mas ele procurou muitas invenções"** (Ec 7:29).

Consciência

A consciência também é trazida à existência. O pecado fez isso. **"E conheceram que estavam nus"**. E foi então, na hora do seu início, como é até hoje, uma consciência *inquieta*, uma consciência que torna covardes todos os que a carregam. **"Tive medo"**, diz Adão (incapaz de olhar para Deus), **"porque estava nu"**. A consciência no homem deve ser desta qualidade, pois deve a sua existência ao pecado. Não havia nele nenhuma percepção de bem e mal até

que ele pecou; e essa percepção, adquirida dessa forma, deve torná-lo um covarde na presença do *Justo.*

Instintivamente eles fazem aventais para si mesmos. Isso é algo que continuamos a fazer. Nosso estado comum de culpa nos faz evitar até mesmo nossos semelhantes. Não suportamos a inspeção nem mesmo deles. Um grande e constante esforço, no cenário que nos rodeia todos os dias, é escapar *despercebido*. O avental ainda é fabricado. O sistema social entende e permite isso. Na verdade, é mantido por um consentimento comum deste tipo. E a religião, à sua maneira e medida, assim como as regras e o entendimento comum da sociedade, contribuem para tudo isto. Mas **"a presença do Senhor Deus"** é um elemento diferente da presença dos nossos semelhantes. Nenhuma regra que sustente o sistema social tornará isso tolerável por um momento sequer. As roupas e a cerimônia, as invenções da sociedade, ou as boas maneiras que a vestem e adornam, serão consideradas vaidade. Todos carecem de *Sua* glória. Deixe apenas a consciência ouvir o passo de Seu pé, ou o som de Sua voz no jardim, e nenhuma tentativa será igual a esse momento. Mesmo as invenções religiosas serão todas vãs. Elas não podem proporcionar confiança diante de Deus, nem desviar a corrente do coração. Com o avental sobre ele, Adão se esconde entre as árvores do jardim.

Homem atrevido

Isso ensina lições santas e solenes. Mas com toda essa covardia há atrevimento: **"A mulher que** (**Tu**) **me deste por companheira, ela me deu da árvore"**. O homem coloca o dano à porta de Deus. Ele diz, com efeito: "Deixe Deus cuidar disso; porque a mulher é Sua criatura, e Ele a deu para mim"; como ele ainda, no espírito de sua mente, diz: "Deixe Deus cuidar disso; pois o mundo é d'Ele, e Ele o fez". Uma união estranha e horrível! O atrevimento do coração culpando Deus, e ainda assim uma consciência covarde incapaz de enfrentá-lo. O pecador pode falar alto e fazer barulho; ele pode argumentar sobre Deus e sobre sua própria condição, e

formular discursos e argumentos, tão bem como aventais; mas apesar de tudo aquilo do que ele pode se cercar, lá está ele, como Adão, envergonhado de si mesmo e com medo de Deus. O homem ofendeu o Deus bendito e O evita. Ele O acusa, mas tem medo de olhar em Seu rosto enquanto o faz. Tudo isso, apesar de si mesmo, testemunha contra ele. O Senhor tem apenas a dizer ao homem: **"Pela tua boca te julgarei"**. E então, como novamente na parábola, ele estará emudecido.

Consequências do pecado

Essa era a mente de Adão naquela época, e assim ainda é a natureza humana. Mas se esta era a sua condição moral, quais eram as suas circunstâncias? Exatamente aquelas do homem até o presente momento. Com o suor de seu rosto ele obteria pão e, na tristeza de seu coração, comeria dele; e isso também no lugar de espinhos e cardos. E com igual tristeza a mulher deveria dar à luz filhos; e tudo isso até que ambos voltaram ao pó de onde foram tirados. E o homem ainda está assim, fora do jardim, familiarizado com o trabalho e a tristeza. Cultivar e guardar uma bela superfície e um solo fértil não é a coisa ou a porção agora. Espinhos e cardos e um solo hostil e relutante devem ser enfrentados, e a vida obtida com o suor do rosto nessa disputa.

O remédio de Deus

Somente Deus está acima desta inundação, capaz de administrar esta poderosa catástrofe. E Sua supremacia é tal que Ele fará com que até mesmo um tal comedor produza comida e obtenha doçura até mesmo deste forte.

Num sentido glorioso, porém, a redenção é muito mais do que a reparação de um dano, ou o alívio, mesmo que vantajoso, para uma criação ferida e arruinada. A criação, ao contrário, é serva da redenção; pois "a redenção não é um pensamento posterior". Foi para o agrado d'Aquele que está assentado no trono, que todas as coisas são e foram criadas. Mas esse mesmo trono tem *o arco-íris ao seu redor* (Ap 4), o sinal da fidelidade da aliança, e de que

todas as coisas permanecerão *em redenção,* ou no valor do sangue de Jesus. De modo que quando o pecado entrou, o Senhor Deus foi imediatamente preparado para ele (falo como homem); preparado para enfrentá-lo por meio de arranjos de aliança feitos antes de o mundo começar, como nos diz Sua própria primeira palavra à serpente: **"E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta** [**Ele** – JND] **te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar**".

Aqui o grande caminho de Deus se abre sobre nós. Esta prometida Semente da mulher, aqui revelada, é a *provisão de Deus para o homem morto e arruinado,* diante de toda a malícia e ira do inimigo. E Ele é essa Semente *a todo Seu custo Pessoal;* pois a serpente iria ferir Seu calcanhar. Mas embora ferido, *Ele alcançaria uma vitória gloriosa;* pois Ele ferirá a cabeça da serpente.

Estes são os caracteres santos e augustos deste misterioso Estranho – este prometido Libertador ou Parente. Tal foi a verdade revelada no primeiro momento do nosso pecado, e tal tem sido a verdade desde então. Este evangelho, publicado na primeira promessa na face do próprio diabo, é mantido nestes últimos dias pelo apóstolo, diante dos homens na Terra e dos anjos no céu (Gl 1:8). Quer seja a primeira ou a última pregação, este glorioso evangelho ainda é o mesmo. É **"o testemunho de Deus... que de Seu Filho testificou"**. É o evangelho da ferida, mas vitoriosa Semente da mulher. Diante da ideia brilhante e perfeita disso, o homem é silencioso e passivo. Bastou a Abrão *crer,* e a justiça lhe foi imputada. Israel teve apenas que *ficar quieto* e ver a salvação de Deus. Josué em Zacarias 3, o pródigo, a adúltera condenada, estão todos na mesma situação. E aqui, no início do nosso pecado e no início do evangelho de Deus, é exatamente a mesma coisa. Adão só precisa *ouvir* e, por meio da audição, crer e viver. A palavra está perto de nós, e só temos que recebê-la sem realizar nada nas alturas acima ou nas profundezas abaixo. As *atividades* são de Deus; os *sacrifícios* são de Deus. A profundidade do nosso

silêncio e passividade em *nos tornarmos* justos só é igualada pela grandeza da atividade divina e do sacrifício em *adquirir* justiça para nós. Diante de tal mistério, podemos muito bem nos levantar e dizer: "O que Deus fez!" "É realmente simples para nós", como alguém disse uma vez, "mas custou tudo *a Ele*".

Fé na graça de Deus

Não há nada no coração do homem como a fé neste evangelho. A fé de um pobre pecador na graça redentora de Deus é a condição mais bela em que a alma pode estar. Como santos, amados, podemos confiar em Deus para as nossas necessidades. Podemos recorrer a Ele em busca de conselho ou provisão. Podemos confiar n'Ele para justificar nossas ações, confortar-nos na tristeza e fortalecer-nos nas dificuldades. Mas a fé de um pecador, na graça justificadora e na obra de Seu divino Salvador, transcende todas elas. Nada é tão precioso, pois nada apreende Deus em um caráter tão glorioso, ou O dá à alma em um relacionamento tão maravilhoso. É esta fé que utiliza os recursos mais ricos de Deus e atua sobre as mais abençoadas descobertas d'Ele. Pois embora todos os caminhos de Sua glória brilhem intensamente – Sua força, conforto e sabedoria para Seus santos necessitados – ainda assim, o fato de Ele ter graça e salvação para os pecadores, supera todos eles.

O Espírito de Deus, nestes primeiros tempos, nos dá algumas amostras mais preciosas desta mais preciosa fé; como se (posso dizer?) deleitando-Se em tal coisa, Ele produzisse uma impressão do melhor caráter *imediatamente,* assim que a ocasião permitisse.

A fé de Adão

Portanto, Adão, em sua fé, falou apenas da vida, embora no meio da morte – a morte, que ele mesmo trouxera, como testemunha permanente contra ele. Ele estava condenado a ser um pária num cenário de ruína que seu próprio pecado havia produzido. Ele sabia disso e o permitiu. Mas ele ouviu a história do conflito entre o seu destruidor e a Semente da mulher. No próprio local do

julgamento – entre as árvores do jardim, para onde a consciência o havia levado – seus ouvidos captaram o som do doce evangelho, não apenas de misericórdia, mas de propiciação e vitória, e ele avança, falando de vida. Ele chamou sua esposa de **"Eva"**, a mãe de todos os viventes. Toda a vida estava no prometido Parente-Redentor. Na criação, o próprio Adão foi constituído cabeça da vida – "**Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a Terra"**; mas isso, em sua estima, estava agora perdido e desaparecido. A vida deve fluir em um novo canal: **"Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida"**.

Quão grandioso em sua própria simplicidade era tudo isso! E houve recuperação também da glória *moral*, em grande sentido, em tudo isso. Adão não *se submeteu à majestade* de Deus, mas quis ser como Deus. Mas agora ele *se submete à justiça* de Deus. Seus ombros se curvaram para receber a cobertura feita para sua nudez pela própria mão de Deus (Veja Romanos 10:3). Ele agora estava honrando a Deus, o Redentor, embora pouco antes tivesse feito tudo o que podia para desonrar a Deus, o Criador – então, simplesmente, ele foi levado pelo Espírito a valorizar a provisão divina para um pecador na promessa de nosso Parente ferido, mas vitorioso.

A fé de Eva

Da mesma forma, Eva tinha ouvido a mesma promessa e, portanto, assim que deu à luz o seu primogênito, dá testemunho de que esta promessa ocupava o lugar principal nos pensamentos do seu coração. **"Alcancei do Senhor um varão"**, disse ela. Ela se ignorou a si mesma tanto quanto Adão havia feito. Ela se gloriou apenas em sua Semente. Ela tinha ouvido a promessa com um ouvido fiel demais para se confundir com sua Semente. Não era a respeito de si mesma, mas a respeito dele que ela agora, na língua de outra mãe, estava cantando: **"A minha alma engrandece ao Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador!"** Houve um erro aqui, é verdade. Mas houve testemunho de como o objeto da fé preencheu suas visões e as

expectativas da fé despertaram em seu coração. E tão logo que os acontecimentos desastrosos manifestarem o seu erro, e provarem-lhe que este primogênito do seu ventre era qualquer coisa mas não a Semente prometida – que em vez de ser o Esmagador da cabeça da serpente, ele acabou por ser o homicida do seu irmão, ela ainda é encontrada na rocha onde a fé fixou sua alma. **"Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso"**, foi seu triunfo. Sobre Sete ela exclama: **"Deus me deu outra semente em lugar de Abel; porquanto Caim o matou"**. Embora toda cisterna falhe, ela sabe que a fonte não pode falhar. Um filho foi um homicida e outro sua vítima; mas ainda assim Deus é verdadeiro. **"As benignidades do SENHOR cantarei perpetuamente; com a minha boca manifestarei a Tua fidelidade de geração em geração"**.

Mais fé

Fé preciosa, podemos dizer, **"fé igualmente preciosa"**, com Adão e conosco, amados. Então Abel. A fé nele tinha respeito à mesma promessa, ao mesmo evangelho. A palavra falava de um Libertador *ferido* e, portanto, é uma vítima, um sacrifício ferido ou sangrento, que ele coloca no altar de Deus. Mas não só isso. Ele traz a *gordura* da vítima da mesma forma. Ele conhece o deleite que o próprio Deus sente nas provisões de Sua própria graça. Ele sabe que está satisfeito com a obra de Suas próprias mãos. Ele entende que Deus é um Doador alegre, que não há rancor no dom da graça. Em espírito ele ouve a música que a ordem do Pai despertou em Sua própria casa sobre Seu filho pródigo que havia retornado. No deleite com que o próprio Deus vestiu o pecador nu com túnicas que Sua própria mão havia feito voluntariamente (uma tarefa mais feliz do que os seis dias da criação), a fé de Abel parece glorificar-se. E como assim a mais rica alegria que é sentida em todo o custoso mistério da redenção é sentida pelo próprio Deus, ele coloca a parte mais rica da vítima, a gordura do animal, no altar, fazendo *disso* a própria porção do Senhor nesta festa de amor e gozo, em Sua própria casa e em Sua própria mesa.

Este foi outro exemplo mais excelente da fé de um pecador. Abel, em espírito, estava em Lucas 15 – aquele capítulo que nos diz que a própria alegria do Senhor nele pode explicar o evangelho. E tudo isso são obras-*padrão* do Espírito, formando a fé dos pecadores. Não há questionamento da graça de Deus, nem reflexões inquietantes sobre a inutilidade da criatura, embora houvesse inúmeras razões para isso. A força, a liberdade, o triunfo da promessa vivem em suas almas.

E deixe-me acrescentar que se a confissão de Lameque (Gn 4:23-24) for a declaração de um pecador crente e convicto (como acredito que seja), é apenas outra expressão igualmente excelente desta mesma fé antiga e excelente. É de uma ordem digna de estar ao lado da de Adão, ou da de Eva, ou da de Abel; fervorosa, forte, inquestionável e cheia de liberdade.

A palavra de Deus a Caim revelou uma grande verdade – que Ele, e *somente Ele*, tem a ver com um pecador. Outros, como Abel, podem sofrer; mas todo pecado é cometido diretamente contra Deus, e Ele afirma Seu direito de lidar sozinho com ele; **"qualquer que matar a Caim sete vezes será castigado"**.

Lameque parece ter recebido e se alimentado nesta grande verdade, tão indescritivelmente preciosa para a fé, até que toda a sua alma triunfou nela. Ele não conta apenas com *preservação,* guardando-o dos homens, como Caim, mas com *salvação*, **"a salvação de Deus"**. Aprendendo que, como pecador, estava *sozinho* com Deus, ele ocupa esse lugar, e ali descobre como Deus pode tratar com ele, mesmo na segurança e nas provisões da graça; e essa descoberta é a luz na qual sua alma caminha imediatamente. Como Jó, posteriormente, ele publica sua confissão por toda parte: **"Ouvi a minha voz; vós, mulheres de Lameque"**, diz ele; **"escutai o meu dito"**. Então, com a verdadeira inteligência do evangelho, ele intensifica o pecado e reconhece que ele foi sua destruição. **"Eu matei um homem para meu ferimento, e um jovem para meu esmagamento"** (JND). Mas,

novamente, na verdadeira simplicidade do evangelho, ele magnifica muito mais a graça.

Se Caim for vingado sete vezes, verdadeiramente Lameque será **"setenta e sete vezes"**. Em seu pensamento, **"onde o pecado abundou, superabundou a graça"**. Ele tem a mesma mente e temperamento de Paulo. Sua confiança e vitória são apostólicas. Ele parece cantar

Eu ouço o rugido do acusador
Dos males que cometi;
Eu os conheço bem, e milhares de outros...
Jeová não encontra nenhum.

Sua fé obtém uma visão gloriosa de todo o mistério e da infinidade e riqueza da graça. Ele ouve as provisões da graça (quando está a sós com Deus), e as acusações da lei, as acusações de Satanás, os alarmes da consciência e as repreensões de justiça própria dos homens não são ouvidas. (No entanto, não presumo que Lameque fosse um homicida; mas ele poderia se identificar com tal. Com Paulo, ele poderia, no sentido do que ele era diante de Deus, falar de si mesmo como o principal dos pecadores. E sabemos também que o remanescente arrependido dos últimos dias, em sua confissão, assumirá o lugar ou a culpa de sangue dessa maneira. Eles olharão para Aquele a Quem traspassaram. Eles, no espírito de Daniel ou Neemias, se tornarão um com a nação culpada).

Graça e governo

Estas operações do Espírito por meio da promessa na alma dos pecadores são verdadeiramente belas. O avental de folhas de figueira cai, ou melhor, é jogado fora, quando tais operações acontecem. Considera-se *desnecessário* agora, como antes era considerado *insuficiente*. E assim todas as invenções dos homens. Elas são os artifícios do próprio malfeitor, os esforços da criatura, os artifícios do pecador e, *portanto,* nunca poderão ser suficientes.

Mas são tão desnecessários quanto insuficientes. A túnica de pele, obra do próprio Deus, os tornou assim.

Há, porém, algo que este glorioso alívio proporcionado ao pecador *não* realiza. Os espinhos e os cardos do solo amaldiçoado permanecem; e com eles o suor do rosto e a tristeza do coração, e então o retorno do pó ao pó. Quanto a esta hora, brilhamos na **"justiça de Deus"**, adornados sob Seus próprios olhos e por Suas próprias mãos vestidos para Sua presença; mas o tempo todo pressões, obstáculos e mágoas aguardam o cultivo da terra; e as dores nos trazem ao mundo, até voltarmos ao pó de onde viemos. Nem esta gloriosa provisão de graça deslocam os querubins. Mas, na verdade, eles o acompanham. Eles estão posicionados no portão oriental do jardim, com sua espada flamejante, para guardar todos os caminhos da árvore da vida; e nenhuma promessa que Adão tenha ouvido, nenhuma cobertura que Adão tenha recebido, muda isso. A capacidade do homem de recuperar aquela árvore desapareceu, e desapareceu para sempre. Ele nunca será nada além de um *pecador salvo*, ao percorrer todos os caminhos de glória que puder, do **"paraíso"** ao **"reino"**, do reino aos **"novos céus e à nova Terra"**. Comer daquela árvore é somente por dádiva de Jesus, a Semente da mulher da primeira promessa (Ap 2:7).

Esses estão entre os mistérios que nos são ensinados neste capítulo maravilhoso, cheio de mistérios e dos mais profundos segredos de Deus. Mas temos que nos abaixar para receber instruções para aprender o homem e seus caminhos, bem como nos elevar, à medida que aprendemos a Deus e Seus conselhos.

A corrupção de Caim

Caim é declarado pelo Espírito de Deus no apóstolo como sendo **"do maligno"**. A primeira coisa que vemos nele é sua religião. Ele rende a Deus, como oferta ou sacrifício, o fruto do solo amaldiçoado, o produto de sua própria labuta. Mas isso era incredulidade. Foi a negação de tudo o que aconteceu desde a

criação, a negação *religiosa* dela. Foi a contradição direta do caminho da fé, ou de Abel. Abel tomou o caminho da promessa a Deus, a vitória sangrenta da Semente da mulher, a morte e ressurreição de Cristo, e ofereceu do seu rebanho; mas Caim recusou ver a ruína do homem e a redenção de Deus, dando a Deus o fruto da terra; na verdade, dizendo que Ele deveria ser entendido e conhecido nos espinhos e nos cardos, no suor, na tristeza e na morte; e pelos serviços formais do seu altar ele estava negando toda verdade.

Este era o caminho de um coração profundamente afastado de Deus. Ele estava colocando o cenário de ruína à porta de Deus, assim como Adão, antes de se arrepender, havia depositado ali o próprio pecado.

Seu próximo caminho está em terrível sintonia com tudo isso. Ele odeia seu irmão, sendo daquele maligno que é um homicida (Jo 8:44), e no devido tempo ele o mata.

Tremendo fruto da natureza apóstata e desviada. Ele foi o primeiro daquela geração que entregou Jesus para ser crucificado – hipócrita e homicida. Por inveja os Judeus entregaram Jesus; e Caim matou Abel porque as suas próprias obras eram más e as de seu irmão justas. Este é o mundo. **"Meus irmãos, não vos maravilheis, se o mundo vos aborrece. Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; quem não ama a seu irmão permanece na morte. Qualquer que aborrece a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem permanente nele a vida eterna"**.

O Senhor pleiteou com ele (veja Gênesis 4:6-7). Seu coração concebeu o pecado, mas sua mão não produziu fruto para a morte; e com uma voz de longanimidade, graça e advertência, o Senhor pleiteou com ele. A graça foi desprezada; esta graça de suplicar-lhe na última hora, assim como a graça da promessa já havia sido desprezada antes.

"E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más" A luz que o Senhor Jesus estava trazendo Consigo era a luz da vida ou salvação (Is 49:6; Jo 8:12). E *esta* foi a luz que Caim odiou e recusou.

Existe a luz da justiça ou santidade. Mas a recusa dela não é irremediável. Naquela luz, o Senhor Deus entrou no jardim e perguntou a Adão: **"onde estás?"** Adão não pôde suportar, pois ele havia pecado. Era intolerável para ele. Ele estava aquém dessa glória. Ele se retira dela. E então o Senhor Deus brilha em outra luz. A promessa é feita. O caráter da glória é mudado. Deus Se assenta em uma luz à qual o pecador pode se aproximar e, crendo, Adão aparece.

Esta foi a luz que Caim desprezou, a luz da salvação, a luz da promessa, a luz na qual Deus brilha diante dos homens fora do jardim. E Caim é, portanto, amaldiçoado como Adão não foi. Como é dito de outra geração: **"Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei"**.

Tudo isso é a história solene do primeiro incrédulo. Mas o tesouro da natureza corrupta que havia nele se gasta em outras formas de maldade. Nele estava nascendo aquela fonte que iria liberar seu **"acúmulo de malícia"**. Ele mente depois de tudo isso e se justifica. **"Não sei"**, diz ele; **"sou eu guardador do meu irmão?"** Pois ele queria **"satisfazer os desejos"** daquele que era seu **"pai"**; e quando o diabo **"profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira"**.

O coração arruinado do homem

Tudo isso, porém, e ainda mais do que isso, era *o homem*, e não apenas Caim. Foi o coração arruinado do homem se expondo. E porque era a natureza comum que estava se revelando, o Senhor tira do homem o julgamento sobre isso: **"qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes"** (ARA); pois ninguém está sem pecado. **"Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem,**

quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro". Todos estão na mesma condenação. Ninguém pode pegar a pedra e atirá-la em outro. E para expressar este grande princípio da verdade, e que somente Deus tem título ou competência para tratar com o pecado, o Senhor não permitirá que nenhum homem toque no fratricida. Por este escrito divino sobre o caso, todos devem sair convictos, um a um, e deixar o pecador com Deus (Jo 8).

Para os fins do governo, quando o governo na Terra se tornar o propósito divino, será dito: **"Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado"** (Gn 9:6). Mas isto ainda não é assim. E para o ensino da depravação comum, para que todos nós possamos ser humilhados pela convicção comum de que **"todos"** pecamos **"e destituídos"** estamos **"da glória de Deus"**: ninguém de toda a família humana tem permissão para tocar esse ímpio Caim. E assim, até hoje, quando o governo foi divinamente estabelecido, não é com o pecado que ele lida. *Os crimes* ou ofensas contra a ordem pública e *as injustiças* cometidas a indivíduos podem ser julgados pelo homem; mas vingar-se do *pecado* seria assumir a inculpabilidade pessoal. **"Aquele que dentre vós está *sem pecado* seja** *(ele)* **o primeiro que atire pedra contra ela"**. Deus tem que lidar *sozinho* com o pecado. (Alguns falaram dos Judeus como culpados do sangue de Cristo, de modo a terem traído o princípio da justiça própria aqui condenado. E, no entanto, não duvido que haja um sentido em que os Judeus sejam – num sentido especial – conectados com esse pecado no julgamento divino. A terra dos Judeus é o distinto campo de sangue, o sangue de Jesus, em um grande sentido, está especialmente sobre eles e seus filhos. E assim, como Caim, essas pessoas estão sob as seguranças especiais de Deus. E ainda mais; esse sangue deve ser purificado de sua terra, embora agora a manche tanto como mostrado em Joel 3:21[1]).

E ainda mais; a linguagem de Lameque, também julgo, é mística ou figurativa, sugerindo o arrependimento dos Judeus que derramaram o sangue, após gerações de incredulidade e dureza de coração.

Aparências exteriores

Mas, além disso, quanto a esta história terrível, o homem nem sempre fará esta terrível exibição de si mesmo. Ele nem sempre aparecerá como o mentiroso e o homicida. A Legião não será encontrada em todas as viagens que fizermos. Existem restrições. A lei, em certo sentido, foi dada para esse fim. Portanto, há as verificações e melhorias da educação. E existe o controle da mão de Deus e o temor de Sua providência e julgamento. E existe "a lei da opinião", como tem sido chamada, o veredicto da sociedade. Estas e outras influências semelhantes produzem uma ordem na cena social, que se tornou, portanto, não apenas tolerável, mas repleta de vastas acomodações e grandes entretenimentos. Produz-se, portanto, uma nova *cena*, mas não uma nova *criatura*. O homem ainda é homem, a mesma criatura na estima de Deus, ou em toda a consideração divina, embora apareça no caráter de um cidadão respeitável do mundo, e não como o homicida de seu irmão. Caim constrói uma cidade. Ele tem uma família florescente e próspera. Por meio de sua habilidade e indústria, a face do mundo floresce e parece bem. Tudo é respeitável; e as pessoas são agradáveis e amigáveis umas com as outras. O homicídio foi esquecido. O homem não ouve o clamor do sangue, mas o som da harpa e do órgão. Suas invenções sufocaram sua culpa. Caim é um homem honrado. Mas quanto à presença de Deus, ele está tão completamente separado dela como quando sua mão estava recentemente manchada com o sangue de seu irmão.

Isto é solene. O homem, como cidadão respeitável do mundo, pode estar tão separado de Deus quanto um homicida. **"Os outros** [**o resto deles** – JND]**"**, como diz a parábola, "**apoderaram-se dos** (**seus** – JND) **servos e os mataram"**. O **"resto"** é uma palavra que nos permite saber que os que recusaram a ceia eram

da *mesma* classe daqueles que derramaram o sangue dos inocentes.

A tranquilidade e indiferença com a qual Caim pôde virar as costas ao Senhor e à lembrança do sangue de seu irmão são terríveis. Ele recebeu uma promessa de segurança e isso era tudo o que importava. E rapidamente, sob sua mão, acomodações e deleites de todos os tipos preenchem o cenário.

Em certo sentido, isso é principalmente chocante, isso vai além do limite. Mas não é este o **"curso deste mundo"**? Não foi o homem que matou Jesus? A culpa desse ato não está na porta de cada homem? E qual é o curso deste mundo senão a tranquilidade e a indiferença de Caim neste mais elevado estado de culpa? A Terra carregou a cruz de Cristo; e ainda assim o homem pode ocupar-se em enfeitá-la e mobiliá-la, e em tornar a vida nela conveniente e prazerosa sem Deus. Isto é chocante quando olhamos para isso sob plena luz divina. Caim foi um respeitável cidadão do mundo, mas ao mesmo tempo um esquecido sem coração das tristezas de Abel! Sua tranquilidade e respeitabilidade são as características mais tenebrosas de sua história. Ele foi embora assim que recebeu uma promessa de segurança; e essa promessa ele usa, não para amolecer seu coração e subjugá-lo com convicções de tudo o que aconteceu, mas para lhe dar plena oportunidade de se satisfazer e se engrandecer.

Lemos no Novo Testamento sobre **"o caminho de Caim"**. Ele é trilhado por outros (Jd 11). E que maneira este capítulo mostra que isso é assim! Ele era um infiel, ou um homem de sua própria religião; não obediente à revelação de Deus com fé. Praticou as obras do mentiroso e do homicida; ele odiava a luz; ele era refratário à palavra de Deus em misericórdia e advertência; ele não se importa com a presença de Deus que seu pecado perdeu, ou com a tristeza de seu irmão que sua mão infligiu. E, como tal, ele pode esforçar-se para tornar-se feliz e honrado no mesmo lugar que testemunhou contra ele.

É este o **"caminho de Caim"**? É este ainda o homem? Sim; e a natureza sobrevive a mil restrições e melhorias. Pois no final da carreira da Cristandade, mesmo então, será dito de uma geração: **"prosseguiram pelo caminho de Caim"** (ARA).

Um povo resgatado

Isto é profundamente solene, amado, se apenas tivéssemos um coração para senti-lo. Há, porém, um povo resgatado, separado. A família de Sete é de uma ordem completamente diferente. Eles não são vistos nas cidades, munidos de acomodações e prazeres, separados, como Caim, **"da presença do Senhor"**; mas como a família de Deus, separada daquele mundo que jaz no maligno, para a fé e adoração do Seu nome.

É a visão desta família eleita que principalmente neste momento me atraiu para esta porção dos preciosos oráculos de Deus. Acredito que há muito em sua posição e testemunho que tem instruções para nossa alma. Como tudo o mais nestes capítulos, recebemos apenas avisos curtos; mas grandes coisas podem ser encontradas neles.

Geralmente pode-se falar desta família de Sete assim: *Eles se opõem fortemente ao caminho de Caim e são notavelmente atentos ao caminho de Deus*.

Não falo aqui novamente sobre a *fé* deles, mas sobre sua *posição e testemunho*. A fé deles, ou o caráter de sua religião, pode ser entendida na de Adão, que reaparece aqui à frente desses santos antediluvianos; e já considerei a fé deles (relacionada com a de Eva e Abel, ou de todos os que recebem o evangelho da graça de Deus). Mas falo agora de sua posição como família de Deus e de seu testemunho no mundo.

O Senhor havia colocado um sinal em Caim, para que ninguém que o encontrasse o matasse. Ele não queria que o sangue de Abel fosse vingado. Isso nós já vimos.

Sem vingança

A família de Sete era rigorosamente observadora disso. Nenhuma tentativa, ou algo parecido, é feita por eles em resposta ao clamor do sangue inocente. Eles sabem que isso é ouvido aos ouvidos do Senhor do Sábado; mas, sob esta Palavra de Deus, eles próprios são surdos a ela. A vingança não lhes pertence. A colheita não chegou. Eles não são ceifeiros. Em obediência, ouviram não o clamor do sangue, mas a voz do Senhor contraordenando a vingança. E eles sofrem isso. Eles aceitam o mal feito ao seu irmão e são aceitáveis diante de Deus.

A ordem expressa exigia isso e, consequentemente, era simples obediência. Mas a mente de um santo está cheia de luz. É a mente de Cristo em nós (1 Co 2), obscurecida, na verdade, entre milhares de ações dela, pela grosseria e cegueira da natureza com a qual está agora ligada; mas ainda assim, em si mesma, ela é cheia de luz. Até a natureza angélica é cheia de vida. Adormecimento e falta de interesse não pertencem a ela. **"Ventos"** e **"chamas de fogo"** expressam essa natureza, e tais coisas agem constante e fervorosamente; e em virtude semelhante à mente de Cristo, a natureza divina do santo, é cheia de afeição e inteligência.

Temos algumas de suas excelentes maneiras de agir nesta família de Deus.

O sangue inocente deve permanecer sem vingança. O seu clamor desde a Terra não deve ser respondido, pelo menos por enquanto. *Isso* é suficiente para ensinar ao santo seu chamado peregrino e celestial. A família de Sete é, portanto, como peregrinos e estrangeiros aqui, e todos os seus hábitos são os dos cidadãos celestiais. Se a Terra não for purificada, os eleitos devem ser estrangeiros nela com uma vocação celestial.

Isso é maravilhosamente verdadeiro para a mente de Deus! Pois este é o caminho de Deus; e foi apreendido por esses santos, mais na luz e no conhecimento de Seus caminhos mais perfeitos

e belos do que muitos de nós, amados, que fomos muito mais nutridos e instruídos nas revelações mais plenas desta era presente. Mas não é a quantidade de instrução que obtemos, mas a qualidade que se encontra na lição. Faltava a Davi capacidade para esta mesma lição, quando falou em construir uma casa de cedros, uma habitação fixa, para o Senhor, enquanto a terra ainda estava contaminada com sangue. Mas o Senhor (posso dizer?) seria, como os santos antediluvianos, um Estrangeiro na Terra, um Morador de tendas, enquanto o sangue a manchava; e naquela mesma noite repreendeu o propósito do rei de Israel (1 Cr 17).

Contaminação exige separação

Temos muitas manifestações deste caminho de Deus em diferentes formas. O Senhor, por exemplo, não teria altar no Egito, por mais incircuncisa que fosse aquela terra. Ele não teria um trono na terra (em toda a sua glória) até os dias de Salomão, quando tudo fosse santificado para Sua presença real. Depois a glória foi afastada pelas abominações cometidas no templo. Os cativos, com o mesmo espírito, penduram suas harpas nos salgueiros do Eufrates; pois como poderiam eles cantar em uma terra estranha, ou permitir que as canções de Sião fossem ouvidas na Babilônia? A separação era a regra da mente divina. A separação era santidade. A contaminação exigia isso, e a fé se levantou ao comando. E com tudo isso a família Sete, a família de Deus nos primeiros dias – dias antes do dilúvio – está acompanhada. Eles são um em espírito com o próprio Jeová no Egito, com a glória no templo profanado, com as harpas dos cativos na Babilônia e com a Igreja de Deus no **"presente século mau"**.

O título de Deus e o chamado de Deus

Temos que distinguir entre estas duas coisas: *a afirmação de Deus do Seu título à Terra, e o chamado de Deus de um povo para fora da Terra.*

Essas diferentes coisas foram repetidamente exibidas no progresso das dispensações. E elas foram exibidas, como julguei há muito tempo, alternadamente.

O Senhor começou, em Adão, a reivindicar e manifestar Seus direitos na Terra. O homem no jardim deveria reconhecer a soberania de Deus, e a Terra era o descanso e o deleite do Senhor, e o lugar de Sua glória.

O pecado entrando e contaminando tudo, e a contaminação sendo deixada sem ser tirada, Deus chamou em Sete um povo para fora da Terra, para uma herança no céu.

Então, em Noé, o Senhor Deus reafirmou Seus direitos aqui e tomou a Terra como o lugar onde Seus eleitos poderiam encontrar um lar e Sua própria presença ser conhecida novamente.

Depois disso, Abraão é separado dos parentes, da terra e da casa de seu pai, para ser um estrangeiro celestial na Terra, com seu altar e sua tenda, em busca de uma cidade cujo Artífice e Construtor é Deus.

Israel em seus dias retoma então esta história mística dos céus e da Terra, e na terra de Canaã torna-se a testemunha do cenário da soberania de Deus. A arca passa o Jordão como **"a arca do concerto do Senhor de toda a Terra"**.

E agora a Igreja está designada para o testemunho completo dos mistérios celestiais novamente; e ser estrangeiro aqui é a ideia divina, até sermos levados ao encontro do Senhor nos ares.

Esta história maravilhosa, estas dispensações de Deus, como se o dia e a noite se alternassem, têm sido contadas desde o início; e ainda estão sendo contadas. E dias milenares em breve tornarão essas promessas válidas e serão a substância gloriosa desses prenúncios. (Passagens como Efésios 1:10 e Colossenses 1:20 nos dizem que tanto os céus como a Terra são igualmente cena de

propósitos divinos. E o grande argumento em Romanos 11 nos instrui sobre esses propósitos, e os modos e tempos de sua realização).

Julgamento e limpeza ou purificação

Agora, deixe-me observar que sempre que Deus surge neste progresso de Seus conselhos para *afirmar o título sobre a Terra,* Ele começa julgando-a e purificando-a. E isto, posso dizer, *é claro*; porque estando contaminada a cena planejada de Sua glória e presença, Ele precisa remover a ofensa, pois Sua presença não podia tolerar a contaminação. O senhorio de Noé sobre a Terra foi, portanto, precedido pelo dilúvio que levou embora o mundo dos ímpios. A herança de Canaã por Israel sob Jeová, como o Deus de toda a Terra, foi preparada pelo julgamento dos amorreus e pela espada de Josué. E o futuro reino milenar, quando a Terra será novamente o lugar da glória, será (como toda a Escritura nos diz) inaugurado por aquela grande ação chamada "o dia do Senhor", com a limpeza de tudo aquilo que ofende e todos os que praticam a iniquidade.

Mas *o chamado de Deus* é de outro caráter. Baseia-se no princípio de que o próprio Deus está separado da Terra e não procura tê-la como o lar de Sua glória ou o lugar de Sua presença; mas buscando um povo fora dela, para ser Seu, longe dela e acima dela. A Terra é totalmente estranha a tal propósito. Ela é deixada tal como foi encontrada. Nenhum julgamento, nenhuma visitação da cena aqui da própria mão de Deus a acompanha.

O chamado de Deus

Isso foi demonstrado em Abraão. Abraão foi o objeto do chamado de Deus; e, de acordo com isso, os cananeus não encontram rivalidade nele. Ele não disputa com eles o título ou a posse do solo. Ele os encontra e os deixa senhores dele. Ele deseja apenas armar sua tenda e erguer seu altar na superfície dela por um

período; e então, por mais um período, ter seus ossos enterrados nas entranhas desse solo.

O mesmo acontece com a Igreja nesta época. Ela também está sob o chamado de Deus. Mas o seu chamado deixa os gentios no poder, tal como os encontrou. **"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores"**. Os santos têm apenas que obedecê-las sem relutância, ou sofrer pacientemente sob elas, conforme a exigência feita por elas, seja ou não consistente com sua sujeição a Cristo e ao chamado de Deus. Eles não podem lutar com os **"cacos de barro"**. A espada de Pedro deve ser guardada e Pilatos aprenderá que os servos de Jesus não podem lutar. A guerra deles não é contra carne e sangue. Eles são derrotados no momento em que começam a guerrear. O chamado de Deus organizou as hostes de Deus contra os principados e potestades do alto e a batalha é lá. Não nos conecta com a Terra. Nossas *necessidades* sim, mas não nosso *chamado*. Precisamos do fruto do solo, da labuta das mãos e da habilidade do coração para prover as coisas necessárias ao corpo. Nossas necessidades nos conectam a Terra, e temos que lidar com isso para suprir o corpo; mas nosso chamado nos separa dela. Josué entrou na possessão dos gentios, para que sua espada pudesse torná-la possessão do Senhor; Paulo foi aos lugares dos gentios, para tirar deles um povo para Deus, ligado à Pedra reprovada, desprezada e rejeitada pelos homens.

A família de Sete estava, da mesma maneira, sob este chamado de Deus. Foi-lhes notificado pela incumbência de deixar o sangue de Abel sem vingança, e eles entenderam a notificação. Se a terra for deixada em sua contaminação, Deus não a está buscando (como vimos agora todos os Seus caminhos declararem), e esta família de fé está nesse segredo. Ela também não irá buscá-la. A casa de Caim estava na posse dela, e a família de Sete os deixará lá, sem rivalidade ou luta. A mente de Deus neles adquiriu esse conhecimento do caminho de Deus e de Seu agrado concernente a eles; e eles agiram de acordo com princípios celestiais numa

terra manchada de sangue, cujo julgamento deveria agora tardar e adormecer por um tempo.

Ande na luz

Reconheço, amados, que admiro muito esta bela expressão da mente de Cristo nesses primeiros santos. Eles escolhem o único caminho que a santidade de Deus poderia sancionar. Eles são **"participantes de *Sua* santidade"**. A luz em que eles caminharam era a *de Deus*; a santidade da qual participavam era *de Deus* (1 Jo 1:7; Hb 12:10). Isto é uma coisa peculiar. Essa luz não é apenas justiça. É a luz da graça também. Sim, e a luz do estrangeiro celestial em um mundo contaminado. É uma luz que reprova o curso deste mundo e manifesta outros princípios e esperanças. Pode haver justiça e vigilância e oração que escapam à tentação; mas deve haver uma caminhada de acordo com estes princípios e esperanças, para formar uma caminhada **"na luz, como Ele na luz está"**. Acredito que esses primeiros crentes brilham de uma forma bela ali. Eles não estavam sob a lei. Eles ficam entre Adão e Moisés. Eles não tinham preceitos, como já demonstrei. Mas eles estavam na luz, como Deus está na luz. E se depois Abrão não precisou que lhe dissessem para ter seu altar e sua tenda – se ele não precisou de nenhum preceito do Senhor sobre como ordenar o casamento de seu filho, ou como responder ao rei de Sodoma – então esses santos de tempos ainda anteriores entenderam a santidade do chamado de Deus e partiram para um país celestial por causa da contaminação da Terra.

Reconheço, de fato, mais uma vez, que admiro muito isso. É a beleza da obra do Espírito em Seus vasos eleitos. Tudo é d'Ele. **"Quão grande é a sua bondade! E quão grande é a sua formosura!"** Eles aprendem a Palavra em espírito antes que a voz do Espírito a pronuncie: **"Levantai-vos e andai, porque não será aqui o vosso descanso; por causa da corrupção"**.

Fé e esperança

Os detalhes sobre esses crentes antediluvianos são muito escassos; mas em tudo isso há esse caráter celestial. Eles não fornecem história para o mundo; mas eles fornecem instruções para a Igreja. Isto é celestial. Nenhum espírito de ardor ou espírito de julgamento purificou o sangue da Terra, e eles instintivamente se esquivam disso. No espírito de suas mentes, eles o abandonam. A conduta deles pergunta: **"Que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?"**. *A religião* deles é a da separação do mundo, assim são *os seus hábitos.*

Eles invocam o nome do Senhor. O nome do Senhor é a revelação que Ele teve o prazer de fazer de Si mesmo. Emanuel, Jesus, **"o Senhor nossa justiça"**, Jeová, Deus Todo-Poderoso, o Pai, o Filho e o Espírito Santo – estes estão entre Seus nomes graciosamente e gloriosamente publicados por Ele mesmo. E **"invocar o nome do Senhor"** era serviço ou adoração a Deus em espírito e em verdade.

Esta foi a religião desses primeiros santos. Era simplesmente a religião da fé e da esperança. Eles adoravam a Deus e, separados do mundo, esperavam com esperança. Neles se veem **"a obra da fé"** e **"a paciência da esperança"**. Algo do espírito tessalonicense sopra sobre eles. Pois eles serviram ao Deus vivo e verdadeiro, e esperaram pelo Filho do céu, que já os havia libertado (1 Ts 1). **"Invocar o nome do Senhor"** é fé, salvação e adoração. Isso indica a posição de um santo e seu serviço espiritual. Acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (Jl 2; Rm 10).

"Oferecer-Te-ei sacrifícios de louvor e invocarei o nome do SENHOR" (Sl 116). E tal era a sua religião, tal era a sua adoração. Foi adoração em espírito. Não aparecem templos, nem serviços carnais dispendiosos, nem instituições humanas.

Estrangeiros celestiais

E em seus modos e hábitos eles são vistos apenas como um povo caminhando pela superfície da Terra, até que seus corpos sejam depositados sob ela ou transportados para o céu acima dela. Eles se regozijam, como se não se regozijassem; eles compram, como se não possuíssem; eles têm esposas, como se não tivessem nenhuma. Tudo ao seu redor é para eles como Babilônia, e suas harpas estão nos salgueiros. A família de Caim tem toda a música só para si. Mas a família de Sete é um povo ressuscitado. A cidade deles está no céu. Eles não procuram propriedades ou cidades. Tudo o que levam é uma remota Macpela. Nada nos é dito sobre seu lugar ou seus negócios. Eles são estrangeiros até mesmo onde Adão já esteve em casa e, ainda mais, onde Caim ainda estava. Podemos segui-los e permanecer com eles em espírito por um dia; mas não sabemos onde eles moravam – como os discípulos que seguiram o glorioso Estrangeiro do céu no dia de Sua permanência aqui (Jo 1:38-39). Eles não têm lugar nem nome. A Terra não os conheceu. Como os recabitas estrangeiros, eles são, ao longo de suas gerações, um após o outro, do deserto, e não da cidade (Jz 1:16); ou na linguagem levítica, eles eram uma ordem permanente de nazireus, mais separados de Deus do que o próprio Israel.

Eles são as primeiras testemunhas desta condição estrangeira celestial. Tal vida é manifestada posteriormente em outros santos de Deus em seus detalhes mais completos e belos; mas temos isso aqui em espírito.

Por exemplo, em Isaque; o mundo estava contra ele. Mas ele não se esforça para isso, nem em ações nem em palavras. Ele não responde nem resiste. Os filisteus disseram-lhe para se afastar deles. Ele vai a seu pedido. Eles o espoliaram de seu trabalho. Ele cede e aceita pacientemente, como nos dizem Eseque e Sitna (Gn 26).

Assim, seu pai Abraão antes dele. Só que, é triste dizê-lo, é um *irmão* que representa o papel do mundo na cena. Ló escolhe, como o mundo escolhe, a planície bem regada. Abraão sofre e aceita isso com paciência – embora tenha sido algo mais irritante do que a afronta de um filisteu – a maneira ingrata e egoísta de alguém que deveria saber melhor e que lhe devia tudo (Gn 13).

Assim, Israel, ainda mais tarde, aceita o insulto de Edom com o mesmo espírito. Eles imploraram por uma passagem por suas terras pelas reivindicações de parentes, por causa de sua origem comum, por suas muitas labutas e aflições, pelos sinais do favor divino para com eles e por sua necessidade atual como peregrinos trabalhadores e cansados, atravessando uma terra deserta. Mas Edom os desprezou e os ameaçou. Eles imploraram novamente, mas foram insultados novamente; eles sofreram e tomaram outro caminho (Nm 20). E assim foi o seu Senhor no dia de Sua peregrinação. Ele procurou outra aldeia quando outros edomitas de Samaria O recusaram (Lc 9). Precioso e feliz, portanto, colocá-Lo à frente de tudo o que é excelente! O bem que é feito é *como* Ele, assim como *d'Ele.* Isaque sofre as injustiças do *mundo* e aceita isso com paciência. Abraão sofre injustiças de *quem lhe devia tudo* e aceita isso com paciência. Israel sofre igualmente com os seus *parentes*; mas Jesus, sofre injustiças daqueles a quem *Ele servia e abençoava à custa de tudo para Si mesmo,* do mundo que Ele havia feito e daquele povo que Ele havia adotado. E ainda assim *"Ele deixa Seu trovão de lado"* e ainda continua Sua peregrinação de amor e serviço.

Com o mesmo espírito, a família de Deus, nos dias anteriores ao dilúvio, segue o seu caminho de peregrinação. Eles deixam o mundo para Caim. Não há sintoma de luta, nem um sopro de reclamação. Eles não dizem, nem pensam em dizer: **"Mestre, dize a meu irmão, que reparta comigo a herança"**. Nos hábitos de vida e nos princípios de conduta, são tão distintos de seu injurioso irmão como se pertencessem à outra raça ou estivessem em outro mundo. A família de Caim faz *toda* a história do mundo. Eles

constroem as suas cidades, promovem as suas artes, conduzem o seu comércio, inventam os seus prazeres e passatempos. Mas em tudo isso a família de Sete não é vista. Uma geração chama suas cidades com seus próprios nomes; os outros se chamam pelo nome do Senhor. Aqueles fazem tudo o que podem para tornar o mundo seu, e não do Senhor; os outros fazem tudo o que podem para mostrar que são do Senhor e não deles mesmos. Caim escreve seu próprio nome na Terra; Sete escreve o nome do Senhor em si mesmo.

Podemos louvar ao Senhor por este delineamento vigoroso da condição de estrangeiro celestial na Terra e pedir graça para conhecer um pouco de seu poder vivo em nossa alma. Foi isso que me atraiu para esta parte da Palavra neste momento. Isso nos dá uma lição, amado. E muito bem, se os instintos de nossa mente renovada sugerir o mesmo caminho celestial com a mesma certeza e clareza. O chamado de Deus leva nessa direção, e todos os Seus ensinamentos exigem isso. Os passatempos e os propósitos, os interesses e os prazeres dos filhos de Caim não são nada para estes peregrinos. Eles afirmam claramente que recusam o pensamento, de que exista qualquer capacidade na Terra, como é agora, para lhes dar satisfação. Eles estão descontentes com ela e não fazem nenhuma tentativa de obter tal pensamento de outra forma. Aí estava a separação moral deles do caminho de Caim e de sua família. Eles não estavam atentos à terra ao seu redor, mas buscavam um lugar melhor, isto é, um lugar celestial. (O que digo desta família antediluviana é apenas como a vemos em Gênesis 5). Não duvido, pois sob cada provação do homem, o fracasso e a corrupção são testemunhados. Mas falo apenas da posição e do testemunho deles conforme nos é dado aqui. Filhos e filhas, como nos dizem, nasceram deles, geração após geração, e as sementes da apostasia foram semeadas e brotaram entre eles, não duvido. Mas isso não afeta de forma alguma a lição que aprendemos neste quinto capítulo. Não posso, portanto, dizer deles, como já

disse, que eles se opõem fortemente ao caminho de Caim e são notavelmente atentos quanto ao caminho de Deus?

Elevação e separação

O Senhor nos quer segundo este padrão: no mundo, mas não sendo dele; do céu, embora ainda não nele (mas em Cristo). Paulo, no Espírito Santo, deseja que sejamos assim, tomando o exemplo daqueles cuja **"cidade está no céu"**. Pedro, no mesmo Espírito, deseja que nós **"como a peregrinos e forasteiros"** nos abstenhamos das concupiscências carnais. Tiago nos convoca, no mesmo Espírito, a saber, que **"a amizade do mundo é inimizade contra Deus"**. E João nos separa por um golpe: **"somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno"**.

Certamente cabe à Igreja, amados, caminhar nesta elevação e separação. O que está de acordo com o chamado de Deus e o que é digno das esperanças celestiais, senão isso? Respiramos fracamente e brilhamos fracamente, na companhia deles e como testemunhas. Que condição de alma, acabou de me impressionar, temos em um capítulo como Filipenses 4! Que brilho é sentido por toda parte! Que profundidade e fervor de afeição! Que brado de triunfo o espírito levanta! Que elevação em meio a mudanças, perplexidades e depressões! Todo o temperamento da alma do apóstolo ao longo desse capítulo é incomum. Mas se pudermos falar pelos outros, isso é para nós pouco mais do que a história de uma terra distante, ou o calor e o brilho de outros climas relatados à nossa alma pelos viajantes.

Guia-nos, Senhor, nós te pedimos! Ensina-nos realmente a cantar –

"Estamos indo para aquela terra,
Onde Jesus reina supremo;
Deixamos a costa sob Seu comando,
Abandonando tudo por Ele.

Fácil seria, se escolhêssemos,

Novamente chegar à costa
Mas é isso que nossas almas recusam,
Nunca mais tocaremos nisso.

Mas certamente uma coisa é ser o defensor do Cristianismo e outra é ser seu discípulo. E embora possa parecer estranho à primeira vista, é muito mais fácil *ensinar* as suas lições do que *aprendê-las*. Mas nossas almas sabem muito bem.

Destino

Temos, no entanto, ainda que olhar para o *destino* e *os dons* destes santos, como já olhamos para a sua *fé,* as suas *virtudes* e a sua *religião.*

A trasladação de Enoque foi o primeiro testemunho formal do grande segredo divino de que *o homem deveria ter um lugar e uma herança nos céus.* Pela criação ele foi formado para a Terra. O jardim era sua habitação, o Éden sua propriedade e toda a Terra sua propriedade. Mas agora é apresentado o propósito mais profundo de que Deus tem uma eleição dentre os homens, destinada, nos conselhos eternos de graça abundante, para o céu.

No decorrer das eras e dispensações posteriores a esta, este elevado propósito de Deus foi apenas vaga e ocasionalmente, lenta e gradualmente, manifestado. Mas na pessoa de Enoque isso brilha imediatamente. O chamado celestial neste momento inicial, e no seio de sua família eleita e favorecida, declara-se em todo o seu brilho. Este grande fato entre os patriarcas antediluvianos antecipa em espírito a hora do Monte Tabor, a visão do martirizado Estêvão e o arrebatamento dos santos nas nuvens para encontrar o Senhor nos ares. Tal foi o destino elevado do povo eleito.

Dons

As profecias de Enoque e de Lameque são exemplos de suas dotações. E esses dons eram realmente ricos, merecedores de

sua dignidade. Pois essas profecias sob o Espírito Santo nos dizem que segredos gloriosos lhes foram confiados. Eles foram tratados como se estivessem no lugar de amigos. **"Ocultarei Eu"**, disse-lhes o Senhor, como depois a Abraão, **"o que faço?"** Pois tais privilégios pertencem apenas à dignidade. (Veja Gênesis 18:18). E se Abraão conhecia de antemão a destruição de Sodoma, Enoque, num sentido mais profundo e amplo, conhecia de antemão a destruição de todo o mundo. E sua profecia revela um mistério de glória solene e maravilhosa – que os santos celestiais acompanharão o Senhor no dia de Seu poder e julgamento. E, a partir de um personagem igual a este, o de Lameque, que vem depois, por sua vez, com antecipações mais felizes, esboça a cena que está além do julgamento, dias de bem-aventurança milenar, **"os dias do céu sobre a Terra"**. O Senhor não desistiu da Terra para sempre. E estes santos antes do dilúvio podem falar desse grande mistério mesmo antes do arco na nuvem se tornar o símbolo disso. Mas eles sabem que o julgamento deve vir primeiro; e eles podem falar desse mistério também antes que as fontes do grande abismo se rompessem.

Ricos dons no Espírito, portanto, estão ligados à sua elevada dignidade pessoal diante de Deus. Tal como acontece com a Igreja agora. **"Despenseiros"** eles eram **"dos mistérios de Deus"**. Eles poderiam dizer: **"cantarei a misericórdia e o juízo"**; a Deus e aos Seus conselhos eles poderiam cantar. Os segredos mais profundos alimentam sua alma. **"As profundezas de Deus"**, as coisas tanto dos profetas como dos apóstolos, as coisas das epístolas e do apocalipse, são deles. Paulo foi encarregado das circunstâncias do chamado celestial. Ele fala de sermos arrebatados nas nuvens para encontrar o Senhor nos ares, e dessa grande expectativa como sendo nosso conforto e alívio contra o dia do Senhor e seus terrores; O próprio Enoque, muito antes, ilustrou exatamente isso. João fala dos santos arrebatados acompanhando o Senhor no dia do Seu poder, juntando-se à quebra do vaso do oleiro e à guerra do Cavaleiro no cavalo branco; Enoque, em sua profecia, muito antes, testemunhou o

mesmo (Jd 14-15). Os profetas falam do gozo em breve e do florescimento do deserto, do Bendito renovando a face da Terra, e em vez da sarça, a murta florescendo; mas muito antes, Lameque falou deste mesmo conforto na Terra novamente, e deste descanso para o homem da maldição da Terra (Gn 5:29).

De fato, ricos foram esses dons no Espírito Santo. Há até uma vivacidade peculiar nessas primeiras declarações do espírito profético. Geralmente há uma névoa à distância. Não está claro, como se fosse o primeiro plano. A indistinção a investe. E isto, em contraste com a paisagem mais próxima, apenas aumenta a impressão do todo. Assim, as observações dos profetas e as coisas relatadas pelos apóstolos. Elas são entregues em estilos diferentes. Apropriadamente assim. A névoa da distância geralmente envolve as comunicações que recebemos do futuro. Tal é a perfeição do caminho do Espírito. A própria roupagem sob a qual o distante ou o futuro aparece o realça adequadamente. A clareza, ou definição literal, seria ofensiva, como o brilho ou a nudez. Geralmente é assim, e tudo isso é admirável. Mas se *às vezes* a distância é iluminada, podemos deleitar-nos com ela; e nesses primeiros avisos as últimas cenas da ação divina são apresentadas com uma nitidez estranha e bela.

O fim do caminho

Tal era a vocação celestial, as suas virtudes, a sua dignidade e os seus dons desta família antediluviana de Deus. O fim do caminho deles também foi celestial, tão celestial quanto qualquer característica dele. Não falo do *fato* de esse caminho ter terminado no céu, mas do próprio *estilo* em que ele terminou. Nenhum sinal entre as nações deu notícia disso. Nenhuma época ou estação teve que marcá-lo ou medi-lo. Nenhuma idade declarada ou anos numerados tiveram que se passar. Nenhuma voz de profecia sequer insinuou o momento abençoado e arrebatador. **"E andou Enoque com Deus; e não se viu mais, porquanto Deus para Si o tomou"**. Nada de peculiar marcou o início daquela hora gloriosa. Nenhuma grande expectativa ou

acontecimento estranho deu sinal de sua vinda. Foi o encerramento natural de uma jornada celestial sem desvios.

Foi diferente com Noé depois. Grande preparação foi feita para sua libertação. Os anos também se passaram – anos determinados. Mas não foi assim com o nosso patriarca celestial. Noé foi levado em meio ao julgamento; mas Enoque, antes que ele viesse, foi levado ao lugar de onde o julgamento veio. (Não me preocupo em aplicar tudo isso, pois acredito que possa ser aplicado. Prefiro deixá-lo como uma sugestão. Mas parece-me que o Senhor, *falando da eleição Judaica,* toma Noé como Seu texto. ou figura (Mt 24); enquanto o apóstolo, *dirigindo-se à Igreja,* tira sua linguagem da transladação de Enoque (1 Ts 4:17; 2 Ts 2:1). Pois o remanescente Judaico, como Noé, será levado em meio ao julgamento – enquanto os santos agora reunidos estarão na esfera a partir da qual o julgamento será derramado. Pois somos ensinados repetidas vezes, como observei antes, que o exercício do poder naquele dia, em companhia com o Senhor, faz parte da glória dos santos. Leia sobre isso em Colossenses 3:4; Apocalipse 2:26, 17:14, 19:14).

Um estrangeiro até o fim

E se os dias e os anos não o mediram, nem os sinais o anunciaram, será que o mundo, pergunto eu, o testemunhou? Ou foi, embora tão glorioso e grande, silencioso e secreto?

A linguagem do apóstolo parece me dar a resposta, e o mesmo acontece com toda a analogia da Escritura. Quanto a Enoque, **"não foi achado, porque Deus o trasladara"**. Parece que o homem era um estranho naquela hora gloriosa. O mundo parece ter perguntado e procurado por ele, como os filhos dos profetas procuraram por Elias; mas em vão (2 Rs 2:17; Hb 11:5). E isto nos diz que a trasladação foi um segredo para o homem; pois eles não teriam procurado, se o tivessem visto.

A glória não é para um mero homem

Toda analogia bíblica ou divina me responde da mesma maneira. A glória, em nenhuma de suas formas ou ações, é para os olhos ou ouvidos do mero homem.

Cavalos e carruagens enchiam a montanha; mas o servo do profeta teve que abrir os olhos antes que pudesse vê-los. Daniel viu um estranho glorioso e ouviu sua voz como a voz de uma multidão; mas os homens que estavam com ele não viram nada – apenas o terror caiu sobre eles. A glória no **"monte santo"** brilhou apenas à vista de Pedro, Tiago e João, embora o brilho ali naquele momento (como era noite) pudesse ter iluminado toda a terra; pois a face divina **"resplandeceu como o Sol"**. Muitos corpos de santos surgiram, acompanhando a ressurreição do Senhor; mas foi apenas para alguns na cidade santa que eles se mostraram. O céu se abriu sobre a cabeça do mártir de Jesus, bem no meio de uma multidão; mas a glória foi vista apenas por ele. Paulo foi para o Paraíso e Filipe para Azoto; mas nenhum olho humano rastreou o voo ou a viagem. E, além de tudo, quando Jesus ressuscitou, e também de um túmulo de pedra lavrada, e no meio de uma guarda de soldados vigilantes, nenhum ouvido ou olho estava no segredo. Era mentira que os guardiões da pedra dormiam; mas é uma verdade que eles não viram mais da ressurreição do que tinham visto.

Silêncio e segredo marcam todas essas interações gloriosas. Visões, encontros, ressurreições, voos, ascensões, a glória aqui embaixo, e o céu aberto lá, tudo isso continua, e ainda assim o mero homem é um estranho para tudo isso. E a trasladação de Enoque acompanha tudo isso, eu certamente julgo; e assim, julgo ainda, outra hora gloriosa virá em breve, na qual **"aqueles que são de Cristo"** estarão *todos* interessados.

Resumo de Gênesis 1-5

Cheguei agora e fechei o quinto capítulo. A primeira parte do Livro do Gênesis termina aqui.

Pois estes capítulos (Gn 1-5) constituem um pequeno volume.

1. Este capítulo abre o volume com a obra da criação.
2. A criação sendo completa, o Senhor, o Criador, deleita-Se nela; e no meio dela, e sobre ela, coloca o homem que Ele formou à Sua própria imagem, com todos os dons e possessões para tornar perfeita sua condição.
3. O homem, assim feito perfeito, sendo provado e vencido, vemos a *ruína* que ele causou e a *redenção* que Deus providenciou.
4. Esses capítulos (4 e 5) então nos mostram um ramo desta família arruinada e redimida escolhendo as ruínas, e outro ramo dela deliciando-se com a redenção.

Isso é simples, mas perfeito. A história está contada – uma história de outros dias; mas nos resultados e empatias com os quais vivemos nesta hora.

É a visão da família celestial eleita e crente que temos neste pequeno volume, que neste momento atraiu meus pensamentos para ela. Eles caminharam na Terra como deveríamos andar; mas eles estavam, por sua fé, esperança e destino, o tempo todo, muito perto do céu, como nós estamos.

Tornar-se humilde

Estamos tocando as orlas de tal glória com um coração não afetado, amados? Há algo que mais humilhe você em Sua presença, eu lhe pergunto (pois minha própria alma já deu sua resposta), do que a convicção que temos do pouco apreço que o coração tem pela Sua glória prometida? É uma descoberta terrível que se faz de si mesmo. O fato de termos apenas um pequeno prazer nas provisões de Sua bondade é mais terrível do que não termos resposta às exigências de Sua justiça. E ainda assim ambos são provas contra nós. Depois que Israel deixou o Egito, foi provado pela voz da lei; mas o bezerro de ouro conta que eles não tinham resposta para isso. No decorrer da sua jornada, são testados pelas primícias de Canaã; mas o desejado

capitão conta que eles não tinham paladar pelo banquete. E qual é ainda o coração do homem? O que era nos dias de Cristo? A parábola do casamento do filho do rei, como o capitão do deserto, diz-nos que ali não há paladar para a mesa que Deus prepara. O que são homens e mulheres cantores para ouvidos pesados? A terra agradável ainda é desprezada. Canaã não vale a pena escalar um único muro ou um encontro com um amalequita. O campo, o negócio e a esposa são tornados capitães para nos levar de volta, apesar dos convites do amor e dos tesouros da glória.

Descoberta terrível! E ainda assim não é difícil fazer isso. A prova disso está bem perto de nós. Sabemos com que rapidez os interesses presentes nos movem; como a perda nos deprime e o ganho nos exalta; e então, novamente, sabemos quão embaçada a glória brilha, se apenas uma dificuldade ou um perigo estiver do lado dela.

Será que nos lamentamos por isso, amado? Será que alguma vez o coração se desfez em suspiros e gemidos diante do nosso Deus? Triste e solene, se não o sentimos assim – e terrível, quando deliberadamente falamos para nós mesmos em tornar-nos capitães novamente. E isso fazemos quando o passatempo e os prazeres dos filhos dos homens novamente animam nosso coração, ou quando suas honras ou atividades se tornam novamente nossos objetivos. A esposa de Ló, amado, estava além de Sodoma, e ainda também em companhia dos eleitos, quando se descobriu que ela ainda estava lá, a ponto de perecer com a cidade. Israel estava tão distante quanto o deserto de Parã, e ainda também, em companhia da arca de Deus, quando foi comprovado que eles ainda estavam no meio das panelas de carne do Egito. Lembranças sérias para todos nós! Estas são santas advertências, para que não sejamos instáveis com aquelas concupiscências e prazeres contra os quais antes vigiávamos e mortificávamos.

Um tempo desconhecido

"Daquele dia e hora ninguém sabe" – são as palavras solenes pelas quais o Senhor Se recusa a garantir o momento de Seu retorno ao Seu remanescente Judeu (Mt 24:36). Aquele momento será para eles como o ladrão de noite, ou como a hora da mulher em trabalho de parto. Assim como a morte. Se isso acontecer a qualquer um de nós sem aviso prévio, o Senhor não foi infiel a nenhuma promessa que Ele fez. E assim como para o arrebatamento. Em nenhum caso o dia ou a hora são prometidos ou divulgados. Tudo está incluído em uma palavra de importância profunda e santa – **"Vigiai"** e essa *palavra* é dirigida a todos: **"E as coisas que vos digo digo-as a todos: Vigiai".**

O que quer que esteja perto de nós, seja morte ou arrebatamento – ou para Israel, o ser tomado ou deixado – o dia e a hora permanecem igualmente desconhecidos; nenhuma promessa disso é feita. Todos e cada um estão colocados na torre de vigia. *Nós* esperamos ***"dos céus a Seu Filho"***; *eles* terão que esperar pelos **"dias do Filho do Homem"**, mas nenhum de nós sabe a hora que encerrará a espera.

Isso é comum a eles e a nós. Estamos em igualdade de condições com eles quanto a isso. Mas junto com isso há uma diferença.

Sinais para os Judeus, mas nenhum para a Igreja

O remanescente Judeu recebe sinais. Isto é, eles são informados de certas coisas que *devem* preceder **"os dias do Filho do Homem"**, embora sejam deixados ignorantes do dia ou da hora dessa Aparição. (Veja Mateus 24:32-36.) Aos santos que agora são reunidos para a esperança do **"Seu Filho"**, pelo contrário, não são dados tais sinais, nem informados de quaisquer eventos precursores necessários.

O Senhor comunicou Seu *propósito* de julgamento a Noé, mas não lhe disse nada sobre o *momento* em que isso aconteceria.

Mas Noé sabia que isso não aconteceria até que sua arca fosse construída. Ele não sabia a hora em que as águas subiriam; mas ele sabia que elas não poderiam subir até que ele e os seus estivessem alojados em segurança. Este foi um sinal ou um evento necessariamente prenunciando o fim de sua história. E o mesmo acontece com o Israel terrenal. As circunstâncias devem acontecer, embora o dia ou a hora não sejam conhecidos, antes que o Filho do Homem possa estar aqui na Terra novamente. Mas não foi assim com Enoque. Nenhuma circunstância necessariamente atrasou sua trasladação. Sua caminhada com Deus não foi uma circunstância. E isso foi tudo o que abriu o caminho para sua ascensão. E assim acontece com a Igreja agora sendo reunida. Ela não espera por nenhuma circunstância – nenhum ano mede sua permanência aqui; nenhum evento prepara seu caminho para o céu. Ela não é colocada, como a eleição Judaica, sob a restrição de quaisquer sinais ou circunstâncias anteriores.

O Senhor trata como *engano* dizer **"o tempo está próximo"**; enquanto o apóstolo *nos coloca expressamente sob essas palavras* (Lc 21:8; Tg 5:8). *Após certos sinais ou acontecimentos,* o Senhor diz ao remanescente que a sua expectativa está próxima; o apóstolo nos diz que a nossa é *sempre assim* (Mt 24:33; Filipenses 4:5). O Senhor exorta o remanescente a vigiar, porque de outra forma o dia poderia alcançá-los; o apóstolo nos exorta a vigiar, porque já somos do dia, e é apropriado que atuemos como filhos do dia (Mt 24:43; 1 Ts 5:5-6).

Vigiar

Aqui reside uma diferença. Mas ainda assim, todos são igualmente ordenados a vigiar – nós, em nossos dias, como sempre sabendo que **"já está próximo o fim de todas as coisas"**, e o remanescente, em seus dias vindouros, embora saibam que alguns eventos devem acontecer antes.

E isso é belo e justo. Pois se as coisas ameaçadas são profundamente solenes, como são, e as coisas prometidas são indescritivelmente gloriosas, como são, é pouco exigir de nós que *as tratemos como supremas* – e isso, em outras palavras, é *vigiar.*

E a sensação da proximidade da glória deve ser valorizada por nós. Quero dizer sua proximidade no *lugar* e também no tempo. E não precisamos fazer nenhum esforço para nos convencer disso. Isso nos é ensinado com muita clareza e segurança. A congregação de Israel estava colocada à porta do tabernáculo, e assim que chegou o momento marcado, a glória estava diante deles. (Veja Levítico 8-9). O mesmo ocorre no levantamento do tabernáculo e na introdução da arca no templo (Êx 40:2; 2 Cr 5). Portanto, quando tinha assuntos a tratar (embora de caráter diferente) com a companhia no Monte Tabor, com Estêvão que morria, ou com Saulo na estrada para Damasco – onde quer que tenha que agir, e o que quer que seja chamada a fazer, para convencer, animar ou transfigurar – para derrubar o perseguidor, para dar triunfo ao mártir ou para conformar um vaso eleito a si mesma, ela pode estar presente em um momento, num piscar de olhos. É apenas um fino véu que ou a esconde ou a distancia. O caminho é curto e a jornada é concluída rapidamente. Deveríamos valorizar esse pensamento, amado. Tem seu poder e também seu consolo. E assim, em pouco tempo, quando chegar o tempo de 1 Cor. 15:51, chega aquele momento da transfiguração geral, assim que a voz do arcanjo o convocar, a glória estará aqui novamente, como num piscar de olhos, para fazer o seu trabalho conosco, e à imagem do celestial nos levar, como Enoque, ao país celestial.

Então o Senhor será glorificado em Seus santos – não como agora, em sua obediência e serviço, em sua santidade e frutificação, mas em sua beleza *pessoal.* Vestidos de branco e brilhando em nossas glórias, seremos a maravilhosa testemunha do que Ele fez pelo pecador que n'Ele confia. E como alguém muito amado e honrado no Senhor acaba de me escrever, então

escrevo para você, amado: *"Nenhuma cotovia surgiu em uma manhã de orvalho para cantar sua doce canção com tanta alegria como você e eu surgiremos para encontrar nosso Senhor nos ares."* E da sua exortação para mim eu faria a minha para você (embora ecoasse fracamente em meu coração): *"Oh, meu irmão, coloque-a diante dos olhos de sua mente como uma realidade viva, e então deixe a esperança esperar pacientemente pelo cumprimento!"*

"Amém! Ora, vem, Senhor Jesus!"

Noé

Quão mudado foi todo o estado das coisas desde o dia de Gênesis!

A corrupção e a violência do homem

Se eu lesse o início desta bela Escritura e apenas expusesse meu coração à primeira impressão mais simples do que recebo ali, seria esse pensamento que ocuparia a minha mente; e ainda assim podemos explicar com toda facilidade esta estranha e maravilhosa revolução. Em Gênesis 1, Deus estava sozinho, produzindo o fruto de Sua própria obra, em sabedoria, bondade e habilidade, e então tudo era bom e desejável. No retorno, todas as tardes e todas as manhãs, os deleites divinos pairavam sobre o que a mão divina estava realizando, e eis que tudo estava muito bom; e o sétimo dia foi santificado para a celebração deste descanso e gozo. Mas agora, não é a mão de Deus apresentando uma obra perfeita aos pensamentos e afeições de Deus, mas é o homem, o artífice apóstata, espalhando um amplo cenário de corrupção e violência para a tristeza e arrependimento da mente divina. O segredo da mudança está aí. O homem está trabalhando; o homem tem moldado e decorado o cenário, e não o Deus vivo e bendito. A Terra está, portanto, cheia de violência; existem gigantes, homens poderosos, homens de renome; e as imaginações daquele coração que agora estava criando este **"presente século** [**mundo** – ARA] **mau"** são apenas más, e continuamente más.

Aqui está o segredo. A mudança foi completa por causa do novo oleiro que estava ao torno; a mudança não poderia ser menor. O canto das estrelas da manhã, o clamor dos filhos de Deus, não tinha agora eco no cenário da criação; o homem estava agora fora – não como parte do trabalho, mas como um trabalhador reprovado.

É exatamente isso que dá o caráter ao início do capítulo 6. E não há alívio para tudo isso na criatura – a melhor amostra e porção que ela poderia oferecer está ela própria contaminada. Os próprios filhos de Deus são arrastados para a lama – sua vontade, seu desejo, seu gosto são supremos para eles. As filhas de Moabe seduziram à fornicação; e os nazireus, que eram mais puros que a neve e mais brancos que o leite, cujo polimento era de safira, tornaram-se mais negros que o carvão. O testemunho contra eles é: **"ele também é carne"**.

Se Adão foi seduzido pelo mais sutil dos inimigos e seguiu a vista de seus olhos e o desejo de seu coração, os filhos de Deus são agora seduzidos por um inimigo igualmente bem-sucedido. Ele trabalha, é verdade, mais de dentro do que de fora – **"ele também é carne"** – mas a vista dos olhos e o desejo do coração são novamente seguidos. As esposas são tomadas **"de todas as que escolheram"**; outros senhores são ouvidos, pois Deus não está nos seus pensamentos, e então não importa se é a promessa da serpente ou a formosura das filhas dos homens (Gn 3:4-5).

A multiplicação dos homens na face da Terra é vista como estando ligada a toda esta corrupção – tal como na história da Igreja (At 6:1). Foi quando o número de discípulos se multiplicou que começaram a surgir murmurações e disputas; e esses casos semelhantes em Gênesis 6 e Atos 6 nos dizem que nunca se deve confiar no homem e que quanto mais obtemos dele, piores são as coisas. **"Jesus não confiava neles, porque a todos conhecia e não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque ele bem sabia o que havia no homem"**.

O julgamento de Deus

Tal era a condição da cena de uma extremidade à outra; e o julgamento de Deus está marcado contra toda essa corrupção e violência que agora se espalha pela Terra: **"Não contenderá o Meu Espírito para sempre com o homem"**. Pode haver, e haverá, um período de longanimidade – como foi dito: **"seus dias serão**

cento e vinte anos" – mas ainda assim o julgamento está marcado, e o dia da visitação chegará – o Espírito não contenderá *para sempre*.

Recurso em Deus

Mas há recurso em Deus, bem como há julgamento com Ele. Se o homem, obra de Suas *mãos,* fez com que Seu coração "pesasse", ainda assim, tirando de Si mesmo, Ele irá (posso dizer?) mais fundo e encontrará Seu gozo nos conselhos de Seu *coração.*

"Noé, porém, achou graça aos olhos do SENHOR". O homem, como pecador, se tornará objeto de amor que elege, perdoa e justifica – ele envolverá o *coração* agora, como antigamente, na criação, ele envolveu a *mão* do Senhor.

Assim, o Senhor tira de Si mesmo, mas de Si mesmo num sentido e maneira mais profundos do que antes. Isso não seria mais um reparo para a criatura – tal coisa não teria sido uma obra adequada para Deus. Quanto ao homem, Deus teve que Se arrepender de tê-lo feito na Terra; e quanto à cena ao seu redor, a mente de Deus mudou – mudou inalteravelmente e para sempre. O homem, como algo formado do pó, nunca mais seria o deleite divino – o mero homem. Mas a graça pode fazer algo novo – não reparando a obra estragada no torno, mas fazendo dela outro vaso, como parece bom ao Oleiro fazê-lo. Em seu antigo estado estava arruinado, mas em suas ruínas a graça o tomará para fazê-lo um belo e agradável vaso dos mais ricos tesouros e de beleza totalmente desejável.

Admiração do céu

Nós admiramos uma ruína; e alguns, ao pensarem nisso, têm suspeitado da *moral* de tal sentimento, e estiveram prontos a condenar o coração e os olhos que pudessem permanecer com deleite sobre o que era o testemunho de decadência e morte, e a entrada do poder do pecado. Mas atrevo-me a encorajá-los e a dizer-lhes que ainda podem admirar uma ruína, e fazê-lo sem

medo ou julgamento próprio. A coisa redimida é uma vasta, preciosa e bela ruína; revelará o poder do pecado e da morte para sempre, ao mesmo tempo em que manifestará à ilimitada e gloriosa vitória do Destruidor da morte. E os pensamentos do Espírito de Deus, a mente de Cristo, bem como o próprio céu e todas as suas hostes, se deterão sobre essa ruína por uma eternidade feliz. Será o ornamento e o deleite da criação de Deus. **"Cantai alegres, vós, ó céus, porque o SENHOR fez isso; exultai vós, as partes mais baixas da terra; vós, montes, retumbai com júbilo; também vós, bosques e todas as árvores em vós; porque o SENHOR remiu a Jacó"**. E novamente: **"haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento"**.

Esta é a admiração do céu por uma bela ruína; e estes são os caminhos de Deus. As operações de Suas mãos eram, antigamente, Seu deleite, e os conselhos de Sua graça são agora Seu deleite, e os anjos que assistem têm sua música e suas danças na casa do Pai do pródigo.

Ensinamento divino

Noé, tendo achado graça aos olhos do Senhor, torna-se objeto do ensino divino. Um vaso eleito é sempre o vaso para a obra das mãos de Deus, por meio do Espírito. O Senhor comunica Sua mente a ele; Ele lhe diz que o julgamento de um mundo mau, que agora havia atingido sua medida, estava marcado diante dele, mas que para ele e sua casa havia segurança e uma grande libertação.

Esta comunicação tem um caráter muito precioso – *está estritamente de acordo com o conselho anterior de Seu próprio seio.* Isso é para ser muito valorizado. Deus diz ao Seu eleito que o fim de toda a carne havia chegado diante d'Ele – como, em Seus próprios conselhos secretos, Ele já havia dito: **"Não contenderá o Meu Espírito para sempre com o homem"**; Ele lhe fala sobre o sentido e o julgamento que tinha sobre a condição *moral* da Terra

– exatamente como Ele havia pronunciado em segredo antes; e, ainda, Ele lhe diz para preparar uma arca para a salvação de sua casa, pois, nos conselhos de Seu amor que elege e propósito soberano, Noé já havia encontrado graça aos Seus olhos.

Intervalo oculto

É muito gratificante para o coração perceber isso. Permite-nos entender como *exatamente* a revelação que nos foi feita nos coloca na posse da mente divina: **"Ocultarei Eu a Abraão o que faço?"** diz o Senhor, em outra ocasião, quando Ele estava, como aqui, falando Consigo mesmo. E uma *plenitude,* bem como exatidão, posso dizer, distingue essas revelações. Jesus diz aos Seus discípulos: ***"tudo* quanto ouvi de Meu Pai vos tenho feito conhecer"** – com uma exceção, porém. O Senhor Deus fixou 120 anos como a duração de Sua longanimidade. A pregação de Noé, bem como a construção da arca, deveriam ser para esse período. Esse era o propósito de Deus. Mas Noé não foi informado de nada sobre esse intervalo predestinado. O Senhor reteve qualquer menção aos 120 anos. Noé sabia, de fato, que as águas não poderiam prevalecer até que ele e os seus estivessem seguros na arca, mas ele não sabia quanto tempo seria essa preparação da arca, ou se, depois de terminada, algum tempo deveria passar antes que as águas começassem a subir. Esta parte do conselho divino o Pai manteve em Seu próprio poder; esta foi a exceção à plenitude da comunicação. Eventos deveriam ocorrer, sinais deveriam preceder **"o dia do Senhor"** – como, pelo menos, o acabamento e o enchimento da arca. Na linguagem do profeta, o ramo deveria tornar-se tenro e brotar suas folhas. Se alguém tivesse falado com Noé sobre o aumento das águas antes que a arca estivesse pronta, Noé não teria ficado abalado nem de forma alguma perturbado. Isso não poderia ser. **"O tempo está próximo"** teria sido um engano então, como será no futuro, quando o remanescente terrestre, ou a eleição, estiver, como Noé, esperando pela redenção (Lc 21:8). Mas ainda assim, o próprio período, o fim da longanimidade divina, foi estabelecido no poder do Pai, e ninguém sabia o dia nem a hora. Tão ricas e

plenas são aquelas harmonias nos primeiros e nos últimos dias, em ações típicas e finais da mão de Deus. Noé era nesta época um homem *terrenal* – isto é, um eleito destinado à herança na Terra, como será a nação de Israel no futuro; e ambos, em seus vários dias, são providos, por instruções divinas, contra os enganos que possam alarmá-los, ou as promessas que possam seduzi-los; mas o dia e a hora da sua libertação não são informados.

O plano do Senhor

A arca, em tamanho, formato e material, é inteiramente da prescrição de Deus. Noé só tinha que construi-la – o Senhor a planeja e designa.

Construí-la é apenas a prova e a demonstração da fé – **"Pela fé, Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, temeu, e, para salvação da sua família, preparou a arca"**. Israel montando o santuário, dias depois, foi um ato semelhante de fé. Eles tiveram que fazer isso, e fizeram isso, com um coração disposto e pronto para o serviço, entregando seu cobre, e sua prata, e seu ouro, seu linho fino, peles de texugo, madeira de Cetim, azeite, especiarias e pedras preciosas. Mas nisto estava apenas a obediência da fé ao caminho da libertação e da paz, que o próprio Deus planejou e revelou. Eles fizeram o santuário como Noé fez a arca; mas nem o seu ato nem o deles foram nada mais do que fé nas provisões de Deus. E o que é o evangelho e a fé no evangelho até agora, senão tal revelação das provisões da graça e tal obediência a essa revelação? A religião dos eleitos sempre foi a mesma: **"é pela fé, para que seja segundo a graça"**. A fé nas provisões soberanas de Deus foi a religião de Adão no início, depois foi a de Noé, depois foi a religião de Abraão e de todo verdadeiro Israelita; e assim é nesse nosso dia hoje. Todos nós, assim como Adão, deixamos nossa vergonha, medo e confusão de consciência, com a notícia da Semente da mulher, ferida e que esmaga. Todos nós, assim como Noé, preparamos uma arca para a salvação e nos tornamos herdeiros da justiça que vem pela fé.

Todos nós, assim como Israel, fomos transportados do monte ardente em fogo ao santuário da misericórdia entronizada – e Jesus, Jesus, é o nome levado ao longo da linha, de uma extremidade à outra, formada de patriarcas, profetas, apóstolos e santos, gentios e Judeus, pequenos e grandes, na melodia profunda que encantará a eternidade do céu.

Não é apenas misericórdia. O céu não conhece tal pensamento. Nem é uma promessa simples e despida. É *propiciação* e vitória, e bênçãos *compradas* bem como prometidas.

Misericórdia entronizada

Inspecione o santuário de Deus e você descobrirá que não é mera misericórdia que existe ali. É a misericórdia entronizada, a misericórdia da arca da aliança, a misericórdia sustentada pela obra e pela Pessoa do Filho de Deus. E a fé respeita apenas um mistério como esse. A fé nunca fala de mera misericórdia. Não poderia. Não poderia falar de mera misericórdia em Deus, assim como não poderia falar de justiça moral no homem. O evangelho não conhece tais ideias e, portanto, a fé não pode apreendê-las. O evangelho revela Aquele que é Justo, ao mesmo tempo em que justifica os ímpios. Misericórdia e verdade se encontraram. É glória a Deus nas alturas, enquanto é paz e boa vontade para os homens. Este é o caminho do evangelho.

Abraão tem fé nisso, como vemos em Gênesis 15. O Senhor lhe disse: Eu te darei **"a ti esta terra, para a herdares"**. Esta foi uma promessa, a promessa também de Alguém que não podia mentir. Era uma coisa imutável. E Abraão ouviu isso corretamente. Como um pecador, que sabia muito bem e com justiça que as promessas feitas a tal pessoa devem ter fundamentos e garantias, ele as ouviu; portanto, ele imediatamente diz: **"Como saberei que hei de herdá-la?"** Isto é um desafio da promessa? Será esta uma questão da veracidade divina? Não, de fato. É apenas fé que permite a Deus saber que era um pecador consciente que estava ouvindo Sua promessa, e que precisava, portanto, de alguma

garantia, ou consideração, para levá-la com certeza ao coração. E o Senhor ficou muito satisfeito com isso. A fé sempre O agrada, pois sem ela nada pode agradá-Lo. E imediatamente Ele prepara para permitir Abraão saber que o *sacrifício sustentou a promessa.*

Amor, fé, paciência

Nosso patriarca, anterior a Abraão, tinha a mesma fé. E seguindo os passos da mesma fé ele assume um caráter avançado. Ele obtém a justiça. **"Te hei visto justo diante de Mim nesta geração"**, é agora a Palavra de Deus para ele. **"Pela fé, Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, temeu, e, para salvação da sua família, preparou a arca, pela qual condenou o mundo, e *foi feito herdeiro da justiça que é segundo a fé*"**;

O amor, a fé e a paciência da esperança deveriam, no entanto, animar sua alma e formar sua vida durante aquele intervalo solene de 120 anos. Enquanto a arca estava sendo preparada, o Espírito, na pregação de Noé, lutava com aquela geração. Nada pode ser mais maravilhosamente repleto de significado do que tudo isso. Noé estava na obra da fé, no trabalho do amor e na paciência da esperança – um verdadeiro santo tessalonicense. Ele estava preparando a arca naquela fé que havia recebido a advertência divina – em amor ele estava falando da justiça à sua geração (2 Pe 2:5). Assim como um santo deste dia. Sua própria segurança está estabelecida e garantida – *isso* ele sabe; mas ele tem o cuidado de que seus vizinhos compartilhem isso com ele. O Espírito então contendeu no testemunho como agora Ele contende; mas cada golpe do martelo de Noé, dia após dia, dizia que Ele não contenderia para *sempre*.

Destruidor e Libertador

No final deste período predestinado, mas não revelado, Noé entra na arca. Esta foi a grande salvação em um mistério. Foi como a noite da destruição do Egito e do resgate de Israel. A história de Noé agora era nada menos do que segurança e libertação sob as

maiores garantias e título mais apreciado em uma hora do mais solene julgamento. E esta é a salvação do evangelho. Posteriormente, no Egito, a própria mão que carregou a espada da destruição por toda terra havia indicado o sangue protetor. A espada poderia atacar? Impossível! E agora era Ele Quem Se aconselhou Consigo mesmo sobre o julgamento do mundo, Quem havia também aconselhado Seus eleitos sobre o caminho de escape. Foi a mão que estava prestes a deixar as águas saírem que agora estava fechando Noé dentro da arca. Poderiam então as águas prevalecer contra ele? Simplesmente, da mesma maneira, impossível!

"A voz que fala no trovão diz: 'Pecador, Eu sou Teu'"

Aquele a Quem pertence a vingança estabeleceu todo o plano de segurança. Aquele que está portando a espada na terra designou o cordão de fio de escarlata na janela. Mas uma cena solene de julgamento acompanha tudo isso. O Sol havia nascido na Terra, quando, depois disso, Ló entrou em Zoar. E, no entanto, aquela hora ensolarada foi o momento exato para a chuva de enxofre e fogo cair. Nada poderia ser feito até que Ló entrasse na cidade, mas então nada restou a ser feito antes que o fogo descesse.

Quão profundamente oculto estava o momento da visitação! Eles poderiam muito bem ter dito **"Paz e segurança"** quando viram aquele Sol da manhã, como era seu costume, dourando a superfície brilhante e feliz da cena ao redor deles. Mas mesmo assim a **"repentina destruição"** caiu.

A geração de Noé estava comendo, bebendo e se casando no exato momento em que a água começou a subir. Não houve nenhum prenúncio, exceto, como a fuga de Ló para Zoar, a entrada de Noé na arca. Mas isso era uma loucura. Aprisionar a si mesmo e a tudo o que tinha dentro de um navio encalhado *era* loucura. Mas a inundação veio num momento de segurança imaginária e levou todos embora. Eles **"voluntariamente"** ignoraram a Palavra de Deus, do testemunho do **"pregador da**

justiça"; alguém que se dirigiu a eles no poder e no princípio da esperança da ressurreição (1 Pe 3).

Destruição repentina e certa para todos os que estão fora, mas segurança divina e infalível para todos os que estão dentro. A cidade de refúgio foi *designada por Deus,* e seus muros devem ser de salvação. Impossível ser menos. A mesma justiça que tinha pronunciado uma maldição sobre todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no livro da lei para cumpri-las, também tinha pronunciado uma maldição sobre todo aquele que fosse pendurado no madeiro (Gl 3). Pode Ele então negar Seu próprio remédio ao pecador, amaldiçoado sob a lei, quando ele implora, pela fé, ao Salvador amaldiçoado no madeiro? Da mesma maneira, é impossível.

Segurança total

"O Senhor o fechou dentro" (ACF). A mão do Senhor transmitiu sua própria força e segurança à condição de Noé. Não é ousado dizer que todos dentro da porta da arca estavam tão seguros quanto o próprio Senhor. O Senhor retornou, podemos dizer, aos Seus próprios céus, ou ao Seu trono, que está estabelecido para sempre, e Noé foi deixado na Terra, no lugar e no dia do julgamento. Mas Noé estava tão seguro quanto o Senhor. **"Para que no Dia do Juízo tenhamos confiança; porque, qual Ele é, somos nós também neste mundo"**. Jesus voltou para o céu e ainda estamos neste mundo, cujo julgamento está marcado diante de Deus; mas temos a ousadia que é própria de Jesus. Maravilhoso proferir isso! E ainda assim toda aquela segurança misteriosa e gloriosa está representada naquela pequena ação: **"O Senhor o fechou dentro"**. A própria mão de Deus transmitiu Sua força à condição de Noé antes de Ele retornar aos céus.

Alguns de todas as espécies são levados com Noé do local da morte para a arca da salvação. As **"oito almas"**, como Pedro fala, mas com elas, remanescentes dos animais da Terra, pequenos e

grandes, aves aladas e répteis, todos são alojados e redimidos junto com Noé.

O mesmo aconteceu depois no Egito. Nem uma unha (casco) foi deixada para trás. A grande redenção daquele dia, da mesma maneira, foi proporcionada a todos – Moisés e os 600.000, com suas esposas e filhos pequenos, e também todo o seu gado; todos novamente conheceram e manifestaram a força salvadora de Deus. Como nos dias de Nínive, muito tempo depois, **"muitos animais"** é o pensamento do Senhor, como as 120.000 pessoas que não conseguiam discernir entre a mão direita e a esquerda.

E no dia vindouro da herança de Cristo, Seus domínios apreciarão todas as obras da mão de Deus: **"todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo; as aves dos céus, e os peixes do mar"** (Sl 8:7); e os campos e **"os rios"** baterão **"palmas e juntos"**, se regozijarão **"também as montanhas"** (Sl 98) e **"jubilarão as árvores dos bosques perante o SENHOR"** (1 Cr 16:33).

Que mistério bem-vindo! Não são todas Suas criaturas? Sua mão antigamente não os formou, e Seus olhos e Seu coração descansaram e se deleitaram neles? E isso está perdido para Ele? Pode Jonas sofrer por sua aboboreira murcha, e o Senhor poupar as obras de Suas próprias mãos para Seu gozo permanente? Ele renovará a face da Terra, como está escrito: **"A glória do SENHOR durará para sempre; o SENHOR Se alegrará nas Suas obras"** (Sl 104:31 – ACF). **"Porque a ardente expectação da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus"** (Rm 8:19-21).

Caráter dispensacional dos dias de Noé

Mas é aqui que posso fazer uma pausa por um momento, para observar o caráter dispensacional destes dias de Noé.

A Terra, como cenário do deleite de Deus e da cidadania de Seu povo, foi perdida pela apostasia de Adão; e as esperanças e a herança dos santos, durante todos os dias anteriores ao dilúvio, eram celestiais – o Senhor revelando assim, embora vagamente, certas porções dos grandes segredos de Seu próprio seio – os segredos do bom prazer proposto em Si mesmo antes da fundação do mundo, de que tanto o céu assim como a Terra deveriam estar conectados com os destinos do homem. Os céus foram abertos ao homem, quando Adão, o homem da Terra, falhou (Gn 5:24).

E assim aconteceu. Mas a Terra não foi fechada porque o céu foi assim aberto. O conselho divino foi diferente. Era isto – que Deus reuniria em Cristo todas as coisas, **"tanto as que estão nos céus como as que estão na Terra"**. E tendo o chamado celestial já sido revelado na história dos santos antes do dilúvio, o tempo devido havia chegado agora para a revelação do grande propósito de Deus em relação à Terra, e para tornar conhecido que Ele não havia desistido dela, porque, em Seus caminhos dispensacionais, Ele havia adotado os céus.

Como em Apocalipse 4. Quando os santos celestiais, **"a plenitude dos gentios"**, os místicos anciãos e as criaturas vivas, são vistos assentados em seus lugares celestiais, os pensamentos d'Aquele que estava assentado no trono ali retornam à Terra. O arco-íris é *imediatamente* visto ao redor do trono – o testemunho disso, que a aliança que dá segurança *à Terra* estava prestes a ser a fonte de ação no céu. E então agora nestes dias de Noé. Quando a família celestial terminou sua carreira e Enoque foi trasladado, os pensamentos do Senhor retornaram à Terra, e isso, posso dizer, *imediatamente;* pois a próxima coisa de caráter no progresso da mão, ou do Espírito de Deus, é a profecia de Lameque, prometendo Deus e Suas misericórdias à Terra novamente, e apresentando Noé: **"Este** (Noé) **nos consolará acerca de nossas obras e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra que o SENHOR amaldiçoou"**.

Tudo isso é simples – dificilmente capaz de ser mal entendido. A profecia de Lameque, que nos apresenta isso, diz-nos o que devemos esperar e encontrar no mistério de Noé. A chave da parábola **"jaz à porta"**. A recuperação da Terra, o retorno do descanso de Deus e o deleite nele, tudo isso será concretizado nos tempos vindouros do verdadeiro Noé, em Quem, e somente em Quem, todas as promessas de Deus são sim e amém.

Uma grande ação, no entanto, deve ser anunciada nesses tempos. O chamado do povo celestial é bem diferente, como no chamado dos santos antediluvianos. Naquela época não havia interferência na cena ao redor. A família de Caim ficou na posse – posse mansa e indisputada – de suas cidades e de suas riquezas. A visitação de Deus então, como sempre sob tal chamado, apenas separou um povo sem influenciar, ordenar ou julgar o mundo. Deixou-o como o encontrou. Mas a reivindicação de Deus sobre a Terra e Seu propósito de retomá-la são necessariamente diferentes. Neste caso, Ele está *interferindo completamente em tudo,* enquanto, na outra forma de Sua **"multiforme sabedoria"**, Ele estava *deixando tudo completamente sem qualquer interferência.* Pois, pelo julgamento Ele purificará a Terra e a tornará adequada para ser Seu escabelo.

Refúgio em um dia de julgamento

Tudo isto é a verdade dispensacional que aprendemos aqui, nesta parábola, ou nestes tempos de Noé. A Terra foi lembrada e agora é retomada, mas por meio de julgamentos purificadores. Tudo leva em si a sentença de morte, para que possa ser algo novo, na força e na graça d'Aquele que vivifica os mortos. A própria Terra estava na água, ou debaixo da água, e o remanescente eleito foi salvo – como na cidade de refúgio designada – da mão do vingador; e tudo, portanto, aparece novamente, como na ressurreição.

Animais, aves e répteis, alguns de toda espécie, entram na arca; e ali, dentro daquele refúgio, que manteve seus protegidos em paz,

longe do medo do mal, os resgatados passaram os dias de sua paciência.

Lembrados

Mas eles estavam mais do que seguros. Eles foram *lembrados* – **"E lembrou-Se Deus de Noé, e de todo animal, e de toda rês que com ele estava na arca"**. Josué também, em outros dias, lembrou-se de Raabe. A cena da morte e do julgamento envolveu nosso patriarca. Era uma ruína vasta, profunda e poderosa – uma extensa Jericó, a amaldiçoada – outra e mais ampla do que a terra de Faraó, com a condenação do Senhor repousando sombria e pesadamente sobre ela. Mas Aquele que já havia fechado o Seu remanescente dentro, agora Se lembra deles; e nessa lembrança havia vida presente e, em perspectiva, uma boa herança.

Será assim com outro remanescente eleito, em dias vindouros. Diante do mesmo Deus da aliança, que agora tinha Noé em mente, um livro de memória será escrito para aqueles que temem ao Senhor e se lembram de Seu nome (Ml 3). E deles o Senhor diz: **"naquele dia que farei, serão para Mim particular tesouro"**; como agora, em virtude desta lembrança da aliança, o Senhor faz um vento passar sobre a Terra, as águas diminuem e a arca repousa nas montanhas de Arará.

Essa lembrança de Deus era muito preciosa. Mas Noé, na sua cidade de refúgio, tinha outras consolações. A lembrança divina era o conforto oculto da fé; mas ele também tinha abençoados exercícios conscientes de espírito.

A janela da arca

A arca tinha uma janela. A porta estava sob a guarda do Senhor, mas a janela era para uso de Noé. Somente Aquele que o trancou poderia deixá-lo sair – os tempos e as estações estavam em *Suas* mãos. Mas embora o tempo de sua peregrinação, como prisioneiro da esperança, não possa ser abreviado, ainda assim as esperanças de tal prisioneiro podem ser nutridas de maneira

muito preciosa e seu espírito dentro dele abençoadamente exercitado. Noé pode abrir a janela, remover a cobertura, olhar para fora e enviar seus mensageiros, seu Calebe e Josué e seus companheiros, para espiar a Terra e relatar-lhe o que ela é, seja ela gorda ou magra, boa ou má, e trazer-lhe o fruto dela.

Que beleza e que sabedoria atingem os olhos e o coração em tudo isso! Esta janela na arca e seu uso são muito significativos! Os *métodos* divinos são tão dignos das *comunicações divinas!* **"Maçãs de ouro em salvas de prata"** são as Palavras do Espírito.

O ensino típico, simbólico e em parábolas é muito aceitável ao coração e nele entra prontamente. Todos nós provamos isso, assim como as crianças gostam de imagens e histórias. Gostaria de observar aqui que não apenas as doutrinas são ensinadas dessa maneira – não apenas os grandes mistérios da glória, mas as experiências da alma, as operações pessoais interiores do Espírito, são ilustradas por esses mesmos métodos. A convicção do pecado, por exemplo, foi expressa quando Adão se afastou da voz do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. Os anseios e indagações de uma alma desperta para o sentido de sua condição, se por acaso ela pudesse encontrar seu caminho, são-nos dados no israelita parado na porta de sua tenda, despojado de seus ornamentos, e cuidando do Mediador quando ele entrou no Tabernáculo (Êx 33). E Moisés, com seu rosto velado e descoberto, poderia ter falado de exercícios e experiências de coração para nós, mesmo que o Espírito, por Sua luz no apóstolo, não tivesse ajudado nosso entendimento (2 Co 3).

Poderíamos passar por milhares de casos assim. E por esse método as grandes coisas de Deus são gravadas no coração. Por meio dessas figuras, o Senhor está bem perto do coração e bate ali. Não é Sua graça se manifestando à distância ou brilhando de longe, mas é o próprio Senhor e Sua bênção chegando muito perto para nossa plena aceitação. Podemos *admirar,* mas se não desfrutarmos também, o propósito da revelação não será atendido.

Agora, este método está maravilhosamente preservado nestes dias de Noé. Na verdade, todo o Gênesis está repleto disso. É um livro de **"alegorias"**, como fala Paulo – histórias divinas escritas para a escola de Deus.

Carne e Espírito

A arca, como já observei, tinha sua porta e sua janela, e Noé tinha seus espias para enviar à terra prometida – e a missão desses espias, o corvo e a pomba, expressam a experiência do santo nas obras contraditórias da carne e do Espírito, que contendem nele.

O corvo nunca retorna. A Terra pode ainda não ter sido purificada, mas a natureza impura pode se ocupar com ela. O **"presente século mau"** será bastante bom para o homem caído e degradado. Na verdade, para o corvo impuro, a arca era mais um lugar de cativeiro do que de segurança. Ele nunca retorna à arca quando escapou. Mas Noé não confiará nele. Bela inteligência santa! O corvo pode permanecer do lado de fora; mas isso não é prova para Noé de que a Terra esteja limpa ou adequada para a planta do seu pé. Noé não confiará nele, mas enviará uma criatura limpa atrás dele. E realmente diferentes são as notícias que esta traz. É, em princípio, a disputa entre Calebe e Josué e seus companheiros espias. A pomba retorna instintivamente. Não houve descanso para ela em um lugar ainda sob julgamento de Deus e sem purificação. E Noé, consciente de que pode confiar nela e submeter a questão ao seu assentamento, envia-a uma segunda e uma terceira vez. E bem, na verdade ele pode confiar nela. A sua única empatia é com as promessas de paz e de uma nova criação. No segundo retorno ela traz uma folha de oliveira no bico e depois da terceira missão ela nunca mais volta.

Belo mistério! A Terra foi redimida da maldição agora, e em seu estado de nova criação a pomba pode deleitar-se. Tudo é ar nativo para ela. Agora é a Terra da pomba e da oliveira, e Noé entende a ausência desta criatura limpa. Ele imediatamente remove a cobertura da arca e olha para fora; e o Deus da glória

logo o deixa sair, como o Deus de toda graça o havia fechado dentro antes.

Fé terminando em glória

Certamente os caminhos de um santo, os caminhos da mente de Cristo, estão aqui! Não sei se qualquer ação pode ser mais carregada de significado. Ali estava a arca, e sua janela, e sua porta. A própria arca era para segurança, a janela para uma perspectiva e a porta para um êxodo, no devido tempo. Tudo isso foi fé e esperança encerrando sua peregrinação no lugar da glória prometida.

Noé não suspeitou da arca; ele não se preocupou em apalpar suas madeiras, para saber se elas de fato mantinham as águas do lado de fora – disso ele não tinha dúvidas. Ele não tinha uma bomba d'água em seu navio, se me permite a figura; e posso pronunciá-lo, pois, por mais simples que seja, glorifica Jesus na segurança que Ele dá ao pecador; pois esse é o próprio estilo da Escritura.

Escola de Deus

A lição que nos é ensinada pode ser a mais profunda na mente do Espírito, mas a escola onde é aprendida pode ser um lugar desprezado. Veja, por exemplo, Gênesis 48. Você está ao lado da cama de um velho moribundo – um lugar comum e caseiro. Mas ali, alguns dos segredos mais profundos e ricos da mente de Deus são, em figura, transmitidos a nós – o grande mistério de nossa adoção, de acordo com o beneplácito[2] divino; e então nossa recepção na família de Deus, no dia de nossa manifestação ou conversão. E que conselhos de graça mais ricos existem do que esses? E, no entanto, em que escola mais comum ou caseira eles poderiam ter sido ensinados?

Como em dias ainda anteriores, em Gênesis 16. Lá você é apresentado ao arranjo doméstico da família de Abraão quanto à serva e sua senhora, e suas disputas; e ainda assim, em tudo isso,

você obtém o profundo mistério dos dois concertos (Gl 4). E novamente, no ato, o ato comum, de dispensar um servo, outra característica do mesmo mistério nos é apresentada, no capítulo 21. A sabedoria de Deus deleita-Se nessas cenas e materiais; eles repreendem o pensamento errôneo do coração do homem, de que coisas importantes devem ser feitas ou ditas por métodos imponentes – que o profeta deve aparecer e passar a mão sobre o lugar (2 Rs 5:11). Mas é com instrumentos rudes e não artificiais que tanto a sabedoria de Deus quanto o poder de Deus são comumente vistos. As trombetas de chifres de carneiros derrubaram Jericó e os pescadores haviam alvoroçado o mundo, como foi dito deles. Mas esses métodos caseiros da sabedoria de Deus ajudam a levar a instrução para o íntimo e a alojá-la profundamente nas intimidades e lembranças do coração. Posso, portanto, ainda dizer que a embarcação de Noé não tinha uma bomba d'água. Na verdade, não poderia. Tal coisa teria testemunhado contra ela. As provisões de Deus teriam declarado sua própria insuficiência. Isso nunca poderia ter acontecido. As provisões de Deus e as obras de Deus sempre dizem *de Quem* são, sendo *o* que elas são. A simplicidade e, ainda assim, a suficiência, conferem-lhes o seu carácter. **"Haja luz, e houve luz."**. **"Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo"**; e o pecador, **"na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa"**.

Assim, com a mesma simplicidade, nestes primeiros dias. O coração de Noé não foi manchado por suspeitas. Ele descansou na navegabilidade de sua embarcação, por causa da designação e aprovação de Deus a respeito dela – e não, posso dizer, por causa da construção dela por Deus. A fé mantém seu coração tranquilo e seguro quanto ao julgamento, a esperança o preenche quanto à glória vindoura.

Prisioneiro da esperança

Tal é o belo caminho deste "prisioneiro da esperança". *Prisioneiro da esperança* é um dos títulos do Espírito, posso dizer, para todos os santos de Deus. Jeremias foi tal em seus dias. Jeremias foi

encerrado **"no pátio da guarda que estava na casa do rei de Judá"**, e isto também por causa de Cristo. Ele era prisioneiro de Deus, e um tal assim é sempre prisioneiro da esperança. Jeremias é instruído a comprar o campo de Hananias, e isso foi alimento para a esperança, como a folha de oliveira no bico da pomba. Isso falava ao profeta dos bons dias que viriam, embora naquele momento ele estivesse na prisão, o exército caldeu nos portões da cidade e toda a terra deserta. As águas estavam novamente por toda parte; mas a arca do profeta, como a do patriarca, tinha uma janela.

Assim foi Israel um prisioneiro da esperança na noite da Páscoa. Com os sapatos nos pés, o cajado na mão e os lombos cingidos, Israel esperou em meio aos próprios julgamentos do Senhor; mas, como nosso patriarca, eles esperaram ali apenas para passar para a herança do Senhor. E tendo a preeminência em todas as coisas, Jesus repetidamente nos mostra o caminho perfeito de um Prisioneiro de esperança, em busca de uma porção de ressurreição. Como quando Ele entrou em Jerusalém, em João 12, as multidões Judaicas e os estrangeiros gentios sendo atraídos para lá para perguntar por Ele, e todas as dignidades e alegrias do Filho de Davi parecendo esperar por Ele, Seu coração ainda espera na esperança da ressurreição, **"o gozo que Lhe estava proposto"**, e a partir dessa atitude de alma, ou lugar de expectativa, Ele fala do grão de trigo caindo na terra e morrendo. Constante e desejadamente Seus olhos pousaram na glória que havia, não *naquela* hora, mas *além* dela. Em um espírito de inteira consagração e sacrifício, Ele entrega *aquela* hora (brilhante para Ele no mundo como era, e grande com a promessa de todos os seus reinos e sua glória) ao Pai: e a voz do céu então visita este perfeito e abençoado "Prisioneiro da esperança", com garantias de que, no devido tempo, até mesmo nos tempos da ressurreição, Seu nome, vitória e honra seriam todos providos e garantidos.

Jesus incomparável! – Esta voz do céu foi novamente o alimento do Prisioneiro da esperança. E o que foi a transfiguração no monte santo senão a mesma voz? Jesus estava falando aos discípulos sobre Sua morte, e encorajando-os (como Ele faria conosco, amados) a não amarem sua vida neste mundo, quando, logo depois, seis ou oito dias, como lemos, o monte santo brilha de repente com a luz da ressurreição ou regiões milenares. E o que foi toda aquela visitação de glória, senão as uvas de Escol trazidas de Canaã para o arraial de Deus no deserto; ou como o retorno da pomba a Noé, com a folha de oliveira no bico?

O momento, porém, de recompensar **"em dobro"** (Zc 9:12) a este "Prisioneiro da esperança", chega ao devido tempo. **"Então, falou Deus a Noé, dizendo: Sai da arca tu, e tua mulher, e teus filhos, e as mulheres de teus filhos contigo. Todo animal que está contigo, de toda carne, de ave, e de gado, e de todo réptil que se roja sobre a terra, traze fora contigo"**. E Noé saiu. Ele pousou na Terra renovada, onde, naquele momento místico, tudo estava, em grande sentido, de acordo com a mente de Deus novamente, não mais corrompido, como quando ele a pisou pela última vez em seu antigo estado, mas limpo, sob o refinamento do julgamento.

Pequeno e grande

Nada havia entrado na arca treze meses antes, que não saísse agora. Os pequenos e os grandes estiveram nela, e os pequenos estavam tão seguros quanto os grandes; a coisa rastejante da vala ou da cerca viva, tão livre de qualquer perigo ou dano quanto o próprio Noé. Mistério precioso! Podemos ser pequenos, e somos pequenos, como o coração sabe muito bem; mas o céu, ou o sistema de glória vindouro, preparou-se como a arca, para receber tanto os pequenos como os grandes. **"E saiu uma voz do trono, que dizia: Louvai o nosso Deus, vós, todos os Seus servos, e vós que O temeis, tanto pequenos como grandes"**. Podemos ficar tranquilos, embora saibamos que somos **"pequenos"** em todos os sentidos, assim como o animal rastejante que entrou

com Noé – pois tal pequenino estava igualmente no concerto, ou "pacto familiar", que fez com que cada um e todos, à sua maneira e medida, herdeiros do novo mundo. A casa do Pai no alto certamente fez o seu cálculo de acordo com essas diferenças de **"pequeno e grande"**. Como nos antigos dias de glória típica, toda a congregação de Israel, os distantes de Dã e Naftali, bem como os príncipes de Judá, uniram-se num grito de triunfo quando o fogo desceu e, em mistério, o reino foi inaugurado. (Lv 9). Clemente e outros não eram Paulo na medida de seus trabalhos ou na energia do Espírito; mas eles eram como Paulo tendo seus nomes, igualmente como ele, no livro da vida (Fp 4:3). O Pai construiu Sua casa nos céus, com base no próprio plano de receber os santos e também o próprio Jesus. Fazia parte do projeto original antes mesmo que as fundações fossem lançadas, esse plano e propósito foram estabelecidos. Em conselhos de amor eterno, foi providenciado que a casa fosse grande, com muitos cômodos ou uma mansão, para que todos os filhos pudessem estar lá.

O que dizemos nós, amados? Nossos pensamentos e olhares sobre isso fazem justiça a esse amor de Deus? Como você poderia dizer que sua perspectiva do mais alto dos montes poderia fazer justiça à criação de Deus? Poderia então o seu olhar medir a décima milésima parte da Terra? O comprimento, a profundidade, a largura, a altura – o amor de Cristo que excede todo conhecimento?

O valor do sangue e da cruz

"E edificou Noé um altar ao SENHOR; e tomou de todo animal limpo e de toda ave limpa e ofereceu holocaustos sobre o altar. E o SENHOR cheirou o suave cheiro e disse o SENHOR em Seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra [**o solo** – JND] **por causa do homem, porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice; nem tornarei mais a ferir todo vivente, como fiz. Enquanto a Terra durar, sementeira e sega, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite não**

cessarão". A purificação das águas do julgamento não alterou em nada a imaginação dos pensamentos do coração do homem. Eles ainda eram maus, e apenas isso. O coração não estava curado, pois **"o que é nascido da carne é carne"**, embora haja água para purificar ou fogo para refinar. Não foi nenhuma mudança que deu ao Senhor pensamentos de paz e não de mal para com os homens.

"A fé olha para o sangue de Cristo, e não para a vitória sobre as corrupções", como alguém disse, mesmo onde exista tal vitória. Mas aqui, *apesar das corrupções,* esse sangue desperta pensamentos de paz e não de mal, para dar ao pecador um fim esperado. Cristo estava sob o olhar de Deus, e isso bastava; como no dia da expiação. O sangue da aspersão é então visto por toda parte. Esse foi o grande segredo, o grande princípio daquele dia místico em Israel. O sangue do cordeiro (Lv 16) foi à presença de Deus, acompanhado por uma nuvem de incenso; de modo que o próprio Arão foi escondido, e não havia ninguém na tenda da congregação, enquanto procedia ao serviço santo de colocar o sangue em tudo. Cristo em mistério foi visto, e nada mais – e o fruto disso foi o envio dos pecados para o deserto, uma terra não habitada, um lugar de esquecimento, onde não havia voz para acusar, julgar ou condenar, onde nada *se* ouvia senão a voz daquele sangue que fala de coisas melhores do que o sangue de Abel.

Aquele sangue, agora sob o olhar do Senhor Deus, comoveu Seu coração. Falo como homem? Não, a palavra é: **"disse o Senhor em Seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra** [**solo** – JND]**"**. Como diz o próprio Salvador (em espírito destinado ao altar): **"Por isso, o Pai Me *ama,* porque dou a Minha vida"**. O coração do Senhor Deus pesou a aceitação do sacrifício. Foi o que aconteceu aqui, nos tempos de Noé.

Esta palavra que partiu do coração do Senhor Deus nos dias de Noé, a passagem da lâmpada acesa nos dias de Abraão (Gn 15) e a resposta de Deus a Salomão (2 Cr 1), todas testemunham o valor

da cruz de Cristo estabelecido com Deus. O rasgar do véu de alto a baixo, a quebra das rochas e o rompimento das sepulturas testemunham o mesmo, quando a verdadeira oferta foi realizada de uma vez por todas. Em rica variedade de forma e caráter é a aceitação da obra realizada no **"lugar chamado Calvário"**, testemunhada e publicada em todas as línguas e idiomas, por assim dizer, em hebraico, grego e latim.

Bênção

E Noé se torna imediatamente objeto de bênçãos novas e multiplicadas, bênçãos em glória e herança agora, como ele já tinha bênçãos em eleição, uma aceitação da graça e da justiça que vem pela fé.

Deus abençoou Noé e seus filhos e disse-lhes: **"frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a Terra. E será o vosso temor e o vosso pavor sobre todo animal da terra e sobre toda ave dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar na vossa mão são entregues"** (Gn 9:1-2).

Noé foi abençoado no novo mundo. Essa bênção transmitiu-lhe propriedade e domínio na Terra, e o uso ou desfrute das criaturas boas para alimentação. **"Tudo quanto se move, que é vivente"** foi dada a ele, para que pudesse ser alimento para ele.

Proibição de se comer sangue

Aqui estava uma grande concessão, tão ampla quanto o cenário que o rodeava. Ele era o monarca de tudo o que observava, senhor, como Adão no jardim, do novo mundo. Instruído, porém, bem como honrado e enriquecido – ensinado que o *sangue* do animal não deveria ser comido com sua *carne:* **"A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis"** – um princípio que envolve todos os pensamentos e conselhos de Deus em Seu caminho para com os pecadores – como uma adequada proibição ou limitação à concessão feita a Noé agora,

assim como havia sido a proibição da árvore no meio do jardim, para a concessão de todas as coisas – outras coisas feitas a Adão.

O sangue era a vida, e o homem não deveria comê-lo. Teria sido uma ousada retomada daquilo que havia perdido pelo pecado, um desafio para recuperar a vida forçando a passagem mantida pela espada dos querubins. Pois esta ordenança dizia ao pecador que, tendo perdido seu direito à árvore da vida, ele nunca poderia retornar a ela com suas próprias forças. A vida voltou para Deus. O sangue é d'Ele. E o evangelho vem nos contar como Ele o usou, até mesmo proporcionando com ele e por meio dele vida nova, eterna e infalível para o pecador morto.

O caminho de Deus no evangelho foi, portanto, repetido a Noé nesta ordenança: **"A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis"**. Seu altar já nos havia dito que ele estava com Adão na fé da Semente da mulher, e que esse mistério era o princípio de sua religião e de sua adoração. Mas aqui, ao entregar-lhe tudo como propriedade, domínio e uso, o Senhor não deixará passar esta grande exceção da concessão; transmitindo, como o faz, o grande segredo ou princípio de Seu evangelho. Nas novas circunstâncias de Adão e Noé, na diferença entre uma criatura correta e um pecador arruinado, esta exceção era tão apropriada e necessária, como eu disse, quanto à da árvore do conhecimento, proveniente da concessão de tudo com que o Senhor, o Criador, havia antigamente fornecido e preenchido o cenário.

Obtemos vida vinda de Cristo que fez expiação pelo Seu sangue. Mas reconhecemos profundamente que não podemos conseguí-la em nenhum outro lugar. *Não procuramos por ela em outro lugar, mas não a recusamos d'Ele.* Sabemos que estávamos mortos em delitos e pecados, mas sabemos que temos vida n'Ele, no entanto, somente n'Ele. Adão aprendeu essas coisas na promessa da Semente da mulher e na espada dos querubins; Noé as aprendeu ou as testemunhou em seu altar e nesta

ordenança; estas coisas todo o livro de Deus declara; e a eternidade as celebrará.

O princípio do governo

No entanto, ainda mais – pois nesta bênção encontramos Noé com a espada da justiça na sua mão. Seu semelhante deveria ser protegido e vingado. A pessoa do homem era sagrada; e sua vida ou sangue, se derramado por homem ou animal, seria requerido. **"E certamente requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; da mão de todo animal o requererei, como também da mão do homem e da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem. Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado"** (Foi dito com razão por outro, que o princípio do *governo* foi representado em Noé; que Adão foi o cabeça representativo da *criação,* e que Noé é o mesmo agora do *governo.* E não duvido que, após a dispersão judicial a partir de Babel, as nações tornaram-se associações nas quais Deus ainda reconhecia a espada da justiça e a sede do governo, que, portanto, ainda devem ser exercidas e ainda devem ser reconhecidas e reverenciadas zelosamente).

Quem não aprova isso instintivamente? Tudo o que sentimos julga a adequação de tratar assim a pessoa do homem como sagrada. Embora todas as outras criaturas viventes fossem submetidas ao uso do homem, seu próximo deveria ser sagrado aos seus olhos.

Aprovamos isso instintivamente. Mas esta Escritura explica esse instinto. A razão está aqui: **"porque Deus fez o homem conforme a Sua imagem"**. Há uma dignidade no homem que lhe é inteiramente própria. Ele é o cabeça natural da criação. O homem é o possuidor e governador, e não parte da herança transmitida, ou do domínio delegado. Ele é o receptor e não alguém sujeitado à concessão divina. O veredicto instintivo de nosso próprio coração é, portanto, divinamente explicado.

O concerto

Depois disso, porém, um grande assunto se abre diante de nós. **"eis que estabeleço o Meu concerto convosco"** foi a palavra de Deus a Noé, antes de a arca ser feita ou de as águas terem chegado (Gn 6:18). Agora que o julgamento já passou e a nova Terra foi herdada, esse concerto está totalmente detalhado, bem como novamente prometido, aos eleitos de Deus (Gn 9:8-17). E é aqui que a palavra **"concerto"** é usada pela primeira vez. Os concertos que lemos na Escritura são todos específicos, tendo suas partes e seus objetivos bem definidos e claramente declarados. Não há dúvidas sobre eles. Quer seja este concerto da Terra com Noé, o concerto com Abraão e sua semente, o concerto do sacerdócio com Fineias ou o concerto do trono com Davi, tudo está definido – as partes são declaradas e os objetivos estabelecidos. Nem estes, nem nenhum deles, eu seguramente julgo, contemplam o peculiar chamado da Igreja. O chamado espiritual nos lugares celestiais e os resultados da unidade com Cristo não são descritos nem transmitidos por eles. Mas a Escritura do Novo Testamento declara abundantemente um *propósito,* ou um conselho, de Deus de acordo com o beneplácito de Sua vontade; um mistério escondido em Deus, antes da fundação do mundo, no qual a Igreja está diretamente interessada. (Veja Rm 16:25; 1 Co 2:7; Ef 1:9, 3:8-11; Cl 1:26; 1 Tm 3:9).

Pode surgir a pergunta: Esse propósito ou conselho assume a forma de um concerto? Chamemos-lhe concerto, ou simplesmente um propósito assumido por Deus; ainda assim, a grande, santa e augusta transação em si é ricamente encontrada no Novo Testamento. Mas tem, ainda podemos perguntar, o caráter de um concerto?

Eu não teria o cuidado de dizer que ele é sempre chamado assim; mas acredito que podemos dizer que muitas coisas de natureza de concerto são sugeridas como vinculadas a ela. Promessas são feitas, consideração ou valores são contemplados, acordos formados e fixados, e tudo isso entre partes distintas. **"no**

princípio do livro está escrito de Mim" – **"Desde a eternidade fui estabelecida"** (ARA) – e tais palavras de importância mais profunda e santa têm seu lugar para resolver esses pensamentos que surgem. E não apenas a nossa eleição e a nomeação para a nossa glória peculiar, como na predestinação, importam diante do mundo (Rm 8:28-29; Ef 1:4-5; 1 Pe 1:2), mas fomos então dados formal ou virtualmente pelo Pai a Cristo (Jo 6:37, 39; 10:29; 17:1, 6, 8-9, 11).

Vida eterna

E a vida eterna é declarada como tendo sido prometida antes que o mundo existisse – linguagem que insinua Cristo como parte de uma transação abençoada, e que tem caráter de concerto (Tt 1:2).

Não digo, então, que esta transação seja chamada de concerto, como o é o trato de Deus com Noé, e o Seu trato com Abraão, com Davi e com Fineias; mas tem estas qualidades, ou esta forma de concerto; a presença de partes distintas, considerações e propósitos todos estabelecidos, e o tudo confirmado e colocado em prática. E como o espírito de um santo acolhe a bendita verdade desta grande transação eterna, envolvendo toda a Divindade em favor de nossa alma! – como lemos, entre outras passagens, **"eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo"**. (Ao anunciar ações abençoadas e distintas entre as Pessoas da Divindade, de acordo com os arranjos do concerto, podemos nos lembrar das palavras do Messias em Isaías 48 – **"E agora o Senhor Deus e Seu Espírito Me enviaram"**. (KJV) Que palavras! Quão cheias de profunda, aconselhada e ordenada graça para com os pecadores. E eles estão de acordo com a estrutura das coisas nos Evangelhos – pois não apenas o batismo de Jesus, mas muitas passagens nos dizem ou nos mostram, de acordo com esta palavra do profeta, que a missão e o ministério do Senhor Jesus estavam sob a ordenação de Deus e da unção ou do Espírito Santo; – o Senhor Deus e Seu Espírito enviaram o Filho, o Cristo ou Messias).

Mas que fundamentos sólidos são estes! Que maravilhosas descobertas da graça! O próprio Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, em conselho e em ação por nós! No Evangelho, o homem está apenas na posição de *ver e ouvir.* É *Deus* Quem está ativo. As atividades e sacrifícios são *de Deus,* e o pecador só precisa ouvir e viver, olhar e ser salvo. Mas essas ações de Deus no evangelho de Sua graça são fruto (como vemos) de conselhos preciosos e maravilhosos, tomados em Si mesmo antes que os mundos fossem criados. E o que, pergunto, pode superar isso? Será que pode ser concebido um título ou estabilidade para um pecador, de modo que ele possa se livrar de toda a agitação e inquietação de consciência, além do que ele obtém com isso? Ações de Deus para ele, e sacrifícios feitos por ele, e tudo isso de acordo com os conselhos antes do início dos mundos! Um pecador tornado feliz (posso usar esta palavra?) à custa de Deus!

Concerto e promessa

É um serviço do concerto ou conselho que Jesus nos prestou. Uma promessa foi feita a Noé de que as águas não prevaleceriam novamente para destruir a Terra, mas esta promessa repousa sobre o forte fundamento do sangue de um concerto. O altar de Noé já havia enviado a Deus um cheiro suave, um cheiro de descanso, e na satisfação e deleite do que o Senhor havia dito, não amaldiçoarei novamente a terra por causa do homem. Esse sangue foi o fundamento da promessa. Assim como aconteceu com Abraão depois. A terra lhe está prometida, mas é pelo concerto d'Aquele que passa por entre as partes do sacrifício. Nenhuma bênção *prometida* que também não seja uma bênção *comprada* – nenhum trono de graça, como dissemos antes, que não fique na arca do concerto (Gn 15:18).

Mas o concerto vem com o seu selo, bem como com o seu sangue. Então está aqui. Existe o *arco que dá testemunho dele,* bem como *o sangue que o sustenta.* Pensamentos maravilhosos se mantêm diante da alma em tudo isso! O fundamento e o testemunho, o sangue e o sinal, a consideração e a comprovação

do grande ato e feito de Deus vêm à mente aqui. A figura semelhante da circuncisão que viria depois; pois assim como o arco na nuvem, a circuncisão na carne é um sinal de compromissos do concerto.

O grande original

Todos esses sinais, entretanto, por mais belos e seguros que sejam, se perdem quando pensamos no grande original. Pois é o próprio Espírito Santo que agora é dado como o grande sinal, o selo da nossa adoção, o penhor da nossa herança, o testemunho da obra realizada de Jesus e da aceitação dela em toda a sua suficiência e preciosidade.

Que pensamentos são esses! A promessa de Deus sustentada pelo sangue do Filho e testemunhada pela presença do Espírito! Como Deus Se comunicou a nós neste ato e ação maravilhosos pelos pecadores! A alma não pode conceber nada mais rico. Estamos interessados em atividades divinas, mas em atividades que sejam fundamentadas em conselhos eternos e que manifestem a nós e para nós o nome de Deus, "Pai, Filho e Espírito Santo".

Vendo-O

Como isso deveria nos tirar de nós mesmos, para ficarmos diante dessa visão! Que mistério é esse; e o que temos que fazer, senão com disse Moisés: **"Agora me virarei para lá e verei esta grande visão"**, desviar-se de todo o resto! Quanto mais grandiosa **"esta grande visão"** se apresentar aos nossos olhos, mais imponente será. Obtenhamos pensamentos ricos deste mistério. **"O segredo do SENHOR é para os que O temem; e Ele lhes fará saber o Seu concerto"** Vejamos esta grande transação resolvida antes do início dos mundos, vejamo-la evocando todas as energias do amor e poder divino no Pai, no Filho e no Espírito Santo, vejamo-la realizando os mais profundos e maravilhosos propósitos de graça e glória para os eleitos, mantenhamos o olhar sobre ela, como

Moisés, até que, como ele, descobrimos Aquele que habita no meio dela, e cujo nome explica tudo.

"Oh, todos vós ricos, vós sábios, vós justos,
Que discutis a doutrina do sangue
E a julgais insignificante e leviana –
Conceda que eu possa, o resto é convosco,
Em vergonha e pobreza assentar-me
Junto a essa única fonte de deleite!"

Se isso for apenas um concerto de um homem, há tanto a consideração como a ação, o dinheiro da compra e os documentos, o preço e o testemunho do seu pagamento. Deus trata com nossa alma em uma linguagem assim bem entendida, e nos fala, portanto, da *consideração* e da *ação,* ou daquilo que *sustenta* e daquilo que *testemunha* os conselhos de Seu soberano beneplácito. É um ato de doação aos eleitos, mas nada menos é do que o sangue do Filho que o sustenta e a presença do Espírito que o testemunha.

Que segredo! Por natureza estou muito distante de Deus, sou estranho e estrangeiro. Eu também estou fechado, e não posso sair. Mas nesta grande transação o próprio Deus Se comprometeu a percorrer esta distância incomensurável e atacar a casa do meu forte inimigo; e em Sua encarnação, tristezas e vitória, todo esse poderoso ato de amor é realizado, e **"Tu me cinges de alegres cantos de livramento"**.

Será que, ao contemplar tal mistério, temo que o distante não seja trazido para perto, ou que o cativo não seja libertado? **"Até no transbordar de muitas águas, estas a ele não chegarão"** Posso dizer: **"Tu és o lugar em que me escondo; Tu me preservas da angústia; Tu me cinges de alegres cantos de livramento"**.

"Forte Libertador! Sê ainda nossa força e escudo!"

O arco na nuvem

Esta pode muito bem ser a nossa confiança na fé de tal verdade. Mas a estas reflexões gerais sobre os concertos e seus sinais, devo acrescentar que o sinal dado a Noé tem um belo significado. O arco, por assim dizer, flutuou triunfante sobre a nuvem. Ele rolou a pedra e assentou-se sobre ela. Sua forma e porte eram os de um conquistador. Ele disse à nuvem: **"Até aqui virás, porém não mais adiante: E aqui pararão as tuas ondas orgulhosas"** (TB). Ele deu ao anjo da morte a sua medida e disse-lhe: **"Basta, agora retira a tua mão"**.

E tudo isso vive na lembrança divina. A Terra e o concerto que a protege estão lá. **"Estará o arco nas nuvens, e Eu o verei, para Me lembrar do concerto eterno entre Deus e toda alma vivente de toda carne, que está sobre a Terra"**. Consequentemente, esta promessa à Terra é lembrada, o arco na nuvem é observado, em cada estágio e variedade dos atos dispensacionais do Senhor.

É claro que isso foi lembrado durante todo o tempo em que o Senhor esteve assentado em Sião, pois então a glória fez *da terra* sua residência. O Senhor habitou então entre os querubins, no templo de Jerusalém, na terra de Israel. Mas quando o trono do Senhor deixa aquela cidade, e o santuário perde a glória, porque as abominações o entristeceram e perturbaram, o trono e a glória são acompanhados pelo arco-íris para o céu (Ez 1:28). Embora a Terra tenha deixado, por um tempo, de ser a morada de Deus, ainda assim ela estava diante d'Ele em conselho. Ele estaria atento a isso, como objeto de Seu fiel cuidado, de acordo com a promessa. (Assim como o trono de Davi. Esse trono está atualmente no pó – a coroa de Judá foi derrubada – mas a promessa do Senhor para ele é lembrada, assim como Sua promessa para a Terra. Esta analogia se encontra nas Escrituras em Jeremias 33. Desonradas agora ou transformadas em zombaria dos ímpios, as promessas à Terra e ao trono de Davi ainda estão em completa lembrança e, a seu tempo, serão cumpridas).

E, portanto, quando o céu se abre à nossa vista, vemos o arco fiel e lembrado cercando o trono (Ap 4). E ainda mais. O arco-íris é visto quando o Senhor é apresentado descendo para a execução direta e imediata do julgamento. O anjo forte, o Executor divino do dia do Senhor, desce à Terra vestido com uma nuvem, o símbolo do julgamento e o terrível vaso da ira (Gn 9:14; Ap 1:7). Mas mesmo assim o arco-íris está com Ele (Ap 10); tanto quanto para nos dizer que até o fim, e no final, Deus Se lembra de Sua promessa à Terra e lutará com julgamento. A nuvem descerá, é verdade – eles **"verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu"**. O julgamento deve ocorrer – os livros devem ser abertos – as salvas (ou taças) devem ser esvaziadas; mas é apenas para tirar do reino os que ofendem – para destruir os que destroem a Terra. A nuvem, ao executar sua comissão, deve permanecer no início do arco. O *dia* do Senhor, ou o julgamento, deve dar lugar à *presença* do Senhor, ou ao refrigério e à restauração. O anjo forte pode clamar que não haveria mais demora; o curso atual das coisas cessará novamente, como aconteceu nos dias de Noé; mas o arco brilha, aos olhos do Senhor, tão intensamente como sempre, e Sua promessa vive em Seu coração. A Terra ainda é amada, por causa de Noé, como Israel é por causa dos pais – aquele Verdadeiro Noé, em Quem (e somente em Quem) todas as promessas de Deus são sim e amém; e de Quem será dito em toda a Sua plenitude e verdade: **"Este nos consolará acerca de nossas obras e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra que o SENHOR amaldiçoou"**.

Preservada para a glória

Esta nossa Terra, dada aos filhos dos homens, sobrevive, portanto, ao julgamento. Ela resiste ao choque da descida do anjo forte, embora vestido de uma nuvem, colocando o pé direito no mar e o esquerdo na terra, e clamando em voz alta, como quando um leão brama (Ap 10).

E para que é preservada? Para mais do que o arco havia prometido. Não é apenas preservada – com a época da

sementeira e da colheita, o seu verão e o seu inverno, o seu dia e a sua noite, o seu frio e o seu calor – mas também deve ser entregue à **"liberdade da glória dos filhos de Deus"**. Isto é mais do que foi prometido.

Tal foi o sinal e tal será o seu reconhecimento – tal foi o penhor e tal será a sua redenção. Belo mistério! O concerto, com o seu sangue e o seu sinal! A promessa de Deus, com o sacrifício do Filho como seu fundamento e a presença do Espírito como seu testemunho!

Mas aqui me ocorre este pensamento: Devemos nós, amados, permanecer diante de tais caminhos e revelações de Deus na mesma calma com que nos são entregues? É isso que nos convêm? A Rainha de Sabá não esteve diante das glórias de Salomão da mesma forma com que o próprio Salomão habitava entre elas. Salomão estava à vontade no meio delas. Elas eram todas dele. Era *sua* sabedoria e *sua* casa que ele construiu. A comida da mesa e o assentar dos servos, com suas roupas, eram todos *dele.* A subida pela qual ele entrou na casa de Deus era dele. Mas a Rainha de Sabá, do extremo sul, foi apenas introduzida a tudo isso. Era apropriado que ele se sentisse à vontade ali; e era apropriado que ela estivesse em êxtase. O mesmo ocorre com o livro de Deus e do discípulo. Todos os mistérios profundos e preciosos que o Espírito está revelando ali são Seus – os pensamentos e conselhos da mente divina. Não há esforço para produzir efeito na comunicação deles; a história das maravilhas da graça e da glória é contada sem muita arte. Mas será que a alma, apresentada a eles, deve ficar, da mesma maneira, indiferente? Tal pessoa pode contemplar com mais êxtase do que aquela que veio dos confins da terra, pois **"eis que está aqui Quem é mais do que Salomão"**.

Arrebatado

E é mais desse arrebatamento de Sabá que queremos. Com muita tranquilidade nos permitimos falar das coisas de Deus

como se não houvesse nelas mais preciosidade e excelência do que nosso coração pudesse medir; mas como segredo após segredo surge da sabedoria d'Aquele que é maior que Salomão, certamente nossa alma deveria dizer: **"Bem-aventurados os Teus homens, bem-aventurados estes Teus servos que estão sempre diante de Ti, que ouvem a Tua sabedoria!"**.

Um novo teste

Favorecido e abençoado, enriquecido e honrado – também instruído e ordenado como **"o poder"** sob Deus, e com tudo isso, à vontade, em segurança consciente, "nenhuma ocorrência de mal ou inimigo", Noé está assentado no mundo novo. Uma nova provação do homem, sob novas circunstâncias, estava ocorrendo; e, como aconteceu com Adão no Éden, nada foi deixado por se fazer por parte de Deus. Os bois e os animais cevados foram mortos e todas as coisas estavam prontas. Mas onde está a suficiência do homem? Se Adão falhou diante d'Ele e perdeu o jardim; se Israel falhou em segui-Lo e perdeu sua terra de leite e mel; pode-se dizer a Noé: **"Amas-Me mais do que estes?"** Em Cristo, e somente n'Ele, há fidelidade e força infalíveis. E Noé, como os demais, falha, e o solo virgem do mundo novo é rapidamente manchado pelo próprio primeiro pé que o pisou.

"E começou Noé a ser lavrador da terra e plantou uma vinha. E bebeu do vinho e embebedou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda".

O próprio Noé é envergonhado; o primeiro homem, o Adão deste novo sistema, começa a história desta segunda apostasia, como o seu primeiro pai.

O avanço do mal

O **"pequeno fogo"** é então aceso; mas é para um **"grande bosque"**. Noé fica envergonhado; mas Cam, seu filho, gloria-se na vergonha. Esse foi um avanço terrível no progresso do mal. **"E viu**

Cam, o pai de Canaã, a nudez de seu pai e fê-lo saber a ambos seus irmãos, fora".

Foi um avanço terrível no mal; isso não foi simplesmente **"ser surpreendido nalguma ofensa"**, mas se folgar ou se alegrar **"com a injustiça"**. O bom senso moral rejeita isso: **"Então, tomaram Sem e Jafé uma capa, puseram-na sobre ambos os seus ombros e, indo virados para trás, cobriram a nudez do seu pai"**. E o próprio santo logo será restaurado. Noé acorda de seu vinho. Aquele que foi vencido se recupera, por meio do Espírito, e a graça de Deus lhe dá um grande triunfo – um triunfo muito precioso e glorioso, de fato, pois o restaurado julga seu juiz e condena seu acusador – **"Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos"**.

Recuperação e profecia

Isto é algo mais do que recuperação – é uma recuperação triunfante. Até mesmo a bela palavra do apóstolo: **"Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus?"** dificilmente avalia isso; pois isso é apenas o silenciamento do acusador, ao mesmo tempo em que se volta contra o perseguidor. **"Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei"**... Então **"a minha inimiga**" será **"pisada como a lama das ruas".**

Aqui, porém, podemos parar por um momento – as perspectivas ricas e interessantes do Espírito de profecia aqui se espalham diante de nós. Esta maldição sobre Canaã faz parte da profecia de Noé.

Noé, em espírito, olhou para fora da terra renovada, mas antecipou o retorno da corrupção e da violência, embora a graça de Deus tivesse o seu testemunho no meio dela. Em detalhe, ele viu que um ramo da família humana (agora prestes a repovoar a Terra) seria distinguido pela revelação e presença de Deus entre eles; outro por seu sucesso e avanço no mundo – um povo a ser

ampliado e honrado na Terra; outro, pelo sinal constante e imutável, em sua carne, de degradação e servidão. A sua profecia contemplava, por assim dizer, o homem asiático, o europeu e o africano; ou, o hebreu no Oriente, com quem deveria estar o santuário de Deus – o gentio do Ocidente, que, sob a mão ou providência de Deus, se tornaria grande em fronteiras além das suas – e o escravo do Sul, que poderia sofrer uma mudança de senhor, mas que ainda seria um escravo.

Curta é a notícia da história do mundo, mas justa e perfeita até onde vai, e suficiente para responder ao propósito do Espírito em Noé, que estava levando seu filho Cam para seu texto.

As três profecias que temos nestes primeiros tempos, a de Enoque, a de Lameque e a de Noé, todas tocando a Terra e sua história, embora respeitando diferentes estágios ou partes dessa história, juntas apresentam um esboço muito perfeito da coisa toda. Devemos considerá-las nesta ordem: Noé, Enoque, Lameque.

A profecia de Noé tem se cumprido desde a antiguidade e ainda está recebendo seu selo e testemunho em todas as mudanças na solene e interessante história do mundo. A de Enoque (Jd 14), que falou de julgamento, terá sua resposta, sua resposta completa, quando o atual curso das coisas estiver se encerrando e o dia do Senhor vier para declarar a culpa dos ímpios. A de Lameque (Gn 5:29), que falava de descanso, será efetivada posteriormente, quando **"o dia do Senhor"**, tendo cumprido o julgamento, **"a presença do Senhor"**, trará sua restauração e refrigério.

O presente e o futuro da história do mundo, o bem e o mal variados do presente, e o julgamento e a glória que compartilharão o futuro, são, portanto, esboçados diante de nós nestas profecias. É fácil discernir essas coisas e dar a esses primeiros oráculos patriarcais sua ordem e caráter.

É a de Noé, entretanto, que devo olhar mais particularmente, como aquela com a qual mais apropriadamente temos a ver aqui. Foi proferida na descoberta do mal de seu filho Cam, e o curso do mal é então detalhado até seu fim e maturidade, antes de terminarmos estes capítulos.

Já observamos seu surgimento inicial no próprio Noé, e a forma avançada dele em Cam. Seu crescimento posterior é visto em seguida nos construtores de Babel, algumas centenas de anos após o dilúvio. E é uma exposição horrível.

Desafio de Deus

No momento do nascimento deste mundo novo, o altar de Noé foi erguido, testemunhando fé e adoração – mas agora a cidade e a torre são erguidas, testemunhando o desafio a Deus e a pretendida independência do homem. E a resposta do céu para essas coisas é igualmente diferente. O altar de Noé trouxe palavras e sinais de paz e segurança – o clamor da cidade e da torre agora traz consigo o julgamento. A corrupção aqui e a vingança do alto marcam a cena, em vez de adoração aqui e bênção de Deus. Anteriormente o Senhor pendurou o símbolo brilhante de Sua aliança nos céus, mas agora Ele está enviando por toda a Terra as testemunhas de Sua justa ira.

Mas isto não é tudo. A torre é exagerada – alta e orgulhosa como era. Os construtores podem estar dispersos, mas os seus princípios sobrevivem. O julgamento não cura. Toda a mente apóstata, que vivificou aquela confederação orgulhosa e rebelde, reúne-se rapidamente para seu trabalho e exibição perfeitos em um só homem. Pois logo após a dispersão (pode ser cerca de trinta anos), Ninrode, neto de Cam, finca seu estandarte no mesmo local que testemunhou o julgamento de Deus. O início do seu reino foi Babel (Gn 10:10). Ele desenrola sua bandeira diante d'Aquele próprio que disse: **"Minha é a vingança"** e clama: **"Onde está o Deus do juízo?"** Ele era como o néscio do Salmo 14: **"Disse o néscio no seu coração: Não há Deus"**. Ele começa a ser

poderoso na terra. Ele caçava **"diante da face do Senhor"**. Desafiando a Deus, ele buscou conquista e poder. Ele acrescentou casa a casa e campo a campo, no desejo de ser o único senhor. Ereque, Acade e Calné são cidades-mãe, e a poderosa Nínive com Reobote-Ir e Calá, e aquela grande cidade Resém, são apenas colônias no sistema deste arrogante apóstata. Ele não tinha coração para qualquer porção que Deus pudesse lhe dar. Ele se encarregou a prover para si mesmo, a ser o criador de sua própria fortuna, para que sua dignidade e honra procedessem de si mesmo. E tal pessoa é o homem do mundo até hoje. Seu intelecto ou sua indústria, sua habilidade ou sua coragem fazem dele o que ele é e lhe fornecem aquilo que ele gosta. Tal foi este distinto apóstata, este primeiro representante e tipo daquele que, nos últimos dias, agirá de acordo com sua vontade e preencherá a medida da iniquidade do homem.

É uma visão séria para a comparação e observância de nossa alma. Estaremos nós, amados, esperando por outras cenas mais puras? E nosso coração está voltado para os prazeres que Deus pode sancionar e que Jesus compartilha conosco?

Esses capítulos terminam adequadamente com isso – essas cenas de rebelião maligna e orgulhosa passam diante de nós, com uma visão fraca e distante do chamado de outro estranho celestial, separado do mundo. Mas tudo isso é o alvorecer de outra era nos caminhos de Deus, e nosso tema atual apenas olha para isso à distância.

Resumo de Gênesis 6-11

A segunda parte do livro de Gênesis, posso dizer, termina aqui. Apresenta uma ação completa e distinta, seguindo adequadamente o que a precedeu e, igualmente adequadamente (se fosse meu propósito mostrá-la), introduzindo o que a seguirá.

Nesta porção, Gênesis 6-11, a cena é colocada na Terra. A família celestial já esteve diante de nós, Gênesis 1-5, e seu curso

terminou na trasladação de Enoque; agora a cena é colocada novamente na Terra, como no início, no jardim do Éden.

O conteúdo deste pequeno volume, que agora encerrei, pode ser apresentado na seguinte ordem:

Gênesis 6-8. Esses capítulos apresentam o pecado e o julgamento da terra, com a eleição, a fé e a libertação dos santos no meio de tudo isso e fora disso tudo.

Gênesis 9. Este capítulo nos mostra a nova condição do homem no mundo novo, favorecido e enriquecido ali pelo Deus do céu e da Terra, assegurado na misericórdia do concerto e feito representante e executor da autoridade divina.

Gênesis 10-11. Esses capítulos revelam grandes porções da história do mundo novo, as origens, o funcionamento, o progresso e a maturidade do mal, deixando ou tornando a Terra um lugar tal que o Senhor deve novamente, uma segunda vez, retirar-Se dela (pelo menos quanto ao presente) e trazer dentre ela, também uma segunda vez, um povo para ser um estrangeiro celestial no meio dela, como os santos antediluvianos.

Próximos dias de glória

O céu e a Terra têm, portanto, em seu tempo, repetido o mistério, até que juntos, nos dias vindouros, os dias de glória, eles o manifestarão, quando **"ao nome de Jesus se dobrará todo joelho dos que estão nos céus, e na Terra, e debaixo da terra, e toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai"**.

"a terra não se venderá em perpetuidade" diz o Senhor; **"porque a terra é Minha"** (Lv 25:23). O homem tem um período de anos concedido a ele, durante o qual fica em seu poder perturbar a ordem divina. Durante quarenta e nove anos em Israel, o tráfego perturbador poderia continuar, mas no quinquagésimo ano o Senhor afirmou Seu direito e restaurou todas as coisas de acordo

com Sua própria vontade; pois foi um tempo de **"refrigério"** e de **"restauração"** a partir de Sua própria **"presença"**.

Expectativa brilhante e feliz! **"Do SENHOR é a Terra e a sua plenitude"**, é a proclamação do Salmo 24. E então surge o desafio: **"Quem subirá ao monte do SENHOR?"** – isto é, quem assumirá o governo desta Terra e sua plenitude? E a resposta é feita por outro desafio às portas da cidade, para que levantem as suas cabeças ao Senhor dos Exércitos, o Rei da glória; uma forma fervorosa de palavras para transmitir a verdade, que o Senhor, como em força e vitória, o Senhor como Redentor e Vingador, assumirá o governo. Como novamente em Apocalipse 5, uma proclamação semelhante é ouvida: **"Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?"** E a resposta de cada região é esta: *"o Cordeiro que foi morto, o Leão da tribo de Judá"*. Aquele que estava assentado no trono deu essa resposta deixando o livro passar de Sua mão para a mão do Cordeiro. As criaturas viventes e os anciãos coroados juntaram-se a essa resposta cantando o seu cântico sobre a perspectiva do seu reinado sobre a terra. As hostes de anjos acrescentam a isso, atribuindo ao Cordeiro toda sabedoria, força, honra e domínio – e toda criatura no céu, na Terra, sob a terra e nos mares, em sua ordem e medida, se junta para proferir esta mesma resposta. O título do Cordeiro para assumir domínio na Terra é, portanto, reconhecido e verificado no mesmo lugar onde todo senhorio ou cargo poderia ser corretamente atestado – na presença do trono no céu.

E assim é. O Homem nobre agora foi para uma terra distante a fim de tomar para Si um reino. Jesus, que recusou todo o poder do deus deste mundo (Mt 4), ou do desejo da multidão (Jo 6), recebe-o de Deus, como Ele reconhece no Salmo 62 que o poder a Ele pertence. E no devido tempo Ele retornará, e aqueles que O reconheceram no dia de Sua rejeição brilharão com Ele no dia de Sua glória; aqueles que O serviram agora tomarão outra cidade com Ele então.

Na perspectiva de tal dia, Paulo diz a Timóteo: **"guardes este mandamento sem mácula e repreensão, até à aparição de nosso Senhor Jesus Cristo; a qual, a seu tempo, mostrará o Bem-aventurado e Único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores"**. E na mesma perspectiva, o mesmo querido apóstolo poderia dizer de si mesmo: **"Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda** [**aparição** – JND]**"**.

Que o Senhor dê ao nosso pobre coração – pois ele precisa muito – mais do mesmo espírito de fé e poder de esperança! Amém.

Abraão

Nas primeiras partes do livro de Gênesis, já tracei duas histórias distintas – a dos santos antediluvianos, ou os tempos de Adão a Enoque; e a de Noé e daqueles que o seguiram, até a dispersão das nações.

A primeira dessas histórias ocupa Gênesis 1-5, a segunda, Gênesis 6-11.

No capítulo que se segue – Gênesis 12 – a história de Abraão começa e continua até Gênesis 25. Isto constitui a terceira parte ou seção do livro de Gênesis e nos apresenta uma nova era nos caminhos de Deus. E em tudo isso, tenho certeza, há uma bela ordem moral e uma revelação da sabedoria dispensacional de Deus. Pois nestas coisas os céus e a Terra são feitos, alternadamente, para captar a história maravilhosa dessa sabedoria e para relatar mistérios divinos – tais mistérios como **"na plenitude dos tempos"** serão cumpridos, quando, como sabemos, Ele reunir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na Terra (Ef 1:10).

Adão, na inocência, era um homem da Terra. Ele tinha que desfrutar disso, sabendo que tudo era seu, mas não conhecendo nada além do que estava ao seu redor. Mas quando foi enviado para fora do Éden, tornou-se um estranho na Terra. Ele não recebeu nenhuma comissão para melhorá-la ou equipá-la. Ele tinha simplesmente que cultivar a terra para ganhar a vida, e a trasladação de Enoque nos diz que o destino e a herança daquela primeira família de Deus eram *celestiais.* (A família de Caim era a contradição disso, naqueles dias antediluvianos. Eles cultivavam a terra para algo mais do que o sustento. Sua lavoura levou à cultura e ao avanço do mundo como um sistema de ganho e prazer. E desta forma as duas famílias foram distinguidas – uma foi formada pela fé, ou pela obediência à revelação de Deus, a outra pelo desprezo dela, como o mundo é até hoje).

Em Noé, porém, com o passar do tempo, o propósito de Deus é diferente. Noé é um homem da Terra novamente. Ele deixa a arca num caráter muito diferente daquele em que Adão havia deixado o jardim. Noé deixou a arca sob a missão de manter o mundo em ordem, como juiz e governante. Não era uma condição de estranho no mundo, mas a cidadania nele e o governo dele, que era agora novamente o pensamento divino. Mas uma segunda apostasia foi testemunhada entre os descendentes de Noé. Com o passar do tempo, eles buscaram independência na Terra, rejeitando o temor de Deus e procurando viver sem Ele, como Adão fez (procurando ser como Deus) no jardim da antiguidade.

Abraão chamado

Abraão, com tudo isso, encontra graça aos olhos do Senhor. Ele é chamado para fora desta cena apóstata; e, como poderíamos esperar, a partir desta narrativa alternada dos mistérios celestiais e terrenais, depois de Noé, o homem da Terra, Abraão é chamado para ser um homem celestial.

O Senhor lhe disse: **"Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai"**. Este foi o caráter do chamado de Abraão. Não foi um chamado para fora da contaminação moral, ou da idolatria ou de algo semelhante; foi um chamado para fora das associações da natureza e da Terra. Restavam ídolos a serem deixados, não duvido (veja Josué 24:2-3). Mas não foi a saída deles que constituiu a natureza do chamado. No entanto, Abraão, com relação à Terra, seria como Adão fora do jardim. Ele deixa Ur dos Caldeus, assim como Adão deixou o Éden. Ele não recebeu nenhuma comissão para cultivar a Terra de Canaã para o Senhor, ou para conquistar e governar o povo de lá. Os arranjos do mundo foram deixados exatamente como estavam. Abraão nada tinha a dizer às nações pelas quais passou a caminho de Canaã; e quando chegou àquela terra, encontrou ali o cananeu, e ali o deixou como o encontrou.

O governo foi estabelecido em Noé e as nações foram organizadas; como as relações naturais foram instituídas no início, ou em Adão. Mas Abraão é chamado para fora de tudo isso. O próprio Deus é recebido pela fé; e as coisas da natureza que Adão poderia ter transmitido a ele, ou as coisas do governo que Noé poderia ter assegurado a ele, são deixadas para trás. (Em seus dias, a semente de Abraão, ou a nação de Israel, é novamente um povo *terrenal;* e eles exibem exatamente o oposto de tudo isso. Eles *ferem* as nações de Canaã; e em vez de serem chamados *para fora* de parentes e terras, eles são chamados *para* todas essas coisas; homens, mulheres, crianças e até gado (pois nem um casco deveria ser deixado para trás), viajaram do Egito para Canaã – de uma terra de estranhos para sua própria herança).

Em nosso patriarca, então, vemos a eleição e o chamado de Deus. Ele pertencia à família corrompida e desviada do homem, sem uma única reivindicação sequer quanto a Deus. Mas a graça soberana (em cuja virtude todos os redimidos permanecem, de acordo com o conselho eterno) fez dele seu objeto; e sob tal graça ele é, no devido tempo, manifestado como um escolhido, e é chamado por Deus para ser um estranho celestial no mundo. A Escritura fala dele como o pai de todos os que creem (Rm 4). Podemos, portanto, esperar encontrar nele a vida de fé demonstrada; e assim a encontramos, como este livro pretende mostrar.

Energia da fé

Mas nesta **"vida de fé"** não procuramos apenas o princípio da dependência em Deus, ou da confiança n'Ele, embora esse possa ser o pensamento imediatamente sugerido por tais palavras. Ela significa muito mais. É uma vida de grandes e diversas energias; pois de acordo com Deus, ou com a Escritura, a fé é aquele princípio na alma que não apenas confia e crê n'Ele; é também aquela que apreende Seu caminho, age de acordo com Seus princípios e propósitos, recebe Suas promessas, desfruta de Seu favor, cumpre Suas ordens, busca Seu reino, em Sua força obtém

vitórias e por Sua luz anda na luz; e desta forma está sempre, embora de forma variada, exibindo uma vida segundo Ele, ou formada pela comunhão com Ele.

Tudo isso fica fortemente marcado para nossa observação.

Hebreus 11 mostra-nos tudo isto – a vida de fé na sua vasta diversidade de exercício e ação. Consequentemente, encontraremos na vida de Abraão ocasiões em que a confiança em Deus foi a virtude exercida; também ocasiões em que a força foi demonstrada e o conflito foi suportado; e novamente, onde a renúncia aos direitos e a submissão às injustiças eram as virtudes. E a vida de fé é bela na sua variedade; pois esta variedade é apenas o brilho variado da mesma mente, a mente de Cristo, no santo.

Mas novamente. Não devemos entender que não obtemos *nada além* desta luz e poder de fé no crente ou no santo. A perfeição nesta variedade de vida de fé não pode ser encontrada exceto n'Aquele que é colocado diante de nós como **"o Autor e Consumador da fé"**, e cujo caminho, do começo ao fim, e em cada incidente dele, foi o grande Exemplo desta vida em pleno brilho imaculado. Ainda assim, porém, a vida de Abraão, ou de Davi, ou de José, ou de Paulo, deve ser chamada de vida de fé; pois era a vida daqueles em quem esse princípio estava, embora evidenciando repetidas vezes, e também de maneiras diferentes, a depravação da natureza, as ações da incredulidade e os conselhos de um coração propenso a interagir com carne e sangue, e seguir o caminho de um mundo revoltado.

Teste de fé

Nesta vida de fé, nosso Abraão iniciou com bela simplicidade e seriedade. *"E saiu para ir à terra de Canaã; e veio à terra de Canaã"*. Ele saiu, sem saber para onde ia. Ele tomou Deus como sua segurança e sua porção; e, como alguém disse: *"É nisso que repousa o Espírito de Deus, como característica de sua fé aprovada; pois, pela separação do mundo, com base na confiança*

implícita em Deus, ele perdeu tudo e não obteve nada além da Palavra de Deus".

Não gostamos dessas condições. O coração se ressente delas; mas a mente renovada os aprova e justifica a Deus nelas. Os *sofrimentos* de Cristo vêm primeiro e depois as *glórias* (1 Pe 1:11). Jó estava mais perto de seu bem em Deus, quando jazia nas cinzas entre os cacos de barro, do que quando estava feliz em seu ninho. Israel não desceu o Monte Líbano e entrou em Canaã depois de uma jornada frutífera, por uma terra de cidades e aldeias, e trigo e vinho, e rios e vinhas; mas eles caminharam lentamente, por um deserto após outro. E então Abraão foi chamado para fora de tudo, saiu, sem saber para onde ia; mas isto ele sabia: que foi Deus Quem o chamou. E este foi o começo da fé. "Ele saiu para ir à terra de Canaã, e veio à terra de Canaã".

Uma tenda, não um lar

Ele veio, no entanto, mais para peregrinar do que para morar lá. Ele se move de um lugar para outro, e em cada lugar ele arma apenas uma tenda. O Deus da glória lhe dissera que a terra deveria ser *mostrada* a ele. Ele a *teria* em *sua semente* para sempre, mas em *sua própria pessoa* ele apenas *veria isso.* E, consequentemente, nós o encontramos *examinando-a cuidadosamente,* mas não se *ocupando em nada com ela.* Pois esta foi a resposta certa para tal promessa. Ele *olhou* para a terra, porque a promessa era que ela lhe seria *mostrada.* Ele foi primeiro a Siquém e à planície de Moré; dali, para o sul, até as vizinhanças de Betel e Ai. Mas ele era um homem da tenda, e somente da tenda, onde quer que fosse. O cananeu estava então na terra e era o ocupante da terra; e Abraão não disputou com ele nem um palmo dela. Ele a examinou e teve posse dela, o tanto quanto a fé e a esperança lhe conferiam; mas ele não buscou nenhuma herança pessoal e presente ali. A promessa vivia em seu coração, e a promessa era sua medida e também seu gozo (Gn 12).

Descida ao Egito

Rapidamente, porém, outro homem em nosso Abraão está diante de nós; pois, como todos nós, amados, ele era um homem de *natureza,* assim como era um homem de Deus; e não há ninguém perfeito na vida de fé, como dissemos antes, senão o próprio Mestre. A fome atinge a terra para onde o chamado de Deus o havia trazido. Isso pode ter sido considerada uma estranha surpresa. Mas a fé teria sido suficiente para enfrentá-la. A fé em Paulo foi suficiente para uma surpresa semelhante. Chamado à Macedônia pela voz de Deus, uma prisão o aguardava. Mas Paulo suporta o impacto, embora Abraão caia diante dele. Paulo e seu companheiro cantam hinos na prisão da Macedônia; mas Abraão pratica uma mentira, buscando ajuda na fome de Canaã em outra terra, da qual seu chamado sob o Deus da glória não fez qualquer menção.

Tais coisas foram, e ainda são encontradas entre os santos. Há "pequena fé" e "grande coração" entre os eleitos, bem como carne e espírito – natureza e a nova mente em cada um deles. Mas isto podemos saber: se a natureza nos *governar,* a natureza nos *exporá.* Até o homem da terra, Faraó do Egito, faz com que Abraão se envergonhe; e sua jornada, em vez de prosseguir no testemunho de sua tenda e no gozo de seu altar, foi a de um pé cansado, porque foi a de um coração repreensível. Ele tem que fazer suas **"primeiras obras"**, refazer seus passos e recuperar sua posição – obras dolorosas em todos os momentos. Ele tem que sair do **"prado"** em direção à estrada do Rei novamente, voltando do Egito para o lugar entre Ai e Betel, onde ele havia erguido seu altar no início.

O que dizemos sobre isso, amados? Os rebanhos adquiridos no Egito o acompanharam para casa. O brilho do ouro e da prata – as oferendas de uma terra que ficava além de onde o Deus da glória o havia chamado – adorna e desencadeia seu retorno. Tudo isso é verdade. Mas o que dizemos sobre tudo isso? Novamente eu pergunto. Será que o balido e o mugido de tais rebanhos e

manadas em nossos ouvidos são como a música suave de uma consciência que aprova tudo isso? Ou será esta riqueza cintilante tal como o brilho da presença divina que agora Abraão havia perdido? Sou ousado em responder por Abraão, embora não possa responder por mim mesmo, que seu espírito sabia a diferença. O coração cansado foi apenas ligeiramente aliviado por tudo o que ele trouxe consigo da terra do Egito ou da casa do Faraó, tenho certeza disso. Não poderia deixar de ser dessa maneira com um tal homem. **"O que pecar contra Mim violentará a sua própria alma"**, deve ter sido sua experiência; e da maneira como agiu na cena que ocorre imediatamente, a meu ver, nos diz algo sobre isso.

Restauração

Ló, seu irmão mais novo, ou filho de seu irmão, que veio com ele de Ur para Canaã, agora se torna a ocasião de provação para Abraão, como havia sido a fome recentemente. Mas a fé em Abraão triunfa, posso dizer, com admiração. O próprio estilo com que ele dá a resposta a essa provação parece dizer que ele retornará quatro vezes à vida de fé por aquilo que a natureza tão recentemente, por assim dizer, lhe havia tirado. Os pastores dos dois irmãos, o mais velho e o mais novo, não podem alimentar os seus rebanhos juntos. Eles devem se separar. Esta foi a ocasião da provação que agora surgiu. Mas "deixe Ló escolher" é a linguagem de Abraão. Num sentido nobre, ele agirá de acordo com o oráculo divino: **"o mais velho servirá ao mais moço"** (ARA). Ló pode escolher e deixar a Abraão a porção que desejar. As planícies bem irrigadas podem ser dele; Abraão pode confiar no Senhor da terra, embora perca essas planícies. Ele pode ter que cavar poços em vez de *encontrá-los;* mas é melhor cavá-los na força de Deus do que encontrá-los no caminho da cobiça; é melhor, por assim dizer, esperá-los em Canaã, do que ir atrás deles novamente até o Egito (Gn 13).

Esta é uma bela recuperação. E desta forma a fé, às vezes, exercerá julgamento sobre a incredulidade e se purificará

novamente. E agora o Senhor o visita, como Ele não fez e como não pôde fazer no Egito. O Deus da glória, que chamou Abraão para Canaã, não poderia ir com ele ao Egito, mas ao homem que estava entregando o melhor da terra a seu irmão mais novo, no gozo da confiança restaurada em Deus, Ele terá prazer em mostrar a Si mesmo.

Onde estamos, então, amados? Eu vou perguntar. Onde está o nosso espírito? Em que caminho, em companhia de Abraão, estamos peregrinando neste momento? Estamos conhecendo o Egito na amargura da censura própria, ou uma Canaã recuperada no gozo do semblante de Deus? É uma caminhada com Deus que estamos fazendo todos os dias? A vida de fé conhece a diferença entre as restrições da mente mundana e as expansões da mente crente. Abraão sabia dessas coisas. Ele sabia, em espírito, o que era o Egito – o lugar do ouro e da prata, e da repreensão e da morte. Ele sabia o que era reconquistar Ai sem um altar no caminho; e ele sabia o que era descansar novamente, com altar e tenda, nas planícies de Manre.

Portanto, começa a variada vida de fé. Mas há muito mais nisso do que isso. E nesta variedade de ação na vida de fé, notamos a sua *inteligência,* o exercício da mente de Cristo, ou do sentido espiritual, que discerne as coisas que diferem, que tem capacidade de conhecer os tempos e as estações segundo Deus. Esta bela capacitação do santo encontramos em Abraão, na próxima passagem de sua história.

Tudo a seu tempo

A batalha dos reis está registrada em Gênesis 14. Enquanto essa era uma mera disputa entre eles, Abraão não tem nada a dizer sobre isso. Deixe os cacos de barro lutarem com os cacos de barro. Mas assim que Abraão ouve que seu parente Ló está envolvido nessa luta, ele se agita.

Tudo, como lemos, é maravilhoso a seu tempo. Há um tempo para construir e um tempo para derrubar. Houve um tempo para

Abraão ficar quieto e um tempo para Abraão estar ativo; um tempo para ficar em silêncio e um tempo para quebrar o silêncio. E ele entendeu o tempo. Como os homens de Issacar posteriormente, ele conheceu o tempo e o que Israel deveria fazer. Os princípios de Deus eram as regras de Abraão. Ló foi feito prisioneiro, e a parte do parente passou a ser dever de Abraão. O campo de batalha no vale de Sidim será dele agora, assim como a tenda tinha sido sua até agora nas planícies de Manre. A mente de Deus tinha para ele outra lição além daquela que aprendeu enquanto os cacos de barro estavam sozinhos no conflito; e um tempo para quebrar o silêncio o chama à frente de seus servos treinados.

Excelente e bela, de fato, em um santo é essa inteligência da mente de Cristo, e bela é tudo em seu devido tempo. Fora de tempo, a mesma ação é contaminada e desfigurada. Pois o *material* de uma ação não é suficiente para determinar o *caráter* de uma ação. É preciso que também seja *oportuna.* Elias, de sua elevação, pode invocar fogo do céu sobre os capitães e seus cinquenta; e assim, as duas testemunhas, no dia de Apocalipse 11. Mas não seria adequado para os companheiros do humilde e rejeitado Jesus agirem desta forma com os aldeões samaritanos (Lc 9). É apenas em seu tempo que tudo é realmente correto. Como foi o jardim do Getsêmani (tornado santo pelas aflições do Senhor Jesus) desfigurado pelo sangue que a espada de Pedro derramou ali! Que mancha naquele solo, embora o poder de Cristo estivesse presente para removê-lo! Mas outra espada estava prestando um serviço correto quando ela despedaçou Agague. Pois quando a vingança for exigida, quando a trombeta do santuário soar um alarme de guerra, a vingança ou a guerra serão tão perfeitas quanto a graça e o sofrimento. Cabe a Deus determinar o caminho dispensacional e tornar conhecida a verdade dispensacional. Feito isso, toda vida de fé é apenas aquela maneira, ordem ou caráter de vida que está de acordo com isso. *"Os deveres e serviços de fé fluem de verdades confiadas. Se as verdades forem negligenciadas, os deveres ou*

serviços não poderão ser cumpridos". E o beneplácito de Deus, ou Sua sabedoria revelada e dispensada, varia com a mudança e o avanço das eras. Noé, algumas gerações antes de Abraão, teria vingado o sangue de alguém feito à semelhança ou imagem de Deus, no mesmo espírito de fé, como Abraão permitiu que um exército de reis confederados matasse outro. Não é nem a **"espada"** nem a **"veste"**, como o Senhor fala em Lucas 22, que precisa ser o devido instrumento de serviço, ou símbolo de fé; mas qualquer um deles, conforme expressa respectivamente o bom prazer dispensacional de Deus no momento.

Isto é para ser bem observado; pois é esperado na vida de fé, entre outras virtudes, distinguir as coisas que diferem e manejar bem a Palavra de Deus ou a verdade. Abraão foi dotado desta excelente faculdade. Ele andou na luz daquele dia, assim como Deus estava na luz. Ele conhecia a voz da trombeta de prata; quando, por assim dizer, reunir-se no tabernáculo e quando sair para a batalha.

Duas vitórias

Mas há mais do que isso no nosso patriarca neste momento. Duas vitórias o distinguem – uma sobre os exércitos dos reis e outra sobre as ofertas do rei de Sodoma.

Abraão obteve a primeira delas, porque desferiu o golpe exatamente no tempo de Deus. Ele saiu para a batalha nem mais cedo nem mais tarde do que Deus o teria desejado. Ele esperou, por assim dizer, até ouvir **"um estrondo de marcha pelas copas das amoreiras"**. A vitória era, portanto, certa; pois a batalha era do Senhor, não dele. Seu braço foi apoiado pelo Senhor; e esta vitória de Abraão foi a de uma precedente funda com uma pedra, ou da queixada de um jumento, ou de Jônatas e seu escudeiro contra um exército filisteu; pois Abraão era apenas um *bando de servos treinados contra os exércitos de quatro reis confederados.*

A segunda, ainda mais brilhante que a primeira, foi alcançada em virtude da comunhão com as próprias fontes da força divina. O

espírito do patriarca estava em vitória aqui, como o seu *braço* estivera antes. Ele havia se embriagado tanto com a comunicação do rei de Salém – havia se alimentado tanto do pão e do vinho daquele estrangeiro real e sacerdotal – que o rei de Sodoma organizou seu banquete em vão. A alma de Abraão *estava no céu* e ele não poderia retornar ao mundo.

Essa foi a sua experiência abençoada em Savé-Quiriataim. Alma feliz, de fato! Ah, por algo além do que traçar a imagem disso no livro! Zaqueu, em seus dias, era filho de Abraão nesta geração, ou de acordo com esta vida e poder. Zaqueu bebeu tanto do gozo e da força que devem ser conhecidas na presença de Cristo, que o mundo se tornou uma coisa morta para ele. Ele assentou-se à mesa com o verdadeiro Melquisedeque e comeu do Seu pão e bebeu do Seu vinho. Jesus havia preparado uma festa para Seu anfitrião em Jericó, como fizera em outros dias para Abraão, em Savé-Quiriataim; e, fortalecido e revigorado, este filho de Abraão, como seu pai no passado, foi capaz de abrir mão do mundo. **"Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se em alguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado"**. Ele poderia dar a resposta de Abraão ao rei de Sodoma, pois ele havia recebido o refrigério de Abraão do rei de Salém.

Certamente, amados, este é o caminho da vitória para todos os santos. As fontes de força e gozo são encontradas em Jesus. Que você e eu possamos olhar para Ele e dizer: **"Todas as minhas fontes estão em Ti"**. **"Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé"**. E o que são todas as conquistas na conta de Deus senão essas?

"É interiormente que o espírito fervoroso labuta. Lá ele obtém novas conquistas sobre si mesmo, em comparação com as quais os louros que um César usa são ervas daninhas".

Tais são, então, as vitórias da fé.

A ousadia da fé

Mas ainda temos mais; e na cena seguinte, em Gênesis 15, vemos *a ousadia da fé.*

E deixe-me perguntar, para nosso conforto comum, o que é mais precioso para o próprio Deus do que isso? A inteligência da fé é brilhante e suas vitórias gloriosas; mas na consideração do Deus de toda graça, sua ousadia supera tudo.

Após a vitória de Abraão sobre o mundo, ou sobre as ofertas do rei de Sodoma, o Senhor vem a ele com grandes garantias e promessas. Depois destas coisas a palavra do Senhor veio a Abrão numa visão, dizendo: **"Não temas, Abrão: Eu Sou o teu escudo e o teu grandíssimo galardão"** (Gn 15:1). Depois do calor do dia anterior, foi adequado, nos caminhos da graça, que Abraão fosse novamente reconhecido e encorajado. Mas a fé é ousada, muito ousada, aparentemente visando mais alto do que os propósitos e incumbências da graça. E este é um momento maravilhoso para contemplar. Abraão parece rejeitar as palavras do Senhor. "**Eu Sou o teu escudo e o teu grandíssimo galardão**", diz o Senhor. "O que você vai me dar?" Abraão responde: **"Que me hás de dar? Pois ando sem filhos, e o mordomo da minha casa é o damasceno Eliézer"**.

Isso foi ousado; mas, abençoado em dizê-lo, não é muito ousado para os ouvidos do Senhor, que encontra Seu mais rico gozo em uma linguagem de fé como esta.

Bom é ter uma *porção;* mas Abraão procurou um *objeto,* um objeto para o coração; algo muito mais importante para nós. Adão achou isso. Éden não era para ele o que Eva era. O jardim com todas as suas dádivas não fez por ele o que a companheira fez. Eva abriu a boca dele; somente ela fez isso, porque só ela encheu seu coração. Cristo também descobre isso. A Igreja é mais para Ele do que toda a glória do reino – assim como a pérola e o tesouro foram mais para os homens que os encontraram, do que todos os seus bens, pois eles venderam tudo para obtê-los. A

ovelha desgarrada, a dracma perdida, o filho pródigo, são mais para o céu – para o Pai, para o Pastor, para o Espírito e para os anjos – como ocasiões de gozo, do que qualquer outra coisa; só porque o coração encontrou seu objeto, o amor encontrou sua resposta. *Esta* é a mente de Cristo. Afeição coloca o coração em marcha; e ele não pode descansar, em meio a tudo mais, sem seu objeto; e diz até mesmo ao Senhor e às Suas promessas: **"Que me hás de dar, pois ando sem filhos?"**.

Mas esta era, de fato, uma fé ousada, parecendo desta forma como rejeitando as palavras de Deus. Mas ela era preciosa para Ele. Sim, era preciosa para Ele sob o título mais alto; pois a fé, agindo dessa maneira e desejando dessa maneira, falou da maneira e da apreciação da própria mente divina. Pois o próprio Deus procura filhos, como fez Abraão. Não é o espírito de escravidão que encherá Sua casa, mas o de adoção; não serão servos, mas filhos que Ele terá ao Seu redor. Ele **"nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para *Si mesmo***". Ele encontrou em Seus filhos um objeto para *Si mesmo;* e Abraão estava, portanto, apenas contando o segredo *comum* de seu próprio coração e do seio de Deus. E imediatamente seu desejo é atendido; e a visão dos céus estrelados é feita para prometer ao patriarca algo melhor do que todas as porções e todas as condições, pois o Senhor lhe diz: **"Assim será a tua *descendência***".

Quão verdadeiramente podemos dizer que a fé nunca almeja legitimamente do que quando almeja alto e segue com mão ousada. O alvo que ela coloca diante de si mesma nunca é mais do que propósito do próprio Deus. **"Pede para ti ao SENHOR, teu Deus, um sinal;"**, diz o profeta ao rei, **"pede-o ou embaixo nas profundezas ou em cima nas alturas"**; percorra os recursos divinos e use-os. Aquilo que o rei Acaz não faria, cansando o Senhor com sua reserva, incredulidade e lentidão de coração, Abraão faz e continua a fazer. Sua alma continua no mesmo poder de fé até o fim desta ação. Ele segue na mesma pista. Disse o

Senhor a Abrão logo em seguida **"dar-te a ti esta terra, para a herdares"**. **"Como saberei que irei herdá-la?"** é a sua resposta ao Senhor. Esta é do mesmo caráter excelente; e sendo assim – demonstrando a ousadia de fé – é ainda infinitamente aceitável para o Senhor. Abraão busca algo além de uma promessa. Não que ele duvidasse da promessa. Ele estava certo disso. Nunca poderia falhar. O céu e a Terra passariam, antes que a promessa pudesse passar. Mas "juramento e sangue" para selá-la foram desejados por Abraão. Ele amava o título *ao concerto* e sua fé o buscava; mas não buscou mais do que a graça, o propósito e o soberano beneplácito já havia planejado dar-lhe.

Deleite em fé decisiva

E aí reside a mais rica e completa consolação. *A fé nunca é ousada demais para agradar ao Senhor.* Nos dias da Sua carne, Ele muitas vezes repreendeu as reservas e suspeitas de pequena fé, mas nunca a força e a decisão de uma fé que visava tudo e não iria sem uma bênção. Assim, o próprio *estilo* com que, neste belo capítulo (Gn 15), Ele responde à fé de Seu servo, nos fala do deleite com que Ele nutriu a ousadia de Seu servo. O próprio estilo da resposta fala isso aos nossos ouvidos; como posteriormente no caso do paralítico em Lucas 5; pois ali as palavras: **"Homem, os teus pecados te são perdoados"**, contam como o coração do mesmo Senhor, o Deus de Abraão, foi revigorado pela fé que quebrou o telhado da casa sem pedir licença, a fim de alcançá-Lo. E é o mesmo aqui. Quando uma fé excelente, ousada e inquestionável procurava um filho, o Senhor Deus levou Abraão para fora naquela mesma noite e, mostrando-lhe os céus estrelados, disse-lhe: **"Assim será a tua descendência"**. Quando uma fé semelhante deseja que a terra seja assegurada por algo mais do que uma palavra de promessa, o mesmo Senhor garante o concerto pela passagem de uma tocha de fogo entre as metades do sacrifício.

Esse *estilo,* como eu disse, é cheio de significado. Ele fala eloquentemente (posso dizer?) da mente divina. O Senhor não Se

contenta em meramente prometer um filho, como uma simples palavra de boca, ou simplesmente dar alguma outra garantia a Abraão de que a terra será a herança de sua semente; mas, em cada caso, Ele realiza certas ações e as conduz com solenidades tão augustas e impressionantes, que nos permite saber instintivamente o deleite com que Ele ouviu essas exigências da fé.

Conte com o coração de Deus

Quem dera que conhecêssemos o nosso Deus como Ele deve ser conhecido, para Seu louvor e nosso conforto! Deleites de amor para serem usados. O amor se cansa com cerimonialismo. É, à sua maneira, uma transgressão à própria natureza do amor e do seu modo essencial de agir. A afeição familiar, por exemplo, deixa a cerimônia de lado o dia todo. Ali há intimidade e não formalismo. O formalismo seria muito desajeitado para isso, assim como a armadura de Saul foi para Davi. Ele não a tinha experimentado e, portanto, não poderia usá-la. Amar é cuidar dos assuntos da casa em um e em outro, e a confiança comum de todos permite que isso seja feito à maneira do amor. Assim o Senhor quer que seja Consigo mesmo. A intimidade de fé é de acordo com Sua graça, e a cerimônia é apenas um aborrecimento para Ele.

A graça, como às vezes cantamos, é "um mar sem costa", e somos encorajados a zarpar com as velas totalmente abertas. O pote de óleo não teria fundo, se a fé da mulher *ainda* extraísse dele; e as vitórias do rei de Israel teriam ocorrido em rápida sucessão, até que nenhum sírio tivesse sobrado para contar a história, se sua fé tivesse pisado o campo de batalha como alguém que o conhecia apenas como um campo de conquista (2 Rs 4 e 13). Mas estamos estreitados. A ousadia da fé é um elemento muito delicado para o coração mesquinho do homem que não pode confiar no Senhor: embora, abençoado em dizê-lo, é aquilo que *responde,* bem como *usa,* a graça ilimitada de Deus.

A mente crente é a mente feliz; e é também a mente obediente, a mente que glorifica a Deus. É a mente agradecida e adoradora; a mente também que mantém o santo mais pronto para o serviço e separado das contaminações. Podemos estar vigilantes, e isso está correto; podemos estar julgando a nós mesmos, e isso está correto; podemos ter o cuidado de observar a regra da justiça em tudo o que fazemos, e isso é correto: mas em tudo, manter o coração elevado à luz do favor de Deus, pelo exercício de uma mente que crê de maneira simples, como de uma criança, isso é o que O glorifica, é isso que responde à Sua graça, é isso que acima de tudo se mostra gratidão Àquele com Quem temos de tratar. **"Temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos"**. Não é a realização, não é a vigilância, não são os serviços ou deveres que nos autorizam a fazer essa jornada, que dá à alma a entrada naquele lugar rico do favor divino – *pela fé* temos acesso a esta graça na qual permanecemos.

Mas continuamos ainda nesta história e a achamos rica em outras instruções e ilustrações da vida de fé.

Um santo traído pela natureza

Sara agora surge pela primeira vez numa ação independente (Gn 16-17).

A fome já havia, como vimos, tentado Abraão a buscar a *terra* do Egito, e ele obteve os recursos daquela terra, com vergonha e tristeza, e uma cansativa jornada de volta a Canaã. Sara agora tenta Abraão a que procurasse a *escrava* do Egito.

Sabemos o que esta escrava egípcia é a partir do ensino divino da epístola aos Gálatas. Ela é o concerto do monte Sinai, a lei, a religião das ordenanças; e Sara, em suas sugestões a Abraão para que ele tomasse esta egípcia, representa *a natureza,* que sempre encontra seu alívio e seus recursos na carne e no sangue; ela encontra ali também sua *religião,* assim como tudo o mais.

O Espírito ainda não havia lidado com a alma de Sara. Pelo menos, não tivemos nenhuma manifestação disso. Ela era certamente uma pessoa eleita; mas a nossa eleição ocorre muito antes de nos tornarmos o objeto da obra divina; e, até agora, a vida espiritual, a vida de fé, a operação da verdade em Sara por meio do Espírito Santo, não havia sido testemunhada.

Ela ainda não havia sido mencionada pelo Senhor. Ela não tinha sido companheira de seu marido quando ele exercitava seu espírito diante de Deus, nem sua companheira na escola de Deus. Ela não foi chamada com Abraão para contar as estrelas ou para assistir ao sacrifício. Ela ainda estava, posso dizer, no lugar da natureza; e consequentemente ela convida seu marido a dar sua semente por meio de sua escrava egípcia.

Esse é o seu lugar nesta ação; e Abraão se torna o santo *traído pela natureza,* conduzido no caminho da natureza, surpreendido por uma tentação daquele lado agora, como havia sido antes pela pressão da fome.

Mas tudo isso é incredulidade e afastamento de Deus. É o jeito do homem, o jeito da natureza; não de fé ou do Espírito. Recorremos naturalmente à lei, à escrava, à religião das ordenanças, quando a *alma* sente sua necessidade; assim como naturalmente descemos ao Egito, ou buscamos o mundo, quando nossas *circunstâncias* são de necessidade. Trata-se de incredulidade e afastamento de Deus, como se vê até em Abraão; mas deixar Deus e as restaurações de Sua graça, quando a alma precisa, é uma ofensa mais grave e errada contra Ele, do que buscar ajuda como no Egito, quando nossas circunstâncias são de necessidade. Minha pobreza pode me tentar a usar truques e artifícios, o que já é bastante ruim; mas se minha consciência deseja cura, se brechas internas precisam ser reparadas, para que eu possa andar novamente na luz desfrutada de Seu semblante, e vou para a mera religião, ou para ordenanças, ou para qualquer coisa que não seja as provisões de Seu próprio santuário, isto é ainda pior.

Deus Todo-Suficiente

As Agares e os Faraós, as escravas e a riqueza do Egito, são recursos pobres para os Abraãos de Deus. Mas assim tem sido, e assim é, pelo agir da natureza. Mas Abraão (veremos agora para nosso conforto) está sob o olhar de Deus, embora guiado pelas sugestões de Sara. Deus tem Seu lugar nele, assim como a natureza também tem; e Ele o afirmará para sua restauração. Ele surge em sua alma em uma nova revelação de Si mesmo, exigindo de Seu santo a nova obediência de fé. **"Eu Sou o Deus Todo-poderoso; anda em Minha presença e sê perfeito"**. Pois a alma de Abraão havia perdido esta verdade, a onipotência ou a total suficiência de Deus. Ele entrou a Agar; ele adquiriu confiança na carne; ele havia deixado o terreno em que havia pisado em Gênesis 15; mas o Senhor não permitirá e não pode permitir isso; e, portanto, Se levanta, em uma revelação renovada de Si mesmo, no espírito de Seu santo; e é um levantamento **"trazendo curas nas suas asas"** (TB); **"Então, caiu Abrão sobre o seu rosto"**, convencido e envergonhado, e a alma é conduzida novamente pelos caminhos da justiça.

A restauração de Deus

Certamente existem até hoje tais momentos na história de **"todos os que creem"**, bem como de seu **"pai Abraão"**. Abraão não havia caído sobre o seu rosto quando o Senhor lhe apareceu e falou com ele em Gênesis 15. Lá estava ele, consciente de que estava na luz com o Senhor. Mas trevas agora tomaram conta de sua alma e ele não está pronto para o Senhor. Ele está caído sobre o seu rosto, calado e pasmado. Ele não está de pé, defendendo as causas da fé, como ali; mas em seu rosto, quieto e confuso. A mudança na sua experiência é grande; mas não há mudança no Senhor; pois é o mesmo amor, quer Ele repreenda ou console. Se andarmos na luz, teremos comunhão com Ele; se confessarmos os nossos pecados, temos perdão com Ele; se formos capazes de estar diante d'Ele, Ele nos alimentará e nos fortalecerá; se

precisarmos cair convencidos em Sua presença, Ele nos levantará novamente.

Este é um caminho excelente e sóbrio do espírito de um santo. Há uma realidade profunda aqui. O afastamento de Deus revela-se amargura; mas Deus Se revela à alma como restauração e paz; e sob Sua mão graciosa a fé é novamente encorajada, e Abraão insiste em seu pedido, como alguém que estava novamente no vigor de Gênesis 15, e busca a Deus para que Ismael possa viver diante d'Ele.

Como se anseia por ter sua própria alma formada por essas benditas revelações da graça e pela obra interior de fé que responde a elas. A cena muda; mas Deus e a alma ainda estão juntos. Existe realidade – realidade na tristeza e no gozo, na luz do semblante divino e na ocultação do nosso próprio rosto como no pó.

Mistérios divinos

Tudo isso pode ser dito da vida de fé, conforme visto em Gênesis 16-17. Mas ao entrar na próxima cena de ação em Gênesis 18-19, observo que na vida de Abraão obtemos algo além desses exercícios e ilustrações de fé. *Também recebemos exposições de certos mistérios divinos.*

Todos os fatos desta história são verdades simples. Eles aconteceram exatamente como registrados. Mas há neles um duplo propósito: ou dar exemplos da vida de fé de um santo, ou dar ilustrações de alguns grandes caminhos e propósitos de Deus.

E tais ilustrações dos conselhos e mistérios divinos são o caminho comum da sabedoria divina em toda a Escritura. O que era o tabernáculo ou templo senão um lugar para a constante repetição de mistérios, como expiação e intercessão, e a ordem variada de Deus na adoração e nos serviços de Sua casa, ou no ministério da graça? Pois tais eram os sacrifícios e os serviços ali,

as festas, e os dias santos, e os jubileus. Da mesma forma, o que foi o êxodo, a jornada pelo deserto, a entrada em Canaã, as guerras ali e depois o trono do pacífico? Não eram todos estes, sejam institutos do santuário, ou fatos da história, exibições dos conselhos eternos e ocultos do seio divino?

O mundo de Sodoma

Agora, a história de Gênesis 18-19 nos sugere essa lembrança. Esses capítulos devem ser lidos juntos e nos proporcionam uma ampla e vívida exposição de certas grandes verdades, que nos preocupam neste momento, em um sentido tão completo quanto os próprios fatos, que nos transmitem como em uma parábola, diziam respeito a Abraão e sua geração.

Sodoma, naquele dia, era o *mundo.* Ela havia sido avisada, mas recusou instruções. Ela provou estar incuravelmente afastada de Deus e além da correção. Sodoma foi visitada e castigada no dia da vitória dos reis confederados – como vimos em Gênesis 14; mas ainda era Sodoma, e estava, neste momento, em iniquidade avançada, em um estado de apostasia amadurecida, seu último estado pior que o primeiro.

Sodoma era o *mundo* neste dia. O Senhor Jesus, em Seu ensino, dá-lhe moralmente esse lugar, assim como outra geração havia sido o mundo nos dias de Noé (veja Mateus 24; Lucas 17). Elas são como figuras que apresentam aos nossos pensamentos o **"presente século** [**mundo** – ARA] **mau"**, que está amadurecendo para o julgamento de Deus.

Julgamento, livramento e separação

Em tal crise, entretanto, nesse dia do julgamento de Sodoma, ou da derrubada das cidades da campina, como em qualquer outro dia, há dois assuntos incidentais a serem profundamente ponderados por nossa alma; há *livramento do julgamento* e há *separação antes que ele chegue.* Temos Ló e Abraão. Ló foi

livrado, quando chegou a hora da crise; Abraão está separado antes dela chegar.

Tudo isso é muito para ser pesado em nossos pensamentos. *Julgamento, livramento, separação* – estes são os elementos da ação aqui, e são cheios de significado e de aplicação à nossa própria história como Igreja de Deus e ao mundo que nos rodeia.

Antes de esta ação começar, Abraão estava em um lugar celestial. Ele era um estranho na Terra, tendo apenas sua tenda e vagando de um lugar para outro sem possuir sequer um pedaço de terra, nem ainda o espaço de um pé – e agora, quando chega o julgamento, ele está completamente separado dela, como Enoque, o Enoque celestial, em outro e anterior dia de julgamento. Cada um deles, no dia da visitação, estava do lado de fora, além ou acima do cenário da ruína; não apenas livrado dela quando a hora chegou, mas separado dela antes que viesse.

Abraão já havia estado com o próprio Senhor em uma elevação que dava vista para Sodoma, enquanto ele e o Senhor caminhavam juntos desde a planície de Manre; e agora, quando o julgamento atinge aquela cidade apóstata e contaminada, Abraão está novamente, naquele lugar alto, contemplando a desolação ao longe. Ele estava (no espírito do lugar onde estava) em companhia d'Aquele que estava executando o julgamento. Mas Ló é apenas resgatado. Ló é um homem livrado, Abraão é um homem separado. Assim como Abraão é o Enoque, Ló é o Noé destes dias posteriores, e é retirado da cidade entregue à destruição.

O dia do homem termina em julgamento

Que mistérios são esses! Que realidades solenes, nos conselhos de Deus, são aqui encenadas para nosso aprendizado! Sabemos para o que estamos vendo em tudo isso? Não vemos os grandes propósitos de Deus, como num espelho, nesta ação variada e cheia de acontecimentos? Temos que perguntar: Onde está esse terreno místico no qual estamos aqui em pé? Certamente, amado,

deveríamos saber disso. Nesta ação, o mundo, tal como Sodoma, está em figura encontrando o seu destino; o remanescente justo, como em Ló, é livrado daquela hora de ira; e a Igreja, como em Abraão, já separada e elevada, olha ao longe para o cenário da poderosa desolação. Certamente estes mistérios estão diante de nós nesta ação em Sodoma. **"Conhecidas por Deus são todas as Suas obras desde o princípio do mundo** [**desde a eternidade** – JND]**"** (At 15:18 – KJV). O mundo, a Igreja e o reino estão aqui em mistérios ou figuras; aquilo que deve ser julgado; aquilo que será separado para a glória celestial; aquilo que deve ser entregue e, portanto, reservado novamente para a Terra após a purificação. Enoque, Noé e a criação submergida estão novamente aqui em Abraão e Ló e nas cidades condenadas da planície.

Estes são mistérios dos quais o Livro de Deus está repleto. E desta forma é-nos novamente testemunhado o que somos e onde estamos, embora peregrinando aparentemente na trilha comum da vida humana cotidiana, com uma geração, no espírito de sua mente, ainda, como sempre, dizendo: **"Onde está a promessa da Sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação"**.

Muitas coisas incidentais podem ocorrer à mente nesta, como em outras seções desta maravilhosa história; como a visita do Filho de Deus a Abraão; a intercessão de Abraão por Sodoma; a reserva dos anjos para com Ló; e os caracteres contrastantes dos dois santos – o santo da tenda e o santo em Sodoma. Mas meu propósito, neste livro, não abrange tais detalhes. Mas eu perguntaria, ao encerrar esta ação nos capítulos 18-19. Será que estamos, amados, apreensivos com o momento no qual vivemos? Estará o **"dia do homem"** iluminando seu meridiano diante de nós, ascendendo ao seu esplendor do meio-dia? E o que pensamos disso? Estaremos nos unindo às felicitações do homem com o seu semelhante, que assim seja? Ou todo esse brilho é suspeito e desafiado por nós, como o precursor seguro

do julgamento de Deus? Sabemos que o deus deste mundo encontra uma casa **"varrida e adornada"** como um cenário tão completo para sua energia maligna e destrutiva quanto Sodoma? Julgamos, com a nossa geração, que isso não pode acontecer? Ou temos em mente que é numa casa como essa que ele trabalhará no encerramento da história da Cristandade? E estamos esperando que o Filho de Deus nos leve até aquela mística elevação para onde antigamente Ele levou Seu Abraão? Que o Senhor nos dê graça para ocupar tal terreno! E faremos isso com mais facilidade e naturalidade se, como Abraão, formos santos da tenda e não da cidade – santos tais (novamente como Abraão) que se regozijam, **"quando tinha aquecido o dia** [**no maior calor do dia** – ARA]**"**, em manter comunhão com o Senhor da glória.

Uma mentira

Depois disso iremos, com nosso patriarca, para a terra dos filisteus, onde ele peregrinou durante os tempos de Gênesis 20-21.

O antigo acordo entre Abraão e Sara é posto em prática novamente, depois de tanto tempo, agora em Gerar, como antes havia acontecido no Egito. Foi feito entre eles antes de deixarem sua terra natal. Foi trazido com eles desde o local de seu nascimento. Posso dizer que isso estava neles muito antes do que qualquer coisa feita por Deus; e depois de muitas mudanças e exercícios, a mesma coisa permanece neles e com eles.

Foi uma coisa muito má – tanto sutil quanto impura. Era falsa, e, no entanto, ilusória, e cheirava fortemente à serpente, daquele que é mentiroso e pai da mentira. Abraão foi forçado a revelá-la, por mais vil que fosse, ao rei de Gerar. **"E aconteceu que, fazendo-me Deus sair errante da casa de meu pai, eu lhe disse: Seja esta a graça que me farás em todo o lugar aonde viermos: dize de mim: É meu irmão"** (Gn 20:13). Isso foi pior do que poderíamos temer. Não houve um princípio na vida de fé que não

fosse contraditado por um pacto tão vil como este, trazido com eles desde o próprio local de seu nascimento. E tal é a carne, a corrupção inata. Seu caminho, sempre que é seguido, é vergonha e profunda desonra. Degrada um santo mesmo diante dos homens. É isso que confundirá e exporá um Abraão diante de um Abimeleque. E ela nunca muda, nem melhora, nem deixa de existir. É a mesma no Egito e em Gerar. Ela ainda vive em nós e nos segue por toda parte. Obtemos isso ao nascer, desde os lombos de Adão; e devemos, pela consistência natural do nosso caminho como chamados de Deus, mortificá-la e recusá-la.

Na verdade, é lamentável ter que ver uma coisa como esta. Mas o Espírito de Deus não esconde nada. Aí está diante de nós, essa coisa vil e perversa no caminho do Espírito que registra tudo. Temos, no entanto, outros objetos mais felizes.

O progresso de Sara

O progresso da alma de Sara, sob a luz e direção do Senhor, deve ser seguido em seu próprio caminho peculiar e instrutivo. Sob a influência da carne, ela, no início, juntou-se a Abraão neste pacto impuro, do qual acabei de falar. Em incredulidade, ela posteriormente, como também vimos, deu Agar ao seu marido; e então, na pressa e na rebelião do coração, ela se ressentiu dos efeitos daquela incredulidade e expulsou a escrava, a quem ela havia adotado e estabelecido na família. Mas por ordem do Senhor, Agar voltou para ela; e agora, na época dessa ação, ela havia estado com ela em casa durante quatorze anos. Não houve nela, no entanto, nenhuma manifestação da mente renovada, ou de vida de fé. Foi mesmo durante esses anos que, incrédula, ela riu da promessa, atrás da porta da tenda. Mas ainda assim, posso dizer, durante esse período, em certo sentido, ela estava *na escola;* e ela parece ter aprendido uma lição, pois se submeteu com paciência e sem resistência à presença da escrava e do filho na casa do seu marido. Não ouvimos falar de novas disputas entre elas. Isso era algo; um testemunho de que ela estava nas mãos de Deus, até que finalmente, como sabemos, ela recebeu fé para

conceber a semente (Hb 11). Uma grande jornada, porém, depois de tudo isso, está agora prestes a ser percorrida pelo seu espírito. Ela deve assumir a liderança até mesmo sobre seu marido. E isso é feliz – bastante comum também entre os santos – mas feliz, muito feliz. E se tivéssemos um coração liberto – um coração entregue apenas ao desejo da glória de Cristo – deveríamos nos regozijar com essas descobertas, feitas nas regiões do Espírito, embora nós mesmos tivéssemos que ser humilhados por elas. **"Os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros"**. Estes estão entre os caminhos das *"almas nascidas de novo"* e ainda devem ser discernidos por aqueles que *"marcam os passos da graça"*. Paulo poderia dizer de alguns: **"que foram antes de mim em Cristo"**; mas podemos ousar acrescentar, nesse caso, embora ele não o tenha dito: *"O último foi primeiro"*. E a liberdade generosa da alma redimida apenas se gloriará nesses atos soberanos do Espírito.

A elevação de Sara acima de Abraão nas coisas do reino de Deus aparecerá agora como ilustração de tudo isso. Em obediência ao mandamento, Abraão chama o filho que nasceu de Isaque. Mas Sara *interpreta* esse nome: e este é um exercício mais refinado da alma sobre o dom de Deus. Obedecer a uma palavra é bom; mas obedecê-la no gozo de um coração exercitado e na luz e inteligência de uma mente que entrou no sentido divino dessa palavra, é melhor.

A ousada fé de Sara

Abraão chamou o filho que lhe nasceu de Isaque; mas Sara disse: **"Deus me tem feito riso; e todo aquele que o ouvir se rirá comigo"**. O oráculo de Gênesis 17:19 se tornou para ela mais do que um mandamento a ser observado. Tinha fontes de refrigério e chamas de alma. Estava cheio de luz e significado para o entendimento aberto de Sara. E isso conduz à força e à decisão. Aquela Débora dos dias antigos fortalecerá os lombos de Baraque. **"Deita fora esta serva e o seu filho"**, diz Sara a Abraão; pois ela estava feliz na liberdade da graça e da promessa,

enquanto ele ainda permanecia entre as reivindicações da natureza e os desejos que seus próprios lombos haviam gerado. **"Deita fora esta serva e o seu filho; porque o filho desta serva não herdará com meu filho, com Isaque**". E esta era *Escritura,* como lemos em Gálatas 4; esta era a voz de Deus. Esta decisão de fé, na liberdade da graça, é imediatamente selada pelas próprias mãos de Deus. "**Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou"**, diz o Espírito. E o que satisfez a mente do Senhor, nos dias de Sua carne, como a fé que era ousada e livre, dessa maneira? A fé que usaria d'Ele sem cerimônia, que O alcançaria através de uma multidão, que o pressionava por meio das censuras silenciosas de um fariseu que julga mal, ou por meio dos sussurros injuriosos de uma multidão hipócrita! E quanto da energia do Espírito em Paulo está empenhado em dar ao pecador esta preciosa ousadia, esta imediata segurança de coração em Cristo, apesar da lei, da consciência, da Terra e do inferno!

Esta ousadia de fé em Sara, este desafio da escrava, esta exigência (em seu próprio nome também) de que ela pudesse desfrutar sozinha de seu Isaque, é *Escritura* (Gl 4:30). Ela falou como **"os oráculos de Deus"** (ARA). Mas em Abraão a natureza agora atua. Ele de bom grado manteria Ismael. Isto não é algo estranho. A natureza agora atua em Abraão e a fé em Sara; como, numa ocasião anterior, que notamos, a natureza agiu em Sara e a fé em Abraão. Mas a natureza em Abraão deve submeter-se. Ele não deve permitir que Sara fique mais embaraçada neste jugo de escravidão. A casa deve ser libertada de Ismael, pois será construída somente em Isaque. **"o filho da escrava não será herdeiro com o filho da livre"** (TB).

Glória entra

Mas tudo isso rapidamente dá seus frutos. Tendo Agar partido e a casa estabelecida em Isaque de acordo com esta exigência de fé, a glória está, portanto, rapidamente pronta para entrar. Pois esta é a ordem divina. Tendo **"entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de**

Deus". Tal é a ordem do Espírito na alma de tal santo; e tal é a ordem agora na casa mística de nosso Abraão.

Abraão é procurado pelos gentios. Isto está cheio de significado. Nos dias de estresse e fome, Abraão procura os gentios, seja no Egito ou na Filístia; mas agora, o gentio procura Abraão. Esta é uma grande mudança. A casa de Abraão, como vimos, está agora estabelecida em graça. Ismael é despedido e Isaque é glorificado. No sentido místico, Israel se voltou para o Senhor, o véu foi removido, Jerusalém disse a Cristo: **"Bendito Aquele que vem em nome do Senhor"**, sua guerra é, portanto, realizada, e ela está recebendo o dobro. O gentio busca Israel. Abimeleque e Ficol, o rei e seu capitão-chefe, vão até Abraão.

Esta é uma grande mudança dispensacional. Israel é a cabeça agora, e não a cauda. A orla da veste do Judeu agora é segurada pelas nações; pois o Judeu, pela fé, se apegou ao Senhor, e as nações dizem: **"Deus está convosco"** (Gn 21:22; Zc 8:23).

Isto está cheio de significado; e Abraão em tudo isso (guiado pelo Espírito) está cheio de pensamentos de glória ou do reino. E com razão. Porque, quando o Judeu é procurado pelos gentios, em vez de ser pisoteado ou degradado pelos gentios, o reino está próximo. Consequentemente, quando o rei de Gerar o procura e lhe suplica, nosso patriarca ergue um *novo* altar; não o altar de um estranho celestial, como em Gênesis 12, mas um altar ao **"Deus eterno"**; não um altar num mundo deserto, mas um altar ao lado de um *bosque* e de um *poço;* aquele sendo um testemunho de que os lugares secos se alegraram e que o ermo estava exultando; o outro, de que os povos da Terra estavam confederados com a semente de Abraão. (O Senhor Jesus, em Seus dias, reconheceu esta mesma promessa ou sinal do reino. Pois quando os gregos vieram para a festa e pediram para vê-Lo, como o gentio aqui procura Abraão, Seus pensamentos estão imediatamente em Sua glória. Ele sabe de fato que a glória só será alcançada por Sua morte, e assim Ele testifica; mas ainda

assim, Seus pensamentos vão imediatamente para a glória. Leia sobre isso em João 12:23.)

Beleza moral

Toda esta inteligência brilhante da fé em Abraão é muito bonita. Já vimos outras atuações dela nele. Ele conheceu um tempo de paz e um tempo de guerra, e agiu de acordo no dia da batalha dos cinco reis contra quatro. Então, novamente, ele conhecia seu lugar celestial e o tomou, quando o fogo do Senhor julgava as cidades da planície. Então, novamente, como este capítulo de Gênesis 21 nos mostra de maneira muito notável, ele também sabia quando sofrer injustiça e quando se ressentir, quando ser passivo e quando fazer valer seus direitos. Pois agora, no tempo deste capítulo, quando o gentio o procura, ele repreende Abimeleque por ter um poço de água que os servos de Abimeleque haviam tomado com violência. *Mas ele não havia reclamado dessa injustiça até agora;* pois Abimeleque lhe disse: **"Eu não sei quem fez isto; e também tu mo não fizeste saber, nem eu o ouvi senão hoje"**. E isso é extremamente belo. É perfeito em sua geração. Abraão havia sofrido até agora e suportado pacientemente, porque até agora ele havia sido um estranho celestial na Terra; e tal sofrimento paciente em tal pessoa é aceitável para Deus. Mas agora, os tempos mudaram. O estrangeiro celestial tornou-se o cabeça das nações, procurado pelos gentios; e os acertos e erros devem agora ser resolvidos e o clamor dos oprimidos deve ser ouvido.

Tudo isso contém grande beleza moral. Não sei como admirar suficientemente esta obra do Espírito na mente de Abraão. Ele era um israelita que conhecia as estações do ano – quando estar na Páscoa e quando estar na Festa dos Tabernáculos. Ele sabia, em espírito, quando continuar com Jesus em Suas tentações e, então, novamente, quando chegasse o dia, como cercá-Lo de hosanas quando Ele entrasse na cidade do Filho de Davi. Todas essas luzes variadas e mescladas brilharam na inteligência espiritual de sua alma. Deus, pelo Espírito, comunicou uma mente maravilhosa

a Abraão. Em outros dias, ele não teria nem ainda o espaço de um pé – ele entregaria a escolha da terra a Ló – ele deixaria o cananeu onde o encontrou – ele se recusaria a ser enriquecido pelo rei de Sodoma, mesmo que seja apenas um fio ou uma correia de sapato – ele vagava para cima e para baixo em sua tenda aqui, um estranho do céu – mas agora, em um dia anunciado e marcado pela mão de Deus, ele pode ser outro homem, e conhecer seu lugar milenar, como pai do Israel de Deus, e seu representante como cabeça das nações. Ele pode celebrar a Festa dos Tabernáculos em sua época. Sua repreensão a Abimeleque – seu entretenimento a Abimeleque – seu enriquecimento a ele – seu compromisso com o concerto com ele – e tudo isso com uma dignidade tão fácil e consciente – e então seu novo altar ou seu chamado a Deus em um novo caráter, e sua plantação de um bosque, todos falam de outro homem, e que uma transfiguração, se assim posso falar, ocorreu nele, segundo Deus.

Um homem morto e ressuscitado

Julgo que tudo isso tem um grande caráter. Mas não ficarei mais aqui; pois há ainda mais nesta excelente vida de fé que nosso pai Abraão, pela graça, seguiu até o fim, mantendo ainda o início de sua confiança.

E aqui, deixe-me dizer, esta vida de fé é, em outras palavras, uma vida vivida no *poder da ressurreição.* É a vida de um homem morto e ressuscitado. É uma lição, se pudermos falar pelos outros, realmente difícil de ser aprendida de maneira eficaz, mas ainda assim é a lição, a lição prática de nossa vida, de que somos um povo morto e ressuscitado. No início, Abraão, em espírito, assumiu esse caráter. Ele deixou para trás tudo o que a natureza ou o mundo lhe proporcionaram. Deixou aquilo ao qual o seu *nascimento* lhe havia introduzido, por aquilo ao qual *a fé* lhe havia introduzido. E como ele começou, assim ele continuou e terminou, com falhas no caminho, de fato, e isso também

repetidas vezes, mas ainda assim, até o fim, ele foi um homem de fé, um homem morto e ressuscitado.

Como tal, ele recebeu Isaque, há cerca de vinte anos, sem considerar seu próprio corpo agora mortificado, nem ainda a mortificação do ventre de Sara; e como tal ele agora oferece Isaque sobre o altar pela palavra do Senhor. A promessa era *de Deus* – isso era suficiente para ele. Pois *a fé* nunca é superada. Possui recursos divinos e infinitos. O crente falha repetidas vezes; mas a fé nunca é superada ou fica aquém da sua expectativa (Gn 22).

Este é o caminho da fé, quando Isaque foi exigido. (Existem *mistérios,* bem como *ilustrações de fé* nessas coisas; mas não posso segui-los aqui. A oferta de Isaque em Moriá, nenhum de nós duvida, é um mistério. Assim, eu certamente sei, é também a ação de Agar e Ismael em Gênesis 21. É a imagem do atual Judeu *proscrito,* mas *preservado* – um fugitivo sem-teto, destinado, no entanto, a futuros propósitos de misericórdia - veja Gálatas 4:25. Mas não sigo essas coisas particularmente aqui.) E a mesma fé vitoriosa que traçamos na cena seguinte, o sepultamento de Sara. Esta era a mesma fé, a fé de um homem morto e ressuscitado, a fé que já tinha *recebido* Isaque e *oferecido* Isaque, agora sepulta Sara. Abraão cria na ressurreição e em Deus como o Deus da ressurreição, o Deus que vivifica os mortos e chama as coisas que não são como se já fossem. A cova de Macpela nos diz isso. "*Terra à terra, pó ao pó, cinzas às cinzas, em esperança segura e certa",* era a linguagem do coração de Abraão ali. A compra daquele lugar, com todo o cuidado de torná-lo seu, de tê-lo como sua possessão, embora além dele ele não se importasse com um único acre de toda a terra, nos fala de sua fé na ressurreição. Seu tratado com os filhos de Hete é como suas palavras a seus servos ao pé do monte Moriá: "**Ficai-vos aqui com o jumento, e eu e o moço iremos até ali; e, havendo adorado, tornaremos a vós**". Cada uma dessas coisas revelava de antemão o que ele sabia sobre seu Isaque e sua Sara. Ele entregou cada um deles nas

mãos d'Aquele que, como ele sabia, vivifica os mortos. O grão de trigo morrendo, como ele sabia, viveria novamente. O punhado de pó santo, como ele sabia, seria ajuntado novamente. A própria morte foi encarada como vitória da fé, como já havia sido contemplada o fogo, a lenha e a vítima amada no altar (Veja o relato em Gênesis 23);

Fé calma

Estas foram novamente as vitórias da fé. A fé em nosso patriarca, dessa maneira, dirigiu-se calmamente em todas as circunstâncias e venceu a todas, cada uma por sua vez. Maravilhosas vitórias de **"fé igualmente preciosa"**! E eles ainda são ganhos. A fé ainda elimina uma circunstância após outra à medida que surge. Ela enfrenta a nossa condição pessoal de **"mortos em delitos e pecados"**; enfrenta as dificuldades e tentações do caminho; enfrenta o último grande inimigo. Não me deixe admirar por encontrar coisas no caminho, ou no final dela, se já encontrei o que me resistiu no início. A fé irá ao monte Moriá, ou à cova de Macpela, se ela já tiver saído na noite estrelada com o Senhor em Hebrom. Se ela encontrou morte em minha própria pessoa, poderá encontrá-la em meu Isaque ou em minha Sara. É falado da Sua graça, e não da própria experiência. Mas ainda assim, amados, que cada um de nós diga: Não estou em paz com Deus? Não sei que Ele é por mim? Não sei que minha situação de pecado, culpa e condenação foi resolvida em Sua graça? Não sei que fui lavado, aceito, adotado? Não saí com Abraão, como na noite de Gênesis 15, e encontrei alívio para meu próprio estado natural, e não devo então continuar meu caminho, mesmo que me aguarde a provação do monte Moriá, ou a morte e sepultamento em Macpela? Se a fé já encontrou o pecado, é para que ela saiba que é vencedora até da morte. Que nossa alma se acostume ao pensamento de que a *mais brilhante vitória da fé foi alcançada no início* – que, se estamos em paz com Deus, apesar do pecado, podemos contar com a força e o conforto d'Ele, apesar das provações do caminho, e no poder e triunfo n'Ele, apesar do fim dele. A fé que realizou sua *primeira* obra realizou a

sua *maior* obra. **"Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida"** Deus é glorificado nessas considerações de fé. **"Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes, O entregou por todos nós, como nos não dará também com Ele todas as coisas?"**

Este é o poder da vida sobre a morte, da vida na vitória que a fé usa. Foi desse tal poder de vida vitoriosa que Abraão se apossou pela fé. O sepulcro está vazio e os trajes mortuários estão ali, como despojos de guerra. A mortificação de seu próprio corpo, o altar de seu Isaque e o sepulcro de sua Sara, foram visitados e inspecionados por um homem *ressuscitado,* à luz da fé d'Aquele que é o Vivificador dos mortos, e chama aquelas coisas que não são como se já fossem.

Ainda um estranho e peregrino

Estas são as grandes coisas de fé na alma dos eleitos. Mas ainda mais longe, nesta história fecunda e cheia de mudanças. Abraão, no final, é visto mantendo sua primeira posição, bem como obtendo suas vitórias como no início. Ele mantém, pela graça, em pé e firme, aquela mesma atitude que ele assumiu imediatamente e no início, quando pela fé deu ouvidos ao chamado de Deus.

Esse chamado de Deus fez essas duas coisas com Abraão, posso dizer, *por* Abraão; isso o separou da Mesopotâmia e ainda assim o deixou como um estranho em Canaã. Ele havia sido retirado da sua terra, da sua parentela e da sua casa paterna; mas ainda assim, no meio daquela terra e do povo para o qual ele havia vindo, ele seria apenas um peregrino, habitando como se estivesse na superfície dela, em uma tenda, em qualquer parte dela que ele pudesse passar ou visitar.

Esta posição era muito santa. Sua separação foi dupla: separação da contaminação, tais como as que ele poderia encontrar em Canaã; separação de alianças naturais, tais como as em que ele nasceu na Mesopotâmia. Ele estava sob o chamado do Deus da

glória; e tal chamado não fez acordo nem com a carne nem com o mundo. Em certa medida de santidade levita, ele não conheceu os filhos de sua mãe; em certa medida de santidade da igreja, ele não conheceu nenhum homem segundo a carne. Não; além de tudo isso, em alguma virtude de seu divino Senhor, ele não conhecia *a si mesmo.* Ele era o herdeiro da terra onde era um peregrino. A *promessa* de Deus era dele, tão certa quanto o *chamado.*

Ele sabia que estava destinado, por propósito divino e incontestável, à dignidades de ordem muito elevada. Mas até o fim ele estava disposto a passar por desconhecido, totalmente desconhecido. Ele falava de si mesmo para os filhos da terra apenas como sendo um estrangeiro e peregrino. Ele pagaria pelo menor terreno que quisesse. Ele não seria nada e ninguém no meio deles. Ele nunca falou das dignidades que ele sabia, o tempo todo, estarem realmente ligadas a ele. Davi, com o mesmo espírito, em outros dias, tinha sobre si o azeite de Samuel, a consagração de Deus ao trono das tribos de Israel; e ainda assim ele ficava escondido e agradecia a um vizinho rico, em sua necessidade, por um pedaço de pão. Esses homens de Deus não conheciam a si mesmos. Este foi o caminho do nosso Abraão; e esta foi a virtude d'Aquele que, neste mesmo mundo morto e mau, tornou-Se sem reputação, embora fosse o Deus do céu e da Terra.

Benditas virtudes da alma sob o poder do chamado de Deus, por meio do Espírito Santo! A Mesopotâmia foi abandonada, Canaã foi afastada e o eu foi esquecido e escondido! O chamado de Deus se propõe a fazer hoje conosco o que naquele dia fez com Abraão. O chamado estaria inclinado a nos conformar consigo mesmo. Sua autoridade é suprema. Não é que a terra ou a parentela estejam, necessariamente, contaminando. A natureza os credencia; e a lei de Deus, a seu tempo, os reconhece e aplica. Mas o chamado de Deus é supremo e exige separação de uma ordem muito elevada, bela e peculiar. E foi isso que se dirigiu a

Abraão quando ele habitava na Mesopotâmia, o lugar de seu nascimento, de sua parentela e de suas associações naturais, e foi isso que ainda ecoou em seu coração durante todo o tempo de sua peregrinação em Canaã.

Fiel ao Seu chamado

Não é que ele tenha sido chamado para afirmar o *dano* de tais coisas. De forma alguma. Mas essas eram as tais coisas que o chamado de Deus deixou para trás; e o dano, ou o erro moral, ou a contaminação de uma coisa não era mais sua regra, mas *inconsistência com o chamado de Deus.* Ele pode permitir o direito e a reivindicação de mil coisas; mas é a voz do Deus da glória, à qual ele já havia ouvido pela fé, que deve guiá-lo e comandá-lo. **"Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus"**.

Ele foi muito fiel ao seu chamado. De acordo com ele, no início ele havia partido, sem saber, diante de si, para onde ele ia, e deixando, para trás de si, tudo o que até a própria natureza precisa atribuir, e tudo, exceto o prazer soberano da sanção de Deus. Ele continuou no poder dela, peregrinando em tendas, desconhecido e desapossado, um estranho no mundo, recusando-se a dar um passo para trás. E no final, encontramos o mesmo poder de seu chamado tão fresco em sua alma como sempre – tão determinado e tão simples em Gênesis 24 como havia sido em Gênesis 12. Ele incumbe Eliezer de agir de acordo com ele na íntegra, como ele mesmo havia feito no início – isto é, ele deveria manter Isaque no lugar de separação a todo custo. Aconteça o que acontecer, Isaque não deveria ser levado de volta à Mesopotâmia, nem aliado a Canaã. Ele deveria, por mais difícil que as circunstâncias pudessem, ser mantido em seu verdadeiro lugar sob o chamado de Deus.

O estranho celestial

Isso tem um grande caráter. Há outro mistério neste extraordinário capítulo 24, como comumente sabemos; mas não comento isso

aqui. Prefiro traçar o caminho determinado e simples, que a fé trilhou do início ao fim, em nosso pai Abraão. A voz do Deus da glória *ainda era* ouvida por ele. Ele *ainda era* o homem separado. Ele declarou claramente que buscava um país celestial. Ele pode ter tido a oportunidade de retornar. Esta mesma jornada de Eliezer provou que ele não havia esquecido o caminho. Mas ele não fez isso, ele não faria isso.

Esta atitude de estrangeiro do nosso patriarca na Terra tem realmente um caráter muito superior. Ele deixou a Mesopotâmia, peregrinou em Canaã, escondeu-se ou esqueceu-se! Abraão deixou Abraão para trás, bem como a sua terra, a sua parentela e a sua casa paterna. Ele se tornou sem reputação. Ele falou de si mesmo como **"estrangeiro e peregrino"**, e assim apenas, aos ouvidos dos filhos de Hete, embora ele fosse, o tempo todo, **"o que tinha as promessas"**. Tudo isso era uma verdadeira e sincera atitude de estrangeiro no mundo. E foi a cidadania consciente no céu que fez dele, dessa maneira, um voluntário estrangeiro aqui. Por causa das possessões em perspectiva, ele poderia passar sem elas em mãos. A terra prometida era para ele apenas uma terra estranha, porque era apenas uma terra de promessa e não de possessão. Ele viu o dia de Cristo e se alegrou; mas ele viu isso de longe (Hb 11:9-14).

E Abraão foi tudo isso até o fim – como nos mostram estes capítulos finais. O caráter que ele assumiu no início, sob o chamado de Deus, esse caráter ele manteve até o fim. Ele falha no poder da fé ao longo do caminho, repetidas vezes, mas ele é o mesmo estrangeiro celestial até o fim de sua jornada. (Na história mística da Terra que nos é dada em Levítico 23, a Igreja é apresentada como o **"pobre"** e o **"estrangeiro"** colhendo as espigas caídas no campo de outro homem, no versículo 22. Mas da mesma forma em que ela entrou naquele campo, ela o deixa. Ela era a pobre, e a estranha, e a respigadora no campo de outro, até o fim. O campo nunca se torna sua propriedade.)

Nossa atitude estrangeira

Vista à luz desta bela figura, é o que o Cristianismo é sob os olhos de Deus!

E estou profundamente certo de que a nossa atitude estrangeira é desta ordem. Pertence a nós o sermos estrangeiros na terra, por causa da cidadania consciente e bem conhecida no céu; separação do mundo, por causa da unidade com um Cristo já ressuscitado. Nada pode alterar isso enquanto estivermos na Terra. Deveríamos olhar na face de um Cristo *rejeitado* para manter esta atitude de um estrangeiro em poder. E assim o fazemos, na medida em que Cristo tem mais valor para nós do que todas as nossas circunstâncias. É por falta disso que nos envolvemos com o mundo como o fazemos. Não aprendemos a lição que Moisés aprendeu – que o vitupério de Cristo era uma riqueza maior do que os tesouros do Egito.

Difícil, mas abençoado. Abraão sabia algo sobre isso em poder. Ele foi um estrangeiro até o fim. Ele poderia ter retornado à Mesopotâmia. Ele não havia esquecido a estrada, como observamos antes; e o respeito e a simpatia constantes de todos os seus vizinhos provaram que não havia inimigo que impedisse a viagem. Mas o chamado de Deus havia fixado seu coração, e ele olhava apenas para onde o chamado o dirigia. (O Senhor Jesus, nos dias de Sua carne, agiu como o Deus que, antigamente, havia chamado Abraão. *Pois Ele colocou as reivindicações supremas de tal pessoa.* **"Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim"**, diz Ele **"não é digno de Mim"**. E novamente: **"Segue-Me e deixa aos mortos sepultar os seus mortos"**. Quem, senão Deus, pode intervir entre nós e tais relacionamentos, tais obrigações e serviços? Deveres e afeições como estes são mais do que sancionados pela natureza; eles são obrigatórios pela lei – a lei do próprio Deus. Mas o chamado de Deus é supremo, e Jesus o afirmou no dia de Sua humilhação aqui.)

Gostaria que a alma mantivesse essas coisas com mais poder! Na verdade, pouco sabe o coração sobre isso, se alguém puder falar pelos outros. Mas elas são reais – o fruto precioso da energia divina nos eleitos de Deus.

Casamento com Quetura

Depois de tudo isso, encontramos outro assunto distinto na história de Abraão. Quero dizer, o casamento dele com Quetura e a família dele com ela.

Esta família de Quetura é, podemos certamente julgar, um mistério distinto. Isto é, Abraão está aqui apresentando uma nova característica da sabedoria divina, ou ilustrando outro segredo nos caminhos das dispensações divinas. Nestes filhos da segunda esposa temos (em figura) as nações milenares, as nações que povoarão a Terra nos dias do reino, os ramos da grande família de Deus naqueles dias, e filhos de Abraão. Eles podem estar distantes, nos confins da Terra; mas eles terão suas porções e serão reconhecidos como uma única extensa família milenar. **"Alegrai-vos, gentios, com o Seu povo"**, será dito a eles. Os confins da Terra serão então a herança de Cristo, tão certamente como a Igreja será glorificada n'Ele e com Ele nos céus, e o trono de Davi, e a herança de Israel será Sua quando estabelecida e revivida na Terra de Seus pais. Os filhos de Abraão estarão em todo o mundo.

Pois naquele dia de glória, o Rei de Israel será o Deus de toda a Terra. Cristo é o Pai da era eterna. Se Israel for honrado por Ele, todas as nações serão abençoadas n'Ele. Ele é **"luz para alumiar as nações"**, assim como Ele é **"para glória de teu povo Israel"**. Os filhos de Quetura, distribuídos em outras terras, revelam esse mistério. Eles ficarão atrás de Israel, é verdade; mas, no entanto, serão eleitos e amados. Como está escrito aqui: **"Porém Abraão deu tudo o que tinha a Isaque. Mas, aos filhos das concubinas que Abraão tinha, deu Abraão presentes e, vivendo ele ainda, despediu-os do seu filho Isaque, ao Oriente, para a terra**

oriental", conforme mostrado em Gênesis 25. (O mesmo mistério, não duvido, é apresentado no casamento de Moisés e a etíope, e também naquele de Salomão com a filha do Faraó. A segunda esposa de Moisés está, em dignidade, abaixo de sua Zípora, que brilha com glória peculiar no monte de Deus em Êxodo 18; e a filha do Faraó, embora plenamente reconhecida pelo rei em Jerusalém, não receberia um lugar na cidade de Davi.)

Abraão como uma figura

Este é, creio eu, o significado místico desta nova família de Abraão; e esta parte estranha e maravilhosa é a que encerra sua história. Mas é outro testemunho do amplo e variado testemunho que Deus prestou sobre Seus próprios conselhos e segredos naquela história. E isso é muito notável. Às vezes, *o Pai* é visto em Abraão – como, em seu desejo de ter filhos – fazendo um banquete no desmame de Isaque – oferecendo seu filho – enviando em busca de uma esposa para seu filho; outras vezes, *o Cristo* é visto nele, como Aquele em Quem todas as famílias da terra serão abençoadas – como o Parente-Resgatador de Israel – como o Detentor da liderança das nações – o Pai da era milenar ou eterna – e então, em outras ocasiões, *a Igreja,* ou o povo celestial, é traçada ou refletida nesta história maravilhosa; e, outras vezes, estamos na Terra, ou com *Israel.*

Temos o Abençoado, a Quem todas as Suas obras são conhecidas desde o início do mundo, nos detalhes e nas variadas histórias desta vida de Abraão, mostrando assim partes de Seus caminhos. Nas alegorias de Sara e sua semente, de Agar e sua semente, de Quetura e sua semente, temos o mistério de Jerusalém, **"a mãe de todos nós"**, Israel em cativeiro como está agora com seus filhos, e a reunião das nações de todo o mundo, como ramos de uma família extensa e milenar. Mistério após mistério é assim atuado na vida de Abraão; e muitas e diversas partes da **"multiforme sabedoria de Deus"** nos são ensinadas.

Estou bastante consciente de que as figuras *vivas ou pessoais* podem ter sido tão inconscientes do que elas eram, sob a mão de Deus, quanto as figuras *materiais.* Agar, sem dúvida, era tão passiva quanto o ouro que cobria a mesa dos pães da proposição, ou como a água que enchia a pia de bronze. Mas a lição para nós não é afetada por isso. Tenho a glória real de Cristo na grandeza de Salomão e tenho as provisões profundamente preciosas de Sua graça na lâmina de ouro na testa de Arão; e não penso em indagar mais sobre o próprio Salomão nesse assunto do que sobre o ouro. O Adão adormecido me ensina sobre a morte do Cristo de Deus; o êxtase de Adão ao despertar e receber Eva, me ensina sobre a satisfação e gozo do mesmo Cristo de Deus, quando Ele verá o trabalho de Sua alma; mas não me pergunto se Adão sabia o que estava fazendo por mim. Posso aprender sobre o primeiro concerto com uma Agar inconsciente, assim como posso aprender sobre a purificação do sangue de Cristo vindo de um altar inconsciente. Assim, quanto ao nosso Abraão, ao ocupar seu lugar no meio de todos esses mistérios variados e maravilhosos, não pergunto curiosamente a medida de sua mente nessas coisas. A sabedoria de Deus pode dizer – o Cristo que esteve nos conselhos eternos pode dizer: **"Eis-Me aqui, e os filhos que o SENHOR Me deu, para sinais e para maravilhas"** (ARA); mas até que ponto Abraão poderia falar assim, em qualquer medida em que ele próprio estivesse no segredo que foi obrigado a proferir, ou se ele falou mistérios como em uma língua desconhecida, não precisamos perguntar. *"Deus é Seu próprio Intérprete".*

A morte de Abraão

Nosso patriarca encerrou agora suas atuações e seus exercícios. Temos agora que fechar seus olhos, como lemos em Gênesis 25:7-8: "**Estes, pois, são os dias dos anos da vida de Abraão, que viveu cento e setenta e cinco anos. E Abraão expirou e morreu em boa velhice, velho e farto de dias; e foi congregado ao seu povo"**.

Ele tinha, podemos dizer, visto a terra, mas não deveria ir até lá e possuí-la. Ele foi o Moisés de uma geração anterior; como ele, um homem *celestial,* um homem do deserto e não da herança – um homem da tenda – um filho da ressurreição. Ele foi reunido ao seu povo, antes que o Israel de Deus entrasse na terra de acordo com a promessa. Como no espelho do propósito de Deus, e pela luz da fé, ele vê a terra; mas ele não vai possuí-la. Ele morre como no Monte Pisga, no lado deserto do Jordão, destinado, com Enoque antes dele e com Moisés depois dele, a brilhar no topo da colina na glória celestial do Filho do Homem.

Fé no poder e na inteligência

Encerramos agora a terceira seção do Livro do Gênesis; e, com ele, as cenas e circunstâncias da vida de Abraão.

No meio destes fragmentos, assim recolhidos e guardados para nós pelo Espírito Santo, vimos a fé obtendo as suas vitórias, conhecendo os seus direitos e pleiteando os seus títulos, praticando a sua generosidade, desfrutando da sua comunhão, abrindo mão e obtendo a sua consolações e promessas. Mas também vimos sua *inteligência* e aprendemos que ela anda na luz, ou de acordo com o julgamento, da mente de Cristo.

Há algo muito bonito numa visão como esta. Normalmente não testemunhamos esta bela combinação – a *inteligência* da fé e o *poder moral* da fé. Em alguns santos, existe o poder sincero e urgente da fé, que prossegue de maneira correta, verdadeira e honesta, mas com muitos erros quanto à sabedoria dispensacional de Deus. Em outros, há uma mente bem ensinada, dotada de muita habilidade sacerdotal e espiritual, para seguir a sabedoria de Deus em épocas e dispensações, mas com falta de poder em todo o serviço que uma fé mais simples e sincera estaria constantemente buscando. Mas em Abraão vemos estas coisas combinadas.

Em nossa caminhada com Deus, a luz do conhecimento de Sua mente deve ser vista, assim como nosso coração deve estar

sempre aberto à Sua presença e gozo, e nossa consciência viva às Suas reivindicações e à Sua vontade. A vida de fé é algo muito incompleto, se não conhecermos, como Abraão conhecia, os tempos apontados por Deus, quando lutar, por assim dizer, e quando ficar quieto; quando ficar em silêncio diante dos erros de um Abimeleque e quando se ressentir deles; quando erguer o altar de um peregrino estrangeiro e quando invocar o nome do Deus eterno. Em outras palavras, devemos saber o que o Senhor está fazendo, de acordo com Seu próprio propósito eterno, e o que Ele está conduzindo adiante para sua consumação, em Sua sabedoria variada e frutífera.

Tal é a natureza de toda obediência; pois a conduta do santo deve estar sempre de acordo com a sabedoria dispensada por Deus no tempo ou na era determinada.

Mas, deixe-me acrescentar, o ponto mais alto da dignidade moral de Abraão era este: ele era *um estrangeiro na Terra.*

Isto, posso dizer, supera tudo. Foi isso que fez com que Deus não *se envergonhasse* de ser chamado de seu Deus. Deus pode reconhecer *moralmente* a alma que deliberadamente recusa a cidadania neste mundo revoltado e corrompido.

Dignidade moral

Este foi o ponto mais alto da dignidade moral de Abraão.

Deus ama o estrangeiro (Dt 10:18). Ele ama o *pobre e* estrangeiro sem amigos, com o amor da piedade e da graça, e provê a ele. Mas com o estrangeiro *separado,* que deu as costas a esta cena corrompida, Deus liga Seu nome e Sua honra, e os reconhece moralmente sem Se vergonhar (Hb 11:13-16).

Quão bem ele começou sua jornada desde o início! O Senhor e Suas promessas eram tudo o que ele tinha. Ele deixou, como vimos, seu lar *natural* para trás, mas não esperava encontrar *outro* lar no lugar para onde estava indo. Ele sabia que seria um

estrangeiro e peregrino com Deus na Terra. A Mesopotâmia foi deixada, mas Canaã não foi tomada em seu lugar. Consequentemente, de todos os povos de lá, ele foi um homem separado durante todos os seus dias, ou durante sua peregrinação entre eles por cerca de cem anos. Canaã era o *mundo* para aquele homem celestial, e ele tinha tão pouco a ver ou dizer a ele quanto pudesse, embora o tempo todo estivesse nele. Quando as circunstâncias o exigiam, ou na medida em que os negócios o envolviam, ele lidava com isso. Ele negociaria com o povo da Terra, se necessário (com certeza o faria), mas sua empatia não estava com eles. Ele precisava de um local de sepultura e o comprou dos filhos de Hete. Ele não hesitaria em tratar com eles sobre uma questão necessária de negociação e venda; mas ele prefere *comprar* a *receber.* Ele relutava em ser devedor a eles ou em ser enriquecido por eles – nem eles eram seus *companheiros.* Isso nós observamos por toda parte. Se Aner, Escol e Mamre – isso pode ser moralmente atraído pelo que viram nele – buscarem uma confederação com ele, ele não recusará sua aliança em uma determinada ocasião de interesse comum, quando tal interesse o Deus que o chamou não o sancionaria ou recomendasse. Mas ainda assim os cananeus não eram sua companhia. Sua esposa era sua companhia, sua casa, seus rebanhos e suas manadas, e seu companheiro santo, Ló, filho de seu irmão, que havia saído da Mesopotâmia com ele – contanto, pelo menos, que tal pessoa andasse como um homem separado em Canaã. Mas mesmo *Ló,* quando não se indistingue do povo da terra, é um estranho para ele tão completamente quanto os outros são.

Tudo isso certamente tem voz em nossos ouvidos. Os anjos às vezes eram a companhia de Abraão e, portanto, o Senhor dos anjos – e em todos os momentos, seu altar e sua tenda estavam com ele, e os mistérios ou verdades de Deus, conforme lhe eram revelados. Mas as pessoas da terra, os homens do mundo, não obtiveram os seus gostos ou empatias, nem partilharam a sua confiança. Ele estava *entre* eles, mas não era *deles* – e preferia

que ele tivesse sua casa não edificada e Isaque ficasse sem esposa, do que essa esposa fosse uma filha de Canaã.

O valor de Cristo para nossa alma

Para alguns de nós, amados, esta ruptura das coisas naturais é terrível. Mas se Jesus fosse mais amado, tudo isso seria mais facilmente considerado. Se Seu valor para nós *dentro do véu* fosse mais ponderado e estimado em nosso coração, deveríamos ir até Ele *fora do arraial* com passos mais firmes e seguros. *"Aprendi"*, disse um dos mártires, *"que não há liberdade como a do coração que desistiu de tudo por Cristo – nenhuma sabedoria como a aprendida a Seus pés – nenhuma poesia como a calma previsão da glória que haverá."*

Sobre nosso Abraão e seus companheiros nesta vida de fé, confessando que eram estrangeiros e peregrinos na Terra, está escrito: **"os que isso dizem claramente mostram que buscam uma pátria. E se, na verdade, se lembrassem daquela de onde haviam saído, teriam oportunidade de tornar** (**voltar** – ARA)**. Mas, agora, desejam uma melhor, isto é, a celestial. Pelo que também Deus não Se envergonha deles, de Se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade"**

Amados, somos chamados a ser esses estrangeiros – estrangeiros que Deus pode, portanto, reconhecer moralmente. Se o mundo não fosse o objetivo de Abraão, deveríamos sentir, mesmo sob sanções mais elevadas, que não pode ser nosso. O chamado do Deus da glória fez de Abraão um estrangeiro aqui – a cruz de Cristo, além disso, pode ainda mais nos tornar estrangeiros. Como às vezes cantamos,

"Diante de Sua cruz somos agora deixados,
Como estrangeiros na terra."

"Já estais mortos", diz o apóstolo, **"e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus"**. Essa é a atitude de estrangeiro

da mais alta ordem – a atitude de estrangeiro do próprio Filho de Deus. **"O mundo não nos conhece, porque não conhece a Ele"**.

Na força desta atitude de estrangeiro no mundo, que possamos ter graça para abster-nos **"das concupiscências carnais, que combatem contra a alma"**! E na força de nossa cidadania consciente no céu, que esperemos **"o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso, segundo o Seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas"**.

Isaque

Nos capítulos anteriores, intitulados "Enoque", "Noé" e "Abraão", segui o curso do Livro de Gênesis, até o final de Gênesis 24. Proponho agora retomá-lo a partir daqui e segui-lo adiante até Gênesis 25-27; Isaque, depois de Abraão, sendo a pessoa principal ali.

Há, no entanto, pouco em sua história e pouco em seu caráter. Em alguns aspectos isso não importa; pois, seja muito ou pouco, seu nome está na lembrança de todos nós que aprendemos os caminhos do Deus da graça, **"o Deus de Abraão, Isaque e Jacó"**, que é Seu nome para sempre, Seu memorial por todas as gerações (Êx 3).

Tenda e altar

Isaque era um estrangeiro na Terra, um estrangeiro celestial, como seu pai havia sido, e nós o vemos com sua tenda e seu altar, como vimos Abraão; e ouvimos o Senhor dando-lhe as promessas, como as havia dado a Abraão.

"Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa" (ARA).

Esta vida dos patriarcas em tendas tinha um grande caráter. Hebreus 11:9-10 nos ensina isso. Diz-nos que os pais se contentavam em viver na superfície deste mundo. Uma tenda não tem fundamentos. É montada ou desmontada a qualquer momento. E esses patriarcas estavam satisfeitos em ter e buscar apenas uma conexão leve e passageira com esta Terra e com a vida nela. Eles não procuravam uma cidade ou fundações, até que Deus Se tornasse um Construtor. Até que Sua construção fosse manifestada, eles eram peregrinos aqui, apenas atravessando a planície, ou superfície da Terra, sem estabelecer suas raízes nela.

Esta é a voz que se ouve desde as tendas destes pais peregrinos. E assim como suas tendas representavam este caráter de estrangeiro celestial, seus altares representavam sua adoração, sua *verdadeira* adoração; pois ergueram o seu altar Àquele que lhes havia *aparecido.* Eles não pretendiam descobrir Deus por meio de sua sabedoria e depois adorá-Lo à luz e aos ditames de seus próprios pensamentos. Eles não professaram, portanto, na loucura comum, serem sábios; mas eles conheciam a Deus e adoravam a Deus apenas de acordo com a revelação de Si mesmo. Portanto, não era um altar **"ao Deus desconhecido"** onde eles serviam; mas eles serviram ou adoraram em verdade. E na sua geração o *altar patriarcal* foi, desta forma, tão belo quanto a *tenda patriarcal.* A tenda os colocou no devido relacionamento com o mundo ao seu redor, o altar com o Senhor Deus do céu e da terra que estava acima deles.

Eleição e filiação

Abraão, Isaque e Jacó eram semelhantes em tudo isso. Não houve, portanto, nenhum novo segredo dispensacional, nenhum novo propósito dos conselhos divinos, revelado em Isaque como havia sido em Abraão. (Veja o capítulo sobre "Enoque", onde são considerados certos propósitos dispensacionais de Deus, em suas diferenças). É assim. Mas ainda assim, embora não tenha havido uma nova cena dispensacional revelada, houve uma revelação adicional das glórias associadas à dispensação ou chamado que já havia sido dado a conhecer em Abraão. E uma questão muito importante também – tal como, se tivéssemos afeições divinas, deveríamos valorizar profundamente. Quero dizer o seguinte: o chamado celestial ou a atitude de um estrangeiro na Terra era algo *comum;* mas caracteristicamente, *a eleição* foi ilustrada em Abraão, e *a filiação* ou adoção em Isaque.

Deus chamou Abraão para fora do mundo, da parentela, da pátria e da casa paterna, separando-o para Si mesmo e para Suas promessas. Mas Isaque já era alguém escolhido, chamado e santificado, enquanto estava na casa de seu pai. Ele estava em

casa desde o seu nascimento e estava lá com Deus, tendo nascido de acordo com a promessa e por meio de uma energia que vivificou os mortos – e em todas essas coisas ele representou *a filiação,* como Abraão tinha representado *a eleição.* Em Isaque vemos aquela família daqueles que **"não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus"**, e que permanece em liberdade; como diz o apóstolo: **"Mas nós, irmãos, somos filhos da promessa, como Isaque"**. Somos semente de Abraão, muitos Isaques, filhos da mulher livre, ou em adoção, se formos de Cristo.

Ora, este mistério de filiação ou adoção representado em Isaque, como o mistério da eleição foi dado a conhecer em Abraão, está na ordem divina. Pois *a eleição de Deus é para adoção,* como lemos: **"E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para Si mesmo"**; e sendo assim, esta elevada prerrogativa pessoal sendo representada em Isaque no decorrer de sua história, nos dá o mistério do filho da mulher livre muito abençoadamente, amplamente manifestado.

Filiação consciente

Pois temos tanto o *nascimento* como o *desmame.* E cada um desses acontecimentos foi motivo de gozo na casa do pai. A criança nascida foi chamada de "Riso", a criança desmamada era celebrada com um banquete.

Esses são segredos maravilhosos e graciosos. É o gozo do pai *ter filhos,* é o seu maior regozijo que os seus filhos *saibam em si mesmos que são filhos.* Este foi o nascimento e o desmame de Isaque no livro de Gênesis. E tudo isto, depois de tanto tempo, é revivido na Epístola aos Gálatas. Pois o que foi representado em Isaque se realiza em nós por meio do Espírito. Nessa epístola aprendemos que somos filhos pela fé em Cristo Jesus. E aí aprendemos também que, sendo filhos, recebemos o espírito de filiação. Somos *desmamados* e também *nascemos.* Paulo sofreu novamente as dores de parto por eles, como diz: **"Meus filhinhos,**

por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós". O Cristo desta passagem é Cristo, *o Filho;* e Paulo ansiava e trabalhava para que eles pudessem ser levados ao estado de Isaque, a liberdade da adoção consciente. Eles estavam sob a tentação de alimentar-se novamente das ordenanças que davam à luz a escravidão e que os tutores e curadores de uma dispensação anterior haviam ordenado. Mas, em oposição a isso, o apóstolo os atrairia novamente à liberdade, pois ele mesmo havia provado a virtude disso em sua própria alma. Agradou a Deus, como ele diz, revelar o Filho nele. A vida que ele viveu na carne ele viveu pela fé do *Filho,* que o amava. Ele poderia, portanto, descer para a Arábia, onde não tinha carne e sangue com quem conversar, nem Jerusalém ou cidade de solenidades, nem apóstolos ou ordenanças, nem sacerdócio segundo uma ordem carnal, nem santuário mundano, para apoiar, para selar, ou para aperfeiçoá-lo. Ele não queria o que alguém ou todos lhe pudessem dar, pois tinha *o Filho revelado nele.* Ele era um Isaque desmamado e gostaria que os gálatas fossem assim também; e ouvir a palavra que antigamente havia sido ouvida na casa de Abraão sobre Isaque: **"Lança fora a escrava e seu filho, porque, de modo algum, o filho da escrava herdará com o filho da livre"**.

Tudo isto nos é dado, misticamente, em Isaque, filho da mulher livre, cujo nascimento provocou risos e cujo desmame foi celebrado com um banquete. E este mistério é, portanto, ampla e expressamente revivido e aberto, em todo o seu caráter, como vemos na Epístola aos Gálatas.

Os ricos propósitos de Deus

Não é apenas nas *glórias* que devemos pensar, quando pensamos na predestinação. Os propósitos de Deus a nosso respeito são ainda mais ricos. Somos predestinados a um estado de *afeições satisfeitas,* bem como a um lugar de *glórias demonstradas* – à **"adoção de filhos"** e a estarmos **"diante d'Ele em amor"** (ACF), bem como à herança de todas as coisas (Ef 1). E

sendo já dado o Espírito, tão certamente está em nós o poder de clamar: **"Aba, Pai"**, como Ele é o selo do título da redenção vindoura.

Estamos propensos a esquecer disso. Pensamos no chamado e na predestinação, em conexão com a glória, e não em conexão com o amor, e o relacionamento, e o lar, e a casa do Pai.

E, no entanto, é o relacionamento que dará até mesmo à herança ou à glória o seu mais rico gozo. O filho mais novo da família tem um tipo diferente de desfrute do palácio do rei, do que tem o dignatário da mais alta posição do seu reino. O filho está lá *sem uma posição,* pois o seu título está no *relacionamento* – os senhores da terra podem estar lá, mas estão lá como na corte, pelo título da sua dignidade ou cargo. E o desfrute do filho no palácio não é apenas, como eu disse, de um tipo *diferente*, é de um tipo mais elevado – é pessoal e não oficial – o palácio é um *lar* para ele, e não apenas *a corte da realeza.*

Filho do louvor

Agora é o filho, o filho em casa, o filho nos privilégios do relacionamento, que temos em Isaque. É isso aquilo que ele representa – isso é o que Isaque misticamente é. Isaque foi mantido em casa, servido pela família, nutrido e dotado; e a riqueza, bem como o conforto da casa de seu pai, eram dele; como lemos: **"Abraão deu tudo o que tinha a Isaque. Mas, aos filhos das concubinas que Abraão tinha, deu Abraão presentes e, vivendo ele ainda, despediu-os do seu filho Isaque, ao Oriente, para a terra oriental"**.

Olhando misticamente, Isaque está assim diante de nós, um filho, nascido da mulher livre, nascido da promessa, nascido de Deus, como está dito: **"virei, e Sara terá um filho"**. Isaque representa aquela família adotiva que se tornou **"aceita no Amado"**, que se revestiu de Cristo, que permanece em Seu gozo e respira Seu espírito.

Caráter moral

Temos, contudo, de considerá-lo tanto *moral* como *misticamente;* isto é, em seu *caráter,* bem como em sua *pessoa.* Os elementos, no entanto, são poucos. Há pouca história ligada a ele. Existem poucos incidentes em sua vida e pouca divulgação de caráter. E isso é para nosso conforto. Às vezes encontramos entre os eleitos de Deus materiais naturais muito finos, um nobre porte de alma ou uma forma delicada e atraente de virtude humana; e novamente, em outras ocasiões, materiais humanos pobres ou mesmo muito ruins. E isto se torna um alívio para o nosso pobre coração. *Porque* achamos (a partir de um conhecimento melhor de nós mesmos do que dos outros) fácil reconhecer os materiais pobres e miseráveis que constituem o que nós mesmos somos; e então é nosso conforto (conforto de certo tipo) encontrar exemplos semelhantes da natureza em outros membros do povo de Deus.

Isaque estava *carente* de caráter. Ele não era de materiais naturais bons nem ruins. Havia nele muitas coisas que, como dizemos, eram amáveis e que, segundo uma estimativa humana, teriam sido atraentes. Mas ele estava carente de caráter. O estilo de sua educação pode explicar isso. Ele foi criado com ternura. Ele nunca esteve longe da mãe, filho de sua velhice, ele era filho único; e esses hábitos o relaxaram e mantiveram um temperamento naturalmente amigável em sua suavidade comum. A quietude e o isolamento, o temperamento que prefere se submeter do que se ressentir, e isso aliado à relaxante indulgência da vida doméstica, se não a mera vida humana natural, aparecem nele. Ele era inocente, podemos supor, piedoso e rigoroso na observância dos deveres familiares, como filho e como marido, e teria conquistado a boa vontade e os bons desejos de seus vizinhos; mas faltava-lhe aquela energia que o teria tornado uma testemunha entre eles, pelo menos; além da separação que acompanhou sua circuncisão, seu altar e sua tenda. E uma vida assim é sempre pobre. Ele era fiel à sua tenda e ao seu altar, até certo ponto; mas

ele armava a primeira e levantava o segundo com uma mão muito fraca.

Jacó e Esaú

Isaque tinha quarenta anos quando recebeu Rebeca como esposa. Durante vinte anos eles não tiveram filhos – mas sob esta provação eles se comportaram ainda melhor do que Abraão e Sara. Abraão e Sara não tiveram filhos, e Sara deu a sua serva ao marido. Isaque e Rebeca não tiveram filhos; mas eles suplicaram ao Senhor e esperaram por Sua misericórdia. Esta foi uma diferença e, por um momento, os últimos são os primeiros e os primeiros são os últimos; e tal variedade moral encontramos entre o povo de Deus até hoje. Mas os dois grupos de filhos sugerem mistérios divinos diferentes, assim como a maneira de agir dos pais de cada um proporciona ensinamentos morais diferentes.

Havia os dois filhos de Abraão – Isaque e Ismael; mas eles nasceram por meio de duas esposas: agora existem os dois filhos de Isaque – Jacó e Esaú; mas eles são da mesma esposa.

A inimizade entre os filhos de Abraão começou quando Ismael, um rapaz de quatorze anos, zombou do desmamado Isaque. Mas a luta entre os filhos de Isaque ocorreu no ventre. Duas nações estavam lá, como o Senhor havia dito a Rebeca: **"Dois povos se dividirão das tuas entranhas"**. E assim aconteceu. O homem de Deus foi encontrado em Jacó, o homem do mundo em Esaú; o princípio da *fé* estava em um, o princípio da *natureza* no outro. De fato, dois tipos de pessoas foram separados de suas entranhas e lutaram em seu ventre. **"A amizade do mundo é inimizade contra Deus".** E este foi Esaú. Consequentemente, Esaú fez da terra o cenário de suas energias, de seus prazeres e de suas expectativas. Ele era um **"varão do campo"** e **"varão perito na caça"**. Ele prosperou em sua geração. Ele amava o campo e sabia como usá-lo. Ele colocou seu coração na vida presente e sabia usar suas capacidades em benefício de seus prazeres. Seus filhos rapidamente se tornaram príncipes e tiveram suas cidades; como

os filhos de Ismael se tornaram príncipes e tiveram seus castelos. A sua dignidade e a sua grandeza procediam deles mesmos; e o mundo os testemunhou na sua magnificência.

Mas Jacó era **"varão simples"**, um homem da tenda. Ele seguiu os passos de seus pais. Como Abraão e Isaque, ele era um estrangeiro aqui, peregrinando temporariamente na superfície da Terra, com seus olhos colocados na promessa. Seus filhos tiveram que vagar de uma nação para outra, sofrer as dificuldades e injustiças do opressivo Egito, ou atravessar, como peregrinos, o deserto árido e inexplorado, enquanto os filhos de Esaú eram príncipes, estabelecidos em seus domínios, sob o brilho de suas dignidades e riquezas.

Esaú era o **"profano"**. A sua esperança e o seu coração estavam ligados à vida neste mundo, e apenas a ele; pois ele diria: **"Eis que estou a ponto de morrer, e para que me servirá logo a primogenitura?"** Tal como os gadarenos e como Judas, Esaú venderia o seu título a Cristo. Mas Jacó tinha fé e estava pronto para comprar o que Esaú estava pronto para vender.

O mundo de Deus

Dois povos foram, dessa maneira, separados das entranhas de Rebeca, como tudo isso nos diz. Assim que eles nasceram, isso ficou evidente; e seus primeiros hábitos, suas primeiras atividades, são característicos. Não eram apenas a escrava e a livre, ou os filhos dos dois concertos, como foram Ismael e Isaque; em Esaú e Jacó temos uma expressão *mais completa* das mesmas naturezas; uma, aquela coisa reprovável, que veio de Adão, profana ou mundana, que toma parte na Terra e não em Deus; a outra, aquela coisa divina, que veio de Cristo, que é crer, ter esperança, esperar pelas provisões de Deus e pelo reino.

Tudo isso sobrevive até os dias de hoje, e floresce abundantemente em diferentes exemplos no nosso meio, ou ao nosso redor. Eu poderia dizer que os Caim, os Ninrode, os Ismael e os Esaú ainda estão espalhados pela Terra, e essas narrativas e

ilustrações têm lições para nossa alma. Esses exemplos são maravilhosos na sua simplicidade; mas são profundos demais para a sabedoria do mundo e puros demais para o amor dele.

Reuni essas coisas por causa da moral e do mistério que tanto abundam nelas. Mas meu assunto imediato é com Isaque.

A influência de Sara

Isaque, como já notei, foi criado na tenda de sua mãe. Ele era, como posso dizer, mais filho de sua mãe do que de seu pai – o caso comum de todos nós em nossos primeiros dias. Mas com Isaque foi assim até a morte de sua mãe; e então ele devia ter muito mais de trinta anos de idade.

Ele sabia mais sobre a tenda de Sara do que sobre os locais movimentados e as ocupações dos homens. A tenda dela tinha sido sua *professora,* assim como sua *ama,* e essa educação deixou impressões em seu caráter que nunca foram apagadas. Temos um testemunho passageiro ou incidental, mas ainda assim muito seguro, da força da influência materna sobre ele, em Gênesis 24:67. **"E Isaque trouxe-a** (Rebeca) **para a tenda de sua mãe**... **Assim *Isaque foi consolado depois da morte de sua mãe*"**.

Isso sugere fortemente as tendências de sua infância. E assim se formou nele o caráter. Ele era o Isaque fácil, gentil e não resistente, piedoso, como já falamos, e, como já disse dele, irrepreensível e amigável.

Submissão divinamente produzida

Mas com tudo isso, e embora eu não duvide que seja assim, pergunto: Foi apenas a natureza ou o caráter que o conduziu sem resistência ao longo do caminho para o Monte Moriá? (Veja Gênesis 22). Foi apenas a piedade filial que o dispôs a ser amarrado como um cordeiro para o matadouro, sem abrir a boca? Podemos assumir isso? Seria esta apenas a força do caráter? Eu digo que não. Isso era demais para a gentileza e submissão humanas, mesmo as que poderiam ter sido encontradas em

Isaque ou na filha de Jefté. Devo antes dizer que a mão do Senhor esteve sobre ele naquela ocasião, assim como, muito tempo depois, esteve sobre o dono do jumentinho necessário para levar o Rei até a cidade, e depois sobre a multidão que O acompanhava e O saudava pelo caminho; ou, como aconteceu com o homem que levava o cântaro d'água, que preparou o cenáculo para a última Páscoa. Nessas ocasiões, a mão do Senhor foi forte para obrigar o material a se conformar e receber a impressão do momento. Como também nos primeiros dias de Samuel, quando as vacas levavam a arca de Deus direitamente no caminho de volta para casa, embora a natureza resistisse, suas crias foram deixadas para trás, pois o poder divino estava então sobre as vacas. E Isaque, da mesma maneira, estava sob o poder divino, sob a mão de Deus, nesta ocasião; de bom grado, eu concordo plenamente, mas disposto como em um dia de poder; pois ele seria a figura ou o prenúncio de Alguém maior do que ele.

O selo estava em mão forte e a impressão deveria ser feita de forma clara, profunda e legível. **"Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a Tua vontade"**, está escrito no selo. **"como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, Ele não abriu a boca"**.

Esse foi um grande momento na vida de Isaque, uma ocasião de grande significado. Assim, em sua aceitação de Rebeca (Veja Gênesis 24). Ao tomar uma esposa, não dentre todas as que escolheu, mas da provisão de seu pai, podemos traçar a mesma mão forte sobre ele. Podemos certamente admitir que poderia facilmente ter havido mais submissão humana e piedade filial no recebimento da esposa, do que no caso do sacrifício no Monte Moriá; mas ainda assim este foi um momento *de selamento* assim como o outro. Este casamento foi uma figura ou um mistério, assim como aquele sacrifício. A esposa trazida para casa do filho e herdeiro do pai, pelo servo que estava em plena confiança e segredo do pai, isso era um mistério – e o material deveria se conformar novamente, e tomar a impressão da mão que estava usando isto. O oleiro estava fazendo vasos para uso doméstico, e

o barro devia se render. Os filhos do profeta, séculos depois, receberam nomes conforme a vontade do Senhor, e o profeta teve que dizer deles: **"Eis-me aqui, com os filhos que me deu o SENHOR, como sinais e maravilhas"** (Is 8). E assim, Isaque e Rebeca, no dia e nas circunstâncias de seu casamento, foram uma figura, **"como sinais e maravilhas"**. Esta era a sua principal dignidade; *eles contam os mistérios de Deus.* São parábolas e também mistérios. Eram eventos estabelecidos no tempo ou no progresso da história da Terra, assim como o Sol, a Lua e as estrelas são estabelecidos nos céus, *como sinais.* Cada um deles tem uma inscrição escrita pela mão de Deus. **"eis que Eu esculpirei a sua escultura, diz o SENHOR dos Exércitos"**; pois nesses eventos Ele imprimiu a imagem de alguns de Seus conselhos eternos.

Verdadeira glória moral

Mas embora essa natureza gentil e submissa que havia em nosso Isaque não estivesse à altura de sacrifícios e entregas tais como esses, mesmo assim a natureza gentil e submissa é a qualidade que lhe confere seu caráter. Às vezes age de maneira amigável e atraente; às vezes isso o trai tristemente. Mas em todos os momentos, sob todas as circunstâncias, em meio aos poucos incidentes registrados sobre ele, é o Isaque fácil, gentil e submisso que vemos. E, não preciso dizer que a presença de uma mesma virtude em todas as ocasiões é pobreza em termos de caráter. É *uma combinação* que revela caráter e obra divina; **"o Reino de Deus**... **é**... **justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo"**. Ele é firme, assim como gracioso e alegre. E isto é glória moral; com muitos raios coloridos que nos dão o resultado imaculado na luz que desfrutamos e admiramos. Mas isso não brilha em Isaque. E em ninguém, certamente, em toda a sua beleza, exceto n'Aquele em Quem todas as glórias, em suas diferentes gerações, se encontram e brilham.

Jeremias, posso tomar a liberdade de dizer aqui, parece-me ter sido um homem de uma só paixão, assim como Isaque era um

homem de uma só virtude. Quero dizer, é claro, às características de cada um deles, Isaque e Jeremias. Uma paixão piedosa, na verdade, foi a tristeza pelos estragos morais de Sião, que caracterizou Jeremias. Mas sendo assim sua *única* afeição, a paixão ou sentimento que, dessa maneira, possuía sua alma, torna-o geralmente muito envolvente e atraente ao coração; mas às vezes alia seu espírito com aquilo que o contamina. Ele está zangado com o povo que despertava as tristezas do seu coração. E ele murmura contra o próprio Deus. Falo, é claro, do caráter de Jeremias, conforme vemos demonstrado em seu ministério. Eu sei, certamente, naquele ministério, considerado em si mesmo, ele era o profeta de Deus e transmitiu as inspirações do Espírito Santo. Mas como homem falo dele; como homem, ele era um homem com uma só paixão; como eu disse de Isaque que ele era um homem de uma só virtude. Mas são aqueles em quem há *um conjunto* de virtudes que nos falam com mais segurança da obra divina, das árvores plantadas junto aos ribeiros de águas que produzem frutos *na estação própria* (Sl 1). Pois é esta sazonalidade que é a verdadeira beleza. Tudo é formoso em seu tempo, e apenas aí. A gentileza perde a beleza quando se exige zelo e indignação. O primeiro Salmo é uma descrição muito elevada para um homem de uma virtude; implica caráter, decisão e individualidade; mostra uma alma extraindo sua virtude de Deus. Ele **"será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará"**. Isto é da lavoura divina; mas não vemos isso em nosso Isaque. Na sua medida, esta combinação ou conjunto de virtudes, das quais já falei, aparece em Abraão, e certamente em contraste com Isaque; e essa diferença entre os dois pode ser vista em suas ações em circunstâncias semelhantes. Abraão em Gênesis 20, e Isaque em Gênesis 26 (Quanto ao pecado comum de Abraão e Isaque no que diz respeito à negação de suas esposas, chamando-as de irmãs, consulte o capítulo "Abraão").

Perdão e fidelidade

Isaque foi muito maltratado pelos filisteus. Um poço após o outro de sua própria escavação foi violentamente tirado dele, assim como os poços que seu pai havia cavado eram entulhados. Ele cedeu a essa injustiça com um espírito gentil e gracioso, num espírito que condizia bem com um dos estrangeiros e peregrinos de Deus aqui, que procuram cidadania em outro mundo. Ele ia de um lugar para outro, à medida que os filisteus disputavam continuamente com ele e o apertavam. Isto estava de acordo com a mente que o marca, como dissemos, em cada incidente de sua vida. Sofrendo, ele não ameaça – fazendo bem e sofrendo por isso, ele aceita pacientemente; e isso sabemos que é aceitável a Deus (1 Pe 2:20). E então Deus aqui atesta isso; pois Ele reconhece Seu servo nisso e vem até ele à noite, como havia consolado Abraão. Mas quando, no devido tempo, os filisteus são levados a uma mente melhor, e Abimeleque, o rei, com seu amigo Ausate, e Ficol, seu capitão-chefe, procuram Isaque e se aliam a ele, eu pergunto: Seu caráter, à sua maneira, não o traí?

É claro que Isaque estava correto em recebê-los e lhes oferecer sua amizade, e trocar os bons ofícios, as promessas e as garantias de boa vizinhança que eles buscavam. Pois devemos perdoar, mesmo que seja setenta vezes sete por dia. Mas com isso deve haver fidelidade em seu devido tempo – tanto fidelidade quanto perdão; **"se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe"**. Mas Isaque não estava à altura desta virtude mais forte. Ele se queixa com Abimeleque, mas o faz em termos tão suaves e fáceis, que parece não trazer consigo nenhuma autoridade sobre a consciência. Nem foi assim que ele fez uma aliança com ele. Ele aperta as mãos prontamente e, posso dizer, de bom grado. Ele faz um banquete para o rei de Gerar e o despede como seu aliado, sem que ele seja levado a qualquer reconhecimento do mal que seu povo havia feito ao homem cuja amizade ele agora buscava e conseguia. Nem há nos lábios de Isaque qualquer contradição à afirmação de Abimeleque de que ele não fez nada além de bem a Isaque

durante todo o tempo em que esteve em sua terra. No que diz respeito a esta relação, e até onde podemos descobrir a mente do rei de Gerar, ele não foi convencido por Isaque, mas voltou para casa com seus amigos em paz consigo mesmo e com Isaque. Isaque não havia convencido a consciência de Abimeleque com a reclamação que ele havia feito ao seu ouvido – havia falta de caráter e força – ela fazia parte da própria natureza de Isaque.

Isso era apenas uma virtude pobre em Isaque. É apenas uma virtude pobre em nós mesmos, quando aparece – e alguns de nós temos que tratá-la como tal, e confessá-la como tal, às vezes. É agradável numa certa forma de natureza humana amável; mas não é serviço a Deus. Somos humilhados por causa disso à nossa maneira. É pobre, e nosso Isaque aqui nos dá, pelo menos em certa medida, uma amostra disso.

Justo aos olhos de Deus

Foi, no entanto, diferente com Abraão. O rei de Gerar procurou Abraão em seus dias, e o procurou pelo mesmo motivo e com o mesmo desejo. Abraão o encontra com um espírito de perdão tão nobre quanto Isaque teria feito, com igual disposição de coração e mão para aceitá-lo e se comprometer com ele. Mas com tudo isso ele o repreende e o faz sentir as repreensões. **"Abraão, porém, *repreendeu* Abimeleque"**, como lemos, mas algo que não lemos no caso de Isaque. Abraão não o despedirá satisfeito consigo mesmo, como Isaque fez, com um orgulho não respondido em sua boca sobre as virtudes dele e de seu povo. Ele lhe assegurará, tão plenamente quanto Isaque poderia ter feito, seu pleno perdão e reconciliação; mas Abraão não esconderá isso dele, para que sua consciência tenha uma questão com ele, embora seu vizinho possa aceitá-lo e perdoá-lo; que há assuntos (como entre ele e o Senhor) que o banquete de Abraão e a amizade de Abraão nunca poderiam resolver.

Isto foi *real,* real diante de Deus, onde *a realidade,* amados, sempre nos coloca. Que possamos conhecer melhor esse segredo e sermos corretos diante d'Ele! Isso foi belo – e com isso Abraão estava *abençoando* Abimeleque, e não apenas o *agradando.* Mas não foi assim com Isaque e podemos deixá-lo nesta ocasião, em Gênesis 26, com algo desta indagação em nosso coração: Foi a mera natureza, ou a mente renovada do santo, que agiu dessa maneira? – uma questão que ainda ocorre.

Isaque era um eleito, tão certamente quanto Abraão era; um estrangeiro com Deus na Terra; alguém que *usou* seu altar como também o *carregou.* Ele estava meditando no campo quando recebeu sua Rebeca e orou por misericórdia, quando Esaú e Jacó lhe foram dados. Falamos de *caráter* nele apenas quando o contrastamos com outro dessa maneira. Falamos dos modos vivos e práticos de um santo; e vemos nele o que estava aquém de ser um testemunho de Deus no exterior, embora amável e devoto em casa. Isto é encontrado em Isaque e coisas semelhantes ainda são encontradas, posso dizer mais uma vez, como muitos de nós sabemos, para nos tornar humildes. Como alguém me disse uma vez: *"Há muita coisa que é considerada espiritual por outros, porque é feita para os olhos e o gosto de nossos companheiros Cristãos, e não, como na presença de Deus, com um coração simples para com Ele"*.

Posição adequada

Isso realmente é verdade; e isso sonda nosso coração em proveito próprio. Tais avisos sobre nossos hábitos comuns podem convencer, mas de modo algum precisam nos desanimar. Muito diferente; eles podem ser bem-vindos como uma bênção. A luz que penetra para dispersar nossas trevas deixa-se para trás para nos alegrar e tem o direito de afirmar o lugar como *todo seu* – de modo que devemos ser capazes, em espírito, de cantar sobre *a luz presente* e *as trevas passadas,* para saber o que fomos, e o que *somos,* e ainda cantar,

"Tudo o que eu era, meu pecado, minha culpa,
Minha morte foi toda minha –
Tudo o que sou devo a Ti,
Meu gracioso Deus, sozinho.
O mal do meu antigo estado
Era meu e só meu –

O bem no qual agora me regozijo
É Teu e somente Teu.
As trevas do meu antigo estado,
A escravidão, tudo era meu –
A luz da vida em que caminho,
A liberdade é Tua."

Isto é permanência, não realização; é isso que a fé nos dá o direito de celebrar. A fé adota esta linguagem, e a alma certamente a ouve e a entende. Mas *a fé* é a fonte, no poder interior atuante do Espírito Santo. Como em Hebreus 11, do começo ao fim é *a fé* que se celebra. Enoque, e Moisés, e Davi, e os profetas, e os mártires de outros dias, podem ser apresentados ali em seus frutos e vitórias, mas é *fé,* e não o povo de Deus, que o Espírito, pelo apóstolo, está celebrando naquele belo capítulo.

Mas devo voltar para Isaque.

O casamento de Esaú

No final de Gênesis 26, lemos: **"Ora, sendo Esaú da idade de quarenta anos, tomou por mulher a Judite, filha de Beeri, heteu, e a Basemate, filha de Elom, heteu. E estas foram para Isaque e Rebeca uma amargura de espírito"**.

Isso tem muito para nós em termos de advertência; mas para usá-lo corretamente, devo olhar para coisas relacionadas a isso, ou semelhantes, na história anterior de Abraão, e depois nas histórias futuras de Jacó e seu filho Judá.

O mandamento dado à nação de Israel logo no início foi o de guardar o caminho do Senhor, muito particularmente no que diz respeito ao *casamento.* Eles não deveriam de forma alguma dar suas filhas aos filhos dos cananeus, nem tomar as filhas dos cananeus para seus filhos (Dt 7:3). Se o fizessem, seria sob pena de não serem mais propriedade do Senhor (Js 23). De acordo com isso, os dias apóstatas de Salomão são marcados pela desobediência a exatamente isso (1 Rs 11); e depois disso, nenhuma verdadeira recuperação para Deus poderia ser admitida, sem um retorno à observância deste princípio no casamento deles (Ed 10; Ne 10).

A obediência, portanto, neste aspecto foi um teste peculiar do estado da nação. E é desta forma que vejo isso neste primeiro livro de Gênesis. Pois embora a lei divina não tenha sido então publicada, os princípios divinos foram então entendidos. Pode ser considerado o testemunho do estado da religião *familiar* naquela época, assim como o foi o testemunho do estado da religião *nacional posteriormente.*

A casa ordenada de Abraão

Abraão, neste assunto, guarda notavelmente **"o caminho do Senhor"**; e então Eliezer, um de sua **"casa"**; e assim nosso Isaque, um de seus **"filhos"**. Pois Abraão envia uma embaixada especial a uma terra distante, a fim de conseguir uma esposa **"no Senhor"** para seu filho – Eliezer vai naquela embaixada com a mente pronta – e Isaque espera pacientemente pelo fruto disso, não buscando qualquer aliança com as pessoas mais próximas; e, embora triste e solitário, guarda-se para a companheira designada pelo Senhor. Como Adão, ele esperou por uma companheira da mão do próprio Senhor, embora isso lhe custasse paciência e dolorosa solidão. Isso é mostrado em sua meditação no campo ao entardecer. Ele suportou. Ele poderia ter tomado uma filha de Canaã; mas ele resistiu. Ele preferirá sofrer o adoecimento de seu coração por adiar sua esperança, do que não se casar **"no Senhor"**, ou tomar para ele uma esposa de qualquer

uma que ele pudesse escolher. E tudo isso foi muito bonito nesta primeira geração desta família eleita. O pai, o servo e o filho, cada um a seu modo, testemunham como Abraão ordenou a sua casa segundo Deus, ensinando aos seus filhos e à sua casa o caminho do Senhor. (Veja Gênesis 18:19).

O descuido de Isaque

Mas notamos um triste declínio e afastamento de tudo isso.

Isaque, por sua vez e geração, torna-se o cabeça da família. Mas ele é terrivelmente descuidado neste assunto, comparado com seu pai; como esta Escritura, no final do capítulo 26, nos mostra. Ele não vigia os caminhos de seus filhos, para antecipar o mal, como Abraão havia feito. Seu filho Esaú se casa com uma filha dos hititas. Isaque e Rebeca ficam tristes com isso, é verdade; pois eles tinham almas *justas* que sabiam como ficar "irritadas" com isso; mas então, foi seu *descuido* que lhes causou esse aborrecimento.

A indiferença de Jacó

Isso não podemos dizer que foi belo. Mas ainda havia um sintoma feliz nisso. Havia uma alma justa a ser irritada, uma mente sensível à contaminação. E isso estava bem. Jacó, no entanto, declina ainda mais. Ele não antecipa o mal, como Abraão, nem, como Isaque, lamenta quando ele ocorre. Mas com um coração despreocupado, tanto quanto a história nos diz, ele permite que seus filhos formem as alianças que desejarem e tomem para eles esposas de todas as que escolherem.

Isso é triste. Não há *gozo* para o coração aqui, como na *obediência* de Abraão; não há *alívio* para o coração aqui, como na *tristeza* de Isaque e Rebeca.

Judá claramente em erro

Mas Judá vai além de tudo isso de uma forma muito assustadora. Ele representa a quarta geração desta família eleita. Mas ele não

apenas não antecipa o mal, como Abraão, ao ordenar sua família, nem se aflige com o mal quando trazido para ela, como Isaque, nem é simplesmente indiferente ao mal, seja ele trazido ou não, como Jacó, mas ele realmente traz isso para si mesmo! Pois ele faz nada menos do que tomar uma filha dos cananeus para ser esposa de seu filho Er!

Isso excedeu. Isso foi pecar com mão levantada. E, portanto, em tudo isto, nesta história das quatro gerações de patriarcas em Gênesis, notamos um declínio, um declínio gradual, mas solene, até atingir a completa apostasia do caminho do Senhor.

Declínio

Mas se isto é sério e triste, como realmente é, não será proveitoso e oportuno? Não podemos reconhecer prontamente que **"para nosso ensino foi escrito"**? Como isso nos alerta sobre a tendência de nos afastarmos dos princípios de Deus! O que aconteceu na mesma família eleita, geração após geração, pode acontecer na mesma pessoa eleita, ano após ano. Os princípios de Deus podem ser abandonados por graduações sutis. Eles podem primeiro ser *relaxados,* depois *esquecidos* e depois *desprezados.* Eles podem passar de uma mão firme para uma mão frouxa, desta para uma mão *indiferente,* e finalmente serem rejeitados por alguém *rebelde.* Muitos inicialmente defenderam os princípios de Deus diante de dificuldades e fascínios, como Abraão – depois, apenas lamentaram a perda deles, como Isaque – depois, foram descuidados com sua perda ou manutenção, como Jacó – e, finalmente, com uma mão levantada os destruiu, como Judá.

Isto é sugerido pela cena no final de Gênesis 26. À medida que prosseguirmos a história de Isaque depois disso, descobriremos que sua natureza suave e flexível o alia não apenas às fraquezas, mas também à corrupção, a algumas das baixas indulgências de mera natureza animal. Quero dizer, na ação final de sua vida, sua bênção a Esaú e Jacó.

Esta é realmente uma cena solene, cheia de advertências e admoestações.

A influência de Esaú sobre o coração de Isaque

Embora Isaque tenha ficado triste, como vimos, pelo casamento de Esaú com uma filha dos hititas, aprendemos imediatamente depois que é esse mesmo Esaú quem atrai e mantém as mais fortes afeições do coração de seu pai, ao qual aquele pai teria, se pudesse, sacrificado tudo. E isso foi muito triste. Isso me lembra Josafá. Josafá tinha *sensibilidades piedosas,* mas carecia de *energias piedosas.* Por vaidade ele pecou tristemente; primeiro unindo-se em afinidade com Acabe, rei de Israel, e depois indo para a batalha com Acabe. Mas ainda assim, ele tinha sensibilidades espirituais e de obra divina. Pois no meio dos profetas de Baal ele não estava tranquilo. Ele tinha uma testemunha interior de que isso não funcionaria; e ele perguntou: **"Não há aqui ainda algum profeta do SENHOR, ao qual possamos consultar?"** Mas ainda assim, e apesar de tudo isso, ele foi para Ramote-Gileade para a batalha, e isso, também, em aliança com aquele mesmo Acabe, que havia ferido tão dolorosamente as melhores afeições de sua alma, e aquele que, sob seus próprios olhos, enquanto eles estavam sentados juntos no trono, no espírito de profunda revolta contra o Deus de Israel, havia consultado os profetas de Baal.

Isto foi estranho e também terrível; mas este foi o rei Josafá. E exatamente da mesma maneira, nosso Isaque nesta ocasião tinha suas *sensibilidades, mas não suas energias* correspondentes. Com uma mente piedosa, ele lamentou o casamento de Esaú com uma filha de Hete; e, no entanto, aquele mesmo Esaú, que feriu o testemunho dentro dele dessa maneira, foi quem atraiu, manteve e ordenou as mais ternas empatias de seu coração, de modo a impedi-lo de se libertar para agir por Deus.

Não foi por vaidade, como foi em Josafá, que Isaque, triste e estranhamente, falhou dessa maneira – foi antes, pela maldade

comum de seu caráter, como vimos ser, um tom moral geral relaxado de alma. Mas, seja por meio disto ou daquilo, ele foi enredado, posso dizer, por um Acabe anterior, embora sua alma tivesse a sensação da apostasia daquele Acabe. Ele ajudaria Esaú a obter a bênção o tanto quanto pudesse, assim como Josafá ajudaria o rei de Israel o tanto quanto pudesse para a vitória em Ramote-Gileade.

Que visões são essas! Que lições e advertências!

Céu ou o mundo?

Mas devemos inspecionar um pouco mais de perto esse cenário familiar, esse círculo familiar em Gênesis 27. Há outros além de Isaque para serem observados.

O servo de Abraão em Gênesis 24 trouxe consigo duas coisas diferentes da casa de seu senhor, quando visitou a casa de Betuel. Ele trouxe um *relato* de tudo o que o Senhor havia feito por Abraão e *presentes.*

Essas coisas tornam-se testes para aquela família na Mesopotâmia. O relato tratava de coisas futuras e distantes, e tinha Deus necessariamente conectado a ele – os presentes poderiam ter sido independentes d'Ele e eram um ganho atual. Rebeca foi movida pelo relato. Ela aceita as joias, é verdade; mas as notícias que o servo trouxe são mais importantes para ela. O relato do que a esperava entre um povo distante que o Senhor havia abençoado teve o poder de desconectá-la. Não foi apenas Isaque, ou apenas a riqueza de Abraão. Seu pai era rico e ela não precisava ir muito longe para assegurar a si mesma um lar e seus prazeres. Mas *o Senhor* abençoou Abraão e agora prosperou a jornada de seu servo. Não era uma questão para Rebeca se ela aceitaria Isaque e uma parte da riqueza de Abraão, ou se permaneceria pobre e solitária. A questão era esta: ela aceitaria a porção que o Senhor estava lhe trazendo agora, ou permaneceria naquela que sua família e as circunstâncias do mundo lhe haviam proporcionado?

E assim é conosco, amados. Não é uma questão entre o céu e o nada, mas entre o céu e o mundo, entre tomarmos a felicidade que o Senhor, em Suas promessas, tem para nós ou as atuais circunstâncias humanas. Estamos desejosos do gozo divino e das riquezas celestiais? Podemos dizer ao Senhor Jesus: Tu "**escolherá para nós a nossa herança"**? Será a terra distante, da qual recebemos um relato, o nosso objetivo? Esta era Rebeca. Ela poderia responder a essas perguntas. Estaríamos cometendo uma injustiça se julgássemos que, para ela, era a riqueza de Abraão e a mão de Isaque ou nada. Não foi assim. Como dissemos antes, e certamente a história o justifica, ela tinha grandes expectativas de todo tipo, se permanecesse em casa. Ela não precisa fazer uma viagem longa e nunca experimentada com um estranho e para um povo estranho. Mas tudo se tornou nada para ela, quando, pela fé, ela recebeu o relato. Ela se apresenta ao chamado de Deus.

O Espírito de carne

Rebeca era uma genuína filha de Abraão. Abraão cruzou o deserto ao chamado do Deus da glória, e Rebeca agora atravessa o mesmo deserto ao ouvir o relato do que o Deus da glória havia feito por Abraão. Eles tinham **"o mesmo espírito de fé"**. Podemos encontrar a expressão mais forte disso em Abraão, mas era **"o mesmo espírito de fé"**. Abraão partiu na fé em um chamado não atestado; Rebeca agora parte com base em um relato credenciado. Não houve nenhum Escol[3] trazido de Canaã para Ur para encorajar Abraão a embarcar na viagem; mas **"este é o fruto da terra"** (TB) foi dito a Rebeca por meio dos servos e dos camelos e do ouro e das joias – um ramo com um cacho realmente rico e abundante. O relato está agora selado para Rebeca, como não estava para Abraão. Abraão experimentou um caminho nunca experimentado; Rebeca apenas seguiu os passos do rebanho. Mas eles estavam no mesmo caminho e chegaram ao mesmo lugar.

Caráter familiar

Isto é simples e belo em Rebeca e no caminho da fé até hoje. Mas, amados, há mais, e isso também é de outro tipo. *O caráter* de Rebeca já havia sido formado – como, posso dizer, acontece com todos nós, antes de sermos vivificados por Deus. Chega o momento de Seu poder – então somos vivificados com vida divina – o chamado de separação também é atendido; mas nos encontra com um certo caráter, um certo feitio e disposição mental. Encontra-nos, talvez, como os cretenses (Tt 1), ou os irmãos e irmãs de Labão, ou algo que carregue a forte marca de uma perversidade peculiar da natureza. E então o caráter e a mente, derivados da natureza ou da família ou da educação e coisas do gênero, levamos conosco depois que nascemos do Espírito, e os carregamos em nós atravessando o deserto, de Padã-Arã até a casa de Abraão.

Isso é sério. É sério que, com a vivificação do Espírito, a natureza, ou a força dos primeiros hábitos e educação, ou do caráter familiar, ainda se apegará a nós. **"Os cretenses são sempre mentirosos"**.

Labão – Fermento

Labão, com quem Rebeca cresceu, era um homem astuto, sabichão e mundano. É claro que, por ocasião da visita de Eliezer, ele ficou comovido apenas com os *presentes.* Eles prepararam um caminho para o servo de Abraão; como lemos: **"O presente do homem alarga-lhe caminho** [**cria-lhe espaço** – JND]**"** (Pv 18:16). Labão evidentemente era a pessoa ativa, importante e influente na casa de seu pai, Betuel. Ele gostava de ocasiões que exigiam gerenciamento. E tudo isso é um sintoma muito ruim. É um sintoma ruim quando se carrega a bolsa. É ruim encontrar alguém prematuramente gerindo e sendo esperta, ou, em qualquer época, apreciador de ocasiões em que habilidade desse tipo deve ser exercida, tendo aptidão para conduzir assuntos de Estado ou interesses familiares. E exatamente esse era Labão; e Labão era irmão de Rebeca. Rebeca passou toda a sua vida, até o

casamento, com ele; e o carácter familiar, nesta única grande ação em que ela é chamada a participar, infelizmente se revela.

Se Abraão e Sara trouxeram o pacto vil e impuro entre eles, quando deixaram a casa de seu pai para andar com Deus, Rebeca também trouxe consigo esse caráter familiar, esse fermento de Labão.

Temos conosco *a natureza* em sua perversidade após a nossa conversão; e também temos nossas próprias *características carnais,* bem como a perversidade comum da natureza. E temos que repreendê-las severamente, para que possamos ser sãos, isto é, moralmente saudáveis, na fé (Tt 1:13). E esta lição é novamente imposta a nós, a partir da história desta distinta mulher neste capítulo.

Enganador Jacó

Mas há mais do mesmo tipo. Jacó, assim como sua mãe, Rebeca, teve sua mente formada por essa mesma influência inicial. Ele foi todos os seus dias – quero dizer, todos os seus dias práticos e ativos – um homem calculista e de coração lento; e nesta cena familiar, em Gênesis 27, descobrimos que ele era uma pessoa assim – um aluno pronto e inteligente de sua mãe, irmã de Labão, e de quem ele era filho favorito dela desde o nascimento. Assim como Labão estava corrompendo sua irmã Rebeca. Rebeca estava corrompendo seu filho Jacó.

Contaminação Familiar

E ainda mais, como este mesmo capítulo nos diz, Isaque, cuja mente e caráter, como vimos, foram tão notavelmente formados em sua infância na tenda de Sara, mergulhou na indulgência de alguns dos desejos inferiores da natureza. Ele amava seu filho Esaú, porque comia da sua caça. Isto era realmente pobre, e algo pior que pobre. E esse amor pela carne da caça, podemos certamente sugerir, deve ter encorajado Esaú na caçada; assim como a astúcia de Rebeca, obtida e trazida da casa de seu irmão

em Padã, formou a mente e o caráter de seu Jacó favorito. E desta forma um dos pais ajudava a corromper um dos filhos e o outro pai corrompia o outro filho.

Que dano, que triste contaminação se revela aqui, em todo esse cenário familiar! Mas podemos continuar a expô-lo ainda mais, pois o coração não só é capaz de tal contaminação, mas é ousado o suficiente, às vezes, para levar a sua maldade *para o santuário.* **"Quase que me achei em todo mal que sucedeu *no meio da assembleia e da congregação*"** (Pv 5:14 – ARA).

A palavra para Arão, muito depois disso, foi: **"Vinho ou bebida forte tu e teus filhos contigo não bebereis, quando entrardes na tenda da congregação"** (Lv 10). A natureza não deve ser animada para esperar pelo serviço de Deus; não deve ser colocada em ação por seus próprios recursos para o cumprimento dos deveres do santuário. A bebida forte pode exaltar e causar agitação nos espíritos naturais, mas isso não é qualificação para um sacerdote da casa de Deus.

Mas mesmo Isaque parece ter sido revelado numa contaminação como esta: **"Agora, pois"**, disse ele a Esaú, **"toma as tuas armas, a tua aljava e o teu arco, e sai ao campo, e apanha para mim alguma caça, e faze-me um guisado saboroso, como eu gosto, e traze-mo, para que eu coma, e para que minha alma te abençoe, antes que morra"**. Ele ia realizar o último ato religioso de um sacerdote patriarcal, e pede vinho e bebida forte, o alimento da mera vida natural, para levantá-lo e dotá-lo para o serviço!

Isso foi realmente triste, deliberar sobre a caça em um momento assim. Todos nós podemos estar conscientes de quanto da natureza mancha nossas coisas santas, quanto da mera animação da carne pode ser confundida com a corrente calma e forte do Espírito. Podemos estar conscientes disso, no lugar da comunhão. E esta deve ser a nossa tristeza e a nossa humilhação: devemos confessá-la como um mal, ou pelo menos como uma fraqueza, e

vigiar contra ela. Mas para se preparar para isso, misturar cuidadosamente o vinho e a bebida forte, tomar um gole completo, dessa maneira, isso excede em contaminação.

E nada resulta de tudo isso além de desonra e perda. Toda esta contaminação familiar é julgada na santidade de Deus, porque esta era uma família de Deus na Terra. **"De todas as famílias da Terra a vós somente conheci; portanto, todas as vossas injustiças visitarei** [**punirei** – ARA] **sobre vós"**. Isaque é posto de lado, Rebeca nunca mais vê Jacó, e o suplantador calculista se vê no meio de labutas, injustiças e dificuldades, suplantado e enganado repetidas vezes; durante vinte longos anos fora da casa de seu pai. Nada resulta de tudo isto, quer olhemos para a política tortuosa de um partido, quer para o favoritismo carnal do outro; tudo é decepção e vergonha, sob a repreensão da santidade do Senhor.

Bênção patriarcal

Há, no entanto, um alívio, e um alívio muito importante, no meio desta cena corrompida e sombria. **"Pela fé, Isaque abençoou Jacó e Esaú, no tocante às coisas futuras"**. Esta é a própria referência do Espírito Santo a este capítulo em Hebreus 11.

Mas antes de falar do alívio ou conforto que isso traz para nós quando pensamos em Isaque, aproveito a oportunidade para perguntar: Qual foi a natureza ou o caráter dessa bênção dos patriarcas sobre seus filhos, que encontramos repetidamente no Livro do Gênesis?

Uma bênção estava nas mãos de Melquisedeque em Gênesis 14; como novamente, muito tempo depois, houve uma bênção nas mãos de Arão em Números 6. Esses casos podemos facilmente entender – essas bênçãos foram conferidas ou pronunciadas em razão do *cargo.* Elas foram pronunciadas por meio do sacerdócio ordenado por Deus. Não havia nada profético ou oracular nelas. As palavras que estes sacerdotes usaram foram mais *preparadas* do que *inspiradas;* palavras já prescritas pela provisão divina, em

vez de comunicadas no momento pela iluminação divina, pelo menos no caso de Arão.

Com a bênção patriarcal, porém, foi claramente o contrário. Houve uma profecia ou um oráculo nas palavras de Isaque sobre Esaú e Jacó aqui em Gênesis 27; e o mesmo ocorreu posteriormente nas palavras de Jacó sobre seus filhos em Gênesis 49, e em suas palavras sobre os filhos de José em Gênesis 48; e o mesmo aconteceu antes, nas palavras de Noé, em Gênesis 9, sobre Sem, Cam e Jafé.

Mas por que, pergunto eu, esse grande assunto foi confiado aos patriarcas?

Se não me engano, alguns dos segredos da religião patriarcal, da adoração e do ministério patriarcal estão envolvidos na resposta a isto. A religião tinha, nestes primeiros dias, as mesmas grandes verdades que ainda tem como espírito e princípio. A "queda" e a "recuperação" do homem, ou a "ruína" e a "redenção", foram então divulgadas e recebidas pela fé. Os altares dos pais e a ordenança dos limpos e impuros nos falam de fé e das apreensões de fé naqueles dias. A tenda dos patriarcas vivos e a Macpela dos patriarcas falecidos nos dizem que eles entenderam o chamado do estrangeiro e uma ressurreição vindoura; e o bosque [a tamargueira – TB] de Abraão em Berseba (Gn 21), e sua aliança com os gentios no poço do juramento, nos dizem também, em linguagem clara, embora simbólica, que eles entenderam alguns dos segredos brilhantes e felizes da era milenar, ou do **"mundo vindouro"** ou **"século futuro"**.

E a adoração e o ministério, naquela época inicial, estavam em suas formas mais simples. Posso dizer que *a natureza* sugeria que o pai ou cabeça da casa deveria ser o profeta, o sacerdote e o rei ali. Em tempos posteriores, quando a condição das coisas se espalhou, e quando, com o crescimento e a idade, a corrupção entrou, *a santidade de Deus* exigiu um povo separado ou circuncidado; e, relacionado com isso, um sacerdócio separado

ou ungido. Agora, em nossos dias, no dia do reino de Deus, que, como sabemos, **"não consiste em palavras, mas em virtude** [**poder** – ARA]**"**, é necessário que o ministério seja algo mais do que a natureza sugeriria, ou do que a santidade demandaria; deve haver *poder,* tal como o próprio Espírito prepara e transmite. Mas nos primeiros dias de Gênesis, naqueles dias *da família* – aqueles primeiros dias iniciais – a voz da *natureza* foi ouvida, e de maneira adequada e oportuna; e, consequentemente, o cabeça da família era o ministro de Deus para a família, e tanto as dignidades quanto os serviços dos profetas, sacerdotes e reis, dentro do alcance da propriedade familiar, ou no templo da família, centralizavam-se no pai.

A bênção dos filhos parece fluir disso. Foi um ato realizado nas virtudes combinadas de profeta e sacerdote, que, como vemos, os pais de família carregavam em suas próprias pessoas. Eles receberam uma comunicação da mente divina e depois a proferiram como **"oráculos de Deus"**; e, sendo representantes separados ou sacerdotais de Deus para seus filhos, pronunciaram sobre eles Sua bênção, a bênção de Deus.

Eles parecem sustentar esse caráter por todo o Livro do Gênesis.

O favoritismo de Isaque

Em nosso Isaque, é realmente triste ver como esse caráter foi exercido, ou melhor, abusado – como tais dotes elevados têm sido constantemente, a dignidade sacerdotal, por exemplo, na pessoa de Eli (velho piedoso como ele era), e a autoridade real, em um caso tremendo, até mesmo por alguém como o profundamente amado e honrado filho de Jessé.

Portanto, Isaque teria feito seu cargo servir não apenas às suas parcialidades particulares, mas também aos seus próprios apetites. E isso também, diante da solene advertência divina. A palavra já havia sido transmitida aos filhos de Isaque (Esaú, o maior, e Jacó, o menor): **"o maior servirá o menor"**. Mas o favoritismo e os apetites carnais de Isaque o tornaram

descuidado e esquecido disso, e ele estaria inclinado a fazer do maior, Esaú, o herdeiro da promessa.

E aqui podemos lembrar que Caifás, em sua época, era alguém como Isaque, combinando o profeta e o sacerdote em sua própria pessoa. E Caifás estaria inclinado a abusar de seu cargo e de seu dom para seus próprios miseráveis propósitos e desejos. Ele proferiu uma profecia verdadeira com um desígnio sobre a vida do Senhor Jesus (Jo 11). E nos dias de antigamente, o profeta Balaão era da mesma geração. Ele procurou de todas as maneiras, usar seu dom a serviço de seus desejos. Deus, porém, tirou-o de suas próprias mãos e forçou seus lábios a proferirem a sentença da justiça, o julgamento da verdade. E, embora seja triste reunir tais homens, mesmo em uma única ação, ainda assim é; pois tal foi Isaque em Gênesis 27. Embora fosse um vaso santificado e cheio, ele teria servido ao desejo de seu tolo coração, no uso do tesouro que carregava; mas Deus o tirou de suas próprias mãos e o usou como oráculo de Seu propósito soberano e estabelecido. Mais uma vez digo que é triste unir desta forma homens como Isaque e Balaão numa ação moral comum. Mas sabemos que **"o que é nascido da carne é carne"**. Como diz um antigo escritor: *"A água que é suja do poço não será limpa no balde"*. A carne de Isaque é como a carne de Balaão; e o mundo no coração de cada um deles é o mesmo mundo.

A fé de Isaque

Mas eles não são iguais *até o fim.* Este é o conforto, o conforto gracioso, do qual falei antes. Balaão ainda é Balaão, o homem que amou o prêmio da injustiça e correu avidamente atrás de seu próprio erro em busca de recompensa. Ele continua como Balaão, aconselhando Balaque a lançar uma pedra de tropeço diante do povo de Deus; e finalmente ele caiu, como Balaão, com os incircuncisos, morto à espada, como os que descem à cova. Mas Isaque se arrependeu com tristeza segundo Deus, para um arrependimento do qual não se arrepende. Quando seus olhos são abertos, e ele descobre o que estava fazendo e como Jacó

obteve a bênção que havia preparado para Esaú – quando isso o confronta na cara, que ele estava resistindo a Deus, mas que não podia prevalecer, sua alma parece despertar como do sono, e ficar viva para tudo isso, pois lemos sobre ele, que ele estremeceu de um estremecimento muito grande (v. 33). A visão, o senso moral do lugar que ele estava ocupando, assusta sua alma. Ele treme por si mesmo. A carne que ele estava nutrindo não poderia suportá-lo naquele momento – e ele não a busca – ela foi exposta a ele; e na luz e energia de uma vida melhor, ele age de acordo com a fé e diz, falando agora de Jacó, e não mais de Esaú: **"abençoei-o e ele será bendito"**.

Não houve nada disso em Balaão; Balaão não voltou atrás. Quando o anjo o resistiu no caminho estreito, e seu jumento caiu debaixo dele, não houve nada dessa tristeza segundo Deus operando o arrependimento. Mas nosso Isaque está restaurado. Ele procura outro caminho e assume e segue o objetivo de Deus a partir daquele momento. Não é **"a *loucura* do profeta"** que o Espírito registra em Isaque como teve que fazer em Balaão, mas a *fé* do profeta. Pois nesta hora de feliz e restaurada comunhão com a mente de Deus, depois de seu tremor, **"um estremecimento muito grande"**, o caminho de Isaque é selado e sinalizado pelo Espírito. **"Pela fé, Isaque abençoou Jacó e Esaú, no tocante às coisas futuras"**. E este é o único assunto na vida de Isaque que é notado pelo Espírito em Hebreus 11.

Empatia da natureza superada

Mas isto tinha caráter, e o Espírito o distinguiu. As vitórias da fé que Moisés obteve foram excelentes. Ele respondeu tanto à *atração* quanto aos *terrores* do Egito; recusando ser chamado de filho da filha do rei e abandonando a terra, não temendo a ira do rei. Foram vitórias esplêndidas; e assim são até hoje, quando alcançados no santo. Mas há conquistas muito menos notáveis, que, no entanto são conquistas, registradas neste capítulo que celebra os feitos da fé. Eles podem ser vistos em Isaque e em Jacó. Cada uma dessas testemunhas de fé, em sua época,

abençoou os filhos diante deles *de acordo com Deus,* embora isso fosse *contrário à natureza.* Isaque teria preferido Esaú e Jacó teria preferido Manassés; mas Isaque persistiu em abençoar Jacó, e Jacó em abençoar Efraim, e com isso *a natureza* foi conquistada. Não foi, podemos admitir, o *mundo,* seja em suas armadilhas ou em seus perigos, que se destacou para testar a força da fé no santo – mas ainda assim foi um opositor. Foi *a natureza;* as sugestões ou empatias ou parcialidades da natureza – e embora possamos admirar o esplendor das vitórias de um Moisés ou de um Abraão, vamos lembrar e olhar para isso, que lutamos a luta da fé com a *natureza,* e ganhamos o dia nesse campo, com Isaque e Jacó.

Falta de paciência

Quanto ao papel de Jacó neste cenário familiar que estamos vendo, podemos certamente dizer, se ele tivesse deixado seus assuntos nas mãos do Senhor, onde estiveram desde o início, desde antes de seu nascimento, e não tivesse permitido que sua mãe os tomasse nas mãos dela, ele teria se saído muito melhor. Quantas vezes muitos e muitos Jacós desde os dias de Gênesis 27 provaram o mesmo! O Senhor lhe havia prometido a bênção sem qualquer condição. **"O maior servirá o menor"**. Mas ele não poderia, na paciência da fé, esperar o tempo e o método do Senhor para cumprir Sua própria promessa. Portanto, a promessa fica carregada de reservas, dificuldades e fardos. Certamente será cumprida. A promessa do Senhor é certa e "nunca foi confiscada". Ele é capaz de fazê-la resistir. O maior servirá ao mais jovem – mas agora, por causa da própria incredulidade e política de Jacó, o maior causará alguns problemas ao menor: porque o menor pensa bem em lidar com a promessa conforme sua própria astúcia e habilidade, ele será obrigado a alcançá-la depois de atraso, tristeza e vergonha.

Profecia certa, mas não apreciada

Assim, o próprio Esaú recebe uma promessa do Senhor, por meio de seu pai Isaque nesta ocasião, uma promessa que o propósito e

a graça divinos para com Jacó, a princípio, nunca haviam contemplado. **"Então respondeu Isaque, seu pai, e disse-lhe: Eis que a tua habitação será nas gorduras da Terra e no orvalho dos altos céus. E pela tua espada viverás, e ao teu irmão servirás. Acontecerá, porém, que quando te assenhoreares, então sacudirás o seu jugo do teu pescoço"** (vs. 39-40 – ACF).

Tudo isso acontece. Davi, que veio de Jacó, estabelece guarnições em Edom, e os edomitas tornam-se seus servos e trazem presentes. Jeorão, que também vem de Jacó, depois perde os edomitas como seus servos e tributários; eles se revoltam e continuam assim até hoje. (Veja 2 Samuel 8:14; 2 Crônicas 21:8).

Em breve virão salvadores a Sião e julgarão o monte de Esaú (Ob 21). O tabernáculo de Davi, que agora está caído, será levantado, e Israel possuirá Edom e o restante dos gentios (Am 9). Isto será cumprido a seu tempo, pois o maior servirá o menor – a promessa é sim e amém. Mas agora, e desde os dias de Jeorão, filho de Josafá, da casa de Davi, da linhagem de Jacó, Esaú ou Edom tem estado em revolta; e a promessa é, portanto, adiada, complicada e sobrecarregada de maneira que a graça de Deus e o dom pela graça nunca planejaram, e que Jacó nunca teria passado, se sua fé tivesse sido mais simples.

E há muito disso na experiência Cristã. (Veja os discípulos no Mar da Galileia, em Marcos 4.) O Senhor lhes disse: **"Passemos para a outra margem"**. Esta foi uma promessa para eles de que certamente alcançariam o outro lado. Eles não precisariam temer. Eles poderiam, se quisessem, deitar-se para dormir com seu Mestre. Mas não – eles temem e consultam a carne e o sangue. E, portanto chegam ao outro lado com tremores, espanto e vergonha. Seus medos carregaram seu espírito com esses fardos, os quais, se tivessem deixado o *cumprimento* da palavra para Aquele que a *deu,* teriam sido salvos. E assim, a incredulidade de Jacó em Gênesis 27, ao colocar a promessa de Deus nas mãos de sua mãe, carregou a história de sua casa com aquelas

perplexidades, contradições e mudanças que, como mencionamos, eram todas estranhas à promessa, como o simples dom da graça, no início, havia proposto e cumprido.

Muitas experiências semelhantes tiveram os discípulos, por meio de sua incredulidade, ao terem a companhia do Senhor Jesus durante todo o tempo em que Ele entrava e saía entre eles – e muitos deles são conhecidos por nós, Seus santos, até hoje. Nosso espírito fica surpreso e envergonhado, quando poderíamos ter conhecido apenas os regozijos calmos e brilhantes da fé, olhando, se assim fosse, para um Jesus adormecido e sabendo Sua suficiência para todas as promessas, embora os ventos e as ondas se oponham.

Foi assim com Jacó, conforme o papel que ele desempenhou nessa triste cena familiar. Esaú não era o *culpado* aqui. Ele foi antes a parte *lesada;* e, portanto, nas mãos d'Aquele por Quem **"são as obras pesadas na balança"**, Esaú é o único que ganha. Todos os demais precisam aprender onde terminará o caminho de seus próprios corações. Isaque, Rebeca e Jacó provam isso. É Esaú, até agora o ferido, quem ganha, como vimos, alguma coisa com tudo isso. Pela sua espada ele vive e, com o tempo e por um tempo, quebra de seu pescoço o jugo de seu irmão mais novo. (Jeroboão em sua época seguiu seu próprio caminho para alcançar a promessa de Deus referente ao reino das dez tribos, feita pelo profeta Aías – e ele adiou sua própria misericórdia; assim como Jacó faz neste capítulo. Não, ainda mais. Jeroboão teve que ser exilado no Egito até a morte de Salomão, por essa causa; assim como Jacó esteve exilado em Padã-Arã por vinte anos, pelo mesmo mal. Leia mais sobre isso em 1 Reis 11).

Depois de tudo isso, bem no fim de seus caminhos, embora não de seus dias, por desejo da desconfiada e aterrorizada Rebeca, Isaque manda Jacó embora. E esta ação é feita com uma expressão de tristeza, vergonha e decepção, o fruto amargo que o seu próprio caminho preparou para eles. Na verdade, tudo teria

sido diferente se o espírito e a obediência da fé os tivessem mantido no caminho do Senhor (Gn 27:42; 28:5).

O fim de Isaque

E aqui chegamos, como dissemos, ao fim, ao fim *prático,* da vida do nosso patriarca. Ele vive, é verdade, quarenta anos depois disso; pode ser mais – mas ele está perdido para nós. Ele é como se não existisse.

No final de Gênesis 35, lemos: **"E Jacó veio a Isaque, seu pai, a Manre, a Quiriate-Arba (que é Hebrom), onde peregrinaram Abraão e Isaque. E foram os dias de Isaque cento e oitenta anos. E Isaque expirou, e morreu, e foi recolhido aos seus povos, velho e farto de dias; e Esaú e Jacó, seus filhos, o sepultaram"**.

Abraão havia se apossado cuidadosamente de Macpela, por ocasião da morte de Sara; e ali ele sepultou Sara, e ali o sepultaram Isaque e Ismael; e ali, neste momento, Jacó e Esaú sepultaram Isaque e ali depois seus doze filhos sepultaram Jacó.

A compra de pedaço de campo e o cuidado que os patriarcas manifestaram na questão de serem sepultados ali, nos falam de sua fé em sua própria feliz ressurreição e na consequente herança da terra. Isso nos diz que *a esperança* estava na alma deles tão certamente quanto *a fé* estava – que assim como eles descansaram, sem dúvida, na certeza de seu chamado e adoção, assim o fizeram, com igual segurança, na vida e na herança preparada para eles no mundo vindouro.

Eles viveram em fé e morreram em fé. Eles eram um povo que conhecia e desfrutava da vida de fé e de esperança na alma de cada um deles. Eles evidenciam a natureza repetidas vezes; eles erram, desviam-se, tramam e às vezes enganam a Deus por incredulidade; incorrem em disciplina e repreensão e às vezes são humilhados diante dos homens; mas eles parecem nunca duvidar dos fatos abençoados, de que foram *adotados* e *doados*

pelo Deus da glória. A fé e a esperança viviam na alma deles. Não digo que eles tivessem o que nós temos. Existe agora uma unção, um penhor e um testemunho, fruto do Espírito dado e que habita, transmitindo não apenas o poder, mas o caráter deste nosso dia. Mas os patriarcas, nos seus primeiros dias, parecem *nunca duvidar.* E isto é precioso – que Deus, mesmo nas primeiras comunicações de Si mesmo – comunicações de Si mesmo aos Seus eleitos, mesmo em sua simplicidade, ou, nos primórdios de Gênesis – fosse conhecido por eles como Alguém em Quem se podia confiar tanto para o presente quanto para o futuro.

Deus deu esperança

E novamente eu digo: isso é precioso. O Espírito forma *esperança* na alma dos eleitos, tão certamente quanto a fé. Macpela nos diz isso, quanto aos patriarcas. Mas ela foi achada antes deles, e tem sido achada desde então. Adão era um homem esperançoso e crente. Assim que ele teve fé, ele teve esperança. Ele caminhou como um *estrangeiro* na Terra, bem como na *consciência da vida.* E com ele, e como ele, caminharam os santos antediluvianos.

Posteriormente, Israel celebrou a última noite de sua estada no Egito com o cajado na mão e sapatos nos pés, tão simples e tão certo quanto colocaram o sangue na verga da porta. Esperavam algo além do Egito, tão certamente como contavam com a segurança no Egito.

Moisés testemunhou esta posição de Israel, esta posição adequada no arraial de Deus no poder de fé e de esperança, quando depois disse a Hobabe: **"Nós caminhamos para aquele lugar de que o SENHOR disse: Vo-lo darei"**. E assim Paulo, em suas palavras diante do rei Agripa: **"à qual** (promessa) **as nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia"**.

O azeite nos vasos das virgens prudentes é a expressão do poder da esperança. Elas se precaveram para a espera d'Aquele por

Quem vigiavam e esperavam, fosse aquele retorno próximo ou distante.

E para dar à esperança a sua mais elevada e brilhante glória moral, somos informados de que o atual céu de Jesus é um céu de esperança. Embora esteja assentado à direita da Majestade nas alturas, Ele está, sabemos, **"esperando até que Seus inimigos sejam postos por escabelo de Seus pés"**. E a mente da Igreja glorificada será, em breve, semelhante a essa mente de seu Senhor glorificado; pois o céu de Apocalipse 5 também é um céu de esperança. **"Digno és"**, dizem as criaturas viventes e os anciãos entronizados daquele céu, **"de tomar o livro e de abrir os seus selos; porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo e língua, e povo e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra"**.

Nesta vida de fé e esperança, os pais do Livro do Gênesis são vistos como um só. Fico feliz em saber disso. Eles ilustram diferentes mistérios e nos falam diferentes lições morais; mas nesta vida de fé e esperança eles são *um;* e cada um em seus dias, Abraão, Isaque e Jacó, são igualmente reunidos ao seu povo (Gn 25, 35, 49) – cada um é *"um punhado de pó santo"* na cova no campo de Efrom, o Hitita, ali depositado com esperança segura e certa de uma ressurreição para a vida e para a herança.

Existe um ditado: *"É melhor desgastar-se do que enferrujar-se".* Mas esse algo melhor não pertencia a Isaque. Ele enferruja. E *esse* foi o fim natural de *tal* vida.

Isaque colocado de lado

Isaque, pergunto, era um vaso arruinado na roda do oleiro? Ele foi um vaso deixado de lado por não ser adequado para uso do Mestre? Ou pelo menos não está mais apto para isso? Sua história parece nos dizer isso. Abraão não tinha sido assim. Todas as características distintivas do "estrangeiro aqui", todos os frutos próprios daquela energia que o vivificou no início, foram

carregados nele e por ele até o fim. Já vimos isso na caminhada de Abraão. (Veja "Abraão".) A folha de Abraão não murchou. Ele deu frutos na velhice. O mesmo aconteceu com Moisés, com Davi e com Paulo. Eles morrem vestindo seus jugos, no arado ou na batalha. Erros e mais do que erros cometeram no caminho, ou na sua causa, ou no seu trabalho; mas eles nunca são colocados de lado. Moisés está aconselhando o arraial perto das margens do Jordão; Davi está ordenando as condições do reino e colocando-o (em sua beleza e força) nas mãos de Salomão; Paulo está com sua armadura, seus lombos cingidos. Quando, como posso dizer, estava próximo o momento de sua partida, o Mestre, como lemos em Lucas 12, encontrou-os **"fazendo assim"**, como os servos deveriam ser encontrados. Mas não foi assim com Isaque, Isaque é deixado de lado. Durante quarenta longos anos nada sabemos sobre ele; ele estava, por assim dizer, decaindo e definhando. O vaso estava enferrujando até enferrujar por completo.

Certamente há sentido em tudo isso, sentido para nossa admoestação.

Variedade moral

E, no entanto – tal é a frutificação e a instrução dos testemunhos de Deus – há outros, na Escritura, de outras gerações, que têm lições e advertências ainda mais solenes para nós. É humilhante ser *colocado de lado* por não ser mais adequado para uso; mas é triste ser deixado apenas para *nos recuperarmos,* e é terrível permanecer para *nos contaminarmos.* E temos ilustrações de toda essa variedade moral nos testemunhos de Deus. *Jacó,* nos seus últimos dias no Egito, não é como um vaso deixado de lado, mas está lá se recuperando. Sei que há algumas coisas verdadeiramente preciosas relacionadas com ele durante aqueles dezessete anos que passou naquela terra, e não poderíamos poupar a lição que o Espírito nos ensina da vida de Jacó no Egito. Mas ainda assim, a moral disso é esta: um santo, que esteve sob santa disciplina, recuperando-se e produzindo frutos dignos de recuperação. E quando pensamos um pouco

sobre isso, isso é apenas uma coisa ruim. Mas *Salomão* é um caso ainda pior. Ele vive para se contaminar; triste e terrível contar isso. Este não era Isaque nem Jacó – não era um santo simplesmente deixado de lado, nem um santo deixado para se recuperar. Isaque foi, no grande sentido moral, imaculado até o fim, e os últimos dias de Jacó foram seus melhores dias; mas sobre Salomão lemos: **"Porque sucedeu que, no tempo da *velhice de Salomão*, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses"**, e isso fez com que a inscrição sobre seu nome, a tábua em sua memória, fosse ambígua e difícil de decifrar até hoje.

Tais lições nos são ensinadas por Isaque, Jacó e Salomão, dessa maneira, amados – tais são as minuciosas e variadas instruções deixadas para nossa alma nas páginas frutíferas e vivas dos oráculos de Deus. Elas nos permitem ver, na casa de Deus, vasos úteis para uso e mantidos em uso até o fim – vasos colocados de lado, para enferrujarem em vez de se desgastarem – vasos cujo melhor serviço é ficarem limpos novamente – e vasos cuja desonra, no final do seu serviço, é contrair alguma nova contaminação.

Trazido a um Deus amoroso

Maravilhosas e variadas as lições e os caminhos da graça, graça abundante! De fato, rapidamente a alma nutre pensamentos de Deus segundo as sugestões da *natureza,* em vez de conhecê-Lo segundo *a fé.* A natureza O mantém diante da alma como um Juiz, ou como um Legislador, ou um Exator da justiça, como Alguém que carrega balanças em Suas mãos para testar cada pensamento e obra – Alguém que é sensível e ressentido com o menor toque do mal. Mas a fé O mantém diante de olhos e corações que contemplam e adoram, como Aquele que sempre nos ama, fazendo ou dizendo o que quer que seja. Pois a fé opera pelo amor (Gl 5:6) – ela opera para com Deus como Amor e, portanto, é um espírito de confiança e liberdade. Se encontrarmos nossa alma sob a pressão do espírito de medo, escravidão ou incerteza, podemos ter certeza de que elas deixaram a mão gentil

da fé e se permitiram ser guiadas por tutores e governadores que a natureza fornece. Isto não deveria ser assim. Devemos saber que *sempre temos* a ver com *amor!* Quando lemos, quando oramos, quando conversamos, quando confessamos, quando servimos, quando cantamos, quando procuramos por Sua mão em providência, ou pensamos em Seu nome em segredo, que a comunhão da fé com Deus seja nossa! Ele nos ama. A relação em que nos encontramos, e da qual o nosso Isaque foi a expressão, torna isto uma verdade *necessária.*

Foi **"para Si mesmo"** que Deus nos trouxe e nos adotou – e nos predestinou para a adoção de filhos por Jesus Cristo, *para si mesmo,* segundo o beneplácito (ou o bom prazer) da Sua vontade (Ef 1:5). E estas palavras **"para Si mesmo"** revelam o próprio gozo de Deus na *adoção* dos eleitos, em torná-los *filhos;* assim como foi o gozo de Abraão com o desmame de nosso Isaque. Cristo apresenta a Igreja a *Si mesmo* (Ef 5:27), e o Pai reúne os eleitos como filhos por adoção para *Si mesmo.* Cada um tem interesse pessoal e deleite pessoal nos mistérios da graça. E de acordo com isso, o Espírito Santo, na Epístola aos Gálatas, à qual a história de Isaque se refere, defende a causa do Pai, bem como a causa de Cristo conosco. Ele nos ensina que somos redimidos por Cristo da maldição da lei e, por meio do Espírito que nos foi dado pelo Pai, da *escravidão* da lei. Tudo isso é cheio de bênçãos para nós; e tudo isso nos sugere o mistério de Isaque, filho da mulher livre.

A fé é aquele princípio em nós que dá ao Senhor Jesus o lugar ou privilégio (um lugar que só Deus pode preencher) de sustentar a confiança de um pecador inteiramente por Si mesmo, de ser o imediato, o único Objeto da confiança do pecador. Mas a fé, nesta dispensação, envolve *relacionamento.* Pela fé permanecemos na Pessoa e também *na* obra de Cristo – e Cristo sendo o Filho, somos filhos, assim como somos pecadores salvos. Somos todos filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus (Gl 3:26). E Ismael não dividirá a casa com Isaque. O espírito de escravidão gerado pela lei ou pela religião das ordenanças deve ser afastado, e somente

o espírito de liberdade deve preenchê-lo. Pois a casa agora está colocada sob um filho e não um servo, sob Isaque e não sob Eliezer – e *o relacionamento* é o gozo de Deus assim como é o nosso. **"O Pai procura a tais que assim O adorem"** Palavras maravilhosas de graça abundante, amado! E o gozo em nosso Isaque garantiu isso nos dias patriarcais.

Jacó

Já seguimos o curso do Livro de Gênesis até o final de Gênesis 27. Desse capítulo até Gênesis 36, Jacó é o principal; e é essa parte que pretendo considerar agora.

Depois disso, houve uma época muito importante na vida de Jacó: sua peregrinação no Egito por dezessete anos e sua morte lá. Mas isso é encontrado naquela parte do livro em que José se torna o principal, de modo que me referirei ao livro apenas no que diz respeito a Jacó.

A vida de Jacó é de uma atividade muito ampla e variada, de caráter bem diferente da de seu pai Isaque. A sabedoria de Deus explica isso prontamente; porque há intenção divina no desenrolar dessas histórias, assim como há veracidade divina no registro delas. Por elas somos instruídos nos mistérios, tão certamente quanto as circunstâncias nos são dadas a conhecer. Tem sido meu desejo observar esses mistérios, bem como reunir a moral dessas primeiras eras da família humana e desses primeiros pais dos eleitos de Deus.

A eleição e o chamado de Deus, no exercício soberano de Sua graça, foram exibidos em Abraão.

A filiação, à qual a eleição nos leva (pois somos predestinados à adoção de filhos), foi então demonstrada em Isaque.

A disciplina, como a de um filho (pois qual é o filho a quem o pai não corrija?) deve agora, a seu tempo, ser exibida em Jacó.

E assim, dessa maneira, essas histórias sucessivas não apenas continuam a narrativa ordenada dos fatos, mas nos apresentam uma visão daquele curso ou conduta que a graça e a sabedoria de Deus estão tomando com Seu povo.

Jacó aprende o amor por meio do castigo

Jacó era um filho assim como Isaque. Mas ele era um filho na escola ou sob correção; não um filho, como Isaque, sob criação e cuidados da casa de seu pai; não como alguém que conhece os direitos e dignidades de filho e herdeiro, mas como alguém a quem é dado a conhecer o amor, o amor prático, que castiga e corrige. Este era o filho Jacó. Mas nunca devemos esquecer que nunca somos mais claramente filhos do que quando estamos sob tal disciplina. A disciplina pressupõe adoção. A exortação ou correção fala-nos como *a filhos.* A disciplina pode ocupar o primeiro plano, mas o amor paterno é o segredo.

A ordem da vida de Jacó

Mas este relato de Jacó como filho sob disciplina é apresentado aqui apenas como uma característica geral. Quanto aos materiais de sua história, por mais variados e marcantes que sejam, podemos distingui-los em quatro épocas:

1. Seu nascimento e infância na casa de seu pai na terra de Canaã.
2. Sua jornada para Padã-Arã e sua residência ali, na casa de Labão, o sírio, por vinte anos.
3. Sua viagem de volta de Padã-Arã e sua segunda residência em Canaã.
4. Sua jornada de Canaã ao Egito, e sua residência e morte lá.

Isto pode ser lido como um índice simples e natural, por assim dizer, e eu o seguiria em sua ordem.

Parte 1 – Início da história de Jacó

Esta parte mais antiga da história de Jacó, seu nascimento e sua vida na casa de seu pai na terra de Canaã até aproximadamente os setenta anos de idade (diz-se nos escritos Judaicos que ele tinha setenta e sete anos de idade). Eu de uma maneira geral antecipei isso no artigo anterior, intitulado *"Isaque"*. E posso dizer, necessariamente; porque está envolvido naqueles capítulos do

livro de Gênesis, onde Isaque é o principal. Preciso, portanto, referir-me a ele.

Parte 2 – Os tratamentos do Pai celestial

Jacó começa a ser visto sob disciplina no capítulo 28, e é aí que se inicia esta segunda parte de sua história, e onde também, no Livro do Gênesis, ele se torna o personagem principal.

Na sua viagem rumo a Padã, mas antes de sair das fronteiras de Canaã, no lugar chamado Luz, o Senhor o encontra. Este não era o leito de seu pai, onde ele estava pecando, mas um local solitário, triste e distante onde seu pecado o havia lançado, e onde a disciplina de seu Pai celestial estava tratando com ele. Em um tal lugar assim, Deus pode nos encontrar. Ele não pode aparecer para nós no cenário de nossas iniquidades, mas Ele pode no lugar de Sua correção. E tal foi Luz para Jacó. Era um local desconfortável. As pedras do lugar eram seu travesseiro, e o céu sobre sua cabeça sua cobertura; e ele não tinha nenhum amigo além de seu cajado para acompanhá-lo e animá-lo. Mas o Deus de seus pais vai até ele. Ele não altera suas circunstâncias atuais nem reverte o castigo. Ele o deixa seguir seu caminho sem amigos, para encontrar, no final dele, vinte anos de serviço árduo nas mãos de um estranho, com muitas injustiças e danos. Mas ele lhe dá promessas celestiais de que os exércitos do alto deveriam vigiar e cuidar ao seu redor.

Misericórdia adicional

O Senhor havia feito, como sabemos, grandes promessas a Abraão: as mesmas foram repetidas a Isaque e agora, em Betel, são dadas a Jacó. Mas, para Jacó, algo muito distinto dessas promessas comuns é acrescentado: "**eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra, porque te não deixarei, até que te haja feito o que te tenho dito**" (Gn 28:15). Esta foi uma nova promessa, uma misericórdia adicional; só porque Jacó precisava disso, o que Abraão e Isaque não precisavam. Jacó era o único dos três que precisava que o

Senhor estivesse com ele onde quer que fosse, e o trouxesse para casa novamente. Jacó, por seu próprio comportamento prejudicial, tornou essa misericórdia adicional necessária para si mesmo e, em graça abundante, ele a obtém e a visão da escada a garante. As promessas a Abraão e a Isaque não incluíam este cuidado providencial e angelical. Eles permaneceram na terra; mas Jacó se tornou um exilado, que precisava do cuidado e da vigilância de uma supervisão especial do céu, e ele consegue. E é a isso, acredito, que Jacó se refere, quando diz a José: **"As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais"** (Gn 49:26). Este cuidado angélico que velou sobre ele, sob comissão direta do céu, em seus dias de exílio e trabalho penoso, aos quais o seu próprio erro havia incorrido, *distinguiu-o* como um objeto de misericórdia e deu-lhe **"bênçãos"** acima das de seus **"pais"**. E neste caráter ele alcançou a **"extremidade dos outeiros eternos"**. Ele era herdeiro do reino como *credor de uma misericórdia especial,* por meio daquela graça abundante que o ajudou e o manteve em meio aos frutos amargos de seu próprio comportamento prejudicial. Como Davi, em sua época, triunfou no **"concerto eterno"** feito com ele, embora no momento sua casa estivesse em ruínas por causa de seu próprio pecado (2 Sm 23).

Graça e santidade combinadas

Este é o caminho de Deus, excelente e perfeito na combinação de graça e santidade. E sobre isso, deixe-me observar, que em todas as circunstâncias existem dois objetos, e que a natureza olha para um e a fé para o outro. Portanto, na disciplina divina, tal como Jacó estava experimentando agora, existe a *vara,* e também a *mão que a utiliza.* A natureza considera a primeira, a fé reconhece a segunda. Jó, em sua época, foi quebrantado sob a vara, porque se preocupava apenas com ela. Se ele tivesse olhado para o conselho, para o coração ou para a mão que a havia designado (como somos exortados a fazer, Miqueias 6:9), ele teria permanecido em pé. Mas a natureza prevaleceu nele, e ele manteve os olhos na vara, e isso foi demais para ele.

Portanto, nas *falhas,* assim como nas circunstâncias, existem dois objetos. A consciência tem o seu objeto, e a fé também tem o seu objeto. Mas não se deve permitir que a consciência roube da fé os seus tesouros, os tesouros da graça restauradora e perdoadora, que o amor de Deus em Cristo reservou para ela.

Há um grande conforto nisso. A natureza não deve se sobrecarregar com as circunstâncias, nem a consciência com os fracassos. A natureza deve sentir que nenhuma aflição é para o gozo presente, e que a consciência ou o coração podem ficar quebrantados; mas em ambos os casos, a fé deve estar no seu posto e cumprir o seu dever; e grande parte da energia graciosa do Espírito nas epístolas está empenhada em colocar a fé em seu posto e encorajá-la a cumprir seu dever. Os apóstolos, sob o Espírito Santo, tomam conhecimento do perigo e da tentação que enfrentamos por natureza; e embora seja abundantemente aplicada, essa consciência deve ser avivada e zelosa, mas é necessário que a fé se mantenha diante dela.

Conhecer a Deus *na graça* é Seu louvor e nosso regozijo. Naturalmente, ou de acordo com os instintos de uma natureza contaminada, pensamos n'Ele como Alguém que *exige obediência* e *busca serviço.* Mas a fé O conhece como Alguém que *se comunica,* que nos fala de privilégios, da liberdade e da bênção de nosso relacionamento com Ele.

A rica graça de Deus

Mas a alma de Jacó não estava à altura desta forma de graça. Ele descobriu que o lugar onde a escada e os anjos eram vistos, e onde o Deus de seus pais falava com ele, era **"terrível"**. Em certo sentido, foi demais para ele. Como aconteceu muito tempo depois com Pedro no monte santo. Deus é fiel à abundância de Sua graça. Jacó podia dizer: **"Quão terrível é este lugar!"** Pedro e seus companheiros puderam ter medo; mas a escada, no entanto, alcança o céu, e os anjos sobem e descem sobre ela à vista do patriarca; e a glória no monte ainda brilha. Pois a graça de Deus é

mais rica do que as apreensões da alma sobre ela. Deus brilha em Si mesmo acima de nossas experiências. E é em Si mesmo que Ele deve ser conhecido, e não nos reflexos de nossa experiência.

Ainda assim, como Pedro no monte, Jacó, em certo sentido, achou bom estar na Luz e chamou o lugar de Betel. Ali era a casa de Deus para ele, pois Deus estivera ali com ele e falara com ele; era a porta do céu aos seus olhos, pois ali os anjos haviam aparecido, descendo de seu próprio lugar no alto. **"Este não é outro lugar senão a Casa de Deus"**, diz ele, **"e esta é a porta do céu"**.

Deus mesmo tanto *registra* o Seu nome como o *glorifica.* Ele o registra ou o revela primeiro, e a fé O aceita. No devido tempo, Ele comprova esse registro ou testemunho, tornando tudo bom, e assim glorifica Seu nome. E onde quer que Ele registre Seu nome, ali estará Sua casa. A eira de Ornã ganhou, muito tempo depois, a mesma dignidade que Luz agora recebe, e com o mesmo título. **"Esta é a casa de Senhor Deus, e este é o altar de holocausto para Israel"**, diz Davi sobre aquele local dos jebuseus (1 Cr 22:1 – AIBB). Pois era o lugar, como este Betel de nosso patriarca, onde a misericórdia triunfa sobre o juízo, onde Deus estava Se revelando na abundância de Sua graça, e ali a fé avista a casa de Deus. Jacó e Davi, cada um em sua época, eram santos sob disciplina; mas o Senhor os encontrou nas ricas provisões de Seu amor, revelando-Se desta forma ou registrando Seu nome; e esta era a Sua casa para eles. Mas é mais fácil consagrar a casa desta forma do que aprender a lição que ali é ensinada. Jacó expressou corretamente seu coração sob a força das impressões que a visão não poderia deixar de despertar; mas ainda há algo do velho Jacó em seu espírito. O caminho defeituoso de seu coração ainda está em ação, e ele parece calcular, fazer barganhas e estabelecer condições, embora o Senhor tenha falado com ele ali na linguagem da promessa, em bondade livre, soberana e abundante. Pois a natureza ainda se agita depois de muitas repreensões e derrotas, e sobrevive ao que por um momento

pode ter parecido um golpe mortal. Jacó não a deixa para trás agora em Betel, assim como antes não havia a deixado para trás na tenda de sua mãe.

Chegada à casa de Labão

Mas ele continua. Graça colocou o santo castigado em sua jornada, e com algum entusiasmo também, até que **"chegou à terra dos filhos do Oriente"** (TB), até chegar a Padã-Arã, onde o conselho de sua mãe o havia designado, e, sem dúvida, aonde a mão de Deus agora o conduziu.

Sua apresentação a Raquel foi no poço e no meio do rebanho, como a de Eliezer a Rebeca; e Eliezer era apenas o representante de Isaque. Mas Jacó era o homem pobre, Isaque, o rico. Isaque poderia enriquecer Rebeca com brincos e pulseiras de ouro, penhores da boa riqueza que tinha para ela. Jacó tem apenas seu trabalho e suor no rosto. Um era como filho e herdeiro, o outro, um homem que se empobreceu e deve encontrar seu próprio caminho por meio do desgaste da vida da melhor maneira possível, com a ajuda de Deus. Israel serviu por uma esposa, e por uma esposa ele guardou o gado (Oseias 12:12). E um serviço difícil que ele estava prestes a encontrar. Mas ele entra imediatamente nele e continua por vinte longos anos (Gn 29-31).

A cena se passa na casa de Labão, irmão de sua mãe, e rapidamente se torna uma cena de várias ações morais, e assim continua. Não temos apenas o próprio Jacó e Labão, mas as duas esposas Leia e Raquel, e suas duas servas Zilpa e Bilha.

Reconhecendo a disciplina

Jacó passou pouco tempo sob as provações e tristezas de sua estadia com Labão, antes de ser visitado conforme o mesmo padrão de sua própria ofensa em casa. Ele havia enganado seu pai com relação a seu irmão e a bênção. Labão agora engana Jacó com relação a Raquel e o casamento. Mas em grande parte do seu comportamento durante os vinte anos que passou com

Labão, vemos o que havia de excelente nele. Pois a força e a influência de saber *que estamos sob a mão de Deus para correção* são necessariamente sentidas por uma mente que tem algo correto em relação a Deus. Não é que a natureza seja alterada ou quebrantada sob tal pressão, mas deve, em certa medida, mais ou menos, ser controlada. Davi, quando sob repreensão, dura e humilhante como jamais um santo se expôs, comporta-se de forma bela. Suas palavras a Itai, a Zadoque e a Husai, seu ressentimento pela ação dos filhos de Zeruia, suas humilhações, suas lamentações sobre Absalão e seu uso de sua vitória como se tivesse sido uma derrota, tudo isso e mais do que isso do mesmo tipo, mostra-nos uma obra abençoada do Espírito em sua alma. Em Jacó, em Padã-Arã, não conseguimos nada tão bom quanto isso, eu sei; mas, se não me engano, temos um santo sob disciplina, consciente da disciplina, entendendo bem o caráter do momento sob a mão de Deus e a justiça da repreensão do Senhor, comportando-se com mansidão e vigilância. Ele se submete em silêncio às injustiças de um senhor maligno. Ele serve pacientemente e sofre sem reclamar. Seu salário foi alterado dez vezes, mas ele não responde novamente. Em tudo isso ele é humilhado sob a poderosa mão de Deus, como alguém que estaria inclinado a lembrar seus próprios caminhos passados. E ao final de vinte anos de trabalho árduo e maus tratos, ele é capaz de testemunhar sua fidelidade, e o próprio Deus parece selar o testemunho. Pelas providências de Sua mão, e pelas revelações nas visitações de Seu Espírito, e também por interferências diretas com o próprio Labão, o Senhor protege, abençoa e justifica Jacó.

Há beleza nisso. Não digo que a natureza ficou mortificada, que a raiz da amargura foi julgada. Descobriremos, eu sei, que depois disso Jacó ainda é o velho Jacó, tristemente traído pelo mesmo fermento que trabalhou nele desde o início. Mas, enquanto estava na casa do sírio, Jacó era como alguém que sabia estar sob a poderosa mão de Deus quanto à correção, e se comportou de

acordo, nem se justificando contra reprovações, nem lutando por seus direitos diante de ofensas e injustiça.

Labão: homem do mundo

Eu julgo que Jacó foi uma pessoa assim na casa de Labão. Quanto a Labão, ele era um homem completamente do mundo quando Jacó entrou em sua casa, e também assim o era quando Jacó a deixou. Em todas as suas negociações, do início ao fim, ele busca sua própria vantagem. Ele é obrigado a reconhecer que a mão de Deus estava com Jacó; mas ele faria essa mão, por meio de Jacó, ministrar a si mesmo, e transformaria o interesse de Jacó em Deus em seu próprio proveito. Durante vinte anos ele teve o testemunho da mão do Senhor e a operação de Sua graça e poder, sob seus olhos e em sua casa, e isso diariamente; mas ele ainda continuou sendo um homem do mundo. Deus Se aproximou dele, como depois em Betsaida e Corazim, na realização de Suas obras poderosas; mas não houve arrependimento. E a saída de Jacó de sua casa finalmente foi como uma fuga das mãos do inimigo ou do laço do passarinheiro. Foi uma espécie de êxodo. De um modo familiar foi o que mais tarde ficou conhecido por Israel de uma forma nacional. Labão era como Faraó e Padã-Arã como Egito para nosso patriarca. Ele gostaria de ter mantido Jacó como um escravo ou, na melhor das hipóteses, mandá-lo embora como um mendigo; mas o Senhor interveio por Jacó diante de Labão, como depois interveio por Israel diante de Faraó. Labão e Faraó *testemunharam, cada um em sua época,* a operação de Deus, mas nenhum deles se tornou *objeto* dela.

Ele certamente era um completo amante do mundo, e nunca foi algo melhor; um astuto e hipócrita também – companheiros comuns. No final, quando todos os seus artifícios são despedaçados e nenhum encantamento é permitido prosperar, como contra Israel, ele faz o que pode, de acordo com o estilo miserável e repugnante de um coração astuto, para cobrir o propósito que agora tinha falhado, e para dar a si mesmo um

caráter justo. Ele finge que o fato de Jacó o ter deixado foi apenas uma questão de afeição por seu lar, enquanto sua consciência deve ter lhe dito uma razão muito diferente. Ele demonstra tristeza e indignação por não ter tido a oportunidade de beijar suas filhas e netos, e de mandá-los embora com honra, enquanto sua consciência deve tê-lo lembrado de como ele os vendeu repetidas vezes. Ele parece estar preocupado com eles, agora prestes a estar nas mãos de Jacó, como se suas próprias mãos tivessem sido as de um pai para eles. Ele finge poupar Jacó por meio do medo religioso das palavras de Deus, enquanto ele deve ter se sentido completamente restringido por Deus, disposto ou não, religioso ou profano; como Balaão foi depois. E ele dá um ar sério à última barganha entre ele e Jacó, introduzindo o nome do Deus de Abraão, embora ele estivesse apenas em busca de seus ídolos e se preparasse para retornar àquela terra da qual Deus havia chamado Abraão, e continuar ali como um homem completamente do mundo e sem coração, um adorador de seu próprio deus.

Homem miserável! Indicando uma lição santa e séria para nós.

Mulheres e crianças

Mas temos as mulheres e as crianças de Padã-Arã, bem como Labão, o sírio. As mulheres e as crianças do Livro do Gênesis são todas mistérios. Vemos isso em Eva e seus três filhos – na Sara de Abraão, e na Agar de Abraão, e na Quetura de Abraão, e na semente de cada um deles. E notamos em Isaque (veja "Isaque") o mesmo personagem místico em Rebeca, sua esposa, e Esaú e Jacó, seus filhos. Todos e cada um contam partes integrantes do propósito de Deus, como em figuras. E agora, nas mulheres que se ligam a Jacó em Padã-Arã, seja sua esposa, a irmã mais velha, ou sua esposa, a irmã mais nova, ou as servas dadas a elas, e nos filhos de cada uma delas, há mistérios novamente.

Os filhos de Israel

Nos filhos de Israel, isto é, na nação, na semente de Abraão, encontramos três classes.

1. Já existiu Israel *segundo a carne,* estabelecido na terra sob o título de seu concerto carnal com Abraão.
2. Existe agora, neste momento, a nação *em escravidão,* levada a conhecer o serviço aos gentios.
3. Haverá, em breve, a nação *estabelecida em graça,* Israel redimido e aceito, estabelecido nas promessas feitas aos pais.

Estas são três gerações na nação de Israel, como essa nação foi, agora é e será no futuro. E a sombra disso, eu julgo, vemos nas famílias de Jacó em Padã; isto é, nos filhos de Leia, que tinham seu título na carne; nos filhos das servas; e nos filhos de Raquel, a amada, que não tinha força na natureza, mas cuja semente era toda de promessa ou de Deus.

O caminho da sabedoria de Deus é, portanto, aprendido nas mulheres e crianças aqui, em Gênesis 29-31, como havia sido nas primeiras cenas familiares deste livro maravilhoso.

Ponto da virada

Assim que José, o filho da promessa, filho de Raquel, a amada, lhe é dado, Jacó fala em deixar Padã, o lugar de seu exílio e escravidão. (Veja Gênesis 30:25-26). E isso, por mais simples que pareça, tem seu caráter. A condição de estrangeiro e servo não lhe convinha, assim que obteve a semente que lhe testemunhou o poder de Deus em seu favor. Ele pôde ter sentido, de forma um tanto instintiva, que agora lhe cabia afirmar sua liberdade e pensar em seu lar e em sua herança. Não digo se Jacó realmente percebeu isso, ou se foi uma espécie de inspiração que ele respirou e que, em todo o seu significado, estava além dele. Mas foi assim que ele disse a Labão, imediatamente após o

nascimento de José: **"Deixa-me ir; que me vá ao meu lugar e à minha terra"**.

Tinha sido exatamente assim com Abraão antigamente. Assim que Isaque foi desmamado, o cenário em torno de Abraão mudou imediatamente. O filho da escrava tem que sair de casa, e Abraão tem precedência sobre o gentio. (Veja Gênesis 21). O desmame de Isaque foi o ponto da virada na condição de Abraão. Em espírito, por um momento, ele entra no reino, erguendo um novo altar, um altar ao **"Deus eterno"**, e plantando um bosque. Isso foi muito bom, e considerei seu caráter em seu lugar (Veja "Abraão"). Mas o mesmo aconteceu agora com Jacó, como então com Abraão. Assim que José, o filho da promessa, que testemunhou a graça e a força de Deus, lhe é dado, ele concebe o pensamento da liberdade e do lar.

Este foi um exemplo excelente e impressionante da inteligência de uma nova mente em Jacó. O caminho de fé, devo acrescentar, é visto em Raquel na mesma ocasião, pois ela chama seu filho de **"José"**, isto é, *"acrescentando"*. Assegurando que o Senhor, que agora havia *começado* Suas misericórdias para com ela, iria *com* eles e os *aperfeiçoaria.* Como a fé agora em nosso coração e em nossos lábios, no mesmo espírito, diz: **"Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes, O entregou por todos nós, como nos não dará também com Ele todas as coisas?"** A partir de Suas dádivas, Raquel não apenas "fez um apelo para *pedir* ainda mais", mas, com uma fé ainda mais ousada e feliz, chegou à conclusão de *confiar* n'Ele para obter ainda mais.

Mas, embora tenha sido assim, a ligação entre Labão e Jacó continua por um tempo após o nascimento de José, até que a separação ocorre sob a força de outras circunstâncias, deixando Labão, ainda mais do que antes, uma espécie de estátua de sal, ou uma lembrança solene para nós do que nosso miserável coração é capaz.

Parte 3 – Retorno de Jacó

O tempo de sua servidão termina em Gênesis 31. Ele está então voltando de Padã-Arã para Canaã; as principais cenas de sua jornada foram no *Monte Gileade,* logo após sua partida, e *em Maanaim,* perto do riacho Jaboque, um pouco antes de ele entrar na terra.

Foi no monte Gileade que ocorreu a separação entre ele e Labão, pois Labão o havia perseguido até lá. Mas ali eles fazem um pacto, oferecendo sacrifícios e depois comendo juntos o sacrifício.

Tal cena, em mistério, exibe nossa bênção. Pois desfrutamos de uma aliança de paz, garantida por um sacrifício e testemunhada por um banquete. Assim, na noite da redenção do Egito, o altar e a mesa, isto é, o sacrifício e o banquete, estão lá novamente.

O sangue está no umbral da porta, e a família, assim resgatada e protegida, está lá dentro, alimentando-se do cordeiro, cujo sangue estava protegendo-os e livrando-os.

Dignidade da fé

Mas há outra coisa a ser notada nesta ocasião: *é Jacó quem oferece o sacrifício.*

Isso tem um grande caráter em si. Diz-nos que Jacó conhecia seu lugar e dignidade sob Deus. Labão tinha todas as reivindicações que a natureza, ou a carne ou o parentesco poderiam conferir, mas Jacó age apesar delas. Labão era o mais velho; ele era o senhor e o sogro. Mas ainda assim Jacó toma o lugar do **"melhor"** e oferece o sacrifício, com o mesmo espírito de fé de Abraão ao entrar em concerto com o rei de Gerar (Gn 21); ou como Jetro em Horebe, no meio do Israel de Deus, e na presença de Arão (Êx 18).

Tais casos estão entre os triunfos da fé; e também não são triunfos inferiores. Não é algo fácil conhecer nosso elevado título em Cristo e de forma alguma renunciar a ele, mesmo quando as

circunstâncias possam nos humilhar. Jacó estava sob disciplina em Padã-Arã. Ele não tinha altar lá. Diante de Deus ele era mais um penitente do que um adorador. Mas diante de Labão ele se conhece como santo, e aqui, no Monte Gileade, ele tem sua coluna, seu sacrifício e seu banquete, e exerce aquela fé que o encoraja a agir de acordo com sua dignidade de santo e sacerdote de Deus, na presença de todas as reivindicações da carne e do sangue. Eliú, no livro de Jó, embora renunciando *a si mesmo diante dos mais velhos, afirma nele a possessão do Espírito*, diante das mais elevadas reivindicações da natureza.

É muito encorajador testemunhar tais fragmentos da mente de Cristo nos santos. Jacó nunca suspeitou de seu título em Cristo, do começo ao fim, embora estivesse sob disciplina todos os seus dias. E isto é abençoado – abençoado por ocupar o lugar que a graça, em suas riquezas, em suas excessivas riquezas, em sua glória e em sua abundância, nos dá. Não acredito que se Pedro, em João 21, tivesse o propósito de alcançar o Senhor como um *penitente,* ele teria *corrido* em direção a ele como fez. Um penitente teria se aproximado com um passo mais comedido. Mas Pedro não estava pensando em sua recente negação de seu Senhor, mas no próprio Senhor. Seu passo foi, portanto, apressado e mais rápido. Ele havia pecado contra seu Mestre, é verdade, e poderia ter ficado retraído e envergonhado. Mas, é maravilhoso dizê-lo, assim como Pedro, o penitente, não teria empreendido uma jornada tão pronta e tão séria, assim também Pedro, *o penitente,* não teria, no final dela, sido tão bem-vindo ao seu Mestre, como o confiante, embora errante, Pedro foi. Nisto está a graça e o coração d'Aquele "com Quem estão *todos* os nossos assuntos agora".

Jacó mostra sua natureza novamente

Estes são apenas fragmentos, pilares quebrados nos templos de Deus. A natureza ainda é natureza; e Jacó, logo depois de tudo isso, se revela ainda como *o velho* Jacó.

Alguém disse que se o Senhor tivesse afrouxado a mão com Jó, quando a *primeira* provação terminasse, Jó não teria recebido a bênção. Houve uma trégua; e poderia se ter pensado que tudo havia terminado. Mas o fim de Deus na graça ainda não foi alcançado; e podemos ter certeza de que a malícia de Satanás ainda não foi satisfeita. O adversário incansável recomeça, o Senhor lhe dá lugar novamente e Jó é visitado pela *segunda* vez.

E a natureza é tão incansável quanto Satanás. Expulse-a e ela retornará. Acabamos de ter esta pequena pausa no caminho da natureza, em Jacó, no Monte Gileade, e vimos por um momento a melhor mente nele, e algumas expressões da glória, mas estamos indo rapidamente, muito rapidamente, na verdade, para ver o velho homem novamente.

Jacó sai do Monte Gileade e, ao se aproximar dos limites da terra, os anjos de Deus o encontram. Jacó imediatamente os reconhece. **"Este é o exército de Deus"**, diz ele, e chamou o lugar de Maanaim.

Este era um solo santo. Os compromissos de Gênesis 28 foram cumpridos – as promessas de Betel foram resgatadas. Consequentemente, não temos escada aqui. A tutela providencial e angélica cumpriu seu ministério; Jacó foi mantido em uma terra distante e trazido para sua própria terra. A escada pode, portanto, ser retirada; e em vez de anjos subindo e descendo como entre o céu e o patriarca, anjos o *encontram.* Eles estão diante dele, apenas para saudá-lo ou para dar suas boas-vindas em seu retorno. O Senhor Deus de seus pais e das promessas estava dando as boas-vindas ao nosso patriarca, e ministros dos átrios celestiais foram enviados para expressar a mente de seu Rei para com ele.

Isso estava "tocando" para Jacó, e Jacó deveria ter "dançado". Ele deveria ter respirado um espírito exultante. Ele já deveria estar em triunfo, antes da batalha ser travada, ou mesmo dos exércitos serem organizados. Ele deveria ter entrado em campo com

cânticos, como Josafá. Se as hostes do céu pairavam por ele assim, o que ele tinha a temer das hostes de Esaú? "**Se Deus é por nós, quem será contra nós?"** Mas não foi assim com ele. Ele "lamenta", em vez de dançar, com esse toque. Ele treme, ora e calcula. Ele comanda sua força, como se a batalha fosse dele. Tudo isso é *religioso,* mas também é *incredulidade;* e tudo isso faz o Senhor Se ressentir. Certamente Ele Se ressente. Tudo estava fora de harmonia em Seus ouvidos. Ele havia recebido Jacó em casa com todos os sinais de boas-vindas sinceras e honrosas, mas Jacó estava desanimado.

Confiando no Senhor na vida diária

O Senhor procura ser *um* conosco e que sejamos um com Ele; de modo que a discordância de alma nunca pode agradar a Ele. Ele resiste a Jacó. **"Lutou com ele um Varão"**, como lemos, **"até que a alva subia"**. Esta foi a resposta de Deus à sua oração. E tudo isso é muito significativo e traz lições para nós.

É muito mais fácil para nós confiar no Senhor em todas as questões que surgem entre Ele e nós mesmos, do que trazê-Lo, usá-Lo e confiar n'Ele em questões que surgem entre nós e os outros – é mais fácil confiar n'Ele para a eternidade do que para o amanhã; porque a eternidade está inteiramente em Suas mãos. O amanhã, como julgamos, está mais ou menos dividido entre Ele e os outros – no poder das circunstâncias e também de Deus. Abraão, em sua época, revelou isso. Ele saiu a mando do Deus da glória, deixando terra, parentela e casa paterna; mas assim que veio a fome, sua fé falhou e, em vez de confiar no Senhor diante das circunstâncias, ele desceu ao Egito.

Jacó, em Maanaim, revela o mesmo caminho fácil e comum da natureza. Ele é incapaz de confiar em Deus diante de Esaú. Os 400 homens de Esaú o assustam, e ele interporá, primeiro, seus mensageiros com palavras de paz e amizade, e depois, seus presentes, para que por um ou outro ele possa acalmar o ardor da ira de seu irmão. Ele não tem fé em Deus, a ponto de colocá-Lo

entre ele e Esaú. Ele treme, e ora, e calcula, e coloca sua casa em fileiras. As circunstâncias foram demais para ele. Mas imediatamente depois, quando o próprio Senhor o resiste, quando se torna uma questão entre ele e Deus, então ele é ousado e prevalece. Ele não desmaia, embora repreendido, e repreendido severamente, pelo Senhor. Ele se comporta como um defensor da fé e obtém uma boa fama. Ele se comporta como um príncipe e ganha novas honras. Esta é uma experiência comum, e este momento na história de Jacó no riacho Jaboque expressa isso.

Advertência para nós

Contudo, não há necessariamente, numa vitória como esta, uma cura para a covardia que ocasionou o conflito anterior. E Jacó está prestes a ilustrar isso para nossa admoestação adicional. No capítulo seguinte (Gênesis 33), que é apenas a continuação da mesma ação, ou um estágio adicional dela, nós o encontramos o mesmo homem tímido, incrédulo e calculista, na presença de Esaú, como havia sido, antes de vencer o Lutador em Jaboque.

Isto é uma advertência para nós. Pode haver exercício de espírito diante de Deus, mas não muito progresso na força da alma para continuar seu conflito com o mundo. Em nenhum estágio de sua história Jacó parece tão moralmente inferior do que naquele que se segue imediatamente a Peniel. Ele não está de forma alguma purificado de si mesmo. Ele calcula, é evasivo, finge amabilidade e confiança, mente, lisonjeia. Ele se posicionou contra o Estranho em Jaboque. Ele foi forte na fé, glorificando a graça de Deus, mesmo quando o caminho de Deus tinha uma controvérsia com ele. Mas diante de Esaú ele age como o velho Jacó com vergonhosa perfeição. Ele se livra de seu irmão por meio de um pretexto grosseiramente falso. Ele não é nada melhor do que um bajulador mesquinho, um cortesão servil, falando descaradamente da face de Esaú como da face de Deus. É tudo miserável – uma imagem humilhante da condição moral a que um santo pode chegar, por um tempo, se é permitido a natureza agir.

Há momentos de alegria de espírito e podemos ser gratos por eles; como quando Jacó disse recentemente, no capítulo anterior: **"Este é o exército de Deus"**; e novamente: **"Tenho visto a Deus face a face, e a minha vida foi preservada"**. São momentos de alegria de espírito. Mas então, podem ser apenas *refrigérios* e não uma edificação sólida. E é triste, de fato, ver um santo depois desses momentos regressar tão rapidamente a si mesmo, dizendo: *"Onde está então a bem-aventurança de que você falou?"*

E quem confiará em seu próprio coração, quando vemos, por meio de tudo isso, que o de Jacó era tão falso? Jacó havia perdido o conhecimento do nome de Deus. Ele teve que perguntar sobre ele, em vez de usá-lo e desfrutá-lo. Esse nome era **"Todo-Poderoso"**, o nome que lhe falava de toda suficiência para todas as suas necessidades. Mas Jacó o perdeu em Gênesis 32, e ele não é como alguém que o tivesse recuperado em Gênesis 33. Ele está planejando por si mesmo. E podemos, da mesma forma, perder o nome que nos foi revelado. Esse nome é **"Pai"** – um nome que pode dar calma, força e liberdade permanentes à alma. Ele prepara um lar para o coração. "**Aquele que permanece no amor permanece em Deus"**. Isso é suficiente para tornar pleno o nosso gozo, como fala João. E embora possamos estar sob Suas mãos para disciplina, como Jacó estava, ainda assim devemos conhecer o poder desse nome, o amor pleno, secreto e imutável de um pai. Como Jacó nestes dois capítulos, perdemos o nome de Deus, se não for assim com as nossas almas. **"Já vos esquecestes da exortação que argumenta convosco como filhos"**, diz-nos o apóstolo. E Jacó, portanto, pode não ser mais uma maravilha para nós, mas às vezes podemos ser uma maravilha para nós mesmos.

Esquecendo o chamado

Depois disso, em sua jornada a partir do local onde ele e Esaú se separaram, ele chega a Sucote e depois a Siquém, e podemos dizer que ele então retornou a Canaã. Mas a situação é cada vez

pior com ele. Parece que, por um tempo, ele se esqueceu completamente do que ele mesmo era e do chamado de Deus. E o mal será a consequência. Espera-se por consistência com nosso chamado. Todos nós somos infiéis ao nosso chamado, e isso de mil maneiras; mas se ele for voluntariamente desconsiderado por uma consciência despreocupada e frouxa, as defesas morais mais comuns poderão em breve ceder. A verdade e a integridade podem ser forçadas a ceder, e podem finalmente ser encontradas tais contaminações que não seriam, como fala o apóstolo, sequer nomeadas entre os gentios.

Em Sucote, aonde nosso patriarca chegou pela primeira vez, ele constrói uma casa; e depois em Salem, em Siquém, ele compra um campo – o que Abraão e Isaque, mais fiéis ao chamado de Deus, nunca fizeram e nunca teriam feito. Como ele poderia contar com segurança moral sob tais circunstâncias? A tenda foi trocada por uma casa, e o peregrino estrangeiro tornou-se cidadão e livre proprietário. Não foi tudo isso um esquecimento de si mesmo sob o chamado de Deus? O Senhor, muito depois disso, fez com que Davi soubesse, por meio de Seu servo Natã, que havia uma diferença entre uma *casa* e uma *tenda,* e que Ele desejaria que essa diferença fosse mantida (1 Cr 17). Mas aqui em Sucote, Jacó viola isso. Assim também é o memorial divino dos patriarcas em sua pureza, que habitaram em tendas (Hb 11:9); mas aqui em Sucote, Jacó voluntariamente perde esse memorial. E novamente, o Senhor não deu a Abraão nenhuma terra, nem ainda o espaço de um pé para pisar (At 7:5); mas aqui em Salém, em Siquém, Jacó, apesar disso, terá um terreno e o comprara como herança.

Um altar falso

O altar, que vem a seguir na descrição, para a casa e para o campo, pode parecer à primeira vista um alívio e um santificador, a única coisa boa no meio da corrupção. Mas é, talvez, o pior de tudo. Ele não foi levantado Àquele que lhe havia aparecido. Não houve comunhão entre o Senhor e Jacó, nem em Sucote nem em

Siquém. Siquém não era Betel, e essa parte do campo, onde El-Elohe-Israel (TB) foi erigido, não era o lugar de pedras e destituição, onde a graça abundante brilhou desde um céu aberto sobre a cabeça abandonada do patriarca, mas a parte do campo que Jacó comprou dos filhos de Hamor, pai de Siquém. Foi erigido, não por um estrangeiro celestial ao Deus que o visitou, mas no meio dos incircuncisos. Parece uma tentativa de obter a sanção do Senhor para a perda do caráter separado, peregrino e nazireu de Jacó; ligar Seu nome e Sua adoração com aquilo sobre o qual pairava Seu juízo, e para com aquilo que Sua longanimidade foi mostrada até que a iniquidade fosse completa.

Certamente é antes um Jacó incircunciso que vemos aqui, e não siquemitas circuncidados. É tudo miserável. Este é um filho de Abraão? Este é um santo de Deus? Será este um dos estrangeiros de Deus num mundo que se revoltou contra Ele? Isto é como a energia religiosa da Cristandade, que colocou o nome de Cristo em companhia do mundo que está sob Seu juízo, e apenas suportado em Sua longanimidade. É como se Israel tivesse consentido com o Faraó e se comprometido a dar a Jeová um altar no Egito. Mas tais altares não são altares – assim como outro evangelho não é outro. Tal religião é vã, seja praticada nestes primeiros dias em Siquém, ou agora nestes dias da Cristandade, entre as nações de um mundo julgado e condenado, do qual a separação é o chamado de Deus. Mas isso não vai funcionar. Um intercâmbio de aparência saudável com o mundo se seguirá, e o seu curso será seguido avidamente, sem vigilância ou convicção, mas os serviços religiosos familiares e as ordenanças religiosas nacionais, a ordem moderna em Siquém, serão desejados a todo o tempo.

Foi por causa do fruto de tudo isso que Jacó disse depois: **"No seu secreto conselho, não entre minha alma; com a sua congregação, minha glória não se ajunte"**. Pois é à ação de Gênesis 34 que Jacó se refere, quando estava prestes a morrer, em Gênesis 49. Ele descobre, no final, o verdadeiro caráter de

tudo isso – fruto de ter habitado em Siquém. Voluntariamente um homem foi morto ali e uma cerca foi derrubada. Mas certamente o próprio Jacó já havia derrubado a cerca de Deus antes. O muro divisório que o chamado de Deus levantou entre o limpo e o impuro, entre a circuncisão e o gentio, o próprio Jacó, em espírito, quebrou quando se estabeleceu como cidadão ou proprietário em sua propriedade adquirida em Siquém. E Simeão e Levi podem aperfeiçoar isso, assim que quiserem.

Roupas sujas e misturadas

"E saiu Diná, filha de Leia, que esta dera a Jacó, a ver as filhas da terra" (Gn 34:1). Foi este o caminho da casa de Abraão? Esta era a família do patriarca separado que guardava o caminho do Senhor? Abraão foi negligente nisso? Que relacionamento ele permitiu aos seus filhos com os filhos ou com as filhas da terra?

É tudo triste e proclama a sua própria vergonha. Siquém fica ao lado de Sodoma. Mas não é Sodoma, garanto. Jacó não é Ló. Podemos distinguir; e temos que distinguir, embora seja triste ter que fazer o trabalho de distinguir. A natureza prevalece, em alguns mais, em outros menos, em todos os santos de Deus registrados. Mas há *variedade moral,* bem como a *prevalência da natureza,* e **"coisas que diferem"** (KJV – margem) entre os santos devem ser distinguidas por nós. Há uma roupa *suja* e há uma roupa *misturada.* Nosso caminho, sob o Espírito, é manter a roupa tanto limpa quanto sem mistura. Certamente é para cada um **"guardar-se incontaminado do mundo"**. Mas ainda assim, uma vestimenta *suja* não é uma vestimenta *mista,* uma vestimenta, como diz a Escritura, **"de estofo misturado, de lã e linho juntamente"** (AIBB). Nem uma vestimenta com um fio de **"diferentes espécies"** deve ser confundido com uma vestimenta mista, cuja textura é forjada com base no próprio princípio da lã e do linho. A Escritura, sempre fecunda e perfeita, exibe caráteres formados pelos chamados "princípios mistos", e também caráteres que ocasionalmente revelam a mistura, mas que não são totalmente formados por eles. A vida de Ló foi formada

completamente por princípios mistos. Assim que a tentação se dirigiu a ele, ele entrou em conexão com o mal. Embora associado ao chamado de Deus, ele teve que ser salvo como que pelo fogo. A vestimenta que Ló usava era de vários tipos, de lã e de linho. Abraão, às vezes, usava roupas sujas, mas nunca misturadas. Ló não foi fiel ao chamado de Deus desde o início até o fim de sua carreira. Ele se tornou cidadão onde deveria ser um estrangeiro, tomando uma casa na cidade de Sodoma, enquanto Abraão atravessava a terra de tenda em tenda. E a vida de falsos princípios de Ló o leva a *tristezas que são sua vergonha* – e essa é a verdadeira miséria da tristeza. Ele não teve conforto em sua tristeza. Sua alma justa foi afligida: isto é dito sobre ele; mas não havia gozo, nem brilho, nem triunfo em seu espírito. Os anjos mantiveram muita reserva em relação a ele. Ele teve que escapar com sua vida como despojo e com a perda de tudo o mais a sua volta.

Nosso Jacó não era desta geração. Não ousamos dizer que ele era um homem de princípios mistos, ou que usava roupas de vários tipos, de lã e linho. Mas ele frequentemente usava uma roupa suja, e aqui em Sucote e em Siquém, uma roupa com fios de outra espécie tecidos nela. Seus esquemas e cálculos o desfiguram e são a roupa suja; a construção de uma casa em Sucote e a compra de um campo em Siquém, infiéis ao chamado de Deus e à vida na tenda de seus pais, parecem muito com uma vestimenta com fios de outra espécie tecidos nela.

Mesmo assim, Jacó não será colocado com Ló. Sua vida não foi *formada* por princípios mistos. Ele era realmente um estrangeiro para Deus na Terra. Mas, como Ló, ele voluntariamente esteve no lugar dos incircuncisos; e ele agora sentiria a amargura de seu próprio caminho; e muito do que Sodoma foi para Ló, Siquém é agora para Jacó. Ele é salvo (não posso dizer?), mas como sendo pelo fogo. A iniquidade de Simeão e Levi, com os instrumentos de crueldade que havia em suas habitações, abateu muito o pobre Jacó. Ele está perdendo o juízo no meio daquele povo, de quem

comprou sua propriedade e na vizinhança de quem, como Ló, consentiu em se estabelecer.

Uma palavra a tempo

As coisas, no entanto, estão agora no pior. Estamos prestes a fazer, pela graça de Deus, um feliz escape de tudo isso, juntamente com Jacó, para encontrar uma feliz libertação de Siquém e de todas as suas contaminações.

"A palavra, (dita) **a seu tempo, quão boa é!"** Muitas vezes nós mesmos provamos isso. Às vezes, uma palavra fará mais por nós do que discursos longos e cuidadosos. Pois "**o poder pertence a Deus"**. O **"segue-Me"**, vindo dos lábios de Cristo, tinha poder para separar Levi do recebimento dos impostos; enquanto, no mesmo capítulo, um discurso foi ouvido por Pedro sem efeito, sendo deixado por ele, como havia sido antes, o Pedro fácil, bondoso, amável e prestativo. (Veja Lucas 5.) **"O Teu povo se apresentará voluntariamente no dia do Teu poder"**, até mesmo aquele próprio povo, de quem havia sido dito: **"Todo o dia estendi as Minhas mãos a um povo rebelde e contradizente"**.

Um exemplo desse poder é encontrado na história de Jacó, justamente nesta época, em Gênesis 35:1. **"Levanta-te, sobe a Betel e habita ali; faze ali um altar ao Deus que te apareceu quando fugiste diante da face de Esaú, teu irmão"**.

Nessas poucas palavras havia poder. Elas formaram, creio eu, a grande época na vida de Jacó, ou melhor, na história de sua alma. Elas foram poucas e simples, não acompanhadas de nada estranho ou surpreendente, nenhuma visão ou milagre as acompanhando; mas elas aconteceram num dia de poder. Ele já havia saído da visão da escada em Betel, da visão magnífica do exército de anjos em Maanaim e da luta do divino Estranho em Peniel, quase sem ajuda ou avanço na energia real de sua alma. Mas agora o poder o visita; e o poder de Deus pode usar um instrumento tão fraco quanto desejar; isso não importa. A mão de Deus pode fazer a obra de Deus, embora tenha apenas uma

funda e uma pedra, ou a queixada de um jumento, ou tochas e cântaros; e o Espírito de Deus pode fazer a obra de Deus com as almas, embora Ele use apenas uma palavra, ou um olhar, ou um gemido.

A graça traz santidade

Estas poucas palavras que abrem Gênesis 35 prevalecem sobre Jacó. **"Levanta-te, sobe a Betel"**. Betel foi reescrita em seu coração e consciência como se fosse pelo dedo de Deus. Ele cai sobre o seu rosto diante dela, como Abraão, em Gênesis 17, caiu sobre seu rosto diante do nome do **"Deus Todo-Poderoso"**, ou como Pedro, muito depois, em Lucas 22, caiu diante do olhar de Jesus.

O poder é sempre sua própria testemunha, assim como a luz. Estas palavras, carregando consigo o poder de Deus, são agora tudo para a alma do nosso patriarca. Elas manifestam sua virtude imediatamente, assim como fez o toque da mulher na multidão. Assim que Jacó as ouviu, sem alguma ordem mais específica para fazê-lo, ele purifica sua casa e suas tendas de todas as abominações que eles trouxeram consigo de Padã. Em espírito ele já estava em Betel, o lugar onde Deus o encontrou nas riquezas da Sua graça, no dia da sua degradação e miséria. Betel havia sido reintroduzida em seu coração – sim, manifestada em sua alma com maior nitidez do que nunca. Ele agora leu a história da graça com mais clareza do que nunca; e *a graça demanda santidade.* A festa dos pães asmos aguarda pela Páscoa. A graça de Deus que traz a salvação nos ensina a negar a impiedade e as concupiscências mundanas. Pois a graça, repito, demanda santidade. E assim, Jacó, agora ouvindo Betel no poder do Espírito, sem mais ordenanças, exigências ou ordens, terá sua casa e sua família limpas.

Isso é cheio de beleza e significado. A poluição não pode ser permitida por alguém que está na percepção e gozo da graça abundante. Deuses e brincos, ídolos e vaidades, são enterrados

juntos sob um carvalho em Siquém, e Siquém é deixada para trás. O patriarca se levanta com tudo o que era seu e rapidamente segue para Betel. Ele havia celebrado a festa dos pães asmos juntamente com a Páscoa, como Israel fez depois no Egito; mas, como Israel também, ele está imediatamente, com cajado na mão e sapato nos pés, deixando o seu Egito para trás. E o Senhor o acompanha, como faria com Israel no dia de seu futuro êxodo; e o acompanha em *força* também; pois, assim como a vara de Moisés abriu o caminho de Israel diante dos inimigos, e Aquele que estava na nuvem olhou e alvoroçou o exército de Faraó, assim agora, lemos sobre Jacó e sua família, **"Então partiram; veio o terror de Deus sobre as cidades que lhes eram circunvizinhas, e não perseguiram os filhos de Jacó"** (TB).

O Deus da graça e da salvação

Isto é certamente cheio de beleza e significado, posso dizer novamente. Há misericórdia e bênção aqui, mas também há humilhação. Israel havia perdido o poder do nome de Deus, e Jacó deve agora aprender que havia perdido também a honra de seu próprio nome. Mas tudo lhe será devolvido. **"Deus Todo-Poderoso"**, **"Israel"** e **"Betel"** são revelados novamente, neste momento de avivamento.

Deus deve ser adorado como o Deus da salvação. Com certeza Ele deve fazê-lo, num mundo como este. Tal adoração é a única adoração **"em verdade"** (Jo 4:23). Em Levítico 17 e em Deuteronômio 12 o zelo divino em relação a isso é fortemente expresso. É como "Salvador", que Ele registra Seu nome em uma cena de pecado e morte. Como Ele diz por Seu profeta: **"Não há outro Deus senão Eu; Deus *Justo e Salvador*, não há fora de Mim"** (Is 45:21). Esta é a revelação d'Ele; e nisso toda adoração se baseia. Nisto Ele registra Seu nome, e ali está Sua casa de louvor. Em Betel, Deus registrou Seu nome desta forma, e ali estava Sua casa, e ali Jacó agora traz seus sacrifícios. Ele levanta seu altar e o chama de *El-Betel*. Para Jacó, esse era o tabernáculo do deserto, ou o templo no Monte Moriá, o templo na eira de Ornã. E isso era

infinitamente aceitável, e Deus deu testemunho fervoroso e imediato de tal aceitabilidade; pois Ele apareceu-lhe imediatamente no altar ali, e o abençoou, e disse: **"não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel será o teu nome. E (Ele) chamou o seu nome Israel. Disse-lhe mais Deus: Eu Sou o Deus Todo-poderoso; frutifica e multiplica-te; uma nação e multidão de nações sairão de ti, e reis procederão de ti. E te darei a ti a terra que tenho dado a Abraão e a Isaque e à tua semente depois de ti darei a terra. E Deus subiu dele, do lugar onde falara com ele"**.

Esta foi a expressão da aceitação divina e deleite no altar de Jacó em Betel. Isto foi como a glória enchendo o tabernáculo em Êxodo 40, e novamente enchendo o templo em 2 Crônicas 5. Este era o Deus da graça e da salvação com anseio ocupando a casa e aceitando a adoração que um pobre pecador, que havia provado da graça abundante, havia levantado e oferecido a Ele. Nada pode exceder o interesse de tal momento. Salomão sentiu o poder de tal momento; pois ao ver a glória encher a casa que ele construiu, ele expressa seu coração nestas palavras admiráveis: **"O SENHOR tem dito que habitaria nas** [**densas** – JND] **trevas. E eu Te tenho edificado uma casa para morada e um lugar para a Tua eterna habitação"**. O templo, onde a misericórdia triunfa sobre o juízo, tinha poder para fazer o Senhor Deus sair das densas trevas, o retiro da justiça, para o meio de Seu povo adorador.

O que poderia exceder isso? E, nos dias patriarcais, isto foi visto neste altar ou templo em Betel. A glória estava lá. O Senhor apareceu ali e falou ali com Jacó, como depois com Salomão. Luz era como a eira de Ornã, e cada uma delas se tornou a casa de Deus. E Jacó chamou o lugar, pela segunda vez, de Betel, mas sem nenhuma das apreensões que mancharam seu espírito quando ele esteve lá pela primeira vez. Ele está agora no espírito de Salomão diante da glória no templo, conhecendo o retorno de Deus para ele e Sua proximidade e presença com ele.

Jacó restaurado

Depois, na liberdade e na força de tudo isto, o nosso patriarca retoma o seu caminho. Ele vai de Betel a Belém, e daí, pela torre de Edar (Migdal-Éder), até Manre, na região sul, onde morava seu pai Isaque. Mas em nenhum desses lugares lemos novamente sobre casa ou pedaço de campo. É a tenda, o altar e a coluna, a jornada ainda em frente, o sepultamento de seu velho pai e, finalmente, como um com seus pais, habitando na terra onde habitaram antes dele. (Veja Gênesis 37:1).

Esta foi de fato uma jornada diferente, em seu caráter moral, daquela que ele havia feito antes de Padã-Arã ao Monte Gileade, e de lá até Siquém, passando por Maanaim e Sucote. Jacó não foi repreendido agora. Não temos luta como em Peniel, nenhuma voz imperativa convocando para longe como em Siquém. Nenhum temor é despertado em nosso coração a respeito dele, quanto a tenda ficar novamente deserta ou o chamado de Deus ser esquecido. A palavra **"Betel"**, nos lábios do Senhor e nos ouvidos de Jacó, fez maravilhas. Certamente podemos lembrar novamente que: **"a palavra,** (dita) **a seu tempo, quão boa é!"**. **"Eis que Deus é excelso em Seu poder; quem ensina como Ele?"** (ACF). E Ele certamente poderia ter desafiado Seu filho errante, mas convencido, após esta segunda cena em Betel, e dizer-lhe nas palavras de Isaías: **"Eu Sou o SENHOR, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho em que deves andar".**

Não é que tudo esteja aperfeiçoado ainda. A iniquidade de Rúben pode nos dizer isso de maneira muito dolorosa. Mas o abandono do lugar da natureza e a libertação moral do seu coração do espírito do mundo ocorreram. Nem é que ele ainda esteja além do lugar da disciplina. Isso não é assim. Ele não encontra Rebeca com Isaque em Manre. Ele nunca mais vê sua mãe, a mãe que tanto o preservou e cuidou dele. Ele sepulta a ama de sua mãe; e mais do que isso, ele perde sua amada Raquel. Ele realmente tem o penhor de força no **"filho da** (sua) **destra"**, mas esse mesmo

filho falou da tristeza que tocou Raquel. E então ele ainda está sob disciplina. Mas ele está no *caminho* de Deus e assim como sob a *mão* de Deus. Essa é a novidade. A disciplina está surtindo efeito nele e atingindo o seu objetivo. O caminho está brilhando, e sua última hora logo será considerada a mais brilhante.

Parte 4 – Crescente exercício de alma

Quando entramos em Gênesis 37, encontramos *José* como o principal na ação e o principal nos pensamentos do Espírito de Deus. Isto fica evidente no segundo versículo: **"Estas são as gerações de Jacó: Sendo José de dezessete anos"**, etc. Mas temos notícias isoladas de Jacó deste capítulo até o final do livro, e que nos dão a última parte de sua história.

Ele era agora, como posso chamá-lo, viúvo. Ele aparece diante de nós como um homem solitário e aposentado, com mais lembranças do que atividades atuais sobre ele. Ele era de fato o patriarca, o cabeça e pai comum de todas as famílias de seus filhos, e assim reconhecido por eles. Mas os *assuntos* da família estavam nas mãos deles; e ele estava passando pela viuvez sem procurar ser novamente o homem vigoroso e enérgico que fora antes.

Seu aposentamento, porém, não foi como o de seu pai. Isaque, durante os últimos quarenta anos de sua vida, não é visto. Ele parece ter sido deixado de lado, como um vaso impróprio para uso, como observei dele, não *se desgastando,* como diz a palavra, mas *enferrujando.* (Veja "Isaque".) Mas estes não foram os últimos anos de Jacó. Ele já não era um homem de negócios, mas seu aposentamento não foi *inativo.* Os exercícios mais ricos, mais felizes e mais puros de sua alma parecem ser agora, e aumentam e se aprofundam à medida que avançam; castigado e disciplinado como vimos, sua alma está agora rendendo o fruto do cultivo divino. Não podemos dizer plenamente que Jacó alguma vez alcançou a elevada dignidade de ser um servo de Deus; mas

podemos dizer, quando chegamos ao fim de sua história, que ele foi *frutífero* para Ele.

Frutificação

Pois há uma diferença entre *serviço* e *frutificação.* O serviço é mais manifestado e ativo; a frutificação pode estar oculta. A mão ou o pé podem servir, e deveriam servir. Guarnecidos com o sangue e com o azeite, serão instrumentos nas mãos do Senhor da casa; mas é nos lugares mais profundos e secretos do coração que a lavoura do santo, no poder do Espírito por meio da verdade, deve estar produzindo fruto para Deus. A frutificação é conhecida no cultivo daquelas graças e virtudes que conferem caráter real e intrínseco ao povo de Deus – aqueles hábitos, temperamentos e propriedades do homem interior que, com Deus, são de grande valor. É do interior, ou "vindas do coração", que aquelas ervas, úteis para Aquele por Quem a alma é revestida, crescem perfumadas e belas, de modo a indicar a virtude daquela chuva do céu que caiu sobre as ervas.

É esta frutificação, a meu ver, que se encontrará no nosso Jacó, nesta última cena da sua peregrinação. Tivemos uma indicação mais fraca disso, enquanto ele ainda permaneceu em Canaã, e antes de iniciar sua jornada para o Egito, mas a colheita mais rica dessa lavoura é colhida durante os dezessete anos que ele passou naquela terra, antes de ele próprio ser reunido aos seus pais. Pois esta participação da santidade de Deus, este fruto da disciplina do Pai dos espíritos, é comumente gradual – e descobriremos que é assim em Jacó – a luz brilhando cada vez mais até o dia perfeito; a última hora sendo a mais brilhante.

Recuperação parcial

No decorrer de Gênesis 37, que cheguei agora, somos informados de que os irmãos de José foram alimentar seus rebanhos em Siquém. Mas por que houve esse retorno a Siquém? Será que o pedaço de campo comprado, a propriedade da família, estava lá? (Este pedaço de campo, finalmente, torna-se apenas um lugar de

sepultura, como Macpela; mas a princípio não foi comprada como tal, como foi Macpela.) Era um lugar perigoso para se estar conectado. Isso provou ser uma armadilha para toda a família, e o Senhor os chamou para fora dela. Se Jacó tivesse sido tão vigilante como deveria, não teríamos ouvido falar novamente de Siquém, dos rebanhos e dos irmãos ali. Mesmo assim, é bom ver que havia sintomas de desconforto em sua mente a respeito dela; pois ele envia José para verificar como os rebanhos e os irmãos estavam ali, como se houvesse alguma dúvida em seu coração sobre eles em um lugar tão suspeito. E isso pode ser recebido como a pulsação de um estado vivificado de alma em nosso patriarca, embora essa vivificação seja apenas fraca.

Então, mais tarde, em Gênesis 43, quando ele envia seus filhos, pela segunda vez, ao Egito para comprar comida, ele os entrega nas mãos do Senhor como **"Deus Todo-Poderoso"**. **"E Deus Todo-Poderoso"**, diz ele, "**vos dê misericórdia diante do varão, para que deixe vir convosco vosso outro irmão, e Benjamim"**. Isso também fala de uma maneira feliz a respeito da condição da alma de Jacó – que pelo menos em certa medida *ele havia recuperado o poder daquele nome que uma vez havia perdido,* e que, como vimos, todo o exercício pelo qual ele passou em Peniel não tinha devolvido isso a ele.

A partir desses testemunhos podemos dizer que Jacó estava sob exercício piedoso, pela mão do Pai do seu espírito, naqueles primeiros dias. Além disso, não preciso notá-lo, até que o vejamos se preparando para descer para ver seu filho no Egito, antes que ele morra. Mas aquele momento foi realmente muito importante no progresso da sua alma – e devemos meditar sobre ele.

A natureza e o espírito

Ao ouvir que José ainda estava vivo e era governador de toda a terra do Egito, lemos que seu coração desmaiou, pois ele não acreditou. Foi obra do Senhor – pois assim foi – mas foi maravilhoso aos olhos de Jacó. Ele "não crendo ainda por causa

da alegria e estando maravilhado"; pois isso foi receber José vivo dentre os mortos. No início, isso foi demais para ele, mas quando ele viu os carros que o Faraó havia enviado para transportá-lo, e tudo o que lhe pertencia, até o Egito, seu espírito reviveu e ele disse sem mais demora: **"Basta; ainda vive meu filho José; eu irei e o verei antes que eu morra"**.

A natureza falou imediatamente em Jacó, assim que a mensagem foi crida; e sem mais questionamentos ele começa sua jornada para o Egito. Mas um momento mais calmo, como veremos agora, sucede a esta irrupção ou agitação da natureza, e então o caminho da natureza é desafiado.

"E partiu Israel com tudo quanto tinha, e veio a Berseba, e ofereceu sacrifícios ao Deus de Isaque, seu pai".

Isto é notável. Por que esses sacrifícios em Berseba? Não houve nenhum em Manre, antes de Jacó partir. Por que, então, esta parada em Berseba e este serviço ao Deus de Isaque?

Isto pode, à primeira vista, ser questionado; mas descobrir-se-á que é bastante comum (eu quase disse "necessário") nos caminhos do povo de Deus.

A natureza agiu em Jacó em Manre, assim que ele acreditou no relato sobre José, e o colocou imediatamente a caminho para o Egito. Mas agora as *sensibilidades espirituais* despertaram e estão desafiando as conclusões e os caminhos da natureza. Isso é muito comum. O *santo* agora está se sentindo reservado, onde o *pai* não sentia nada. Jacó não havia tratado com o Senhor sobre esta jornada, quando a estava iniciando; mas a mente de Cristo nele, sua consciência no Espírito Santo, por assim dizer, está agora assumindo a liderança, e o julgamento da natureza é revisto, e revisado à luz do Senhor.

Muitos anos antes disso, o Senhor havia dito a Isaque: **"Não desças ao Egito"** (Gn 26:2); e isso foi dito a Isaque num dia de fome, como no presente. E Jacó se lembra disso assim que chega

a Berseba, o último ponto na região sul da terra, que ficava no caminho para o Egito, e à vista do qual se estendia aquela terra à qual Isaque havia sido daquela maneira avisado para não ir.

Deus encoraja a alma que retorna

Tudo isso me explica os sacrifícios que Jacó fez em Berseba ao Deus de seu pai Isaque. E tudo isso tem um grande significado moral. Foi uma grande agitação na alma de Jacó e foi muito aceitável ao Senhor. Como encontramos no dia do cerco de Samaria. Os pobres leprosos fora da cidade imediatamente se alimentam e tomaram para si das tendas dos sírios. Era natural, quase necessário, que o fizessem. Mas logo depois outra mente começa a se agitar neles, como aqui em nosso patriarca, e eles dizem: **"Não fazemos bem; este dia é dia de boas-novas, e nos calamos; se esperarmos até à luz da manhã, algum mal nos sobrevirá; pelo que agora vamos e o anunciemos à casa do rei"** (2 Reis 7). Esta foi a ação de uma mente melhor, como esta agitação atual no espírito de Jacó. E este despertar em Jacó é tão aceitável ao Senhor, que Ele vem imediatamente a ele com estas palavras de consolação: **"Eu Sou Deus, o Deus de teu pai; não temas descer ao Egito, porque Eu te farei ali uma grande nação. E descerei contigo ao Egito e certamente te farei tornar a subir; e José porá a sua mão sobre os teus olhos"**.

Quando consideramos isto por um momento, podemos muito bem dizer: Que comunicação foi esta! Quão completamente isso permitiu a Jacó saber que o Senhor havia lido todo o seu coração, seus atuais temores e suas anteriores afeições, a mente do pai e a mente do santo, os desejos da natureza e as sensibilidades do espírito. **"Não temas descer ao Egito"** acalmou a presente inquietação de sua mente renovada; **"José porá a sua mão sobre os teus olhos"**, satisfez o antigo desejo de seu coração por seu filho há muito perdido. Como tudo isso foi completo! Quão perfeitamente isso provou a realidade da empatia de Cristo por *tudo* o que estava acontecendo em Seu eleito!

Jacó encontrou piedade n'Ele e graça para ajuda oportuna. **"Quando dentro de mim esmorece o meu espírito, então Tu conheces a minha vereda"** (AIBB), foi dito por Davi, e aqui certamente é entendido por Jacó. O gemido que não foi proferido por ele aos ouvidos do homem, havia, em *todo* o seu significado, entrado nos ouvidos d'Aquele que sonda o coração. E depois disso, Jacó não pode mais parar em Berseba, nem questionar sua futura viagem ao Egito.

O afetuoso Jacó

Ele conclui sua jornada; e sua primeira visão de José, como poderíamos esperar e como o Senhor teria garantido plenamente que fosse assim, foi a ocasião da maior alegria para seu coração há muito enlutado. E gostaria de observar aqui que senti, quanto a Jacó nestes seus últimos anos, que ele se tornou um velho muito *afetuoso;* e esta é uma impressão feliz, outro testemunho de um melhorado estado de coração. Pois um homem calculista, tal como foi nos hábitos e atividades de sua vida, é comumente, e um tanto por necessidade moral, carente de consideração e desejo em relação aos outros. Ele mesmo é por demais, é claro, o seu próprio objeto. Mas agora não é assim com Jacó. Sua dor pela perda de José foi intensa. Ele também lamenta amargamente Simeão e parece pronto para enfrentar os horrores da fome, em vez de arriscar a perda de mais filhos. E então, no final desses anos, sua adoção dos filhos de José, sua empatia por José em sua tristeza pela preferência do mais jovem, sua referência a Raquel e seu sepultamento em Efrata, e sua menção a Leia, e de seus pais e suas esposas em conexão com Macpela, tudo vem de um coração amoroso. E a dor geral que sua morte ocasionou nos diria que ele tinha sido, no meio do povo, um velho amado e afetuoso. É um regozijo notar tudo isso.

Um estrangeiro separado

Mas, com tudo isso, nós o encontramos, em sua própria pessoa e em seus modos, praticamente o mesmo homem viúvo e solitário no Egito, como o vimos ter sido durante anos em Canaã antes de

sair de lá. Apenas que aconteceu assim sob forte tentação de que fosse de outra forma; pois ele manteve seu caráter de estrangeiro, embora agora tivesse a oportunidade de fazer da Terra novamente o cenário de seus esforços e expectativas. Pois gostamos da dignidade *refletida.* Conhecemos muito bem os encantos disso. Se a natureza seguisse seu caminho, estaríamos aproveitando ao máximo nossa ascendência e conexões, e estabelecendo diante dos outros nossa aliança com aquilo que é honroso em nossa geração. Jacó, no Egito, teve algumas das melhores oportunidades para satisfazer seu coração dessa maneira. Seu filho era então o orgulho daquela terra. José era o segundo homem no reino e José era filho de Jacó. Aqui estava uma tentação para Jacó aparecer e se mostrar ao mundo. O pai de José teria sido um objeto. Não estariam todos os olhos voltados para ele? Não lhe seria dado um lugar e um caminho preparado para ele, sempre ou onde quer que ele aparecesse? A natureza teria dito: Se Jacó tiver tais oportunidades, deixe-o mostrar-se ao mundo. O espírito do mundo deve ter sugerido isso; muito tempo depois, para Alguém maior que Jacó, que não tinha glórias *refletidas* para exibir, mas todas as glórias *pessoais.* **"Se fazes essas coisas, manifesta-Te ao mundo"** (Jo 7:4). Mas, no espírito de alguém que, à sua maneira, venceu o mundo, Jacó continua sendo um homem em seu aposentamento durante toda a sua vida de dezessete anos no Egito. Ele era um estrangeiro, onde todas as atrações humanas se uniram para tentar fazer dele um cidadão.

Para mim, reconheço, isso é fruto extraordinário de uma mente sob disciplina, fruto da disciplina divina, o testemunho de uma grande participação da santidade de Deus, a santidade que se adequava ao chamado de Deus, o chamado que fez de Jacó um estrangeiro e peregrino na Terra. Em Siquém ele nos lembrou Ló em Sodoma, mas aqui ele nos lembra Abraão em sua vitória sobre todas as ofertas do rei de Sodoma.

Mas com esta separação do mundo não há nada de falsa humildade. No meio de todo esse caráter prático de estrangeiro, ele conhece e exerce sua dignidade sob Deus. Ao Jacó entrar e ao sair da presença do Faraó (Gn 47), ele o abençoa. Isto deve ser observado. Enquanto estava ali na presença real, ele se considerou um peregrino na Terra, um tanto pobre e cansado também; mas na sua introdução e na sua saída ele o abençoa, como alguém que sabia o que ele era na eleição e na graça de Deus; pois **"sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior"**. Não foi isso que o velho Simeão fez quando tinha o Bebê de Belém nos braços, mas é isso que o velho Jacó faz agora, quando tem diante de si o maior homem da Terra. Ele não fez nenhum pedido ao rei, embora pudesse razoavelmente esperar tudo o que ele pedisse. Ele ficou em silêncio sobre tudo o que o Faraó ou o Egito fariam por ele, mas ele fala como o maior abençoando o menor repetidas vezes. Isto foi como o prisioneiro acorrentado de Roma diante dos dignitários e oficiais de Roma. Paulo deixou Agripa saber – ele deixou o governador romano saber – que ele, seu prisioneiro, carregava e possuía a coisa boa, e que não poderia desejar melhor para todos eles do que que fossem como ele era. E esta é a fé que glorifica a graça – a própria atividade da fé – fé realmente preciosa, seja em um apóstolo-prisioneiro ou em um patriarca estrangeiro exilado. Roma e o Egito possuem a riqueza e o poder do mundo, tais como os homens invejarão e louvarão, mas Paulo e Jacó carregam consigo um segredo que os faz falar outra língua.

Tudo isso está cheio de significado em nosso Jacó. A glória está escondida num vaso de barro, mas está lá, e o vaso sabe que ela está lá. Jacó não fez nada naqueles anos no Egito, para fazer história para o mundo. Ele não participa de suas mudanças; seus interesses e progresso estão perdidos para ele; ele está à disposição dos outros, aceitando o que eles lhe podem dar e sendo o que eles podem fazer dele; mas ele conhece um segredo que eleva seu espírito acima deles. Outros podem

florescer no Egito, ele só passa o resto de seus dias lá (Veja Gênesis 47:27-28).

Velhice fecunda

Reconheço, de fato, que admiro este caminho do Senhor, do Espírito de Deus, com Jacó. Para uma vida como a dele havia sido, o mais adequado era um fim como este agora. É uma pena que precisemos de uma pausa como esta, no final da jornada; mas, se for preciso, é belo vê-lo frutífero dessa maneira. Durante aquele longo cultivo de sua alma sob o **"Pai dos espíritos"**, naqueles dezessete anos no Egito, quão frequentemente, ouso supor, Jacó assentado diante do Senhor, meditando nos últimos anos, com alguma confusão no rosto; e o fogo acenderia então, e o trabalho do refinador continuaria.

Mas quando esses anos de silêncio e de retiro estão prestes a terminar, nós o encontramos, de forma um tanto abrupta, agitada e séria. É com José a respeito de seu enterro. Ele fará com que José não apenas prometa, mas jure que o enterrará na terra de seus pais (Gn 47:30). Isso também é muito bonito. Nunca o achamos insistente sobre as condições de sua *vida* no Egito; ele parece disposto, como eu disse, a aceitar o que lhe dão e a ser o que eles fazem dele; mas quanto ao seu *enterro,* ele está, agora, com toda a insistência e decisão. Ele terá confirmado por juramento que seu filho levará seu cadáver para aquela terra que testemunhou a promessa de Deus para ele. Ele é sério e impositivo agora, como era indiferente antes. Pois a fé gosta de ler seu título de forma clara, completa e irrevogável. Abraão teria a herança por *concerto,* bem como por *palavra* (Gn 15). Jacó agora terá o sepultamento, um tal sepultamento digno das esperanças de um filho de Abraão, tanto por *juramento* quanto por *promessa.*

Tudo isso nos mostra outro Jacó diferente daquele que antes conhecemos. Ele agora é participante da santidade de Deus; sua mente e caráter estão em consistência com o chamado de Deus. Ele é um estrangeiro com Deus na Terra, mas tem esperança

segura e certa da herança prometida. Isto é frutificação; Não digo que seja serviço; mas é uma bela frutificação no homem interior.

A fé aceita a graça

Em Gênesis 48 a seguir, temos aquele ato em sua vida que é sinalizado pelo Espírito como o ato de fé (Veja Hebreus 11:21). Mas todo o capítulo é belo. Tudo é *graça* da parte de Deus e tudo é *fé* no coração de Jacó. Pois é tarefa e dever da *fé* aceitar as decisões da graça, e é exatamente isso que a graça está fazendo aqui. Graça adota os filhos de José, que não tinham título na carne, e os leva para a família de Abraão. A graça dá o lugar e a porção dos primogênitos, a porção dupla, como se fossem Rúben e Simeão. Graça coloca o mais jovem acima do mais velho. E a graça dá a José, ou ao primogênito adotado, um penhor de sua herança futura. A tudo isso Jacó se curva e é obediente. Na fé ele aceita as decisões da graça. A natureza pode ficar ressentida com isso; mas Jacó é fiel à palavra da graça que lhe foi confiada. José ficou comovido quando Jacó colocou Efraim acima de Manassés. Jacó sente por ele; mas ele cumpre a palavra de Deus que lhe foi confiada, por mais que a natureza seja surpreendida ou ferida. Ele não ouve a natureza em seu filho José, como a ouviu em ocasião semelhante, anos e anos atrás, em sua mãe Rebeca (Na obtenção dos direitos do primogênito por José, há algo além da graça; mas não comento isso aqui).

Um vaso preparado

Certamente isto é belo: a fé aceitando as decisões da graça como esta. Mas nisso Jacó também foi o oráculo de Deus. Por fé, ele não apenas foi obediente ao propósito ou conselho da graça, mas foi usado por Deus como um vaso de Sua casa, usado para declarar Sua mente, para representar e executar Seus propósitos nestes mistérios da graça, a *adoção,* a *herança* e o *penhor.*

E como este vaso estava dessa forma se comprovando totalmente apto para uso do Mestre, ele ainda é usado. Ainda o vemos e ouvimos como oráculo de Deus, quando entramos em

Gênesis 49. Ele chama seus doze filhos e os abençoa. Ele entrega, sob o Espírito, as palavras e julgamentos de Deus que os tocam. Mas este foi um momento muito difícil para ele. Isso supera tudo o que ele passou. Ao preferir Efraim a Manassés, ele sofreu algo. Mas aquele que não prestou atenção à natureza em seu filho, não cuidará agora dela em si mesmo. Ele passa por essa cena triste e humilhante, sentindo-a amargamente em certos estágios dela; mas ele ainda continua no decorrer dela e com ela. Ele tinha agora que reconstituir, sob o Espírito, e como o oráculo de Deus, e na presença deles, os caminhos de seus filhos nos dias passados, e o fruto desses caminhos nos dias ainda por vir. Ele teve que fazer muito disso com o coração ferido e com lembranças que poderiam muito bem ser profundamente humilhantes. Pois essas palavras dirigidas a seus filhos foram uma espécie de julgamento sobre si mesmo por seu descuido passado para com seus filhos. Mas ainda assim ele continua e termina seu serviço, como oráculo de Deus, e isso também com empatias e afeições que nos dão mais alguns belos testemunhos de seu estado purificado de alma.

Jacó, o oráculo

A iniquidade de Levi e Simeão tem que vir diante dele. Mas ele se ressente disso agora de uma forma que não encontramos nele nenhum vestígio no dia em que aquela iniquidade foi cometida. Isso o perturbou então por causa dos danos que poderia causar a ele entre seus vizinhos. **"Tendes-me turbado"**, disse ele, **"fazendo-me cheirar mal entre os moradores desta terra, entre os cananeus e ferezeus; sendo eu pouco povo em número, ajuntar-se-ão, e ficarei destruído, eu e minha casa"** (Gn 34:30). Esta era a mente que ele tinha quando era cidadão em Siquém. Mas agora é em um terreno totalmente diferente, mais elevado e mais puro, que sua alma tanto repulsa essa iniquidade. Foi iniquidade; é suficiente; e ele não permitirá que sua honra se una a ela. Então ele abre os olhos para a contaminação de Rúben, apenas para ficar chocado com isso. E então, quando a apostasia de Dã é trazida diante dele, toda a sua alma é comovida, e ele é lançado na esperança da salvação de Deus, sua única fuga, a

única fuga que ele reconhecia, de tudo o que estava ao seu redor, atrás dele ou diante dele. **"Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os calcanhares do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás. A Tua salvação espero, ó SENHOR!"**.

Que afeições e energias estão aqui! Quão bem este vaso prestou seu serviço na casa de Deus! O pobre Davi conheceu mais do que tristeza pela perda de Absalão no dia da queda de Absalão. A morte de seu filho trouxe a lembrança do pecado. E aqui Jacó entrou, com total empatia pessoal, nos conselhos de Deus, e teve sua própria parte e participação nas lembranças que devem ter agitado a consciência.

Ele não apenas anunciou esses julgamentos de Deus, mas também os sentiu. Ele não era um *mero* vaso, mas um vaso *vivo.* E ele foi fiel Àquele que o designou, embora o serviço fosse, dessa maneira, cheio de humilhação e amargura.

Vimos Jacó "mudo por um tempo". Percebemos isso como o caráter dos muitos anos da vida final de nosso patriarca. Mas a sua boca tinha sido agora aberta pela fé; e uma vez aberta, Deus o usa abundantemente como Seu oráculo. Isto é como Zacarias - o Zacarias de Lucas 1. Ele também, como sabemos, ficou mudo por um tempo; mas com fé ele escreveu o nome de seu filho numa tabuinha de escrever, e então o Senhor o usou como Seu profeta.

O incansável Senhor

Aqui termina a história; mas acredito que recolhemos a moral disso. A mão do Senhor com Jacó nos diz quão incansável Ele é com aqueles Seus tolos e rebeldes. É também *variedade* e *paciência* que vemos neste constante cultivo moral. Jacó teve que aprender diferentes lições; e Ele, com Quem Jacó tinha que lidar, colocou-Se em paciente graça para ensiná-las todas a ele. Betel, Peniel, Betel novamente e Berseba testemunham isso, como vimos. E então, ao longo de uma trajetória mutável, na terra

e fora dela, na juventude e na idade adulta, entre estranhos ou ao lado de seu pai e de sua mãe, Jacó revelou muitas coisas que precisavam de correção, e a lição lhe foi ensinada repetidas vezes.

Ele nos lembra dos discípulos nos dias do Senhor. De quantas maneiras o Senhor teve que corrigi-los e instruí-los! E foi assim até o fim; e a paciência do seu divino Mestre foi a mesma até o fim. A ignorância, o egoísmo, os constantes erros morais que cometeram e revelaram, as diferentes formas como passaram pela mente do seu Mestre, todos glorificam a bondade que pairava sobre eles. E pode nos lembrar também d'Aquele que suportou os costumes de Israel no deserto por quarenta anos. E pode ser também uma lembrança para nós mesmos de grande parte daquela paciência e graça que experimentamos diariamente na mesma mão.

Disciplina saudável

A disciplina, a disciplina de uma criança, é ilustrada em Jacó, como observamos no início, antes de começarmos a considerar sua história, e como agora vimos que é. E a disciplina é saudável e faz bem como um remédio. Se precisarmos dela, é a *única* coisa para nós. Quando, nos dias de Samuel, Israel pediu um rei, teria sido bom para eles se o Senhor lhes tivesse dado Davi? O Senhor tinha Davi reservado para eles; mas teria sido oportuno, teria sido saudável para eles, se Davi lhes tivesse sido dado imediatamente, quando com uma vontade rebelde eles estavam pedindo um rei? Certamente, eles devem primeiro ser levados a conhecer a amargura do seu próprio caminho. Um Saul deve ser dado quando Israel pede um rei. Isso era disciplina e era a única coisa que teria sido saudável para eles. Mas quando eles provaram a amargura de seu próprio caminho, por compaixão de sua miséria, o Senhor trará à tona aquilo que Ele tem reservado para eles, o homem segundo Seu próprio coração que cumprirá todo o Seu prazer.

Como tudo isso foi perfeito! Se Davi tivesse sido dado a Israel no dia de 1 Samuel 11, toda a moral da história teria sido perdida para nós. Mas o amor é o mesmo, seja disciplina ou consolo, remédio ou alimento.

Esta é a lição característica que aprendemos da história do nosso patriarca.

Os dias dourados de Jacó

Com Macpela e seu sepultamento, Jacó então termina esses discursos em seu leito de morte com seus filhos, como os havia começado (Gn 47:29; 49:29). Ele já tinha a palavra e o juramento de José sobre esse assunto, e agora ele deveria colocar todos eles sob os mesmos compromissos com ele sobre isso. A morte era mais importante para ele do que a vida. A vida o manteve no Egito, a morte o restaurou a Canaã. A morte o ligou a Deus e à promessa de seus pais. As esperanças da fé estavam além da vida e fora do Egito. Em espírito ele estava dizendo que estava ausente do corpo, presente com o Senhor; **"Mas temos confiança e desejamos, antes, deixar este corpo, para habitar com o Senhor"**. Até onde a fé patriarcal pôde expressar isso, Jacó o estava expressando. E no final lemos: **"Acabando, pois, Jacó de dar mandamentos a seus filhos, encolheu os seus pés na cama, e expirou, e foi congregado ao seu povo"**.

Certamente não foi um período estéril ou infrutífero que ele passou no Egito. Embora para ele e para suas mãos as ocupações da vida estivessem encerradas, ele não estava enferrujando, como tivemos que dizer de Isaque. O silêncio de Jacó era um cultivo. Regozijamo-nos nestes últimos dias como os seus melhores dias. Regozijamo-nos ainda mais com a graça que lhe proporcionou esta pausa no final da sua jornada, para que, na linguagem do salmista, ele pudesse recuperar as forças antes de ir para lá e não ser mais visto.

É realmente gracioso para com todos nós, Seus eleitos, ter uma visão como esta, uma tal espécime (posso chamá-la assim?) da

paciência, sabedoria e bondade divinas, como esta. É realmente peculiar ter seu próprio lugar em meio às infinitas formas e caracteres que a graça assume em relação à necessidade dos santos. Os últimos dias de Jacó foram seus dias dourados. Para outros, para seus rebanhos e manadas, o Egito era uma terra de Gósen; mas não era para os rebanhos e manadas de Jacó, pois não lemos que ele tivesse algum – mas foi para a alma de Jacó que o Egito era uma Gósen, a terra mais rica, mais bela e mais bem regada que seu espírito já desfrutou. Era mais realmente a porta do céu para ele do que Betel. Era mais a face de Deus para ele do que Peniel havia sido. Ele tinha o Senhor em segredo e em silêncio com ele ali, mas em poder real e vivo. Com tudo o que naturalmente o teria mantido como que em casa na Terra, ele era um estrangeiro. No Egito, Jacó era um homem liberto, desimpedido, assim como desde o começo e durante todo o tempo ele havia sido um escolhido e chamado.

Estamos aprendendo aquilo que Deus lhe estava ensinando ali? Estamos buscando, com mais sinceridade, a porção dos estrangeiros e peregrinos de Deus, pensando mais em Macpela do que no Egito, no arrebatamento que nos liga à promessa, do que em toda a crescente prosperidade diária deste presente século [mundo – ARA] mau?

José

José torna-se o principal nas narrativas do livro de Gênesis assim que chegamos a Gênesis 37, e assim continua, posso dizer, até o fim. Portanto, proponho agora encerrar com este artigo sobre "José", referindo-me aos outros, intitulados "Enoque", "Noé", "Abraão", "Isaque" e "Jacó", como já tendo sido lidos.

A história de José tem sua peculiaridade em meio às coisas de Gênesis – seu próprio mistério e sua moral característica; como as outras tiveram. *A eleição,* como vimos, foi ilustrada em Abraão; *filiação,* ou adoção do eleito, em Isaque; *disciplina* daquele que foi adotado em Jacó; e agora em José, *a herança*.

Tudo isso é uma ordem divina.

Sofrimento antes de glória

E, consistentemente com isso, em José temos sofrimentos antes de glórias, ou antes da herança do reino; tudo isso concretizando aquela palavra do apóstolo: **"E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros**... **se é certo que com Ele padecemos, para que também com Ele sejamos glorificados"**.

Enquanto a disciplina nos acompanha como filhos, os sofrimentos nos precedem como herdeiros; e isso nos dá a distinção entre Jacó e José. É a disciplina que vemos em Jacó, disciplina que o conduz como uma criança, sob a mão do Pai do seu espírito, a uma participação na santidade de Deus. Porém são sofrimentos, sofrimentos dos mártires, sofrimentos pela justiça que vemos em José, marcando seu caminho para as glórias.

E este é o ponto culminante; e assim chega como o ponto final, neste maravilhoso Livro de Gênesis – dessa maneira perfeita em sua estrutura, tal como é verdadeira em seus registros. Uma moral após outra é estudada, um segredo após outro é revelado, nas ingênuas cenas familiares que constituem seus materiais; e

nelas aprendemos a nossa vocação, as fontes e as questões da nossa história, desde a nossa eleição até à nossa herança.

Antes da Lei

Esta é a maneira que nosso aprendizado acontece neste livro de Gênesis.

Mas até agora, enquanto estamos neste livro, não existe *lei.* Somos ensinados que foi assim em Romanos 5:13-14. Mas poderíamos ter percebido isso por nós mesmos. Porque, na era dispensacional, por assim dizer, o tempo deste livro era o tempo da *infância.* Os eleitos eram como crianças que nunca haviam saído de casa, nunca estiveram sob a orientação de um professor.

Nem há *milagre algum.* Quero dizer nenhum milagre pela mão do homem. Pois o poder não seria mais adequado a essas mãos, do que a lei ou um professor teria sido adequado a essa época. E, além disso, não havia missão ou apostolado para selar. Milagres ou **"sinais** (que se) **seguirão"** não eram exigidos como credenciais de uma missão. Mas assim que deixamos este livro e entramos no Êxodo, recebemos uma missão ou um apostolado, e então recebemos milagres, como selos, para credenciá-la.

De modo que o que não obtemos é tão adequado, pela sua ausência, quanto o que obtemos. Nem o poder nem a lei teriam sido oportunos e, consequentemente, nem o poder nem a lei obtemos.

O esboço da vida de José

Mas agora passarei para José, ou para Gênesis 37-50.

Os materiais que encontramos nestes capítulos, e que constituem a história de José, podem ser separados em quatro partes:

1. Seus primeiros tempos na casa de seu pai, na terra de Canaã.
2. Sua vida, como homem separado, no Egito.

3. A recuperação de seus parentes, de seu pai e de seus irmãos, e os resultados de tal recuperação.
4. Seus últimos tempos na terra do Egito até o dia de sua morte.

Isso pode ser recebido como o conteúdo desta história maravilhosa. A forma como é contada foi testemunhada pelas empatias e sensibilidades de milhares de corações em cada geração.

Parte 1 – Vasos ocultos (Gn 37-38)

Assim que entramos na história, o herdeiro é imediatamente visto em José. Seus sonhos são sonhos de glória. Mas *os sofrimentos* rapidamente formam a sua realidade presente.

A história começa com José sendo uma testemunha tanto *a favor* quanto *contra* seus irmãos. Ele conta a seu pai sobre as más ações de seus irmãos e conta a seus irmãos sobre seus sonhos. Também não posso culpá-lo. Não digo até que ponto a natureza pode tê-lo manchado ao fazer essas coisas; mas creio que os próprios testemunhos estavam sob autoridade divina. Houve Alguém que era totalmente perfeito, como não preciso dizer, em tudo o que Ele fez ou disse, e Ele deu testemunho de Suas próprias glórias e contra o mundo. A falta de tempo oportuno e medida podem ter manchado esses serviços em José; pois algo fora de tempo e além de sua medida, embora correto em si mesmo, contrai contaminação. Um vaso na casa do mestre, às vezes, tem que *esconder,* bem como *guardar,* o tesouro que contém, e deve saber onde, quando e como usá-lo. Davi tinha o azeite de Samuel, a unção do Senhor, sobre ele, e ele sabia que o reino seria seu, mas ele ocultou sua glória até que Abigail, por fé, a reconheceu. E nisso Davi pode ter superado José. Não digo que não foi assim. Mas contar o que seus sonhos ou visões no Espírito lhe havia comunicado era de Deus.

Odiado

E mais tarde seus sofrimentos. O Senhor o marca como herdeiro de glória; ele fala da bondade que ele encontrou e do elevado propósito de Deus a respeito dele, e seus irmãos o odeiam. Eles o invejam; e quem pode resistir à inveja? Eles já haviam invejado o favor de seu pai e agora o odeiam por causa do favor de Deus. Eles o odeiam por suas palavras e por seus sonhos; e quando estão juntos no campo (como no passado, havia acontecido com Caim e Abel), eles deliberam se devem matá-lo, lançá-lo em uma cova ou vendê-lo a estranhos.

E isso foi numa época em que ele os servia. Ele percorreu um longo caminho para perguntar sobre o bem-estar deles, assumir o compromisso quanto a eles e levar-lhes bênçãos da casa de seu pai com o amor de seu pai. Esse momento foi a oportunidade deles. Não foi como portador de boas novas que o receberam; mas **"eis lá vem o sonhador-mor"**, dizem eles: **"Este é o herdeiro"** (Mt 21:38); esse foi o espírito de suas palavras. Por inveja eles o entregam; por seu amor eles são seus inimigos; e finalmente o venderam aos ismaelitas por vinte moedas de prata.

Pode haver diferentes medidas na inimizade comum; mas num grande sentido moral, todos eles constituem uma geração. Rúben era o primogênito de Jacó, e podemos supor que ele se considerava mais responsável perante o velho pai pelo menino, do que qualquer um deles. Ele salva José da espada, e Judá propõe vendê-lo aos mercadores, em vez da cova. Depois de maneiras como essas, existem medidas na inimizade comum. Como alguns disseram sobre Jesus: **"Ele é bom"**. Outros: **"Não, antes engana o povo"**. Na parábola do **"rei que celebrou as bodas de seu filho"**, alguns foram para o campo e outros para seu negócio, enquanto outros se apoderaram dos servos e os mataram. Mas o Senhor fala de todos como de uma geração. **"O *restante* deles"** (JND), diz Ele, **"apoderando-se dos servos**... **os mataram"**. O Juiz de toda a Terra certamente fará o que é certo, e os pecados receberão muitos ou poucos açoites, mas *o mundo*

expulsou Jesus, e o mundo é o mundo; como aqui, todos são irmãos culpados de José; e, como resultado de seus conselhos e de seu ódio comum, ele é vendido aos mercadores, e por eles é levado ao mercado do Egito, para ser posteriormente vendido lá num negócio lucrativo.

Profundezas da corrupção

É a crueldade de tudo isso que é especialmente chocante; e é isso que o profeta Amós, sob o Espírito Santo, nota tão solenemente em sua referência à aflição de José (Amós 6). E nós, embora neste dia distante, possamos tomar a nossa parte na repreensão do profeta por igual crueldade, se sentirmos inclinação a amar voluntariamente o mundo que expulsou o verdadeiro José. E o que precisamos dizer, quando olhamos para o avanço alardeado de tudo naquele mundo, a habilidade constante que é exercida em varrer e enfeitar aquela casa que está manchada com o sangue de Jesus? Os leitos de marfim, o som das violas, o vinho e os principais unguentos nunca foram tão abundantes como hoje em dia. E se estamos ocupados em viver em tal mundo, estaríamos sendo fiéis, como deveríamos ser, à cruz de Cristo? Temos um coração cruel, e vivemos em um mundo cruel, assim como estamos olhando para os cruéis irmãos de José aqui. Cada um sabe disso muito bem por si mesmo; e certamente, posso dizer novamente, é essa crueldade que é principalmente chocante para nós mesmos (se é que podemos falar pelos outros), como foi para o Espírito em Amós. Não estamos **"afligidos pela aflição de José"**, não somos fiéis à rejeição de Cristo. *O mundanismo é crueldade para Ele.*

Que profundidade há na corrupção que existe em nós! Como aqui, eles mergulharam a túnica favorecida, a túnica que o velho pai havia colocado em José, eles a mergulharam em sangue e a enviaram ao seu pai com estas palavras: **"Temos achado esta túnica; conhece agora se esta será ou não a túnica de teu filho"**. Esta é a linguagem de Caim: **"Sou eu guardador do meu irmão?"** Caim estava colocando o fardo do sangue de Abel sobre o

Senhor, insinuando com essas palavras que o Senhor deveria ter sido o guardador de Abel, visto que Ele tinha tido tanto respeito por ele e por sua oferta. Portanto, essas palavras dos irmãos de José parecem colocar o fardo do sangue de José sobre o velho pai, que, se ele o amasse tanto quanto esta túnica parecia dizer que amava, ele deveria ter cuidado dele melhor do que esse sangue parecia dizer que ele teve.

Que profundezas, de fato, no coração revoltado e corrompido do homem! Que descobertas dessas profundezas a tentação faz às vezes! Eles pecaram, em tudo isso, contra seu velho pai e contra seu irmão inofensivo, numa época em que o amor de um havia aconselhado e o amor do outro havia assumido uma missão de graça e bênção para com eles; como se diz de uma geração que eles representam moral e figuradamente: **"não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens"**.

Impiedade e graça

Ações sombrias, de fato! O sangue de José está sobre eles, procurem escondê-lo como puderem; e adiante deles está o dia em que seu pecado se descobrirá, e este sangue na túnica de José será um imediato testemunho contra eles. No momento, eles apenas prosperam em iniquidade para que possam encher sua medida. O curso da história de José é interrompido, para que possamos ter essa visão deles durante a separação de José deles. Gênesis 38 nos oferece isso. E é de fato apostasia, afastamento total do **"caminho do Senhor"**, no qual Abraão andou e no qual ele ordenou que seus filhos e sua família depois dele andassem. Judá age de forma traiçoeira, casando-se com a filha de Suá. O caminho do Senhor é totalmente desprezado e abandonado por Judá. Ainda assim, a graça é garantida aqui. Perez é um segundo suplantador. A esperança de Israel está no ventre, uma bênção está no cacho; mas na verdade é um cacho de videira selvagem que poderia muito bem ser condenada à foice, se a graça soberana e abundante não dissesse: **"Não o destruais"** (Is 65:8 – KJV; Mt 1:3).

E tal é o pecado da nação de Israel, como este, seu próprio pai Judá; e tal é a graça na qual a nação permanecerá nos últimos dias. A graça reinará então na história de Israel, como acontece agora na pessoa de cada santo, eleito no soberano beneplácito de Deus, e feito monumento do poder salvador de Cristo.

Podemos não estar preparados para esta graça de Deus em algumas de suas insuperáveis manifestações. Podemos estar menos preparados para isso do que pensamos. Jonas não estava, Ananias não estava, Pedro não estava (Jonas 4; Atos 9-10).

Nem sempre somos pesadores experientes e habilidosos no uso das balanças, dos pesos e medidas do santuário. Eu pergunto: A crueldade de Gênesis 37 e a contaminação de Gênesis 38, e elas, quando encontradas juntas, são tão ruins assim? Depois de tudo isso estamos preparados para o **"arrependimento e remissão dos pecados"** na graça de Deus? O senso moral, a consciência natural, a justiça própria, as leis da sociedade e os julgamentos dos homens nos fornecem pesos e medidas falsos, e nós os carregamos conosco mais do que percebemos. Mas eles são uma abominação (Dt 25:14-16). Em nossos pensamentos, o caminho da prostituta e do publicano é pior do que o curso tranquilo e respeitável do mundo. Se tivéssemos as balanças do santuário, deveríamos avaliar as coisas de outra forma. **"O que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação"**.

Parte 2 – Sofrendo com estranhos (Gn 39-41)

Nestes capítulos, que nos dão a segunda parte, de acordo com a nossa divisão, temos a vida de José enquanto ele era um homem separado na terra do Egito.

Durante este tempo veremos o início do seu dia, ou a sua exaltação. Mas antes que isso aconteça, devemos testemunhar seus sofrimentos adicionais – seus sofrimentos nas mãos de *estranhos.*

Podemos, com certa naturalidade, pensar que *o Judeu* é especialmente culpado, no que diz respeito à história moral deste mundo – especialmente responsável pelo pecado contra o Senhor. Mas nisso não somos totalmente sábios. O Judeu teve, de fato, uma participação especial nas aflições de Cristo; e, nacionalmente, Israel está sob julgamento especial. Mas o gentio é um homem distinto e não diferente. O ministério de nosso Senhor Jesus testou **"o mundo"**, bem como **"o que era Seu"**. O registro referente à cruz é este: **"verdadeiramente, contra o Teu santo Filho Jesus, que Tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel"** (Atos 4). Todos eram culpados ali. Como diz o apóstolo dos gentios, em sua doutrina, o mundo inteiro tornou-se culpado diante de Deus. Judeus e gentios são igualmente provados estar sob o pecado (Romanos 3).

Nossos capítulos atuais sugerem isso. A aflição de José, iniciada entre seus irmãos, continua agora entre estranhos. Seus irmãos já o odiaram e o colocaram na cova, e depois o levaram para vendê-lo como escravo; uma mulher má dos egípcios agora o acusa falsamente, e ele é colocado na prisão, e então outro egípcio, a quem ele serviu e fez amizade, esquece-o e o abandona. Mas, seja como for com ele, seja em casa ou no exterior, Deus está com ele. Isto se torna a própria característica de sua história (Gn 39; At 7). Pois, em Seu caminho para com Seus eleitos, *a empatia de Deus* vem primeiro, e depois Seu *poder,* a empatia que os acompanha em sua tristeza, e então o poder que os livra dela. Somos propensos a desejar a tranquilidade atual e gostaríamos de eliminar imediatamente todas as inconveniências e contradições. Mas este não é *o Seu* caminho. Quando em Betânia **"Jesus chorou"**; e depois, mas só depois disso, Ele disse: **"Lázaro, vem para fora"**. A natureza teria se antecipado à morte que provocou as lágrimas. Julgamos que poderíamos ter sido poupados de muitas provações e raciocinamos como uma conclusão clara e inquestionável de que Deus tinha poder. Como disseram os amigos da família em Betânia: Não poderia este

Homem, que abriu os olhos aos cegos, ter feito com que mesmo este homem não morresse? Mas eles raciocinaram de maneira imperfeita, porque raciocinaram parcialmente; isto é, apenas no *poder* de Cristo.

Deus é suficiente

Devemos (e deveríamos se tivéssemos nosso coração em Cristo) valorizar principalmente a época ou dispensação de Sua empatia; ela nos dá *Ele mesmo* a nós de uma maneira tão peculiar. E essa empatia era eminentemente a de José, neste dia de sua aflição. Como dissemos, **"o Senhor estava com José"** era característico de sua condição. E ele tinha evidências abundantes disso. Assim que ele entrou na casa de Potifar, tudo que estava sob suas mãos, confiado a ele por seu senhor, prospera. E a mudança de cenário não provoca nenhuma mudança nisso; pois assim que ele é colocado na prisão, vemos ao seu redor o mesmo registro que lemos sobre ele e as mesmas circunstâncias. O carcereiro-mor deposita nele a mesma confiança que Potifar, seu senhor, depositara nele; e sob a sua mão todas as coisas prosperam na prisão, como aconteceram na casa do egípcio. A tal ponto que José tinha pleno testemunho de Deus, de que Deus era suficiente para ele.

Não era para alguém assim deixar a ajuda do Senhor pela ajuda da criatura. Mas José anseia pela lembrança e pela empatia do copeiro, e gostaria que ele falasse bem dele ao rei, seu senhor.

Isso era natural. José fez amizade com o copeiro do rei, e esse era capaz de falar bem dele. Seu anseio por empatia não deve ser condenado por nenhum motivo natural, humano ou mesmo moral. Mas pode-se questionar se foi digno de José fazer isso, se foi exatamente o caminho que *a fé* teria sugerido.

E não dá em nada. O copeiro, como sabemos, esquece-o e ele fica dois longos anos na prisão, e Deus ainda será tudo para ele. A ajuda virá, mas virá d'Ele mesmo. Com o Senhor, a aflição da noite certamente dará lugar à alegria da manhã; e antes que este

período de separação de seus irmãos chegue ao fim, José é libertado, abençoado e honrado. Torna-se o momento do florescimento de suas glórias.

Excelência em José

De fato, coisas excelentes são encontradas na condição do José separado, coisas que levam nossos pensamentos Àquele que é maior que José. Eu apenas observaria quatro delas.

1. Há nele uma grande *beleza moral.* Ele era então um nazireu, tão puro quanto Daniel em circunstâncias semelhantes, um cativo entre os incircuncisos, mantendo sua circuncisão, sua separação para Deus, imaculada.
2. Há nele *um dom espiritual precioso.* Ele era um vaso na casa de Deus, levando a mente de Cristo e ministrando essa mente como um oráculo de Deus; como Daniel novamente, interpretando sonhos e revelando até mesmo aos reis, embora ainda em seu dia de humilhação, o que estava por vir sobre a Terra.
3. Há a *mão direita de poder e dignidade para ele.* Ele está assentado o mais próximo do trono e recebe a posse daqueles recursos dos quais seus próprios irmãos, que o expulsaram, e o mundo inteiro, estão destinados em breve a depender para preservação na Terra.
4. Há *gozo, gozo peculiar, preparado para ele.* O rei lhe faz um casamento, e ele se torna cabeça da família entre os gentios; e isso é uma fonte de tanto gozo para ele, que ele pode, em certo sentido, como os nomes de seus filhos nos dizem, esquecer seus parentes e até mesmo se regozijar com sua aflição.

Certamente estas são coisas excelentes encontradas na condição de José enquanto estava separado de seus irmãos. E nelas vemos o próprio Senhor neste tempo presente, o tempo de Sua separação de Israel. Uma criança poderia traçar a semelhança; mas Ele, que Se revela aos bebês e às crianças de peito, abriu

nosso entendimento nisso. Na maravilhosa palavra de Estêvão, em Atos 7, vemos José e outros em lugares e circunstâncias semelhantes às do Senhor, que é chamado de o **"Justo"**. E isso é tão cheio de interesse que, embora seja apenas incidental, devemos nos afastar um pouco e ouvir aquela grande voz do Espírito de Deus.

História de Estêvão

Estêvão aparece apenas por um momento no curso da história divina; mas é para ocupar um lugar muito eminente e distinto. A ocasião em que ele é visto e em que age é cheia de significado. A inimizade Judaica estava novamente realizando seus atos sombrios, e o Deus da glória estava novamente revelando Seus propósitos mais brilhantes.

Estêvão é outra testemunha da passagem do Senhor da Terra para o céu, deixando a Terra por um período em sua incredulidade e apostasia, e chamando um povo para os lugares celestiais.

O tempo de Estevão foi uma outra separação. O de Abraão foi assim, e o de José também, e o de Moisés, e o do **"Justo"**, Jesus. A ocasião da separação de parentes para estrangeiros (ou seja, da Terra para o céu) pode ser diferente, mas é igualmente uma separação. Abraão foi separado porque Deus estava deixando um mundo contaminado sem julgamento; e numa contaminação não julgada Deus não pode fazer Sua habitação, nem permitir que ela seja a habitação de Seus eleitos. O mundo depois do dilúvio se contaminou, e o Senhor o estava deixando em sua contaminação, não o purificando por um segundo dilúvio; e, portanto, Ele mesmo Se torna um estrangeiro nele e chama Seus eleitos para fora dele com Ele. Desta forma, Abraão é um homem separado. José em sua época era outro; separado de casa e parentes, como Abraão; e assim também Moisés. Mas José e Moisés não foram separados como Abraão, simplesmente pelo chamado de Deus para sair da contaminação sem julgamento, mas pela inimizade e

perseguições de seus irmãos. E assim Jesus, **"os Seus"**, e o mundo feito por Ele O rejeitaram e não O conheceram. Mãos iníquas O mataram, e os céus O receberam. E assim, Estêvão também.

Estêvão está em companhia destes separados – Abraão, José, Moisés e **"o Justo"**. E ele é naturalmente dirigido pelo Espírito para percorrer suas histórias neste capítulo maravilhoso. E esses separados, em diferentes épocas ou intervalos, no progresso do caminho de Deus na Terra, demarcaram ou prefiguraram Seus propósitos mais elevados ou mais ricos em relação ao céu. Porque os seus tempos, como falamos, eram *de transição.*

O tempo de Estevão era assim. Até aos seus dias, a cena dos "Atos dos Apóstolos" é colocada na *Terra.* Em Atos 1, o Senhor ressuscitado falou aos Seus apóstolos sobre **"o reino de Deus"**. No mesmo capítulo, os anjos desviaram os olhos dos homens da Galileia, como chamam os discípulos, que olhavam para o céu, para olharem a promessa de que Jesus retornaria à Terra. Quando o Espírito Santo é dado em Seu batismo, como em Atos 2, é das coisas da Terra que os apóstolos falam. Eles testificam que Jesus deveria assentar-Se à direita de Deus no céu, até que Seus inimigos na Terra fossem postos por escabelo de Seus pés. Eles então pregam que, havendo o arrependimento de Israel, Jesus retornaria à Terra com tempos de refrigério e restauração, e que Ele foi exaltado para dar arrependimento e remissão de pecados a Israel. Israel é o povo, e a Terra o cenário, contemplados na ação ou testemunho do Espírito nos apóstolos nestes primeiros capítulos.

Mas a inimizade Judaica novamente toma o seu caminho, como já havia acontecido em muitos outros dias, desde o início; e a graça divina também segue seu caminho, como também havia acontecido em outros dias. E Estevão, sob o Espírito de Deus, toma esse momento como seu texto. Ele olha para trás, para o caminho da nação, incircuncisa, de coração e de ouvido, resistindo ao Senhor em um ou outro de Seus testemunhos; e ele

também olha para trás, para o caminho do Deus da glória, chamando para uma bênção nova e peculiar aqueles que a poluição terrena ou a inimizade Judaica estavam separando ou expulsando.

Desta forma, a sua própria condição naquele momento era o seu texto, tal como a condição das coisas no capítulo 2 tinha sido o texto de Pedro. Pedro pregou sobre o dom de línguas; Estêvão, como posso dizer, por seu próprio rosto então brilhando como o rosto de um anjo, e pela inimizade dos Judeus que o pressionava e ameaçava. O Espírito em Estêvão ocupa o momento. Foi um momento de transição. Foi a hora do rosto brilhante e das pedras mortais, da inimizade da Terra e das descobertas ainda mais brilhantes e ricas da graça que chamam ao céu. E Estêvão relembra outras histórias, histórias de outros eleitos, que já haviam preenchido momentos semelhantes no caminho de Deus. Pois as pessoas da Terra agora estão resistindo a Deus na pessoa de Estevão, como O resistiram em outros. Como ele lhes diz, eles sempre resistiram ao Espírito Santo; os filhos e os pais eram iguais nisso, em todas as gerações da nação.

Portanto, em Estêvão somos chamados a testemunhar outro grande momento de transição. É um tal momento no livro de Atos, como o de José no livro de Gênesis. Isto liga Estêvão e José, e dá ocasião natural ao Espírito Santo em Estêvão para fazer referência, como Ele faz, a José. Mas se a Terra está recusando um lugar a Estêvão, como seus irmãos recusaram a José um lugar na Terra de seus pais, o céu se abrirá para Estêvão. A graça em Deus estará ativa assim como a inimizade no homem está ativa – e do comedor sairá comida. E o céu, portanto, se abre em Atos 7. Um raio sai de lá e cai suavemente, mas brilhantemente, sobre o rosto de Estêvão, enquanto o povo da Terra o expulsava. E assim selado do céu e para o céu, ele fala do céu, e o próprio céu se abre para ele, e então o próprio Espírito Santo guia seus olhos diretamente para o céu, e então seu espírito é recebido do Senhor Jesus no céu. Tudo é céu. Estêvão recebe primeiramente

a garantia ou o penhor disso, depois a visão disso em suas glórias plenamente manifestadas e, então, seu lugar ali com Jesus.

Nada pode exceder, ainda no corpo, o brilho de tal momento. Foi a transfiguração do livro dos Atos dos Apóstolos. Estava além da medida da Betel do patriarca; pois aqui o topo da escada foi revelado, e Estevão foi ensinado a conhecer seu lugar para estar ali com o Senhor, e não simplesmente ao pé dela com Jacó. O momento foi de transição, o que não foi no tempo de Gênesis 28. Teve sua previsão antes de o rejeitado e proscrito José encontrar suas alegrias mais ricas e honras mais brilhantes entre os distantes gentios no Egito. Ou melhor, se quisermos, a história de José e a história de Estêvão são, cada uma delas em sua época e de maneira diferente, o prenúncio e o penhor daquela glória e herança no céu para a qual a Igreja, a eleição desta época, está chamada.

Simples e necessariamente, portanto, José e Estêvão estão ligados entre si, como encontramos em Atos 7. Cada um deles preencheu o mesmo lugar de transição – de fato mais vividamente marcado em Estêvão, e de forma adequada – mas cada um deles o preencheu. Tudo era novo e celestial, como vimos, com Estêvão. Não é *para baixo,* mas *para cima que* ele é ordenado a olhar. Os anjos disseram aos homens da Galileia em Atos 1 para tirarem os olhos do céu; o próprio Espírito ordenou a Estêvão, em Atos 7, que dirigisse seus olhos diretamente para o céu. A glória do terrenal era uma, a glória do celestial agora é outra. Mesmo o dom de línguas não havia prometido o céu aos discípulos em Atos 2. Não houve transfiguração então, nenhum rosto brilhando como o rosto de um anjo. O Espírito Santo estava sobre a assembleia em Jerusalém, mas a própria assembleia não estava à vista do céu como seu lar e herança. Mas Estevão estava nas fronteiras dos dois mundos. Seu corpo foi vítima da inimizade do mundo dos homens, seu espírito estava prestes a ser recebido em meio às glórias do mundo de Cristo. Ele foi rejeitado por seus irmãos, aceito por Deus. Tudo foi transitório – e ele olha

apropriadamente para José e Moisés, que estiveram em tal lugar antes dele.

Inspiração e "Exemplo"

E aqui deixe-me dizer, sugerido por esta alusão a José e outros em Atos 7, que não devemos ficar surpresos com este caráter figurado ou parabólico das histórias do Velho Testamento. Muito pelo contrário, deveríamos estar totalmente preparados para isso; e isso também, segundo um princípio muito simples. Deus, agindo nessas histórias (falamos para Seu louvor), age nelas (certamente) *de acordo com Ele mesmo e com Seus conselhos.* E, consequentemente, essas histórias tornam-se muitas revelações de Si mesmo e dos propósitos que Ele está realizando.

A garantia da inspiração da narrativa não nos mostra, consequentemente, Deus na narrativa no sentido pleno,. Há propósito e também veracidade nisso – há um **"exemplo"** e também uma inspiração. **"Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras** [**exemplos** – ARA]**"**. Eles aconteceram como estão registrados. Há verdade histórica neles. Mas Deus os fez acontecer, para que pudessem ser **"exemplos"**; e até que encontremos este exemplo, isto é, o propósito divino na história, não teremos visto Deus nele. Devemos recorrer a essas narrativas, sejam de José ou de qualquer outro, com a mesma mente com que o Profeta teve que ir à casa do oleiro (Jr 18). Ele iria ver um *verdadeiro trabalho* ali; vasos feitos pela mão e habilidade do trabalhador.

Mas houve uma *lição* no trabalho, bem como uma realidade. Havia uma parábola nisso; pois o profeta tinha que ver o próprio Deus à roda, assim como o oleiro. Então, nessas histórias que encontramos na Escritura, há realidade nelas, veracidade exata, tal como a inspiração assegura. Mas também há significado; e até descobrirmos isso e aprendermos sobre Deus e Seu propósito na história, ainda não descemos realmente à casa do oleiro.

Mas isso é apenas a propósito, sugerido pelo uso que o próprio Espírito, por meio de Estêvão, faz das histórias de Abraão, José e Moisés, no Velho Testamento, naquele capítulo maravilhoso de Atos 7.

Parte 3 - José como em Ressurreição (Gn 42-57)

Chegamos agora a José ganhando novamente seu pai e seus irmãos, e suas consequências.

Entre as coisas que deram caráter a José e suas circunstâncias, enquanto ele estava separado de seus irmãos, observamos que ele foi colocado em possessão daqueles recursos dos quais seus próprios irmãos e todo o mundo dependeriam para sua preservação na Terra. Chegou o momento certo para o mundo recorrer a estes recursos; e com isso, o tempo determinado para a restauração de José aos seus irmãos.

José está agora em autoridade. Seu dia de humilhação e tristeza acabou. Ele está à direita do trono do Egito e é o grande executor de todo governo e poder na terra. Ninguém pode levantar a mão ou o pé sem ele. Ele recebeu o anel do rei e anda no segundo carro. Ele é o tesoureiro e dispensador de toda a riqueza da nação, aquele que abriu ou fechou todos os seus depósitos a seu gosto. Aquele que *estava* na cova *está* no trono.

Este é José *como em* ressurreição. Eu digo como em ressurreição, pois a coisa em si – a ressurreição dentre os mortos – teve que esperar pelo dia do Filho do Deus vivo, que deveria estar, em Sua própria Pessoa, vivo dentre os mortos. Mas embora não pudéssemos ter **"a imagem exata"** deste grande mistério, ainda assim temos **"sombras"** dela, tanto em certas ordenanças da lei, como em certas histórias dos eleitos. As aves mortas e vivas de Levítico 14, e os dois bodes de Levítico 16, estão entre essas ordenanças; e cenas históricas como a libertação de Isaque do altar no Monte Moriá, ou a libertação de Jonas do ventre da baleia, apresentam o mesmo. E o mesmo acontece nesta época da história de José, sendo o dia de seu poder e autoridade no

Egito, depois de seus graves problemas na cova e na prisão. É José *como* em ressurreição.

O Espírito de Deus, em Gênesis 49, usando Jacó como Seu oráculo, olha para José nesta condição e o celebra em conformidade com isso. **"José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus ramos correm sobre o muro. Os flecheiros lhe deram amargura, e o flecharam, e o aborreceram** [**odiaram** – JND]**. O seu arco, porém, susteve-se no forte, e os braços de suas mãos foram fortalecidos pelas mãos do Valente de Jacó"**. E tendo falado isso de José, o Espírito usa-o como figura de um Maior que José; pois Jacó acrescenta: **"de onde é o Pastor, a Pedra de Israel"**. Temos Cristo em José. O Cristo ressuscitado é visto aqui como uma figura. Todo o poder está agora n'Ele, no céu e na Terra.

Ele está assentado à direita da Majestade nas alturas. O Seu direito aos recursos da criação é certo, selado pela dignidade do lugar que Ele agora ocupa. E os recursos que Ele agora *possui,* em breve Ele usará *para* Israel e para toda a Terra, segundo o padrão deste mistério de José. Isso estamos prestes a ver.

O amolecimento dos corações

A fome começa, e a abertura dos armazéns de José começa, no final de Gênesis 41. Mas o cenário muda então por um período; e a história do arrependimento e aceitação dos irmãos é contada, como uma espécie de episódio. Mas há uma beleza maravilhosa nisso. Porque a restauração de todas as coisas espera, como sabemos, pelo arrependimento e plenitude de Israel, para que esta introdução do novo assunto, na forma de um episódio, em Gênesis 42-46, seja cheia de beleza e significado; e a cena no Egito, e a abertura total dos depósitos de José para aquela terra e toda a Terra, são retomadas no devido tempo depois, em Gênesis 47. Pois, **"qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?"** pergunta o apóstolo, traçando, sob o Espírito, a história de Israel (Rm 11). **"se a sua queda (de Israel) é a riqueza do**

mundo, e a sua diminuição, a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude!" Para que estejamos preparados para esse arrependimento dos irmãos que precede a plena bênção da Terra.

Durante esta operação, este processo de amolecimento do coração de seus irmãos sob a mão de José, seria impossível não me demorar algum tempo nela. Devo, portanto, fazê-lo. Nosso próprio coração precisaria de algo, se não estivermos atentos a esta cena, para admirá-la e apreciá-la, e ser gratos por ela; tão repleta dos mais requintados toques de verdadeira afeição, tão profunda na revelação dos princípios morais de nossa natureza, e tão importante na visão que nos dá da obra de Deus por Seu Espírito guiando os pecadores, por meio da convicção e da percepção de seu estado de ruína, ao arrependimento e à novidade de vida.

A cena dessa maestria de Deus se passa em um período de necessidade e tristeza, como é comum nos caminhos do Deus de toda graça. Pois Ele não recusa ser procurado por nós, quando não temos ajuda para isso. Foi assim com o pródigo; é assim com os irmãos de José; e não tenho dúvidas de que, em breve, será assim com uma boa parte daqueles que louvarão Seu nome em glória para sempre. O pródigo não teve ajuda para voltar para seu pai e para a casa de seu pai ele deve ir. Os irmãos de José não têm ajuda para isso agora, e eles devem ir ao Egito e aos armazéns do Egito. Pode ser miserável, pode ser vil, no coração do homem se voltar para Deus dessa maneira, quando todo o resto tiver acabado. Mas o Senhor será encontrado por este coração vil e egoísta. Ele condescenderá em entrar, como alguém diz, por essas desprezadas portas da natureza. Durante vinte longos anos, os irmãos de José viveram de maneira fácil e próspera, com bens acumulados e bênçãos abundantes ao seu redor, e José e suas aflições foram todas esquecidas. Por um tempo, o pródigo teve seu dinheiro, a parte dos bens de seu pai que lhe cabia; e com seu dinheiro, enquanto durou, ele teve seu

prazer, de costas para seu pai. Mas a fome atinge **"a terra longínqua"** e **"a terra de Canaã"**, e então, quer queiram ou não, a casa do pai e os suprimentos de José devem ser procurados (Veja Oseias 5:15).

José trabalha para o arrependimento

Então a cena começa, e os irmãos de José descem ao Egito para comprar comida.

Assim que José os viu, ele os reconheceu. Ele **"lembrou-se dos sonhos que havia sonhado deles"**. Mas com isso ele imediatamente se dedicou à tarefa de restaurar a alma deles. (Veja Gênesis 42:9).

Estranho, mas mesmo assim maravilhoso e excelente! Seus sonhos apenas o exaltaram acima deles. Se ele tivesse procurado, portanto, simplesmente realizar esses sonhos quando os lembrava dessa maneira, ele poderia imediatamente ter se revelado, e, como o molho [feixe – ARA] favorecido no campo, ou como o Sol, o Sol dominante nos céus, e teria seus irmãos prostrados diante dele. Mas restaurar a alma deles, em vez de exaltar-se, torna-se imediatamente seu propósito. Este foi o conselho que ele tomou em seu coração, ao contemplar o momento em que poderia ter percebido sua própria grandeza e a humilhação deles, de acordo com seus sonhos. Quão verdadeiramente excelente e abençoado é isso! Houve Alguém, nos dias posteriores, que, quando tomou conhecimento de que tinha vindo de Deus e ido para Deus, e que o Pai havia colocado todas as coisas em Suas mãos, levantou-Se e cingiu-Se, e começou a lavar os pés de Seus discípulos. O conhecimento de Suas dignidades apenas O levou a atender às necessidades de Seus santos. Quem pode falar sobre o caráter de tal momento? Mas José aqui, ao longe, me lembra disso. **"José lembrou-se dos sonhos que havia sonhado"**, sonhos que o exaltavam, e apenas isso; e ainda assim ele se volta imediatamente para os pés

contaminados, os corações culpados, as consciências impuras de seus irmãos, para que ele possa curá-los, lavá-los e restaurá-los.

Estranho, novamente eu digo. Não houve conexão entre tal lembrança e tal ação, a não ser que a graça, a graça divina, da qual José foi a testemunha, seja conhecida; a não ser que Jesus de João 13 seja entendido.

Despertando a consciência

"Então, José lembrou-se dos sonhos que havia sonhado deles e disse-lhes: Vós sois espias e viestes para ver a nudez da terra". Isso os levou à boa obra (embora o processo seja humilhante e doloroso) de restaurar a alma deles. A consciência deve ser tratada fielmente, se algo tiver que ser feito. E José visa isso imediatamente. Ele se torna estranho para eles. Ele fala com eles por meio de um intérprete e fala rudemente. Ele precisa colocar a consciência deles em ação, deixando que isso custe o que custar em termos de sentimentos pessoais. Seu amor, no presente, deve ser firme; sua hora de amolecimento e ternura está no futuro. Será *satisfeito* em breve; deve *servir* agora. No dia do seu pecado, seus irmãos disseram dele: **"eis lá vem o sonhador-mor"**; e agora, no dia de sua convicção, José diz deles: **"vós sois espias e viestes para ver a nudez da terra"**. Certa vez, eles venderam o irmão, quando seu coração não conhecia piedade; agora, com todo o direito de preferência que não conhecia reservas, um deles é levado e preso. Mas tudo isso foi apenas, no propósito da graça, para fixar a flecha bem fundo na consciência, para ali gastar seu veneno e ali para estabelecer a sentença de morte. E isso está feito. Quando Deus age, o poder do Espírito aguarda o conselho do amor. **"Se estão presos em grilhões e amarrados com cordas de aflição, então, lhes faz saber a obra deles e as suas transgressões"** (Jó 36). **"Na verdade, somos culpados acerca de nosso irmão"**, dizem todos com uma só consciência, **"pois vimos a angústia de sua alma, quando nos rogava; nós, porém, não ouvimos; por isso, vem sobre nós esta angústia"**.

Isso era alguma coisa; foi muito; mas José ainda precisa continuar o *serviço* do amor. Se ele tivesse consultado seu *nome* a princípio, ao se lembrar de seus sonhos, ele teria se revelado imediatamente e se destacado como o honrado no meio de seus confusos e humildes irmãos. Se ele tivesse consultado seu *coração,* ele teria se revelado e ficado satisfeito no seio de seus irmãos convictos e tristes. Mas ele não consultou nem um nem outro. *O amor estava servindo;* e o lavrador da alma tem, às vezes, como o lavrador da terra, necessidade de **"longa paciência"** (KJV) e tem que esperar pelas primeiras, assim como pelas ultimas chuvas.

Coração de um irmão

Isto foi feliz e promissor, porque foi um *verdadeiro* começo. Mas José ainda tinha que saber se o coração de filhos e de irmãos estava neles, ou se eles ainda eram, como antes, indiferentes ao clamor de um irmão e à dor de um pai. Ele, portanto, ainda os exercita. Aspereza e bondade, encorajamento e sustos, desafios e banquetes, favores e reprovações, todos são usados e feitos para funcionarem juntos. Embora, na verdade, tudo seja muito semelhante na avaliação de uma consciência culpada. Jesus é João Batista ressuscitado dos mortos nas apreensões disso. Uma folha movida é um exército armado na sua presença. Bondade e aspereza assustam igualmente. Eles estão com medo porque são levados à casa de José. Eles temem onde não existe temor. Mas tudo está operando arrependimento, do qual não se arrepende; e o fruto adequado disso logo será produzido.

José traça um plano para testar completamente se de fato havia neles um coração de filho e um coração de irmão.

Enquanto se preparavam pela segunda vez para regressar a Canaã com alimentos para eles e para as suas famílias, o copo de José é colocado no saco de Benjamim – como todos sabemos, pois é uma história favorita – e eles partem em sua viagem. Mas isto, por mais simples que pareça, é o momento decisivo. Seus

próprios lábios terão agora de pronunciar o veredicto; pois a questão está agora para ser estabelecida: se eles são como eram antes, ou se um coração de carne lhes foi dado. Será que as aflições de Benjamim os comoverão, como os gritos de José uma vez não conseguiram fazer? Será que a dor do velho pai em casa suplicará ao coração deles, como antes não aconteceu? Este lugar, este momento, era novamente o campo de Dotã. Eles estavam retornando, em espírito, ao local onde toda a sua ofensa foi cometida. No campo de Dotã, em Gênesis 37, eles tiveram que dizer: Sacrificariam seu inocente irmão José às suas concupiscências, à sua inveja e à sua maldade? Aqui, quando Benjamim é reivindicado como cativo por causa do copo encontrado em seu saco – reivindicado como alguém que perdeu a vida e a liberdade para o senhor do Egito – é da mesma maneira solicitado a eles que digam se o sacrificariam, e voltam para casa, tranquilos, descuidados e satisfeitos.

Convicção

Nada pode superar a habilidade da sabedoria de José em trazer seus irmãos de volta dessa forma, moralmente e em espírito, para o campo em Dotã. A mesma questão é levantada aqui como foi ali, e apresentada a eles solenemente. Judá, aquele a quem seus irmãos louvarão, dá a resposta a esta pergunta. Eles eram inocentes, de fato, com respeito ao copo. Mas isso não é nada para suas consciências e nada para os lábios de Judá. A convicção perde tudo de vista, exceto o pecado. Sua ofensa é seu objeto. **"As minhas transgressões eu as reconheço; E o meu pecado está sempre diante de mim"** (TB). Os irmãos poderiam ter falado de sua inocência e ficado um tanto magoados por terem sido repetidas vezes mal interpretados e acusados falsamente dessa maneira. Eles haviam sido chamados de espiões quando eram homens de verdade, e agora eram tratados como ladrões comuns, embora fossem homens honestos. Eles poderiam ter dito que isso era muito ruim. Eles podiam suportar muitas palavras injuriosas e duras, mas serem tratados dessa maneira era algo demais para a carne e o sangue suportarem.

Mas não – nada disso – estes não eram os irmãos de José agora. Eles antes esconderam sua culpa sob a mentira que enviaram ao pai, agora estão dispostos a esconder sua inocência ao tocar o copo sob a confissão que fizeram a José. Judá se levanta para representar essa nova mente neles. Eles eram realmente inocentes em todos esses assuntos, do início ao fim; nem espiões nem ladrões – mas há cerca de vinte anos eles eram culpados daquilo que este estranho no Egito (como eles devem ter suposto) nada sabia, mas que Deus e suas consciências sabiam. Eles podem ser inocentes agora, mas eram culpados naquela época; e seu pecado, e somente seu pecado, estava agora diante deles. Confissão, e não justificação, é a sua linguagem. **"Que falaremos?"** diz Judá. **"e como nos justificaremos? Achou Deus a iniquidade de teus servos"**.

José por um momento finge que tudo isso não significava nada para ele. Isso pode ser problema deles, se quiserem, mas Benjamin era dele. Benjamim é o culpado, no que diz respeito ao grande homem do Egito; ele deve permanecer, e os demais podem voltar para casa o mais rápido que desejarem. **"o varão em cuja mão o copo foi achado, aquele será meu servo; porém vós subi em paz para vosso pai"**.

Sabedoria de Deus

O que poderia exceder isso? Eu pergunto. A sabedoria de Salomão em resolver a questão entre as duas prostitutas excedeu isso? Ele, com um espírito de julgamento condizente com alguém que ocupava o lugar de julgamento, descobriu o coração de uma mãe? E José aqui, com a mesma sabedoria vinda de Deus, não descobre o coração de seus irmãos? Está tudo além da admiração. O coração está realmente aberto. Depois destas palavras de José, Judá se aproxima e, com as entranhas de um filho e de um irmão, roga por Jacó e por Benjamim. **"O moço"** e **"o velho"** são o peso das suas palavras, pois agora eram a plenitude do seu coração. Ele permanecerá como escravo de seu senhor, apenas deixe **"o moço"** voltar para **"seu pai"**. Deixe apenas o

coração do pai ser consolado, e a inocência de Benjamin o preserve, e Judá ficará agradecido, aconteça o que acontecer.

Isso é tudo. Chegou-se agora ao resultado, o resultado que foi ponderado desde o início. A bondade de Deus levou ao arrependimento. José foi realmente elevado; o molho se levantou e ficou em pé; mas "este foi todo o fruto, para tirar os seus pecados". Assim, Cristo está agora elevado, como lemos, para ser o Príncipe e o Salvador, para dar arrependimento a Israel e remissão dos pecados (At 5:31).

José se revela

E agora o véu pode ser rasgado, e será rasgado. José será dado a conhecer a seus irmãos.

Mas este foi um momento difícil de enfrentar e administrar. O reaparecimento de alguém que eles odiaram e venderam, e a lembrança de quem tocou tão profundamente suas almas, pode ser avassalador. Ele deve moderar esta luz à visão deles, para que não se torne intolerável. Mas o amor é hábil e tem seus métodos e instrumentos prontos para as ocasiões. **"Eu sou José"**, diz ele aos irmãos; mas ao mesmo tempo ele acrescenta: **"vive ainda meu pai?"**

De fato, isso foi extraordinário no caminho da graça, e perfeito na habilidade do amor. José poderia ter respondido a essa pergunta sozinho. O discurso de Judá (cujo eco ainda estava em seus ouvidos, pois era precioso demais para permitir que ele se desfizesse dele) já lhe havia dito que o pai ainda estava vivo. Mas José apressou-se em trazer uma terceira pessoa para a cena. Ele não podia permitir que os servos ou oficiais do palácio estivessem presentes; pois isso seria expor seus irmãos. E, no entanto, ele temia que ficar sozinho com seus irmãos fosse algo demais para eles. E assim, ele trouxe alguém para compartilhar aquele momento com eles; e tal pessoa, a melhor de todas, foi aquela a quem a palavra de José apresenta.

A graça que convida

Isso foi realmente perfeito em seu lugar. Isso me traz à mente a cena no poço de Sicar. **"Eu o Sou, Eu que falo contigo"**, diz o Senhor à mulher que acabara de ser, por Seus meios, exposta a si mesma em todos os seus antigos pecados que eram como carmesim. Não foi apenas: **"Eu o Sou"**, mas **"Eu que falo contigo"**. Nestas palavras Ele revela Sua glória. Ele está diante dela como o Messias, que poderia, como ela havia dito, contar todas as coisas, e que agora, como ela provou, realmente tinha contado todas as coisas, coisas que eram terríveis aos ouvidos de uma consciência desperta. Mas Ele revela isso em companhia da graça doce, condescendente e convidativa de Alguém que estava assentado conversando com ela. E este foi o título de sua alma para encontrar liberdade, onde ela poderia esperar ser oprimida. E ela a encontrou.

Que habilidade nos caminhos do amor! Dos seus preciosos tesouros, posso dizer, em palavras bem conhecidas –

"Há brilho no que quer que seja adequado
Pela exigência de cada hora."

Queremos apenas confiar mais e nos assegurar disso.

E ainda há mais disso em José.

Pouco depois disso, ele lhes dirá novamente: **"Eu sou José"**, e acrescentará: **"a quem vendestes para o Egito"**. Mas então ele imediatamente conta uma longa história dos propósitos de Deus em toda essa questão, e os informa o quão importante o fato de ele ter deixado sua casa, era para o Faraó, para o Egito e para o mundo inteiro, bem como para eles e para suas famílias. O amor não lhes dá oportunidade de ocupar o tempo pensando em si mesmos. José acumula uma infinidade de outros pensamentos em suas mentes – e ele os beija e chora com eles.

A ternura segue a fidelidade

O povo do Faraó pode agora, depois de tudo isso, retornar e compartilhar a cena com eles. Podem agora ver nestes visitantes de Canaã, não os perseguidores de José, mas os seus irmãos. Eles são apresentados ao palácio apenas nesse caráter. Como na parábola do pródigo. O pai o verá em sua miséria; e, enquanto ainda está em farrapos, com fome e vergonha, beija-o e dá-lhe as boas-vindas; mas a família o verá como um filho à mesa. **"Fazei sair daqui a todo varão"**, foi a palavra de José, quando ele ia se dar a conhecer a eles; mas agora a casa de Faraó ouvirá que os irmãos de José chegaram. O espírito d'Aquele bendito de Quem aprendemos nos Evangelhos respira tudo isso. Estamos em João 4 e em Lucas 15 quando estamos em Gênesis 45.

Há ocasiões na história da vida humana que *o coração* reivindica tudo para si mesmo. O Senhor enfrentou isso, assim como todos nós às vezes enfrentamos. Houve fidelidade constante em Seu trato com os discípulos. Ele não deixava passar os erros deles. Ele os repreendia muito comumente, porque os amava de uma maneira muito perfeita e estava treinando a alma deles em vez de ser indulgente Consigo mesmo. Mas chegou um momento em que a fidelidade deve ceder o lugar e a ternura o preenche. Quero dizer, a hora da *separação,* como vemos em João 14 – era tarde demais para ser fiel. A educação da alma sob as repreensões de um pastor não deveria continuar naquele momento. **"Homens de pouca fé"** ou **"Como não entendeis ainda?"** não seria ouvido então. Era a hora da despedida, e o coração teve permissão para assumir o controle total da situação.

Agora, o tempo de *reconciliação*, neste caso, é como a hora da *separação*. O coração o reivindica para si. Só a ternura convém agora; a fidelidade seria uma intrusa. E é assim que encontramos com José aqui. Ele chorou em voz alta, de modo que a casa do Faraó ouviu. Ele chorou no pescoço de todos os seus irmãos e os beijou, caiu no pescoço de seu irmão Benjamim e chorou e o beijou. E se ele falou em meio às lágrimas, foi apenas para

encorajar o coração deles e dar-lhes promessas e razões pelas quais deveriam ter plena confiança e tranquilidade diante dele. (Nem o Faraó, nem a casa do Faraó, nem ninguém no Egito parece ter sido informado do pecado dos irmãos).

Alcançando o coração

Certamente posso reivindicar estes direitos e privilégios na hora da *separação* e na hora da *reconciliação.* E foi assim, como vemos, neste tempo da restauração de José aos seus irmãos. Mas quando tudo isso acabar, e ele os apresentar ao Faraó e ao palácio, e eles estiverem prontos para retornar a Canaã, em plena preparação para trazer seu velho pai ao Egito para José, quando eles estiverem em pé, Benjamim com eles, e Simeão com eles, e tudo era a exultação de uma hora favorecida e próspera, uma palavra de advertência não estaria fora de época, e José tem isso para eles: **"Cuidais para que não vos desvieis pelo caminho"** (KJV). **"Simão, filho de Jonas, amas-Me?"** foi dirigido ao coração de Pedro com o mesmo espírito, e em um momento semelhante, quando a reconciliação, como posso chamá-la, foi realizada, e a rede intacta de Pedro recolheu 153 peixes, e ele jantou com seu Mestre negado a beira-mar.

Certamente tudo isso, do início ao fim, é perfeito. Há uma magnificência moral na Escritura que a torna, de fato, a mais importante, como podemos dizer, das obras de Deus. O Espírito sopra toda ela. Sua ternura, sua grandeza e sua profundidade são iguais às d'Ele. Na questão da história de José e seus irmãos vemos algo que é muito excelente. Os erros e acertos de José, as reivindicações que ele fez e as injúrias que sofreu foram todos maravilhosamente respondidos. Quaisquer que fossem as dignidades que seus sonhos lhe haviam garantido, ele as conquistou plenamente.

Quaisquer que sejam as injustiças que ele tenha sofrido, todas foram vingadas da maneira que seu coração teria escolhido. O julgamento dos pecados deles contra si foi executado no seio dos

próprios irmãos; nem uma palavra dura a respeito disso sai de seus lábios do início ao fim.

Estas foram as questões tanto dos acertos quanto dos erros de José. **"Até isto procede do SENHOR dos Exércitos, porque é Maravilhoso em conselho e Grande em obra"**.

Convicção produzida pelo Espírito

Mas devo voltar a olhar para tudo isso por outro momento. A convicção da consciência pode ser apenas natural, o trabalho normal e necessário da alma, cuja ausência seria considerada evidência de um estado cauterizado ou endurecido. Mas quando é mais do que a mera agitação da alma sob a autoridade da natureza – quando o Espírito de Deus a produz – Ele usa Seu próprio objeto ou instrumento para trabalhar. Davi, sob o convincente Espírito, diz a Deus: **"Contra Ti, contra Ti somente pequei, e fiz o que a Teus olhos é mal"**. E assim será com Israel no dia de seu convencimento; pois a sua consciência estará então ligada ao outrora rejeitado e crucificado Jesus. Como o Senhor diz pelo profeta, derramarei sobre eles o espírito de graça e de súplicas; e *olharão para Mim, a Quem traspassaram,* e lamentarão por Ele, como quem chora por seu único filho, e será em amargura por Ele, como quem está em amargura por seu primogênito. Isto é convicção, quando o Espírito de Deus tira esse assunto das mãos da natureza e coloca-o nas Suas próprias mãos. Isto é a consciência fazendo o seu trabalho, como fala o apóstolo, **"no Espírito Santo"**. Num dia assim, sob tal autoridade e poder, Israel dirigir-se-á diretamente a Jesus. Isaías 53 nos mostra o mesmo de outra forma. E este é um trabalho precioso na alma – um trabalho *necessário* ainda em cada um de nós.

Agora isso é visto nos irmãos de José. Alguém já percebeu isso de uma forma geral. Mas é profundamente digno de nota. Foi do pecado deles contra José que eles se lembraram no dia de sua angústia. **"Somos culpados acerca de nosso irmão"**, dizem eles, **"pois vimos a angústia da sua alma, quando nos rogava; nós**

porém não ouvimos". Outros pecados poderiam estar presentes na consciência naquela época. Rúben poderia ter pensado na contaminação da cama de seu pai, Simeão e Levi em seu derramamento de sangue e traição, e Judá em seu casamento. Mas, estimulados à vida, não apenas pelos problemas que lhes sobrevieram, mas pelo Espírito, eles estão conscientes do pecado *comum* e falam, como se tivessem uma só consciência, de sua maldade em relação a José. E é isso que evidencia a obra do Espírito nesta convicção.

Esta é uma obra necessária, repito, em cada um de nós. Mas a *fonte* tem que fazer a sua obra assim como o Espírito de graça. José, como vimos, interpretou suas tristezas, embora nas mãos perversas, de maneira muito diferente daquela que seus medos e culpa as interpretaram. Eles disseram, e com muita razão, **"somos culpados acerca de nosso irmão"**; ele diz, e com muita verdade: **"para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face"**. E este é o evangelho. Somos convencidos, mas salvos. Aprendemos que nos destruímos, mas que n'Ele está o nosso socorro. O sangue encontra a lança. A fonte se abre nas mesmas feridas que nossas próprias mãos infligiram. E esta será a experiência da eleição Judaica (cuja história destes irmãos prenuncia, como sabemos) nos dias de Isaías 53 e Zacarias 13. A cruz é a testemunha. A fé está diante dela, e ali aprende *a ruína* e *a redenção.*

Bênção completa

No progresso desta história maravilhosa, a reconciliação, como vimos agora, é realizada. José recebeu seus irmãos; e tudo está, portanto, pronto para a plena bênção de Israel. A restauração deve seguir a conversão. Tempos de refrigério e restauração vêm sobre o arrependimento de Israel. O velho pai, com sua família e rebanhos, é trazido de Canaã, e com seus filhos apresentados ao Faraó, e eles estão colocados no melhor da terra, a terra de Gósen, em Ramessés.

Foi-lhes dito que poderiam deixar todos os seus pertences *para trás,* pois todo o bem da terra do Egito estava *diante* deles. E assim foi. Seus sacos vazios haviam descido primeiro ao Egito para serem cheios, e eles ainda precisavam provar que havia um coração e uma mão ali, ambos iguais e prontos para dar sem medida, e quanto mais vazios eles desciam, mais plenamente eles aprenderiam isso.

Eles eram apenas pastores, é verdade, e isso era uma abominação para os egípcios. Mas José **"não se envergonha de lhes chamar irmãos"**. Eram estrangeiros e pensionistas; mas o homem daquela época, o senhor do Egito, repito, **"não se envergonha de lhes chamar irmãos"**. Ele os reconhece na presença do rei, do palácio e da nação. E o rei prova ser da mesma opinião. O fato de serem irmãos de José foi suficiente para Faraó. Na verdade, isso fala muito aos nossos ouvidos. Está próximo o dia em que tudo isso será concretizado nos grandes originais de Cristo e Israel. Ele voltará para eles e dirá: **"É Meu povo"**, e eles dirão: **"O Senhor é meu Deus"**.

Uma possessão adquirida

Mas embora isso seja ótimo e excelente, não é tudo. A própria Terra tem que ser estabelecida e abençoada, a herança tem que ser recebida e manifestada, assim como os irmãos, o Israel de Cristo, tiveram que ser assim vivificados e restaurados; e isso veremos agora. José, no capítulo 47, torna-se o mantenedor do mundo quanto à vida e ordem. Por ele a vida é preservada na Terra e a ordem mantida. E todas as pessoas serão dispostas naquele dia do seu poder. Tudo o que José faz está bem aos olhos de todo o povo. Seu dinheiro, seu gado, suas terras e eles próprios serão entregues ao Faraó; e ainda assim tudo lhes agrada, pois devem sua vida a José. O Egito, naqueles dias, era uma amostra do novo mundo, o mundo trazido de volta a Deus pela *redenção.* Foi uma **"possessão adquirida** [**comprada** – KJV]**"**, exatamente o que a Terra milenar será (Ef 1:14 - ACF). Foi a criação reconciliada, libertada da condenação, da fome, da morte

e da maldição, pela mão de um salvador. O trigo de José comprou a terra, o gado e as pessoas. Tudo estava sob o comando do Faraó em um novo caráter, como uma possessão comprada, permanecendo na graça da redenção. Faraó, que foi rei da terra, ainda é rei da terra; mas ele tem outro, um redentor da terra e do povo, associado a ele agora, como antes não tinha. Como nos dias milenares. Que quadro a mão de Deus desenhou para nós aqui! Que promessa temos aqui, sim, que amostra da Terra nos dias do reino!

Maravilhosa profecia

Faraó havia confiado em José, e José havia prometido a Faraó, nos primeiros dias, quando ainda nada havia sido feito. Antes que a palavra de José começasse a ser cumprida, Faraó o havia assentado com dignidade e poder, dando-lhe uma esposa dentre as filhas dos excelentes da terra, e colocando sobre ele um nome que já dizia a todos que o liam, o que ele pensava dele e como o recebeu. (Diz-se que Zafenate-Paneia, na antiga língua egípcia, significava *"o salvador do mundo";* em hebraico, como entendemos, pode ser traduzido como *"o revelador de segredos").* E José, na confiança que tudo estaria de acordo com as interpretações que Deus lhe havia dado para entregar, aceitou tudo isso das mãos do Faraó; e então, mas não antes disso, vieram os anos das abundancias, um após o outro, para cumprir as promessas de José ao Faraó e para reivindicar todas as honras que haviam sido conferidas pelo Faraó a José. (Veja Gênesis 41).

Preciosas observações a tudo aquilo que encontra seus originais, sua realidade aconselhada e eterna, nos segredos que existiram entre Deus e Seu Ungido! Temos apenas que nos curvar e adorar; e ao recolhermos os despojos e riquezas da Palavra de Deus, para nos regozijarmos e sermos gratos. **"Regozijo-me na Tua Palavra como alguém que encontra um grande despojo"** (AIBB). **"Regozijo-me no caminho dos Teus testemunhos, tanto como em todas as riquezas"** (AIBB).

Era apropriado que tivéssemos esta amostra do novo mundo, ou da vindoura condição milenar da Terra, na história de José; pois, como dissemos no início, ele é o *herdeiro,* estabelecido para representar alguém assim na graça de Deus, depois que seus pais contaram, cada um suas diversas partes, na mesma graça frutífera e abundante. *A eleição,* como vimos, temos em Abraão; *filiação,* à qual a eleição nos predestina, em Isaque; *disciplina,* à qual a filiação nos insere, em Jacó; e agora, *o herdeiro e a herança* que se segue, encerrando o mistério que a graça aconselhou, e encerrando igualmente o livro do Gênesis, em José.

José e Asenate

Não há fala ou linguagem aqui, mas uma voz é ouvida, clara, plena e harmoniosa, pelo ouvido que está despertado. E ao olharmos apenas para José, vemos uma página de história santa, cheia de Jesus; um Jesus *rejeitado* primeiro, um Jesus *ressuscitado e ascendido* então, e agora no final, um Jesus *milenar,* Jesus em Sua herança e reino.

"Conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas as Suas obras" (ACF). Mas aquilo que não alcançamos nos ensina isso tão certamente quanto aquilo que alcançamos nos ensina. Ele formou a luz e as trevas. **"Teu é o dia e Tua é a noite"**. Em toda esta exibição passageira e magnífica da herança, há alguém que deveríamos esperar ver *principalmente,* e ainda assim *não* a vemos. Asenate, a esposa, não é encontrada aqui. Ela e seus filhos não recebem nenhuma porção neste grande assentamento de tudo o que existe na terra; eles nem são vistos ou mencionados. Será que eles foram esquecidos? Isso não poderia ser. Mas ela era a mulher celestial, a esposa dada a José dentre os gentios no dia de sua separação de seus parentes, e sua porção é mais excelente do que a terra em suas melhores condições poderia lhe proporcionar; ela está nele e com ele que é o senhor e dispensador de tudo. Asenate está perdida em José; ou, para ser vista apenas em José.

E assim o fim *completo* é contado no início; pois tudo isso no livro de Gênesis é **"a dispensação da plenitude dos tempos"**, quando Deus reunirá todas as coisas em Cristo, tanto as que estão no céu como as que estão na Terra. E certamente é uma alegria, amados, diante da atual confusão do mundo, em meio à agitação dos pensamentos humanos que está sempre ao nosso redor, aprender pela boca de tais testemunhas, que o fim está diante d'Ele dessa forma, e tem sido assim desde o início. **"O conselho do SENHOR permanece para sempre; os intentos do Seu coração, de geração em geração"**. Seu povo e Seus propósitos são iguais diante d'Ele; e tais verdades confortaram os apóstolos, quando eles se encontraram no meio das decepções da Igreja (Veja 2 Timóteo 2:19).

Parte 4 - O direito de primogenitura (Gn 48-50)

Esta é mais, posso dizer, um apêndice à história, do que a quarta parte dela. É composta de algumas ações isoladas nos últimos dias de José.

A primeira coisa, porém, que obtemos está relacionada com o que vimos ser a característica da própria história. O capítulo 48, que abre esta quarta parte, mostra-nos a concessão do direito de primogenitura a José; e o direito de primogenitura e a herança são, em certo sentido, um só.

Em Israel, ou sob a lei, o direito de primogenitura trazia a porção dobrada. O primogênito teria uma participação dupla nos bens do pai; e a lei determinava que este deveria ser seu por um título irrevogável, um título que não deveria ser contestado. A porção dobrada não deveria ser dada a nenhum outro filho da família por qualquer motivo de afeição pessoal ou parcialidade (Dt 21:15-17).

Mas embora fosse assim, o direito de primogenitura poderia ter sido vendido ou perdido pelo próprio primogênito. Seus próprios atos poderiam aliená-lo, embora as parcialidades ou preconceitos de seu pai não pudessem ser transferidos. E descobrimos que foi esse o caso. Esaú o vendeu e Rúben o perdeu (Gn 25; 1 Cr 5). No

caso da venda por Esaú, Jacó que o comprou, é claro, tinha o título sobre o direito. A oferta e a venda tornaram o direito de primogenitura dele. Isso está claro. Mas no caso de ter sido perdido por Rúben, quem deverá tomá-lo? Ele se reverteu para o pai; mas a qual dos filhos ele o conferiria? Essa foi uma pergunta, e é a essa pergunta que este capítulo responde. Apresenta-nos a solenidade do velho pai, Jacó à morte, investindo José com o direito de primogenitura que Rúben, seu primogênito, havia perdido.

Adoção e porção dupla

Ao saber da doença de seu pai, José chega ao seu leito, trazendo consigo seus dois filhos, Manassés e Efraim. Nenhum dos outros filhos de Jacó está presente. O Espírito de Deus, por meio de Jacó, tem um assunto especial com José.

Jacó inicia o ato repetindo a José a concessão divina da terra de Canaã. Esta foi uma exposição da propriedade da família, a propriedade que ele teve que deixar entre seus filhos. Ele então *adota* os filhos de José; pois isso era necessário para que eles fossem investidos com os direitos dos filhos, visto que, num grande sentido jurídico, eles eram estranhos para Abraão. A mãe deles era egípcia. Eles eram uma semente, portanto, que a lei, em seus dias, os teria despedido (Ed 10:3). Mas Jacó os adota. Ele os leva para a família. **"Agora, pois,", diz ele a José, "os teus dois filhos, que te nasceram na terra do Egito, antes que eu viesse a ti no Egito, são meus"**. Eles são constituídos da semente de Abraão e feitos filhos de Jacó; e isso feito, Jacó imediatamente os coloca no lugar dos primogênitos; pois ele acrescenta imediatamente: **"como Rúben e Simeão"**.

Este foi um ato solene de investidura, pelo qual os direitos do mais velho, a porção dupla associada à primogenitura, passaram para José na pessoa de seus dois filhos. Leia sobre isso em 1 Crônicas 5 e Ezequiel 47:13. (O título agora concedido foi posteriormente realizado, quando a propriedade da família, a terra

de Canaã, passou a ser dividida entre as tribos; pois José então recebe duas porções em seus dois filhos, que são tratados como se tivessem sido dois filhos distintos de Jacó).

A recompensa da herança

Mas ainda temos que perguntar: Por que José foi preferido assim? O direito perdido foi revertido para Jacó e de suas mãos teve que ser concedido novamente. Mas por que foi dado a José? Isso foi mera graça? Eu não poderia dizer isso. Graça, eu sei, nesta grande ocasião, segue seu caminho. Se estivéssemos devidamente esvaziados, deveríamos nos deleitar no caminho da graça, mesmo que nós mesmos pudéssemos receber, em suas distribuições, apenas uma bênção da mão esquerda ou de Manassés. Mas embora tudo isto seja assim, ainda questiono se foi *meramente* graça que conferiu os direitos do filho mais velho a José.

Prefiro julgar que José *mereceu.* Se Jacó o comprou anteriormente, creio que José agora o ganhou.

Já rastreamos, na história, seu caminho até a herança. Foi o caminho, como o de seu divino Mestre, cuja sombra ele era ao longe, de tristeza, rejeição e separação, e ainda assim de justiça e testemunho. E este caminho terminou com louvor, honra e glória no reino ou herança; e o direito de primogenitura está relacionado com a herança.

É, portanto, fácil para nós dizermos, como dissemos, que José conquistou o direito de primogenitura. Judá ganhou a realeza, Levi o sacerdócio e, portanto, José a porção dobrada. E seu pai deu-lhe um penhor, *"um penhor da herança"*, que era característico disso; pois no final desta ação Jacó lhe diz: **"E eu te tenho dado a ti um pedaço de terra mais que a teus irmãos, o qual tomei com a minha espada e com o meu arco da mão dos amorreus"**. Isso era um penhor. Mas não só isso; foi uma *amostra* também. Foi característico. Falava da herança como deveria estar nas mãos de José. Esta parte foi *ganha,* e a de José também. A

espada de Jacó conquistou este pedaço de terra, assim como a paciência de José conquistou a herança e o direito de primogenitura; e é de acordo com isso que o pai, à morte, depois o celebra. **"As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais, até à extremidade dos outeiros eternos; elas estarão sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça *do que foi separado de seus irmãos*"**. Ou como Moisés, o homem de Deus, diz dele: "**a bênção venha sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos"**.

O apóstolo fala do **"galardão da herança"**, palavras que podem não soar como se combinassem exatamente uma com a outra; pois a herança vem da graça e a recompensa vem do trabalho. Assim, o Senhor fala em dar **"uma coroa de vida"**, palavras que também podem soar aos ouvidos como um tanto discordantes; pois a vida é uma graça e uma coroa é uma recompensa. Mas a alma aceita essas coisas e não faz delas uma dificuldade. "*Todas as bênçãos compradas e prometidas estejam contigo*", disse o mártir próximo à morte à sua esposa. E ele falou sabiamente, assim como abençoadamente; pois as bênçãos, em certo sentido, são todas adquiridas; em outro, prometidas ou dadas. Como diz um doce hino, que todos nós conhecemos:

"Senhor, creio que Tu preparaste,
Por mais indigno que eu seja,
Para mim uma recompensa gratuita comprada com sangue,
Uma harpa de ouro para mim".

E José, eu julgo, obteve o direito de primogenitura ou a herança desta forma. Estava em suas mãos **"o galardão da herança"**. Foi uma coisa comprada e, ainda assim, uma coisa dada; uma coisa conquistada e, ainda assim, uma coisa gratuita. Vemos graça na concessão dela a ele, mas vemos também o fruto ou resultado daquele caminho de tristezas dos mártires que ele, e somente ele, de todos os filhos de Jacó, trilhou com paciência e triunfo.

Esta ação, portanto, está em plena sintonia com o caráter principal da história de José. Vemos nele o herdeiro, e com isso o direito do primogênito, a porção dobrada, com seu penhor, **"o penhor da herança"**, entregue a ele, na ação deste capítulo.

No próximo capítulo (Gênesis 49) José é apenas um dos muitos filhos de Jacó – Jacó, o pai, é o principal. José e seus irmãos estão juntos sob o olhar e os pensamentos do patriarca próximo à morte, que foi guiado pelo Espírito para lhes dizer o que lhes aconteceria nos últimos dias. Não faço mais nenhuma referência a isso aqui, mas me refiro à história de Jacó, onde já a considerei.

O caráter e as virtudes de José

No último capítulo (Gênesis 50) José é novamente o principal; não, entretanto, tanto misticamente quanto pessoalmente; isto é, não como *herdeiro,* mas como *homem.* Vemos aqui o próprio José, seu caráter e suas virtudes, em vez do senhor do Egito, sua posição e suas dignidades. E considerado pessoalmente, ele é talvez o caráter mais atraente do livro de Gênesis. Há mais fruto e força da piedade nele do que em qualquer um de seus pais. Temos nele o caminhar mais firme e consistente nos caminhos de Deus. Há menos elevação, eu percebo, do que em Abraão, assim como, é claro, há menos exercício de espírito do que em Jacó; mas apesar de todas as circunstâncias, provações, honras, mudanças, ele ainda é o homem de Deus que andou em Seu temor e diante d'Ele. A sua história não é feita de fracassos e recuperações, nem de refazer as primeiras obras. É um caminho de luz, se não de uma luz que brilha cada vez mais até se tornar um dia perfeito, mas de uma luz que brilha clara, calma e constante. Na sua história não temos visitas angélicas, nem aparições do Senhor, nem audiências de oráculos divinos; mas no próprio José temos um vaso usado por Deus, porque foi aprovado por Ele; uma coisa muito preciosa para com Deus. Não é Peniel ou Berseba novamente, refrigérios e iluminações ocasionais, mas sim um testemunho permanente dentro de si, de modo que ele conhecia o caminho de Deus e o guardava. **"até ao tempo em**

que chegou a *Sua Palavra;* a *Palavra do SENHOR* o provou". A autoridade que o Egito, no devido tempo, reconhecia nele, ele já a havia reconhecido no Senhor. Ele próprio era o obediente e depois se tornou aquele estabelecido em autoridade. Ele continuou como Cristo em Suas tentações, e então foi designado para um reino. A sujeição foi o seu caminho para a honra, o devido caminho de todos os herdeiros do mesmo reino.

Singularidade na vida de José

Mas existem algumas peculiaridades na história de José além disso. Não encontramos com ele o altar e a tenda, como encontramos com seus pais. Porque não é o caráter de estrangeiro na Terra que vemos nele, mas a herança ou o reino, depois do sofrimento e da humilhação. Não é a tenda de seus pais que vemos em sua história, mas a cova e a prisão, que eram somente dele, e não de seus pais. A tenda e o altar podem ser devidamente os símbolos da vocação deles; a cova e a prisão primeiro, e depois o trono, tornam-se os símbolos de José.

E como outra peculiaridade, podemos observar que o Senhor nunca é chamado de Deus de José, pois é chamado de **"o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó"**. Mas isso, da mesma forma, podemos explicar. José estava mais entre os *filhos* do que entre os *pais.* O concerto não foi feito com ele, como havia sido com Abraão, Isaque e Jacó, nem ninguém foi separado para que ele pudesse receber a bênção. O concerto foi feito com Abraão separado da terra, da parentela e da casa paterna. Foi renovado com Isaque, com a separação de Ismael. Foi renovado novamente com Jacó, com a separação de Esaú. Mas não foi renovado com José; pois ele era apenas um dos filhos de Jacó, e todos estavam igualmente interessados nisso; todos eles eram a semente contemplada por ele; e José não era mais dessa semente do que qualquer um dos outros. De modo que não temos base para o título característico, "o Deus de José". Pois, embora a graça tenha sido demonstrada no chamado de Abraão, e novamente na escolha de Isaque, o mais jovem, e na escolha de

Jacó, o mais jovem, ela foi manifestada em José apenas em sua medida comum em favor de toda a semente, uma medida que chegava aos outros assim como a ele. (Depois disso, Deus é chamado de **"o Deus de Israel"**, como antes foi chamado de **"Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó"**, porque Seu concerto foi com a nação de Israel).

Assim, José ocupa o seu lugar aos nossos olhos, e nós olhamos para ele *moralmente* ou *misticamente;* com suas características, virtudes, ou em seu lugar típico peculiar. Mas ainda não terminamos de vê-lo.

As lágrimas de José

Ele era, eu acrescentaria agora, um *grande chorador.*

Paulo diz que se lembrava das lágrimas de Timóteo; e havia muitas lágrimas nos olhos de José, às quais poderíamos muito bem nos lembrar. Davi e Jônatas choraram, assim como Paulo e Timóteo. Mas eu poderia afirmar que José superou todos eles. As ocasiões de suas lágrimas foram as mais variadas. E, de fato, é um fluxo sincero, real e genuíno de afeições que devemos cobiçar em meio às realizações mais cultivadas e ordenadas dos dias de hoje. As lágrimas são muitas vezes coisas preciosas e às vezes santas também.

No início, quando José viu a convicção despertar na consciência de seus irmãos, ele chorou. Foram lágrimas de tristeza e de gozo. Ele sentiu pena deles passando pela agonia; mas ele deve ter se regozijado ao ver a necessária flecha atingindo seu alvo e o sangramento dos ferimentos que se seguiram.

Ele chorou novamente quando viu Benjamin. O filho de sua própria mãe, seu único filho além dele, cujo nascimento também foi a morte dela, e o único entre os filhos de seu pai (que eram todos antes dele) que não era culpado de seu sangue. Alguém como este foi visto naquele momento por ele em Benjamin. Essas lágrimas, portanto, a natureza poderia explicar.

Ele chorou novamente ao ver a obra de arrependimento acontecendo em seus irmãos. À sua maneira, ele ansiava muito por eles; até que finalmente as palavras de Judá foram demais para ele; a convicção da consciência terminou então na restauração do coração. **"Um velho pai"** e **"um moço"** repetidas vezes nos lábios de Judá tiveram uma expressividade que predominou, e José não conseguiu mais se conter. Ele levantou sua voz em choro, e a casa do Faraó o ouviu. Mas estas foram mais do que lágrimas da natureza. Estas foram as entranhas de Cristo, ou as lágrimas do Pai no pescoço do pródigo.

Cada um desses choros foi maravilhoso em sua ocasião; mas ainda temos mais.

Ele se lançou sobre o rosto de seu pai e chorou sobre ele, pois seu pai acabara de expirar. Isto foi como o túmulo de Lázaro para José; e lá ele e seu Senhor podem chorar juntos.

E novamente ele chorou, quando, após a morte de seu pai, seus irmãos começaram a suspeitar de seu amor. Ele ficou desapontado. Uma indigna recaída dos caminhos de um amor constante, paciente e servidor, o fez chorar – no espírito d'Aquele, posso dizer, que chorou por Jerusalém. Durante anos ele vinha fazendo tudo o que podia para conquistar a confiança deles. Ele os alimentou e aos seus pequeninos. Anos agora haviam passado, e não encontramos nenhuma repreensão deles em sua vida ou em seus caminhos. A dor pela morte do pai acabara de lhes dar a conhecer as afeções comuns que tinham para uni-los. Ele lhes forneceu todos os motivos para confiar nele. E ainda assim, depois de tudo, eles estavam temendo a ele. Este foi um choque terrível para um coração tal como o de José. Mas ele não se ressentiu, exceto pelas suas lágrimas e renovadas garantias de seu amor diligente e fiel. E não têm lágrimas como essas, pergunto eu, um caráter tão excelente quanto as lágrimas podem ter? Elas eram como as pulsações do espírito magoado do Senhor. **"Até quando estarei ainda convosco e vos sofrerei?"**; **"Por que temeis?"**; **"Estou há tanto tempo convosco, e não Me**

tendes conhecido...**?"** Estas eram pulsações semelhantes de um coração magoado em Jesus. Jesus *santificou* as lágrimas e fez delas, como tudo o mais que subia d'Ele a Deus, um sacrifício de cheiro suave; José, Davi e Paulo, sim, Jônatas e Timóteo também as tornaram *preciosas* e as colocaram entre os tesouros do Espírito no seio da Igreja.

Graça e fidelidade

Tal pessoa era José, e em tal companhia o colocamos; novamente, digo, talvez o caráter mais atraente do Livro do Gênesis. Vemos nele a graça e a irrepreensibilidade que obtemos em Isaque, a **"piedade"**, como falamos, marcando-o em todas as suas relações na vida. Mas nisso havia uma combinação que não encontramos em Isaque. Havia firmeza – tanto energia quanto sensibilidade.

Resta-lhe cumprir o último dever desta piedade em memória de seu pai; e ele faz isso, nem precisamos dizer, com toda graça e fidelidade. Ele enterra seu pai, como seu pai queria, na terra de Canaã. Mas tudo é conduzido com muita solenidade – e a ocasião é tal que devemos nos deter sobre ela por um breve momento.

Adoração simples e funerais

Em outros tempos, a adoração era uma cerimonia magnífica. Templos, altares, festas, dias santos, sacrifícios e similares, a adornavam, e oficiais de diferentes ordens, em vestimentas apropriadas, a conduziam. Porque naqueles dias a adoração apontava para certos grandes mistérios que deveriam ainda ser realizados. Mas agora esses mistérios foram cumpridos na manifestação de Cristo, Sua Pessoa, obra, sofrimentos e vitórias – de modo que essa suntuosa adoração é agora apenas uma reprovação a tudo o que é encontrado n'Ele, em sua plena substância e eficácia.

Tanto quanto aos funerais, bem como ao culto. Em outros tempos, eles deviam ser magníficos. Porque a ressurreição estava então

apenas em perspectiva; e os funerais eram então uma espécie de penhor da ressurreição esperada; e era apropriado que o penhor fosse magnífico de acordo com a glória daquilo que era prometido. Mas agora, uma vez que a ressurreição foi realizada na Pessoa do Senhor Jesus, o Filho de Deus, o magnífico funeral, como a cerimoniosa adoração, é antes uma reprovação, como se o grande mistério em si ainda não tivesse sido realizado em sua substância e eficácia. Pois não é a pompa fúnebre que agora é a garantia da nossa ressurreição vindoura – a ressurreição do Senhor é essa garantia, as primícias de uma colheita prometida.

Consequentemente, o culto e os funerais devem agora, com a mesma simplicidade, manifestar a fé da Igreja nos mistérios *consumados.* Estamos agora à vista da vitória do Senhor Jesus. Não damos nem recebemos mais promessas sobre eles, como acontece nas ordenanças, mas os celebramos. José de Arimateia deu ao corpo do Senhor um enterro de grande valor, como José, filho de Jacó, aqui dá ao corpo de seu pai amado e honrado. Lemos sobre Jesus: **"E puseram a Sua sepultura com os ímpios e com o rico, na Sua morte"**. Naqueles dias de José de Arimateia, o sepulcro não havia sido rompido; e as promessas, portanto – as promessas como estas, feitas no dia do patriarca – ainda podiam ser feitas. Mas no sepultamento do Senhor Jesus vemos corretamente a última dessas promessas; porque n'Ele vemos as primícias dos que dormem. Os lençóis e o lenço que ele deixou no sepulcro vazio como despojos de uma guerra gloriosa, e troféus que falam de uma vitória gloriosa. A morte foi vencida e a fé agora celebra o que os ofícios e costumes, bem como as ordenanças e cerimônias, antes apenas prometiam e prenunciavam. E deixe-me acrescentar que a fé aprendeu esta lição, pois o sepultamento que se seguiu ao de Jesus não teve nem embalsamamento nem magnificência. Foi logo realizado, com total reverência e amor. **"E uns varões piedosos foram enterrar Estêvão e fizeram sobre ele grande pranto"**.

Se tivéssemos fé, deveríamos valorizar profundamente tudo isso. Nossos privilégios são realmente grandes. Agora, nos serviços da casa de Deus, a mesa sucedeu o altar e, em vez de um sacrifício, temos uma festa sobre um sacrifício. E também devemos ver a morte e o sepultamento à luz da ressurreição de Jesus.

Simplicidade da fé

Notamos essas coisas em relação ao funeral de Jacó. A sua morte tem a sua operação moral na família, trazendo à tona (como acontece frequentemente quando o chefe de família é tirado) o que antes não se suspeitava que ali existisse. Mas devo meditar sobre isso por um tempo.

A simplicidade da *fé patriarcal* é notável. Ela era como suas maneiras – belas por sua naturalidade. Não havia nada do espírito de escravidão nos santos de Gênesis. Os patriarcas caminharam com a certeza disso, que Deus era o seu Deus, Suas promessas eram a sua porção, e a cidade e a terra da glória eram a sua herança. Eles viveram e morreram neste espírito de fé. Nenhuma suspeita ou reserva, nenhum questionamento, nenhuma desconfiança na graça contamina suas almas. E isso é certamente ainda mais estranho porque, embora em nenhum lugar entre eles encontremos esse espírito de escravidão, nós o vemos em todos os outros lugares, imediatamente depois de deixarmos o livro de Gênesis, e depois em toda a Escritura. Seria vão seguir todos os avisos fornecidos pela Escritura. Isso opera natural e abundantemente em nós. Certamente sabemos disso em nós mesmos e vemos isso ao nosso redor.

Como é, então, que isso não se manifesta nos Patriarcas? Seria porque eles eram testemunhas constantes a si mesmos da graça e da eleição de Deus e nunca ouviram a voz da lei? Isso ajudou a formar suas mentes, podemos ter certeza. Mas, além disso, esta ausência do espírito de escravidão era maravilhosamente consistente com a sua posição dispensacional; pois eram como crianças que nunca haviam saído de casa. Eles estavam na

infância e não podiam mover-se na presença de Deus com um espírito de medo e incerteza, assim como uma criança, antes de sair de casa, não poderia ser tentada a questionar seu direito à criação e ao abrigo da casa de seu pai. E é pela beleza moral e perfeição deste livro de infância de Gênesis que vemos ali essa fé infantil e inquestionável nos santos de Deus. Eles cometem faltas, e isso também, às vezes, por falta de fé, quando certas circunstâncias os pressionam; mas suas almas nunca são contaminadas por um espírito de desconfiança e escravidão. Vemos isso o tempo todo – pelo menos até chegarmos ao momento em que nos despedimos do livro e tendo ido além do que é propriamente o caráter patriarcal dele. Quero dizer, nos irmãos de José, assim que o funeral de Jacó terminar.

Confiança no próprio Jesus

Pareceu então que eles não estavam confiando em seu irmão com uma confiança sincera e feliz. Havia um objeto de interesse comum entre eles, e esse era o segredo de sua confiança, em vez ser o próprio José. Eles não tiveram ousadia por causa do que José era e do que ele havia feito, mas confiaram em uma circunstância. A presença de Jacó foi o apoio de seus corações. Eles se arrependeram; eles foram convencidos e vivificados; mas ainda assim, a confiança deles não honrou José, como José muito merecia da parte deles.

E isso pode conter uma palavra para nós. Podemos nos perguntar: se o apoio e a comunhão dos outros fossem retirados, descobriríamos que toda a nossa confiança sempre esteve em Jesus? Que aprendemos tanto da graça que podemos permanecer na presença da glória revelada? Que a remoção de Jacó não ofusca a atmosfera em que nossa alma tem habitado?

Conhecimento da fé

Mas agora estamos chegando ao fim dos tempos de José. No entanto, antes de testemunharmos a sua morte, temos (oportuno para notarmos isto neste nosso dia agitado) um excelente

exemplo de *familiaridade da fé com o curso da história do mundo.*

Não falo do conhecimento *de um profeta* sobre o que está para acontecer entre as nações, como Daniel tinha, quando contou sobre o surgimento de uma besta após outra, e da grande imagem desde sua cabeça de ouro até os dedos dos pés, de ferro e barro. Tal conhecimento veio pelo *Espírito,* o Senhor enchendo o coração de Daniel, e de outros como ele, com Sua própria luz. Falo apenas do conhecimento *da fé* sobre o curso das coisas que a história das nações deve seguir.

José diz a seus irmãos: **"Eu morro, mas Deus certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou a Abraão, a Isaque e a Jacó"**.

Os filhos de Israel estavam naquela época muito felizes na terra do Egito. Eles estavam no pleno favor do rei; eles possuíam a porção mais rica da terra e tinham um deles como a segunda pessoa do reino. Nem um único sintoma de perigo ou de mudança apareceu em todas as suas condições. E o próprio José estava tão feliz quanto as circunstâncias o podiam deixar. **"E viu José os filhos de Efraim, da terceira geração; também os filhos de Maquir, filho de Manassés, nasceram sobre os joelhos de José"**.

Mas no meio de tudo isso, José fala de *Deus visitando-os;* palavras que indicam que dias de tristeza estão próximos, dias em que Deus seria então seu único Amigo e Ajudador.

Estranho era isso, muito estranho! Quem poderia acreditar? José estava sonhando? Estadistas e políticos poderiam ter dito. Mas não; José não estava sonhando. A Palavra de Deus era sua sabedoria. O oráculo divino em Gênesis 15 havia previsto que o Egito afligiria Israel, mas que Deus os favoreceria com eles e os traria de volta para Canaã – e essa Palavra de Deus era tudo para José, era tudo para a fé – as aparências não eram nada. O oráculo

havia falado isso. José creu e lembrou-se disso. E assim, pela fé, José viu *a aflição de Israel* no dia da mais brilhante promessa e prosperidade de Israel – ele viu *a inimizade do Egito* neste dia de amizade do Egito – ele viu *olarias e maiorais de tributos* nos formosos campos e na colheita ensolarada de Gósen. Assim como Noé, pela mesma fé, certa vez viu um mundo inundado durante 120 anos de sucessivas épocas de semeadura e colheita, segas e colheitas de verão, épocas de compra e venda, plantio e construção.

Este foi o conhecimento da fé a respeito do curso futuro das coisas. E fé, nos nossos dias, é ser como um político e saber algo sobre o curso das coisas à luz da Palavra de Deus, apesar de todas as aparências. E este é o único ato na vida de José que é registrado como de fé em Hebreus 11. É desta forma notavelmente que ele se destaca em meio a tantos atos de fé e piedade, e de tal forma de caminhada com Deus, como vimos nele. Mas valeu a pena ser tão sinalizado. Foi um grande testemunho de que José vivia pela Palavra de Deus, em meio às atrações e ocupações do mundo, e com uma mente superior a todas as aparências presentes. Abraão foi instruído, por visões e audiências divinas, sobre esta história vindoura de Israel no Egito; José usou apenas o que Abraão havia recebido. Não temos visitas do Senhor a José, como temos a Abraão. José, se você preferir, não estava na altura de Abraão. Mas temos nele o que é moralmente mais importante, a luz e a certeza de uma mente crente, as apreensões e decisões de fé. Ele se lembrou do que Abraão tinha ouvido e agiu de acordo com o que lembrou. O que lhe faltava em elevação pessoal, como oráculo de Deus, ele tinha, em poder moral, como crente em Deus. E se eu precisar escolher entre eles, prefiro *crer* a ser *inspirado.* E José creu quando, como lemos, **"fez menção da saída dos filhos de Israel e deu ordem acerca de seus ossos"** (Hb 11:22). Este era *o conhecimento político da fé,* por assim dizer – o conhecimento da fé com as coisas que estavam acontecendo na Terra. E foi isso que tornou Noé ou José mais sábio do que todos os senadores dos reinos.

Sabemos bem como as palavras de José foram vindicadas e como as inesperadas olarias contaminaram as boas terras de Gósen e como os maiorais de tributos levaram Israel ao seu trabalho. Assim como antes, nos dias de Noé, as águas cobriam os topos das montanhas, e um navio, aparentemente com toda a loucura construído para terra firme, logo se tornou a única arca de segurança num mundo inundado.

Fé hoje

E eu pergunto: não será ainda assim com a fé? Será que não temos, pela fé na Palavra de Deus, a garantia de conhecer o rumo que este mundo, com todo o seu refinamento crescente e progresso variado, está tomando a cada momento? Não temos motivos para saber que está a caminho do julgamento? Na verdade, nós temos. O Senhor Jesus tem sido rejeitado neste mundo. Esse é o fato que dá ao mundo seu caráter diante de Deus. Nenhum avanço na ordem civil e na cultura, nenhuma propagação, mesmo da Sua própria verdade, entre as nações, poderá aliviar o mundo do julgamento que o aguarda por causa deste ato. Que o dia seja tão claro quanto foi o dia do egípcio José para Israel, a fé sabe que "a superfície polida" logo será quebrada. As circunstâncias nunca dão à fé o seu objeto. É a Palavra de Deus que faz isso; e as circunstâncias e as aparências não devem desviar o olhar da fé de seu objeto. A casa, varrida e adornada como está atualmente, promete muito. O mesmo aconteceu com a terra de Ramessés e a amizade do Faraó, nos dias de Gênesis 50. Mas tais promessas são palavras vãs aos ouvidos da fé; ela não as considera. Como Jeremias disse ao rei de Judá, quando o exército aliado chegou e o exército hostil se desfez e foi embora: **"Não enganeis a vossa alma"**; então a fé diz, nesta hora, à geração que se vangloria do progresso: **"Não enganeis a vossa alma"**. A fé diz isso com ousadia; pois bem sabe que o último estado da casa varrida e adornada é pior do que o primeiro.

Realidade invisível

José então deu prova de que cria no que testificava. Como Jacó, seu coração estava em Canaã, a terra do concerto, a terra dos sepulcros de seu pai. E, como Jacó, ele prestou juramento a seus irmãos, dizendo: **"Certamente, vos visitará Deus, e fareis transportar os meus ossos daqui"**. O mundo invisível era algo real para ele, como fora para seus pais. O chamado de Deus ligou todos eles com aquilo que estava além da morte, e seus pensamentos e seus corações estavam lá antes deles mesmos. Era tão natural para eles morrer quanto viver.

"E morreu José da idade de cento e dez anos".

Seus irmãos, os filhos de Israel, foram fiéis a ele, como ele fora a seu pai Jacó. Eles embalsamaram seu corpo imediatamente. Depois disso, Moisés levou-o consigo para fora do Egito; e, por fim, Josué o enterrou em Siquém, na terra de Canaã. (Veja Gênesis 50:26; Êxodo 13:19; Josué 24:32).

Deus manifestado em Gênesis

Encerramos assim a história de José, e com ela o livro de Gênesis, o livro da criação e dos primeiros caminhos de Deus, o livro também dos patriarcas, das primeiras famílias dos filhos dos homens e da era da infância dos eleitos de Deus.

Acho que sentimos, ao deixar este livro, que de certa forma estamos descendo a um nível mais baixo. Creio que isso será geralmente percebido.

Em Gênesis, o Senhor está *Se manifestando;* depois Ele está *expondo o homem.* O homem não estava sob a lei, como dissemos, durante a época deste livro. Ele foi preparado para conhecer a Deus sob muitas e diferentes expressões e revelações de Si mesmo. Mas assim que a lei entra, e isso ocorre muito rapidamente depois de deixarmos este livro, o homem é necessariamente trazido à frente, e temos que vê-lo, não simplesmente como sob o chamado de Deus, mas em seu

próprio lugar e caráter. E certamente isto é suficiente para nos fazer sentir que estamos, em certo sentido, num terreno mais baixo. É claro que, no desenrolar dos conselhos, na aplicação dos recursos de Deus sobre as falhas do homem, e nas demais manifestações do próprio Deus sobre a exposição do homem, estamos avançando em todo o volume, do começo ao fim.

Mas, por mais variados e maravilhosos que sejam esses conselhos, que são revelados à medida que avançamos na Escritura, por mais multiforme que a sabedoria de Deus seja, como sabemos que é, ainda assim podemos dizer que cada parte dela recebe alguma atenção ou prenúncio neste livro de Gênesis. Estas são fracas e obscuras, mas os rudimentos de toda a linguagem são encontrados nesta lição introdutória e infantil. Expiação, fé, julgamento, glória, governo, chamado, o reino, a Igreja, Israel, as nações, concertos, promessas, profecias, com o próprio Deus bendito em Sua santidade, amor e verdade, as obras de Sua mão, e a obra e os frutos do Seu Espírito, tudo isso e assim por diante aparecem neste livro. A criação foi exibida no início. Maculada e arruinada pelas mãos do homem, a redenção foi publicada. Os céus e a Terra são então mostrados como cenas de redenção (como haviam sido no início da criação) nas histórias de *Enoque* e *Noé.* E então, em *Abraão, Isaque, Jacó* e *José,* temos o homem (o principal sujeito da redenção, como é claro que ele é) em sua eleição, adoção, disciplina e herança. Esses mistérios foram examinados nesta série e estão sob os olhos e para a observação de nossa alma, à medida que passamos de uma dessas histórias para outra.

E aprendamos a dizer, amados, para o louvor d'Aquele que estendeu tais criações vivas diante de nós, que se os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de Suas mãos, o mesmo ocorre com não menos clareza e certeza de que as páginas da Escritura manifestam os sopros de Seu Espírito.

Jó

"Atrás de um cuidado carrancudo Ele esconde um rosto sorridente."

Isto certamente pode ser dito, após a leitura desta história profundamente comovente. Dito também com peculiar adequação e plenitude de verdade, como se o pensamento do poeta Cristão tivesse sido sugerido pelo relato do historiador inspirado. O olhar austero era especialmente sombrio e opressivo, o sorriso por trás dele era brilhantemente radiante e feliz. O véu era muito grosso, mas a glória interior era muito brilhante. As exultações do Senhor em Seu servo estavam acima do ruído de todas as enchentes.

"O botão pode ter um sabor amargo, mas doce será a flor".

Este também pode ser certamente o lema da história. Ora, esperemos apenas um pouco, e o fruto do trabalho será precioso além de qualquer expectativa. O botão era realmente muito amargo, mas a flor era realmente muito doce. Teve que amadurecer sob a poda dos sarmentos e a remoção dos ramos (Is 18:5), mas revela, no final, a habilidade e a paciência de seu divino lavrador. Eu preferiria, no entanto, traçar alguns dos princípios deste belo livro, do que, no início, antecipar mais amplamente a sua moral.

Ressurreição

A ressurreição, chamada pelo Senhor de **"o poder de Deus"**, ou, pelo menos, uma das formas desse poder (Mateus 22:29), foi dada a conhecer, por diferentes testemunhas, e de várias maneiras, desde o próprio princípio. E deveria ser assim, conectada como está com a redenção, o grande princípio do caminho de Deus e o segredo de Seus propósitos.

A ressurreição foi anunciada na criação da bela cena que nos rodeia, pois o próprio mundo foi chamado da sepultura das

profundezas. O material não tinha forma e havia trevas em sua face, mas foi ordenado que a luz brilhasse nas trevas, e a beleza e a ordem surgiram. (Veja Hebreus 11:3.)

Declarou-se na formação de Eva. Então, novamente na promessa mais antiga sobre a Semente ferida da mulher. Foi guardada na memória em Sete, dado no lugar de Abel, a quem Caim matou; e novamente na linhagem dos pais antes do dilúvio. Mas ainda mais ilustremente foi publicada em Noé. **"Tudo o que há na terra expirará"**, diz-lhe o Senhor, **"mas contigo estabelecerei o Meu pacto"**, revelando assim o segredo de que a Terra deveria ser estabelecida de acordo com o propósito de Deus, como na ressurreição, estabilidade e beleza.

Assim, depois destes primeiros pais, Abraão teria uma família e uma herança com base no mesmo princípio. Ele e suas gerações depois dele aprenderam a ressurreição no mistério da mulher estéril que cuidava da casa. A bênção do concerto estava ligada à família ressuscitada. Ismael pode obter possessões e promessas também, mas o concerto foi com Isaque.

E mais maravilhosamente ainda, para não nos determos mais em outras testemunhas disso, vemos a ressurreição na abençoada história do **"Verbo"** que **"Se fez carne"**. Na verdade, poderíamos ter achado que teria sido de outra forma, pois em Cristo a carne era imaculada. Aqui estava uma coisa santa. Mas, mesmo sobre isso, temos agora a dizer: **"ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora, já O não conhecemos desse modo"**. Cristo conhecido por nós agora é Cristo em ressurreição. E isso é suficiente para que saibamos com segurança que a ressurreição é o princípio de toda a ação divina e o segredo do concerto. [Todas as ordens de Suas criaturas em todos os lugares de Seus domínios O testemunham como o Deus *vivo;* mas na história dos pecadores redimidos Ele é testemunhado como o Deus vivo em *vitória.* Esta é a Sua glória; e a ressurreição deve ser valorizada por nós como a exibição dela com os lençóis funerários em ordem e o lenço que estava sobre a

cabeça, que são os troféus de tal vitória (João 20:6-7). A história dos pecadores redimidos O celebra dessa maneira. Hesitar sobre a ressurreição é revelar ignorância a respeito de Deus e do poder que pertence a Ele (leia sobre isso em Mateus 22:29 e 1 Coríntios 15:34)].

Fé na ressurreição

Mas a ressurreição também tem sido, desde o princípio, uma profissão de fé do povo de Deus; e, sendo tal, era também a lição que tiveram que aprender e praticar, o princípio da vida deles; porque o princípio de uma dispensação divina é sempre a regra e o caráter da conduta dos santos. A compra e ocupação do lugar de sepultura em Macpela nos dizem que os pais de Gênesis aprenderam a lição. Moisés aprendeu e praticou isso, quando escolheu a aflição com o povo de Deus, levando em consideração a recompensa do galardão. Davi a tinha em seu poder quando fez o concerto, a promessa de ressurreição, toda a sua salvação e todo o seu desejo, embora sua casa, sua casa presente, ainda não brotara (2 Samuel 23). Toda a nação de Israel aprendeu isso repetidas vezes por seus profetas, e em breve eles aprenderão e então testemunharão isso para o mundo inteiro, os ossos secos vivendo novamente, a azinheira (ou terebinto) castigada pelo inverno florescendo de novo; pois **"qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?"** O Senhor Jesus, **"o Autor e Consumador da fé"**, em Seus dias, não preciso dizer, praticou esta lição com toda a perfeição. E cada um de nós, Seus santos e povo, é direcionado a isso todos os dias, **"para conhecê-Lo, e a virtude da Sua ressurreição, e a comunicação de Suas aflições"**.

Pela vida de fé os antigos alcançaram bom testemunho. E assim os santos de todas as épocas. Pois **"sem fé é impossível agradar-Lhe"**; aquela fé que confia n'Ele como Galardoador dos que O buscam diligentemente, que valoriza o invisível e o futuro. Eles, dos quais o mundo não era digno, praticavam a vida de fé, a vida do povo morto e ressuscitado (Hb 11). Estevão diante do conselho

nos diz o mesmo. Abraão, José e Moisés, segundo seu relato, foram grandes testemunhas desta mesma vida; e ele mesmo, naquele momento, seguindo o modelo de seu mestre, Jesus, estava exibindo a força e as virtudes disso, pelo poder do Espírito Santo, e apreendendo, pelo mesmo Espírito, os mais brilhantes gozos e glórias disso (Atos 7).

Aprendendo o poder da ressurreição

Agora, acredito que o principal propósito do Livro de Jó é demonstrar isso. É a história de um eleito, nos primeiros dias patriarcais, um filho da ressurreição, designado para aprender a lição da ressurreição. Sua célebre confissão nos diz que a ressurreição era entendida por ele como uma doutrina, enquanto toda a história nos diz que ele ainda precisava conhecer o poder dela em sua alma. Era a profissão de sua fé, mas não o princípio de sua vida.

E foi uma lição dolorosa para ele, realmente difícil de aprender e digerir. Ele não gostou (e qual de nós gosta?) de tomar para si a sentença de morte, para que não confiasse em si mesmo, ou nas circunstâncias de sua vida, ou em sua condição por natureza, mas em Deus que ressuscita os mortos. **"No meu ninho expirarei"**, era o seu pensamento e a sua esperança. Mas ele veria seu ninho despojado de tudo o que a natureza o encheu e com que as circunstâncias o adornaram.

Tal é, creio eu, o principal propósito do Espírito de Deus neste Livro. Este honrado e querido santo teve que aprender o poder do chamado de todos os eleitos, de forma prática e pessoal, a vida de fé, ou a lição da ressurreição. E pode ser um consolo para nós, amados, que sabemos que somos pequenos entre eles, ler, nos registros que temos deles, que nem todos foram alunos igualmente aptos e brilhantes naquela escola, e que todos, em diferentes medidas, falharam nela, bem como obtiveram resultados nela.

Quão indignamente, por exemplo, Abraão se comportou, quão pouco parecia um homem morto e ressuscitado, um homem de fé, quando negou que Sara era sua esposa diante do egípcio, e ainda assim quão maravilhosamente se comportou, como tal, quando entregou a escolha da terra a seu parente mais jovem. E até mesmo o nosso próprio apóstolo, o mais competente aluno da escola, o constante testemunho aos outros deste chamado, e o discípulo enérgico do poder dela em sua própria alma, num momento em que o medo do homem trouxe consigo uma armadilha, torna esta mesma doutrina o disfarce de um pensamento enganoso (Atos 23:6).

Encorajamentos e consolações visitam a alma em meio a tudo isso. Feliz é saber que nossa lição atual, como aqueles que estão mortos e cuja vida está escondida com Cristo em Deus, tem sido a lição dos eleitos desde o início – que em muitas ocasiões brilhantes e sagradas eles praticaram essa lição para a glória de seu Senhor, que às vezes eles a acharam difícil e às vezes falharam. Esta história da alma é bem entendida por nós. Somente nós, vivendo nos tempos do Novo Testamento, somos colocados para aprender a mesma lição numa página ainda mais ampla, e segundo o método mais claro, no qual agora nos é ensinada na morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo.

A diferença entre justo e devotado

Há alguma diferença, deixe-me observar, ou melhor, eu diria, distância, entre um homem *justo* e um homem *devotado.* Nenhum santo é devoto se não estiver praticando esta lição da qual estou falando. Pode-se dizer que a medida de sua devoção está de acordo com o que ele alcançou, de acordo com a energia que ele está exercendo como um homem morto e ressuscitado com Cristo. No início desta história, Jó era um homem justo. Ele foi bem falado repetidas vezes, diante de seu acusador. Mas ele não era um homem devotado. O sussurro do seu coração, como notei antes, era este: **"no meu ninho expirarei"**. Ele era aceito, como um pecador que conhecia seu Redentor vivo e triunfante, piedoso

e reto além de seus companheiros, mas, apesar disso, quanto ao poder que operava em sua alma, ele não era um homem morto e ressuscitado.

Assim também, eu poderia acrescentar, era Agur no livro de Provérbios. Ele era piedoso e de um espírito humilde e que se julgava a si próprio. Ele faz uma boa confissão da cegueira e da perversidade humana, das insondáveis glórias de Deus, da pureza e preciosidade de Sua Palavra e da segurança de todos os que n'Ele confiam (Pv 30:19). Ele era um homem de Deus e andava em um bom espírito. Mas ele não era um homem devotado. Ele não sabia ter abundância nem padecer necessidade. Ele temia a pobreza para não roubar, e as riquezas para não negar a Deus. Ele não estava preparado para mudanças, assim como Jó também não estava. Mas Paulo estava. Ele se rendeu a Cristo, o que eles não fizeram. Segundo o poder que operava em sua alma, Paulo era um homem morto e ressuscitado. Ele estava pronto para ser **"mudado de vasilha para vasilha"**. Ele foi instruído tanto a ter fartura quanto a ter fome. Ele podia todas as coisas por meio de Cristo que o fortalecia (Veja aquele homem devotado, aquele homem morto e ressuscitado, no final do livro de Atos, nos capítulos 20 a 28). Ele está no meio de um grupo de irmãos em Mileto que choravam, e no seio de uma amorosa família Cristã em Tiro. Mas seriam aqueles os lugares mais verdes da Terra para um santo, onde, se em algum lugar, o pé da escada mística parece descansar, e o coração afetuoso se demora e diz: *"Vamos fazer tabernáculos aqui"*, capazes de detê-lo? Não. Mesmo ali, o querido e devotado apóstolo carregava um coração totalmente rendido a Cristo. **"Que fazeis vós"**, diz ele **"chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus".** Ele não seria mantido. E daqui ele segue, ao longo da costa da Síria até Jerusalém, e depois por dois longos anos, separado dos irmãos, em perigos por mar e terra, sob insultos e

injustiças, um coração simples e uma devotada afeição, sustentando-o em tudo.

Verdadeira santidade

Uma boa consciência por si só não está à altura de tudo isso. A mera justiça não fará tal jornada. Deve haver aquela singeleza de olhar para Cristo, aquele princípio de devoção, que leva em conta a morte e ressurreição com Jesus. Jó era justo, mas não estava preparado para um cenário tão alterado como este. Ele adorava o lugar verde e o ninho de penas. As mudanças vêm, e as mudanças são demais para ele. Mas Deus, no amor com que o amou como seu Pai celestial, o coloca na escola para aprender a lição de um filho da ressurreição, para ser participante de **"*Sua* santidade"**, a santidade não apenas de um direito ou homem de mente pura, mas *a santidade que convém ao chamado de Deus,* a santidade de um homem morto e ressuscitado, alguém da família peregrina, um dos estrangeiros de Deus no mundo (Hb 12:9-10).

Jó foi castigado para ser participante de uma santidade como esta. Não que provações e problemas, como os dele, sejam essenciais para o aprendizado desta lição. De fato, é um método muito comum com nosso Pai celestial, em Sua sabedoria. Mas Paulo se dedicou diariamente a praticar essa lição, sem as instruções de tristezas e perdas tanto no corpo como nos bens (Filipenses 3). Na fervorosa labuta do espírito interior, ele se exercitava nisso todos os dias. E nós também deveríamos. Devemos temer o estado de Laodiceia, a satisfação com a condição ou realização presente. O laodiceano não era um fariseu, ou um homem religioso hipócrita. Ele era um professo, talvez, de noções e julgamentos muito corretos, mas num espírito de tolerância própria, não nutria um crescente frescor e vigor nos caminhos do Senhor.

Nenhum objeto aqui na Terra

"Levantai-vos e andai, porque não será aqui o vosso descanso", diz o Espírito pelo profeta. E por quê? Por que aqui não deve ser o nosso descanso? **"Por causa da corrupção"**, acrescenta. Ele não diz que é infeliz, decepcionante, insatisfatório, mas está corrompido. A alma vivificada deve extrair da *moral* e não das *circunstâncias* da cena aqui, suas razões para se nutrir interiormente é o poder da ressurreição de Cristo. A pomba fora da arca não temeu o laço do passarinheiro, mas não encontrou descanso para a planta do pé no chão não purificado.

É humilhante sentar e delinear o que foi tão mal alcançado no poder pessoal. Mas "uma bela luz" pode ser vista "de longe" e, como tal, alguns de nós notam e saúdam as virtudes da vida ressuscitada.

Um homem morto e ressuscitado não terá aqui suas *fontes* nem seus *objetivos.* Seus princípios de ação serão encontrados em Cristo e suas expectativas no reino vindouro. Ele é transportado de todas as vantagens e adornos da carne para a justiça de Deus, e então, de forma viva e prática, está se esforçando na subida do monte, tendo, em espírito, deixado o nível inferior do mundo, destruindo a força da natureza, e o fascínio das circunstâncias da natureza, e tirando as afeções das coisas terrenais para dá-los àquelas que estão com Cristo no alto. Ele se perdeu, mas ganhou a Cristo. Ele abandonou o curso do mundo que rola morro abaixo e está ascendendo após Jesus.

Ele deixa o mundo saber que nunca poderia lhe fornecer seu objeto. No meio de seus reinos e deleites, ele ainda é um estrangeiro. E ele pratica virtudes e qualidades de coração que são de excelência divina. Ele pode, como seu Mestre, esconder a glória para a qual Deus o designou e não ser nada no cenário atual. Abraão não disse a todos os cananeus que encontrou por acaso que ele era o herdeiro da terra. Aos ouvidos dos filhos de Hete ele disse: **"Estrangeiro e peregrino sou entre vós"**. Ele

estava contente em ser, e (o que é ainda mais difícil) em ser considerado um homem sem-teto, sem-casa. Assim, Davi, outro membro da família dos mortos e ressuscitados, quando caçado e perseguido pela coisa maligna que então estava no poder, embora o azeite de Samuel estivesse sobre ele, a própria consagração de Deus ao trono, ele não tornou isso publico. Esse foi o segredo e o regozijo da fé. Mas ele não o publicou. Ele não negociou isso entre os homens – ele não falou de si mesmo em conexão com aquilo que o mundo poderia valorizar. Ele não era, em sua opinião diante dos homens, nada melhor do que **"um cão morto"** ou **"uma pulga"**.

Jó satisfeito com circunstâncias

Oh, fé preciosa! Oh, fé santa e triunfante! Mas esta foi uma elevação que Jó teve que alcançar. Ele não era, de acordo com o poder que operou em sua alma, desta geração. Não que sua condição de vida o tornasse orgulhoso, ou autoindulgente, ou indiferente aos outros. Mas ele *valorizava* sua condição. Com que eloquência ele a descreve (Jó 29). A minúcia com que ele se lembra disso nos diz com que carinho ele a abraçou. A eloquência com que o descreve (e nada pode exceder isso) revela com que fervor de coração ele se detinha nela, no dia de seu florescimento e beleza. Ele amava sua condição e circunstâncias de vida, seu lugar, seu caráter, sua estima, suas dignidades e elogios entre os homens. Ele era piedoso, verdadeira e admiravelmente. Não havia ninguém como ele na Terra. Mas o seu lugar na Terra era importante para ele. Ele estava bastante pronto para comunicar-se e servir, mas comunicou-se e serviu como patrono ou benfeitor. E ele desejou a continuação; **"multiplicarei os meus dias como a areia"**, foi o seu cálculo. Consequentemente, o grande fim de sua provação e o propósito de registrá-la. Pois este livro nos conta a história de um santo nos dias patriarcais, ou melhor, a história de suas provações, provações pelas quais ele aprenderia a lição comum, de acordo com a vocação comum, de que somos um povo morto e ressuscitado. Acredito que Jó veio antes de Abraão, mas não veio antes desta lição; pois ela foi

ensinada, como vimos, desde o princípio; Adão e Abel, e a linhagem de Sete por meio de Enoque e Noé, já haviam praticado isso. E Jó, depois deles, é designado para a mesma lição, apenas gravada em linhas um pouco mais profundas e sombrias.

Jó aprendendo pela provação

No geral, acredito, assim foi Jó, e assim foi sua história. Ele era um santo solitário; pelo menos, não ligado aos arranjos dispensacionais, ou à peculiar família do concerto, e antes que o chamado de Deus fosse manifestado na pessoa de Abraão. Isto, no entanto, agrega um valor extraordinário ao Livro. Pois é um testemunho da religião do povo de Deus na condição mais desapegada e independente. O tempo e o lugar não a conectam de forma alguma com a ordem eclesiástica ou o curso das coisas. Mas ainda assim, a fé dos eleitos de Deus era a sua fé, as verdades deles eram as suas verdades, o chamado deles era o seu chamado, as esperanças deles eram as suas esperanças. Temos Adão, e Sete, e Noé, e Sem, e Jó, e Abraão, Moisés, profetas, apóstolos e nós mesmos, até que o número dos eleitos seja completado, aprendendo o gozo e o cântico da redenção. Como às vezes cantamos juntos,

"Então incontáveis miríades, trajando
Vestes branqueadas no sangue de Jesus,
Palmas (como peregrinos descansados) carregando,
Em pé ao redor do trono de Deus.
Estes, resgatados de todas as nações,
Em triunfo abençoará Seu Nome;
Toda voz clamará,
'Salvação ao nosso Deus e ao Cordeiro.

Não apenas, porém, a substância ou os materiais, mas o próprio estilo do Livro está na analogia de todo o volume inspirado. Ele não ensina doutrinas formalmente, segundo o método de uma ciência; em vez disso, assume-as ou permite que se publiquem

incidentalmente. Mesmo nas epístolas esta é a maneira comum. A grande revelação de doutrinas feita ali se manifesta, mais comumente, na forma de produzir resultados, ou em resposta a indagações, ou em defesa da verdade contra opositores ou corruptores. Portanto, neste livro as doutrinas são assumidas ou transmitidas incidentalmente; o objetivo mais direto, como sugeri, é este – exibir uma alma colocada para aprender, por meio de provações e tristezas, a lição comum, o poder de nosso chamado, de que nossas esperanças não estão no mundo, nem na carne, mas em cenas vivas, com Jesus, além de tudo o que está aqui.

Problemas comuns

E tudo é profundamente comovente como uma narrativa de eventos difíceis e tristes certamente é, pois os próprios eventos são profundamente tocantes. Mas eles são todos comuns, ou "comuns ao homem". Ladrões levam seus bois e jumentos. Um raio destrói seus rebanhos. Um forte vento derruba sua casa e mata seus filhos. E, finalmente, uma doença dolorosa irrompe em seu corpo da cabeça aos pés.

Cada uma dessas coisas poderia ter acontecido ao seu vizinho ímpio, bem como a ele. Na mera questão dessas aflições, não havia nada que o distinguisse como filho de Deus. Não eram os sofrimentos da justiça causados pelas mãos do homem, os sofrimentos de um mártir. Eles eram tais como os "comuns ao homem". Mas ainda assim eles estavam todos sob a mais exata inspeção e aferição de seu Pai celestial, todos na forma da indicação e disciplina que fluem dos interesses celestiais e dos relacionamentos divinos. E tudo também era o resultado de grandes transações no céu, pois Satanás tinha estado lá, acusando Jó, e o Senhor tinha Se gloriado em Jó; e o Senhor autorizou Satanás a ir contra Jó, com uma aljava cheia de flechas, mas designou-lhe sua medida e regra.

E isso é muito reconfortante. Pois muitos filhos de Deus se perturbam, no dia da aflição, com o pensamento de que sua

provação é algo comum, e não há qualquer testemunho de que ele não é **"como os demais homens"**. Mas tal perturbação é equivocada. Na forma ou no material da aflição, o crente pode estar apenas na companhia de outros homens, é verdade. A mesma tempestade no mar distante, ou a mesma doença em casa, podem tê-los enlutado igualmente; mas a fé leva em conta o relacionamento com Deus e o interesse que, tudo o que diz respeito a um pobre santo, desperta no céu.

Grandes participantes da figura divina

Na sabedoria de Deus, na construção desta bela história (verdadeira como sei que é em cada incidente que ela registra), ela é feita para apresentar todos os grandes atores do mistério divino e para revelar as grandes verdades que formam a fé comum dos eleitos.

Isto é para ser muito valorizado; pois declara a harmonia perfeita de todas as porções dos oráculos de Deus, mesmo as mais distantes e independentes. Consequentemente, vemos envolvidos na ação deste livro os *anjos* que ministram ao prazer divino; *Satanás,* o grande adversário; *o pecador eleito* cuja fé foi lançada na fornalha; *seus irmãos* na fé; *o ministro de Deus* na energia do Espírito Santo; e *o próprio Senhor Deus.*

Estes são os atores do cenário maravilhoso deste livro; de modo que, embora a ação em si seja simplesmente a provação de um santo, ela é construída de modo a produzir todos esses grandes agentes e energias, os mesmos com os quais nossa alma está familiarizada até este momento, ocupada, também, nos caminhos e lugares que toda a Escritura lhes atribui. E é uma questão do mais rico interesse para nossa alma rastrear isso.

Os anjos

Assim, os anjos ou **"filhos de Deus"** são vistos aqui por um ou dois momentos, mas exatamente no lugar e na ação que o consentimento geral de toda a Escritura lhes dá. Eles estão

atendendo ao Senhor no céu, como aqueles que partiram e estavam prontos para partir novamente, a serviço de Sua boa vontade. Pois toda a Palavra dá testemunho deles. Eles são **"espíritos ministradores"**, **"ministros seus, que executais o Seu beneplácito** [**Sua vontade** – ARA]**"**. Eles são Seus exércitos nas alturas, e o próprio Senhor está entre eles. Gabriel está em Sua presença. Os serafins atendem ao Seu trono e são alados, seja para velar o rosto e os pés diante da majestade divina, ou para voar, como o vento, para executar os comandos divinos. Tudo isso é contado sobre os anjos em toda a Escritura, e aqui os céus se abrem por um momento, e tudo isso é visto e ouvido.

Satanás

O mesmo acontece com Satanás. Este livro está em estrita analogia com todo o volume. **"Mensageiros de Satanás"** saem da presença de Deus, assim como Gabriel e as hostes. **"Espíritos de mentira"**, bem como **"espíritos ministradores"**, iniciam sua jornada e sua comissão a partir de lá. Ele **"anda em derredor"**, diz um apóstolo, **"buscando a quem possa tragar"**; como aqui, ele diz de si mesmo, que esteve a **"rodear a Terra e passear por ela"**. Outro apóstolo nos diz que ele, com seus principados e potestades, está nos lugares celestiais; e aqui o encontramos entre os filhos de Deus, na presença de Deus. E de novo; ele desejava ter todos os apóstolos, para que pudesse peneirá-los como trigo, colocá-los à prova do que eram; e assim aqui era para com Jó. Satanás é chamado em outro lugar de **"o acusador de nossos irmãos"**, e aqui ele é ouvido como tal. Ele é o atormentador deste servo de Deus, como a Escritura geralmente o apresenta; mas, como também testemunha a Escritura, a sua ação está sob as limitações e soberania de Deus. Jesus, Deus manifestado em carne, ao caminhar pela terra de Israel, deu-lhe a sua medida (Marcos 5); e assim faz Elohim desde o trono, e o olho do Vidente e a voz do Profeta atribuem a Ele também exatamente este lugar e ação. Leia sobre isso em 1 Reis 22 e Zacarias 3. (Os filhos da luz devem esperar as tentativas dos poderes das trevas contra eles. Um momento repentino de conflito não deve,

portanto, nos surpreender. Pois estamos destinados a ser o cenário ou teatro de sua derrota por Cristo. É o fato de termos sido **"iluminados"** que nos expõe. Essa é a sua adequada operação natural. Quanto mais estamos na luz, posso dizer, mais expostos estamos. Foi a beleza da criatura de Adão, o memorial de Jó diante de Deus e o apego do apóstolo a Cristo que os deixaram expostos a Satanás).

Mas deixe-me acrescentar que um **"mensageiro de Satanás"** pode ser enviado desde a presença de Deus sobre a *carne* ou o *coração* do homem. Um espírito mau, da parte do Senhor se apoderou de Saul, e um espírito de mentira se apoderou dos profetas de Acabe (Veja 1 Samuel 16; 1 Reis 22). O Senhor estava iniciando atos solenes de *julgamento* e, portanto, esses mensageiros de Satanás foram enviados ao *coração* daqueles que estavam justamente sob julgamento. Mas outros mensageiros de Satanás alcançam apenas o *corpo* ou *as circunstâncias,* como no caso de Paulo e do nosso patriarca. E isso é apenas *disciplina,* e não julgamento.

Uma escola comum

Essas analogias são tão estritas e literais quanto podem ser. E, além disso – pois é edificante ainda rastrear isso – encontramos o patriarca na mesma escola com o distante apóstolo dos gentios – tão ricamente um Espírito age por todo o volume. Estamos nos últimos capítulos de 2 Coríntios, ao ler os primeiros capítulos do livro de Jó! Temos o **"espinho na carne"**, **"o mensageiro de Satanás"**, tanto em Jó como em Paulo.

Controvérsia amarga com amigos

Depois, quanto a Jó e seus amigos, ou ao eleito cuja fé foi lançada na fornalha, e a seus irmãos na fé. Uma parte muito importante desta história patriarcal é constituída, como comumente sabemos, pelas controvérsias que surgiram entre eles. Eram amargas e acaloradas, um tanto mais do que a medida normal.

Mas essas coisas ainda existem e têm existido em todas as épocas.

Elifaz, Bildade e Zofar eram realmente amigos e irmãos, embora tenham provado ser apenas **"consoladores molestos"**. Eles vieram até Jó quando todos o haviam abandonado, as crianças zombavam dele, os jovens o afastavam, seus parentes lhe faltavam, seus amigos íntimos se esqueciam dele, seus servos não lhe davam resposta, e sua esposa o rejeitava, embora ele rogasse sua ajuda por causa dos filhos deles. Eles eram amigos sinceros, que disseram que iriam consolar seu irmão aflito. E eles foram; e se assentaram com ele no seu lugar de cinza e cacos durante sete dias.

Mas eles se desentenderam pelo caminho. *É triste* contar, mas foi assim; não é *estranho* contar isso, pois sempre foi assim e ainda é. Já nos tempos dos pastores de Abraão e dos pastores de Ló, isso está registrado. José teve que dizer a seus irmãos: **"Não contendais pelo caminho"**. Moisés conheceu a provação do *acampamento* muito além da do *deserto,* quando foi do Egito ao Jordão. Foi a respeito dos Seus que Jesus, em Seus dias, teve que dizer: **"Até quando estarei ainda convosco e vos sofrerei?"** E Paulo considerou **"o cuidado de todas as igrejas"** a coisa mais pesada que lhe sobreveio.

A variedade de temperamentos, diferentes medidas de progresso, a qualidade da luz e a forma do reino em nós, se assim posso me expressar, ocasionarão conflito e provação, mesmo quando não há nada moralmente errado. Mas seja qual for a causa, ainda é assim, e tem sido assim desde os dias de Jó e seus amigos, que formamos uma grande parte da provação um do outro. O Senhor está assentado sobre tudo isso, refinando Sua prata e purificando Seu ouro, mas ainda assim, ajudamos a aquecer a fornalha uns dos outros para a prova da fé.

Ênfase Errada

Talvez nada tenha sido uma fonte mais comum dessa contenda pelo caminho do que a manutenção de opiniões religiosas favoritas ou uma estimativa indevida e desproporcional de certas doutrinas ou pontos de verdade. E este foi o caso aqui. Jó valorizava certos pontos da verdade, e seus amigos também tinham os seus favoritos. Mas cada um conhecia apenas **"em parte"** e obscureceu os conselhos perfeitos de Deus. E por causa disso, eles se desentenderam pelo caminho. Jó, gravemente afligido por golpe após golpe, insistiu nisso, que Deus agiu *arbitrariamente;* e, tendo o direito de fazer o que quisesse, o fez. Seus amigos diziam que Deus agiu *de forma retributiva* e que, portanto, Sua maneira de lidar com Jó o convenceu de alguma iniquidade não confessada. Suas doutrinas também tinham muito sabor de pensamentos humanos; eles não foram refinados dos resíduos da religiosidade humana. Eles extraíram muito das tradições dos mais velhos e de suas próprias experiências e observações. Eles acreditaram naquele ditado falso, embora favorito na moral do mundo, de que "a honestidade é a melhor política". **"Já pereceu algum inocente? E onde foram os retos destruídos?"** (ARA) é o desafio que a religião deles publicou. **"As palavras da Sua boca prezei mais do que o meu alimento. Mas, se Ele está contra alguém, quem, então, O desviará?"** é o conselho do seu coração. Eles insinuam que se tudo fosse contado, nada seria tão ruim para ele; e ele os repreende, com o desprezo e a amargura de um espírito ferido e de um caráter insultado. **"Na verdade, que só vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria".**

Tal era a contenda de palavras, as discussões e o debate entre eles; um exemplo tão triste de desentendimento como jamais foi conhecido, posso dizer, entre irmãos.

A luz de Eliú vinda de Deus

Eliú, em quem havia uma **"manifestação do Espírito"**, finalmente entra em cena, trazendo a luz de Deus para manifestar essas formas de trevas. Ele ouvira os discursos e controvérsias desses irmãos, mas com modéstia e reserva, como convinha à sua idade, na presença de homens anciãos, havia se calado até então. Ele esperou até que uma multidão de dias, que deveria conhecer a sabedoria e falar de entendimento, proferisse a sentença da verdade. Mas agora ele fala. A agitação do Espírito o constrange. Ele fica em silêncio enquanto há uma questão entre Jó e eles, mas não ousa renunciar aos direitos do Espírito nele. Ele não pode respeitar a pessoa de nenhum homem agora. Nos dias de Jó, Deus escolheu a coisa fraca, como tem feito desde então. Eliú era apenas um jovem. Timóteo era o mesmo. Mas os homens anciãos falharam. A pedra de ajuda está em outro jovem de Belém. Pois, do começo ao fim, deve-se saber que o bem que é feito na Terra, Ele mesmo o faz. **"Não por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o SENHOR"**. Elifaz e seus companheiros não poderão dizer: **"Achamos a sabedoria"**; pois **"Deus o derrubou, e não homem algum"**, disse Eliú sobre Jó.

Jó deveria ser repreendido. Ele havia afirmado a arbitrariedade da mão divina ao tratar com o homem e, explicando dessa forma seus sofrimentos presentes, ele era até agora **"justo aos seus próprios olhos"**. Eliú mostra que isso não era assim; que tudo era a santa disciplina d'Aquele que, conhecendo o fim desde o início, sempre aconselha o melhor para Seu povo. Nem ele, como os outros, tirará proveito de si mesmo, ou dos mais velhos ou dos pais. Ele não se curvará, no caminho da religiosidade humana, a quaisquer nomes ou tradições, por mais venerados que sejam, mas, guiado pelo Espírito, prosseguirá no caminho onde brilha a luz de Deus.

Eliú não se juntará para lançar sobre Jó a acusação contra a qual sua consciência verdadeiramente resistiu. Mas ele dirá a Jó que os pensamentos da consciência não devem governar o seu

julgamento, nem ditar os seus discursos; que ele deveria antes ter permitido a sabedoria divina em toda essa disciplina dolorosa, do que concluir sobre a arbitrariedade divina nela, só porque a consciência estava limpa. Ele diz a Jó que esta deveria ter sido sua palavra: **"Na verdade, quem a Deus disse: Suportei castigo, não ofenderei mais. O que não vejo, ensina-me Tu; se fiz alguma maldade, nunca mais a hei de fazer"** (ACF).

"Um labirinto poderoso", dirá a filosofia, "mas não sem um plano". "Deus é Seu próprio intérprete e Ele deixará isso claro", dirá um poeta Cristão. E é um pensamento verdadeiro e belo. Mas a sabedoria inspirada aconselha e ensina desta maneira: **"Embora digas que não O verás, ainda assim o julgamento está diante d'Ele; portanto confia n'Ele"** (Jó 35:14 – KJV). Pois devemos saber que propósitos de sabedoria e bondade governam todos os eventos, embora outro dia tenha que declará-lo. O **"julgamento"** está sempre **"diante dele"**, como diz Eliú. E Deus deve ser justificado nos pensamentos de Seus filhos agora, como Ele será na face do céu e da Terra em breve (Mt 11:19; Sl 51:4; 50:4).

A alma de Jó começa a se curvar

Tal pessoa foi Eliú. E é uma circunstância cheia de significado e de beleza moral o fato de Jó não lhe responder, como tinha feito com os outros. Eliú o convidou para falar, se quisesse. Mas ele tinha uma percepção moral, uma consciência no Espírito Santo, que testemunhava a autoridade com que este ministro do Espírito falava. Isso é muito precioso. Quantas vezes, quão comum, é assim entre os santos! Sim, e mesmo além das suas fronteiras, às vezes, sente-se autoridade semelhante. Quantas vezes a presença de um homem santo controlou os ímpios. As multidões nas aldeias de Israel, dessa maneira, às vezes reconheciam o Senhor: **"a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas"**. E a falta disso é dolorosa. Não ficamos muitas vezes, amados, afligidos ao ver o coração e o entendimento de outros indiferentes àquilo que chegou à nossa própria alma com toda a autoridade da verdade e

no frescor da unção divina? Mas Jó não nos causa essa aflição. E ele é um homem muito querido pelos santos, como ele era pelo bendito Senhor que o estava afligindo assim. Eliú falou com ele no Espírito, e sua alma se curvou à autoridade de sua palavra. Ele não poderia tratar Eliú como havia tratado Elifaz, Bildade e Zofar. Ele pode ainda não estar humilhado, mas não pode ficar irado; ele pode ainda não fazer confissão, mas não responderá. O Espírito de Deus no ministério de Seu servo entrou em cena e Jó, no mínimo, ficará em silêncio. (O conhecimento da verdade por si só nunca assegurará um ministério feliz ou proveitoso. Se nos basearmos apenas em nossos estoques ou possessões de conhecimento, nos encontraremos confusos. O frescor do Espírito em nós, e o exercício de nosso dom sob direção d'Ele, no momento do ministério, também são necessários).

A voz de Deus

O Senhor, porém, é Aquele que ensina para proveito. Existem diversidades de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Paulo planta e Apolo rega, mas é Deus Quem dá o crescimento. E, em analogia com essas verdades, prossegue a ação deste belo livro. A voz de Deus vinda do redemoinho torna o testemunho do ministro talentoso eficaz para a consciência e o coração de Jó. Numa série de desafios relativos às coisas naturais, aquela voz, poderosa e ainda assim graciosa, dirige-se a ele. Tem sido dito por aqueles que são competentes para fazer tais perguntas que nada em toda a extensão da linguagem pode igualar, muito menos superar, a inimitável grandeza e sublimidade deste discurso. E todos nós podemos ver que ela faz aquilo que pertence ao poder divino – o queixoso é humilhado. **"Bem sei eu que tudo podes"** ele confessa Àquele cuja mão poderosa poderia exaltá-lo no devido tempo e, depois de ter sofrido um pouco, foi capaz de fortificá-lo, fortalecê-lo, e confirmá-lo (1 Pedro 5).

Aprendendo os direitos de Deus

Não foi a lição de um pecador que Jó teve de aprender. Ele já conhecia a graça de Deus. Era a lição de um santo que ele precisava que lhe fosse ensinada, ou ensinada mais perfeitamente. É para isso, portanto, que o Senhor Se assenta no redemoinho. Se Jó tivesse então, e pela primeira vez, aprendido a lição de um pecador, o Senhor preferiria ter Se dirigido a ele com **"uma voz mansa e delicada"**, o tom que convém à graça, e no qual ela busca e se deleita em ser ouvida. Mas Jó já era um pecador salvo. Ele já conhecia a *graça,* mas ainda precisava aprender os *direitos* de Deus. E, portanto, é a voz do redemoinho. Pois o santo tem que contar com uma aparente aspereza que o pecador nunca experimenta. João foi deixado na prisão, quando todas as doenças e enfermidades do povo eram atendidas. O Senhor, em Seu caminhar de misericórdia e de proveito para com todos os que d'Ele precisavam, pôde muitas vezes ter passado perto das portas da prisão, mas Ele não as abriu, como poderia ter feito, embora estivesse, o tempo todo, dando visão para os cegos e audição aos surdos. Será que João era menos amado? Não. Entre os que nasceram de mulher não houve nenhum igual a ele. E será que Jó foi menos amado, porque foi abordado com o redemoinho? Não. Não havia ninguém como ele na Terra, um homem íntegro e reto. Mas já conhecendo a *graça* de Deus, ele agora deveria aprender e reconhecer Seus *direitos*. E ele os aprende e os confessa. E ele os confessa e se curva diante deles, antes que a pressão da mão poderosa fosse removida, e isso enquanto ela ainda pesava sobre ele. Isso é para ser muito observado, muito valorizado. Pois esse é um belo testemunho de que Jó realmente aprendeu a lição, aprendeu-a espiritualmente, aprendeu-a na graça e na energia do ensino divino. É fácil e comum reconhecer o benefício de um castigo quando ele termina e depois dizer: *"eu não poderia ter ficado sem ele"*. Isso não está além do alcance da natureza. Mas enquanto o fardo ainda é suportado, justificar e bendizer a mão que o impõe, é algo além. Enquanto ele ainda estava assentado no lugar de cinzas e

cacos, e as chagas malignas atormentavam seu corpo desde o alto da cabeça até a planta dos pés, Jó disse: **"Eis que sou vil; que Te responderia eu? A minha mão ponho na minha boca. Uma vez tenho falado e não replicarei; ou ainda duas vezes, porém não prosseguirei"**.

Tal era a moral e tal a questão desta ação simples, mas importante. Uma lição tinha que ser ensinada a um filho de Deus. A sabedoria humana, e também a religião, se propõe a ensiná-la, mas revela sua própria fraqueza e desonra. Um ministro do Espírito, à luz do Senhor, repreende o pensamento do homem, expondo o sábio, o escriba e o inquiridor deste mundo, e aplica os princípios da verdade de Deus. E o poder d'Aquele que opera tudo em todos sela a instrução. As energias humanas e divinas são assim exibidas nos lugares e caracteres que lhes pertencem, uma rebaixada e a outra magnificada.

O lugar do livro de Jó nas Escrituras

Tais são os atores na cena deste livro maravilhoso – anjos, Satanás, o santo provado e seus irmãos, o ministro de Deus na energia do Espírito, e o próprio Senhor. Eles ocupam o lugar e praticam as ações que, como vimos agora, toda a Escritura lhes atribuem respectivamente.

Este livro, como observei antes, é um livro independente. O mais independente, posso acrescentar, de todos do volume inspirado. No progresso da revelação, não declara nada antes, nem qualquer outra parte dessa revelação considera isso necessário. A história de Jó não está ligada à do povo de Deus, nem promove, de forma alguma, a manifestação dos propósitos de Deus. Mas, peregrina e estrangeira como ela é, fala exatamente a mesma língua. O mesmo Espírito age aqui, a mesma luz brilha aqui. E isso acontece não apenas na naturalidade daqueles que são apresentados como atores nas cenas, mas também nas verdades e doutrinas assumidas ou afirmadas. A corrupção da natureza, como encontrada na semente de Adão – o valor de um sacrifício

como uma propiciação a Deus – um dia de julgamento vindouro – ressurreição e vida – estes estão entre os pensamentos comuns aqui. Mas, mais belo e impressionante do que tudo é o conhecimento que se tem da *pessoa e do dever do Parente,* um mistério bem conhecido na Escritura e, por toda a Escritura, em grande parte, embora silenciosamente referido, embora muito comumente não percebido – um mistério que segue todas as grandes verdades que são características da obra de nossa redenção.

Nutrido e cuidado

Este assunto é grande demais para ser plenamente considerado aqui, mesmo que eu tivesse a graça e a luz para fazê-lo. Mas é tão feliz, e sugerido pela conhecida confissão de fé de nosso patriarca, que não posso deixá-lo de lado.

Nosso apóstolo diz: **"ninguém jamais aborreceu a sua própria carne, mas a nutre e dela cuida"** (TB). Um modo necessário da natureza é aqui assumido, e assumido com aprovação pelo Espírito de Deus. Essa consideração a alguém, a qual cada um de nós está preparado o suficiente para prestar, é divinamente sancionada. E então, com base neste mesmo princípio da natureza, o apóstolo passa a estabelecer a nutrição da Igreja pelo Senhor. **"Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, *como também o Senhor à Igreja;* Porque somos membros do Seu corpo, da Sua carne, e dos Seus ossos"** (ACF). Declara-se que Cristo age em relação a nós com base neste veredicto instintivo da natureza de que o homem deve amar seu próprio corpo. O Espírito Santo, por meio do apóstolo, permite que o nosso coração abraçasse este gozo de que a força desta primeira lei da natureza é sentida por Cristo para conosco, e o dever que ela impõe é reconhecido por Ele. De modo que, se eu puder entender o meu amor por mim mesmo, eu posso entender o amor de Cristo por mim. O dever que tenho para comigo mesmo é reconhecido por meu Senhor como devido

por Ele a mim. Só Ele pode me nutrir e cuidar de mim, como eu me nutriria e cuidaria de mim mesmo.

Será que algum pensamento, pergunto, a respeito do lugar ao qual o amor do Filho de Deus O trouxe, pode superar isso? Pode a imaginação formar a ideia de uma afeção mais intensa e devotada? Impossível. Se pudesse, Cristo a encarnaria, e Seu Espírito a revelaria, pois Seu amor **"excede todo entendimento"**.

Mas embora esta possa ser a expressão mais maravilhosa deste amor, ainda há outra do mesmo caráter. Há outro dever devido às reivindicações semelhantes da natureza, que da mesma maneira foi adotado e reconhecido pelo Senhor – o dever do parente ou dos relacionamentos naturais.

Nosso Parente diante de Deus

O Senhor, o Filho de Deus, tornou-Se nosso Parente: **"visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas".** E Ele Se tornou esse Parente para que pudesse cumprir pelos filhos os deveres e serviços de um Parente. E quais são esses deveres, e como o Senhor os atendeu e cumpriu, nos é informado na Escritura.

Um dever principal era resgatar um irmão ou sua herança, se ele ou sua herança houvesse sido vendido.

Ora, essa condição vendida ou perdida é nossa por natureza, sob as ruínas de Adão. O confisco de tudo é a ideia simples que mantém a nossa condição natural sob a justa luz. Perdemos a vida, e com ela todas as coisas, pela violação dos termos em que mantínhamos a vida, e com isso perdemos todas as coisas. Contraímos a dívida da morte: **"no dia em que dela comeres, certamente morrerás"**. Adão comeu e esta lei exigia a morte. Nós nos vendemos sob essa sentença e sob essa pena, e éramos devedores para sofrer a morte. Mas o nosso Parente pagou o preço. Jesus morreu. Ele contou o dinheiro até o último centavo. Na linguagem da lei, olho por olho, vida por vida, sangue por

sangue. Não fomos redimidos por coisas corruptíveis como prata e ouro, mas pelo precioso sangue de Cristo. O valor desse sangue foi bem testado. O sangue dos touros e de bodes não era suficientemente rico. Não servia, não poderia funcionar. Mas **"Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a Tua vontade"**, nos diz que Ele satisfez Aquele que exigiu, e que não pôde deixar de exigir, o resgate total ou preço de redenção.

E agora *nós e nossa herança somos resgatados por nosso parente.*

Este é o principal dos grandes serviços de Cristo por nós. É amplamente notado e prefigurado pela lei (Levítico 25), mas foi entendido desde o princípio, pois o sacrifício ou oferta vicária procedeu com base neste princípio. E isso foi divulgado quando o pecado entrou, ou no ato do confisco. A pele que cobria Adão dava testemunho de que ele se encontrava no valor de um resgate, e que a virtude d'Aquele que atendera à exigência de Deus contra ele – Adão – estava agora sobre ele.

Mas isso é cheio de bênçãos – que o grande mistério do Parente ou Redentor era conhecido (publicado pelo Senhor e crido pelo pecador) antes que a lei o tivesse prefigurado ou os profetas o tivesse proclamado. (A mesma palavra hebraica significa parente, redentor e vingador).

Nosso Parente contra nosso inimigo

Outro desses deveres era este: resgatar ou libertar um irmão levado cativo.

No caso anterior de resgate ou recompra, o Parente tinha que tratar com um reivindicador legítimo e atender às suas exigências. Seu irmão ou a herança de seu irmão tinham sido vendidos e precisavam ser readquiridos por um preço justo e determinado de acordo com a lei das estimativas. Mas este dever de resgatar ou libertar um irmão é diferente. Aqui o Parente tem a ver com um

estranho ou inimigo; e realizar este serviço com força contrária, ou pela força de um braço mais forte.

Mas esta também é a nossa condição natural, o nosso estado sob as ruínas da queda. E o Filho de Deus, que participou de nossa carne e sangue, nos presta esse caráter de serviço de Parente.

No caso anterior de resgate, Ele tratou com Deus, respondendo às Suas justas exigências por nós: aqui, porém, Seu trato é com nosso inimigo. Ele responde ao inimigo por nós. Pois embora seja verdade que, pela desobediência, contraímos a dívida da morte, o confisco da vida e de todas as coisas, a ponto de precisarmos de um resgate, também é verdade que temos sofrido injustiças nas mãos da Serpente, de cujos resultados, em servidão ou cativeiro aos poderes das trevas e da corrupção, nosso Redentor ou Parente nos livra.

Foi nesta ação que o Senhor, nos dias da Sua carne, percorreu as cidades e aldeias de Israel. Como o Homem mais forte, Ele entrou na casa do valente, furtou seus bens e libertou seus cativos. E Ele terminará tal obra e aperfeiçoará Seu caminho como o Parente-Libertador, quando Ele resgatar Seus santos adormecidos do flagelo da morte e da destruição do inferno. Então ocorrerá a *redenção* da possessão *adquirida* (Veja Efésios 1:14 – TB).

Parente-Libertador

E novamente posso dizer: Feliz é saber que este caminho de Cristo, esta obra de nosso grande Parente, também era conhecida nos dias patriarcais. Quando Abraão soube que *seu irmão* havia sido levado cativo, armou seus servos treinados e trouxe novamente seu irmão Ló e seus bens (Gn 14). Cinco reis podem lutar contra quatro no vale de Sidim, os cacos de barro da terra podem lutar com seus companheiros; tudo isso, em certo sentido, não é da conta do estrangeiro celestial, embora sua tenda possa estar armada nas proximidades. Mas o caminho de Cristo, que se torna o princípio de conduta para Seu povo, é tudo para ele – e esse caminho deve ter sido então conhecido, o serviço do

parente libertador deve ter sido então bem entendido entre a família eleita, pois assim que Abraão ouve falar de Ló, ele entra em ação imediatamente e sai para resgatar seu irmão capturado.

Um dever semelhante a isso era vingar o sangue de um irmão ou parente morto.

Este dever era reconhecido pela lei e mantido na memória durante todos os tempos da nação. A ordenança relativa às cidades de refúgio foi um alívio contra o abuso dela; e a famosa alegoria da mulher de Tecoa presumia o fato de que todo o sistema em Israel conhecia isso.

Mas, como os outros deveres, era mais antigo que a lei e os profetas. Menções de Cristo e Seus caminhos e Suas ações por nós foram as primeiras manifestações da mente de Deus. Feliz nosso coração por saber disso; E, consequentemente, esse dever de parente foi prescrito desde muito cedo. Quando a espada foi entregue a Noé, foi noticiado: **"da mão do homem e da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem. Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado"**. Mas já era entendido como um princípio divino antes disso. Caim tremeu diante desta lei, que, como suas palavras indicam, deveria então ser conhecida em todos os lugares (Gn 4:14). Na verdade, era parte da primeira promessa. **"Esta** (a Semente) **te ferirá a cabeça"**, anunciava isso. Pois aquela frase dita à serpente, o Parente daquele homem, a Semente da mulher, vingaria na serpente os erros cometidos por ele contra a família. E este dever Cristo executará quando lançar a antiga serpente, **"chamada o diabo e Satanás"**, juntamente com a morte e o Hades, no lago de fogo. [A *libertação* e a *vingança* pelo Parente tratam com um inimigo ou malfeitor, e não, como no caso da *recompra,* com um reivindicador legítimo. Há, no entanto, esta diferença: no caso da libertação, o Parente apenas resgata seu irmão ou parente da mão do inimigo; no caso de vingança, ele visita o sangue de seu irmão ou parente sobre a cabeça do inimigo. Cristo nos libertará dos braços da morte no *início* do reino

(1 Coríntios 15:54), Ele nos vingará da cabeça da morte no *final* do reino, de acordo com 1 Coríntios 15:26].

Parente desde o início

Esses estão entre os deveres que um Parente possui, de acordo com a mente e a consideração do Senhor, e tal é o glorioso cumprimento deles por nosso grande Parente. E é maravilhoso ter o direito de escrever sobre Ele assim! É maravilhoso que os ditames necessários e instintivos da natureza sejam indicados pelo Espírito Santo como a base, a garantia e o caráter do amor de Cristo pelos santos! Como eu disse antes, tudo o que a natureza me diz que eu devo a mim mesmo, Cristo me diz que Ele deve isso a mim; e agora, posso acrescentar, tudo o que a natureza me diz que meus parentes me devem, isso também Cristo me diz que Ele deve a mim. E novamente pergunto: Pode algum pensamento, a respeito do lugar ao qual o amor do Filho de Deus O trouxe, superar isso? Pode a imaginação formar a ideia de uma afeição mais intensa e devotada?

O Filho de Deus tornou-Se nosso Parente para o próprio fim de realizar todos esses serviços de Parente para nós. Creio que Hebreus 2 nos diz isso. E esses deveres e serviços incorporam todos os grandes materiais no mistério da redenção. E, como vimos agora, eles têm se tornados conhecidos desde o princípio. Jesus não esperou até que a lei O apresentasse, em suas sombras ou faixas, à fé e ao gozo de pobres pecadores. Posteriormente, a lei deu às coisas concernentes a Ele um tabernáculo, mas essas coisas têm se tornado conhecidas desde o princípio. O quarto dia, no curso da criação, produziu o Sol, que então se tornou o tabernáculo da luz, mas a luz estava espalhada por toda a cena, a luz brilhava desde o primeiro momento do primeiro dia. Jesus foi conhecido no jardim do Éden e nasceu no sopro da exata primeira promessa. E isso alegra nosso espírito – ficaremos felizes em rastrear esses anúncios da fé comum, esses pensamentos e verdades de Deus e Seu concerto, ao longo das

eras, ligando os corações mais distantes dos eleitos na comunhão de um só regozijo, e dando-lhes um cântico para todo o sempre.

Entre os santos dos primeiros dias, nosso Jó O conheceu neste grande caráter de Parente ou Redentor. Ao resgatá-lo do poder da morte, ou do cativeiro da sepultura e corrupção, Jó O celebra. É uma passagem bem conhecida e muito apreciada pelos santos. E bem, pode ser assim. Tudo o que ela apresenta aos nossos ouvidos, e tudo o que a sustenta e a acompanha enquanto a ouvimos, confere-lhe um caráter incomum.

Conhecendo o Redentor

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem! Quem me dera que se gravassem num livro! E que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha! Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim Se levantará sobre a Terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-Lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, O verão; e, por isso, o meu coração se consome dentro de mim".

Que apreensão de Cristo tanto em Sua Pessoa quanto em Sua obra está aqui! É a fé e a esperança do nosso Evangelho. Jó sabia que tinha um Redentor, um Redentor que então vivia, e que depois disso estaria na Terra manifestado em carne, e que esse Redentor alcançaria para ele uma vitória gloriosa sobre o poder da morte e a força da corrupção. E toda essa bela apreensão de Cristo é acompanhada pela mais apropriada simples fé.

"Vê-Lo-ei por mim mesmo", diz Jó, **"meus olhos o verão, e não outros"**. Esta é a confiança de Paulo. Esta é a liberdade adequada à plena revelação da graça de Deus. Paulo e Jó, com o mesmo espírito, conheceram a gloriosa redenção e a conheceram por si mesmos**, "O Qual me amou e Se entregou a Si mesmo por mim"**.

E que fervor é este com que o Espírito Santo permite ao patriarca colocar o seu selo em toda esta preciosa confissão de sua fé! Jó

queria que todos os homens soubessem, e a todas as gerações deles, ele a publicaria em toda parte, ele a contaria sem medo de ter que cancelar uma letra que fosse dela, ele a gravaria para a eternidade e a teria esculpida na rocha, que ele conhecia o seu Redentor!

As ações de Deus por nós

Que **"luz do SENHOR"** foi esta em que caminhou o patriarca! **"Vinde, ó casa de Jacó, e andemos na luz do SENHOR"**. Jó caminhou lá muito antes que a casa de Jacó, ou os profetas de Israel, soubessem dela. A luz estava espalhada, e o Espírito conduziu os eleitos para ela, desde o princípio. E esta ocasião, registrada em Jó 19, foi um momento em que aquela luz brilhou intensamente na alma de Jó. Seu rosto não brilhou então, como o de Estêvão, como o de um anjo na presença de seus acusadores. Ele não havia, dessa forma, vestido as vestes de um filho da ressurreição, mas seu espírito interior estava nas regiões e na liberdade e no triunfo de tal Pessoa.

Esta visitação, na energia do Espírito Santo, extraindo esta expressão abençoada do coração do patriarca, foi o arco na nuvem por um momento. Ele compartilhou o caminho do espírito de Jó com a tristeza e o pesar que conhecia tão bem – como a visão noturna de Jeremias e o Monte da Transfiguração interromperam o caminho sombrio do profeta choroso e do adorável **"Homem de dores"** (Jr 31:26; Mt 17:2). Foi o poder do Espírito. O pobre sofredor foi levado a desviar o olhar do tratamento de Deus *com* ele e focar em Suas ações *por* ele, pois há uma diferença. A primeira leva a alma ao exercício que muitas vezes são muito pesados, além do controle de nosso coração. Geralmente eles precisam de um intérprete. A outra leva a alma à plena liberdade. Elas são tão claras que uma criança pode lê-las. Elas carregam na testa o seu próprio significado. Elas não precisam de intérprete. As providências de Deus, ou Seu tratamento *conosco,* são muitas vezes desconcertantes, bem como ternamente aflitivas. A graça de Deus no Evangelho, ou

Suas ações por nós, são tais que não conseguem confundir os pensamentos nem entristecer o coração. Elas prestam seu próprio testemunho e contam uma história de amor devotado e eterno, impossível de confundir.

E essas são as coisas com as quais temos que tratar todos os dias.

Se estamos oprimidos ou cansados pelo atual curso das circunstâncias, achando-as pesadas, sombrias e intrincadas, é nosso privilégio, e também nosso dever, passar, em espírito e em pensamento, para aquela atmosfera calma e ensolarada em que o Evangelho, ou as ações de Deus por nós, investem sempre na alma.

Tudo isso pode ser visto em Jó. Esse santo amado e honrado é geralmente visto lutando com o tratamento de Deus com ele. A mão de Deus se estendeu sobre todos os seus interesses e prazeres. A perda dos bens, dos filhos e da saúde veio sobre ele, de surpresa, e ele persiste, no calor e no ressentimento da natureza, em manter tudo isso diante de sua mente. Mas, num momento de poder do Espírito, ele é levado a desviar o olhar de tudo isso, a desviar-se do tratamento de Deus *com* ele para as ações de Deus *por* ele; e então ele triunfa. Então ele poderá contemplar mais do que as chagas em seu corpo, até mesmo os vermes que o destroem; mas tudo é luz e triunfo. Então, diante de todos os inimigos, ele poderá sentar-se e cantar em espírito: **"Se Deus é por mim, quem será contra mim?"** (Romanos 8).

Verdadeiramente abençoado é isso. O tentador nos levaria a julgar Deus pelas sombras escuras de muitas passagens de nossa história aqui. Mas o Espírito deseja que nos familiarizemos com Ele na bela luz do Evangelho, a glória que brilha na face de Jesus Cristo; e há luz ali e nenhuma escuridão – nenhuma sombra que precise ser afugentada, nenhuma obscuridade que precise ser interpretada.

Mas, a propósito, já tracei certas combinações entre esta porção mais antiga e mais independente do livro de Deus e todas as outras partes dele, sejam elas próximas ou distantes. E isso é muito estimulante para o coração. Mas tais combinações ou harmonias podem ser encontradas ainda mais longe – nas *cenas de ação,* bem como nos *atores das cenas.*

O "Mundo" e o "Mundo Vindouro"

Existem **"céu"** e **"Terra"** aqui, como em todas as Escrituras; cada um também tendo seu **"dia"** ou ocasião especial. (Veja Jó 1:4, 6, 13; 2:1.)

Há também este **"presente século** [**mundo** – ARA] **mau"** e **"o mundo vindouro"** (TB). No início da ação, a cena se passa neste presente mundo mau. É apenas uma cena doméstica, mas todas as características do grande mundo são vistas nela. Pois cada círculo familiar, como cada coração, é um pequeno mundo. A indulgência e o amor à diversão aparecem nos filhos, e algo da comum **"inimizade contra Deus"** aparece na esposa de nosso patriarca. Então, novamente, existem calamidades *naturais,* como vento, fogo e doenças; e há calamidades *relativas,* como nas mãos de nossos próximos ou semelhantes, como os sabeus e os caldeus. E tudo isso são as diversas casualidades da vida e das circunstâncias humanas até este momento. Há golpe após golpe, mensageiro após mensageiro, virando cada página da história. É apenas a vida humana *de então,* ao invés de da de *agora,* mas é a mesma vida com suas perdas, cruzes e dolorosas contradições. Há um pouco de realidade, um pouco do **"amigo na necessidade"** que **"é um amigo de verdade"**, mas há uma grande parcela de desprezo e deserção na hora da calamidade, ainda tão conhecida no mundo. Jó tem três amigos que se sentam com ele entre suas cinzas e cacos, mas todos os outros o veem de longe. Não é tudo isso o **"presente mundo mau"** sem forças para a vida?

Mas, no final da ação, a cena é apresentada no **"mundo vindouro"**, o mundo de Deus e não do homem, o mundo que será formado por Suas energias e preenchido por Seus princípios. É o tempo de refrigério e restauração. Em Jó 42, estamos, em espírito, no Milênio. O Espírito Santo nos dá esse relato disso. **"Sede, pois, irmãos, pacientes até a vinda do Senhor"**, são as palavras que introduzem Sua alusão à **"paciência de Jó"** e **"o fim que o Senhor lhe deu"**. O lavrador trabalha com esperança e obtém seus frutos na colheita ou na ressurreição. E assim Jó perseverou, até que, finalmente, aquele que semeou, colheu. O capítulo 42 é a colheita do lavrador (Tg 5:7-11).

A linguagem do arrependimento

E feliz, posso dizer, amados, é este testemunho adicional do valor que um espírito de confissão e arrependimento tem para com nosso Deus. Como está escrito: **"Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado"**; e novamente: **"Se confessarmos os nossos pecados, Ele é Fiel e Justo para perdoar os nossos pecados"**. Pois não duvido que foram às poucas palavras de confissão e arrependimento de Jó que o Senhor Se referiu quando Se voltou para os amigos e lhes disse que eles não haviam falado d'Ele o que era certo, como Seu servo Jó. Eles não haviam feito confissão no final, como ele havia feito. E vamos valorizar essa garantia. Há conforto e força nisso. A linguagem do arrependimento prevalece. **"Verdadeiramente ouvi Efraim lamentando-se"** (JND), diz Jeová – e então veio a compaixão divina: **"Acaso é Efraim Meu querido filho? É ele criança em Quem Me deleito? Pois quantas vezes falo contra ele, tantas vezes Me lembro dele ternamente"** (TB). Ou, como podemos aprender com Oseias, as palavras de confissão e arrependimento de Israel, nos últimos dias, prevalecerão poderosamente diante de Deus. "**Volta, ó Israel, para Jeová teu Deus; pois caíste pela tua iniquidade. Tomai convosco palavras e voltai para Jeová; dizei-Lhe: Tira toda a iniquidade, e aceita o que é bom** [**e receba-nos graciosamente** – JND]**"**. **"Eu sararei a sua**

infidelidade, Eu voluntariamente os amarei" (ACF), é a resposta divina, com um rico e belo capítulo de promessas.

Florescendo novamente

O consolo disso! A história que nos conta sobre a graça, a graça incansável e longânima! E, consequentemente, Jó floresce novamente. O Senhor é como o orvalho para ele. Ele cresce como o lírio, seus ramos se espalham, sua formosura é como a oliveira, seu odor como o do Líbano. No **"fim que o Senhor lhe deu"** ele é visto como **"na regeneração"**, ou dia do reino, e até mesmo outros habitam sob sua sombra, serão vivificados como o trigo e reflorescerá como a vide. Leia sobre isso em Oseias 14. (Não considero Jó tanto como uma *figura,* mas sim como um *exemplo.* Seu chamado era o chamado comum, como um homem morto e ressuscitado. Cada santo, agora reunido para a glória celestial, é como ele. Israel nos últimos dias será assim, e todo o sistema da Era milenar. O Senhor Jesus mantém todas as coisas e exerce Seus ofícios, como Aquele que esteve morto e está vivo novamente. É mais apropriado falar de Jó como um exemplo da vocação comum do que como uma figura. Eu não poderia, entretanto, discordar da expressão, caso ela fosse usada por outros).

Jó aprendeu a lição por meio dos sofrimentos. O Senhor, posso dizer, fez o mesmo. Hebreus 2, 4, 5. Dessa forma, Ele foi aperfeiçoado para Suas altas funções. As compaixões de Cristo não poderiam ter sido *sacerdotais,* até que Ele Se tornasse homem, participante da carne e do sangue dos filhos, e sofresse como tal. E a história de Jó pode ser lida como expressão ou prenúncio de tudo isso.

Assim é Israel. Serão como um povo que, tendo-se destruído, encontrou em Deus a sua ajuda. Oseias os apresenta nesse caráter. A linguagem deles em Oseias 14 é a linguagem de tal povo. E a história de Jó também pode ser considerada uma expressão ou prenúncio disso. Ele revive, cresce novamente

como o lírio, e seus ramos se espalham, no final, como Israel e os ramos de Israel farão, de acordo com seu profeta, de modo que possamos falar de Jó como uma figura. Mas ainda sinto e julgo mais apropriado apresentá-lo como uma amostra de todos nós, na fé comum, como mortos e ressuscitados com Cristo.

Confiança total em Deus

Tal foi o nosso patriarca no **"fim que o Senhor lhe deu"**. Ele é outro testemunho que a sarça ardente nunca se consome, por causa da boa vontade d'Aquele que habita nela. Pode ser Israel no Egito, ou na Babilônia, os filhos na fornalha ou o profeta na cova. Pode ser um pobre eleito gadareno, cercado por uma legião, ou o patriarca, como a diversão do vento, do fogo e das doenças corporais, dos caldeus e dos sabeus também, o poder e os mensageiros de Satanás liberados sobre ele, ainda assim a sarça ardente não é consumida pela boa vontade d'Aquele que nela habita. **"Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte"**, diz o apóstolo, falando em nome de todos eles, **"para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos"**.

Tal pessoa foi nosso patriarca. E tal pessoa ele aprendeu a ser. Na escola de Deus ele havia aprendido sua vocação, como na experiência de sua própria alma. Mas é uma grande lição. Uma grande diferença, tenho plena certeza, entre ter Deus no meio de nossas circunstâncias, e Deus como Ele mesmo, a primeira e grande circunstância. A primeira foi a maneira de Jó no início. Ele não teria existido sem Deus. Ele O reconhecia e deu-Lhe um altar no cenário familiar. Mas ele não Lhe disse: Tu escolherás a nossa herança para nós. Ele não tinha, como Abrão fez depois, *saído das circunstâncias com Deus,* confiando n'Ele para cercá-lo com Suas próprias circunstâncias. O poder para fazer isso clama: "**A quem tenho eu no céu senão a Ti? E na Terra não há quem eu deseje além de Ti"**. Pois tal foi a expressão de um santo quando sua alma saiu da tempestade e da tentação de se ver atrás dos ímpios nas condições e circunstâncias da vida aqui (Sl 73).

O grande segredo de Jó

Que voz esta verdade tem para nós! Alguns podem ouvi-la como *conforto,* outros de nós, de fé mais fraca, como *advertência.* O mundo, o orgulho e o egoísmo constituem as circunstâncias das quais o chamado de Deus nos convoca a sair; e a religião, em certo sentido, pode ter trazido Deus para dentro delas; mas a fé, em sua simplicidade, forma outras, e Deus não precisa ser introduzido nessas circunstâncias, pois Ele está lá desde o início, o grande Criador ou Artífice de todos eles.

Repete-se esta verdade, pois é, a meu ver, o grande segredo deste Livro. Nosso Jó, no final, aprendeu o poder do chamado de Deus. E isso, posso dizer, confere um caráter justo e espiritual a tudo o que ele faz agora, bem como reveste toda a sua condição à beleza e estabilidade dos dias milenares.

Profeta, sacerdote e rei

Ele era, no início, como um *profeta, sacerdote* e *rei,* e assim ele é novamente, no final. Mas ele segue uma nova ordem, exercendo suas diferentes funções mais de acordo com a mente de Deus. Como *profeta,* ele havia, no início, assumido com muita confiança ser o intérprete de Deus e de Seus caminhos; mas agora ele diz: **"eu Te perguntarei, e Tu ensina-me"**. Ele será um discípulo do Senhor, antes de ensinar outros; ele terá seus ouvidos abertos, antes que sua língua seja solta (Is 50:4). Tal é a purificação do seu ministério profético. Ele não saberá nada, a não ser que aprenda com Deus. Sua doutrina não é *sua* agora. Como *sacerdote,* no início, ele se interpôs entre Deus e seus filhos, para sanar brechas prováveis ou temidas. Mas ele não parece lavar as próprias roupas, enquanto asperge a água purificadora sobre os outros (Nm 19:21). Ele precisava se lembrar que ele mesmo também estava no corpo, tão tentável como o do mais fraco (Gl 6:1). Mas agora ele próprio é *aceito* (Jó 42:9; Ez 14:14, 20). Como *rei,* suas honras vêm agora depois de suas aflições, suas glórias depois de seus sofrimentos; e também depois que ele orou por seus amigos, seu cativeiro foi revertido. Ele exerce a graça, antes de

lhe ser novamente confiado o poder – tudo isso de acordo com os grandes originais. **"Vós sois os que tendes permanecido Comigo nas Minhas tentações. E Eu vos destino o Reino, como Meu Pai Mo destinou"**.

Desta forma, ele é profeta, sacerdote e rei, *segundo uma nova ordem,* e tudo é refinado na fornalha, como ouro provado no fogo.

Libertação total

E ele é novamente o pai de uma família, uma família também, como posso dizer novamente, de uma nova ordem – nada precisa ser corrigido entre eles, mas tudo está em feliz e santa comunhão, o coração do pai voltado para o filhos, e o coração dos filhos ao pai. No início, ele teve que observar seus caminhos e tomar providências pelo mal que pudessem ter cometido. Mas no final não há nada disso; seu pai só precisa olhar para eles com admiração e deleite. Os filhos despertaram *medo* a princípio, mas agora *contentamento.*

E ainda mais, nesta bela cena milenar ou de ressurreição, que assim encerra esta história, o vento tempestuoso é silenciado e os relâmpagos do trovão não atingem mais. Nestes dias de um segundo Noé, tal como Jó foi (o senhor de um novo mundo), as águas que antes **"prevaleciam"** agora **"cessaram"**. E os caldeus e os sabeus já não mais saqueiam o despojo, nem saqueiam a presa. Agora **"adversário não há, nem algum mau encontro"**, **"não haverá mais cananeu na Casa do SENHOR"**. Nada fere ou destrói em todo o monte santo. O Senhor livra Seu povo daqueles que se serviram deles.

Tudo isso está prometido e retratado para nós aqui. E, o que pode ser considerado de valor ainda mais profundo para nós: o próprio grande inimigo, o agente pronto e desejoso de todos os danos e tristezas que surgiram, também se foi. No início ele está em ação, atuando como acusador no céu e como atormentador na Terra. E é para o conforto do santo provado que a mão de Deus e do

inimigo estão envolvidas em sua provação; o inimigo (como aqui com nosso patriarca) procurando lançar sua coroa no chão e lançar no pó o seu justo memorial que tinha para com Deus, o Senhor Se propondo (e realizando isso) a lustrar aquela coroa, e ainda mais para abençoar o herdeiro dessas dignidades e regozijos. É um conforto para o santo, no dia da provação, se lembrar disso. Mas, no final, o inimigo se foi. O propósito, na sabedoria de Deus, para o qual ele foi usado, é atendido e ele se vai. A disciplina de Jó havia cessado assim na destruição do inimigo.

Satanás confundido

Satanás havia entendido Jó. Ele conhecia o funcionamento daquela natureza corrupta que sua própria mentira havia formado no jardim do Éden. Ele havia dito: **"Porventura, teme Jó a Deus debalde? Porventura, não o cercaste Tu de bens a ele**... **toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema de Ti na Tua face!**... **Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida"**. E que sério e terrível é o pensamento, amado, de que ele nos conhece tão profundamente e conhece as fontes do pensamento e da vontade dentro de nós. Mas embora ele entendesse bem *Jó,* ele não entendia *Deus.* Os conselhos da graça estão acima dele. E por isso, na história deste mundo, ele sempre esteve se derrotando a si mesmo, pensando que estava levando vantagem sobre nós; pois ele tem que se encontrar com Deus exatamente naquilo que faz e nos propósitos que planeja contra nós. Quando ele interferiu com Adão no jardim, ele encontrou Deus para sua confusão, e a promessa a Adão anunciou sua própria ruína. Quando ele provocou Davi a numerar o povo, a eira de Ornã foi revelada, e o local onde a misericórdia triunfou no juízo, tornou-se o local do templo. Quando ele peneirou os apóstolos como trigo, foi contestado pela oração de Jesus e, em vez de a fé falhar, os irmãos foram fortalecidos. E, acima de tudo, quando tocou em Jesus na cruz, a própria morte que ele infligiu foi a sua própria ruína perfeita e consumada. Assim, em cada problema que ele traz a qualquer um de nós, ele

descobre, ou descobrirá, mais cedo ou mais tarde, que encontrou o Deus poderoso, e não o santo fraco. Ele entrou no ninho de Jó para estragá-lo e deixá-lo destruído e vazio. Ele entrou em outro jardim então. Mas Deus estava lá, assim como seu servo Jó, e no final Satanás é confundido.

O mesmo acontece com os santos e seus inimigos. Eles tomarão o reino, e no reino Satanás não terá lugar. Do meio das provações que ele levantou ao redor deles e contra eles, os santos saem para colocarem suas coroas e entoar seus cânticos. E, em vez de aparecer novamente **"entre" "os filhos de Deus"**, o anjo forte lançará mão dele e o lançará no abismo. (Alguém observou que Satanás é sempre derrotado. Este pensamento parece obter as confirmações mais impressionantes da Escritura, além dos casos mencionados acima).

Ele é o instrumento, o voluntarioso instrumento de destruição da carne; mas essa destruição termina na *salvação do espírito* (1 Co 5:5). Ele recebe, recebe de bom grado aquele que lhe é judicialmente entregue; mas tudo isso termina com *tal pessoa aprendendo a não blasfemar* (1 Tm 1:20). Ele envia seus mensageiros como espinhos na carne, deleitando-se em fazê-lo, como se estivesse determinado a fazer o mal, tendo sido **"homicida desde o princípio"**; mas isso ainda funciona bem, pois *o servo de Cristo é assim protegido da indevida exaltação* (2 Co 12:7).

São exibições ilustres do diabo sendo *sempre* derrotado. Porque elas mostram isso: que ele se presta diretamente à sua própria derrota. Sua própria arma está apontada contra si mesmo. Aquele a quem ele ataca recebe, pelo próprio ataque, força ou virtude contra ele.

Feliz garantia! Nosso grande adversário nunca é vitorioso! São contra os aguilhões que ele recalcitra[4].

Homem glorificado no céu

Isto está cheio de bênçãos – e esta é uma bênção milenar, delineada aqui nesta bela história. Mas há mais. Não haverá pergunta alguma nos céus milenares sobre os santos, como houve sobre Adão no jardim e sobre Jó no início deste livro. A árvore do conhecimento testou a criatura que Deus acabara de criar. Mas na era da ressurreição, nos céus onde Jó e todos os filhos da ressurreição estarão, não haverá tal prova. Não haverá dúvidas sobre o homem. Haverá silêncio no céu quanto ao homem, pois o grande Parente respondeu a todas as perguntas, e o homem está glorificado lá.

Um Deus imutável e concentrado

Tais são as mudanças que têm surgido antes de deixarmos esta história divina e inspirada. A *prova* da fé não tem sido *preciosa,* como fala Pedro, quando podemos falar de tais mudanças? O inimigo se foi. Seus ministros, ou mensageiros, o vento e o fogo, os caldeus e os sabeus, não receberão mais comissão alguma. Jó também mudou seu pensamento e fez sua confissão a Deus – seus amigos mudaram de pensamento e se humilharam diante dele. Mas há Alguém que permanece o mesmo. Ele não tem nenhum passo para refazer, nenhuma palavra para voltar atrás, nenhum ato de Suas mãos, ou conselho de Seu coração, para alterar ou Se arrepender. Outras Escrituras falam sobre Ele, que Ele é **"O mesmo ontem, e hoje, e eternamente"**, e que com Ele **"não há mudança, nem sombra de variação"**. E esta preciosa história sobre Ele e Suas ações O ilustra e exibe.

Nunca há calmaria plena, ou ausência de pressa e distração, onde não estamos conscientes de que nossa *força está à altura de nossa ocupação,* seja ela qual for. Nem ela existe, quando não estamos igualmente conscientes da *integridade ou da retidão dessa ocupação.* A consciência da retidão e da força é necessária para preparar a mão para realizar uma ação ou o pé para dar um passo com total tranquilidade.

Agora sabemos que esta tranquilidade marca todos os caminhos e operações de Deus. Ele está sempre trabalhando (para falar à maneira dos homens) em plena possessão dessa concentração da qual estamos falando. Poderíamos julgar isso pela necessária glória de Sua divindade. Mas os caminhos de Jesus na Terra sempre demonstraram isso, e Ele, como sabemos, era Deus manifestado em carne. E esta tranquilidade e calma, nas quais todas as operações de Deus procedem, dizem-nos que, embora possam parecer-nos estranhas e até obstinadas, como Jó as considerava, ainda assim Ele é capaz de interpretá-las, cada uma, de modo a ser justificado em Suas Palavras e vença quando for julgado. E isso é feliz. *"O botão pode ter um sabor amargo"* e *"a incredulidade cega certamente errará"*. Essas coisas são assim.

Mas *"Deus é Seu próprio intérprete e Ele deixará isso claro"*. Sabemos como nosso Jó foi provado – profundamente, de várias maneiras e, como se poderia pensar, de forma arbitrária e desnecessária; pois ele andou no temor de Deus e a serviço de sua geração. Mas o **"fim que o Senhor lhe deu"** é mais do que justificação. É manifestação. A prova foi achada em louvor, honra e glória. A luz do dia que se aproxima, por mais repreensível que seja, terá apenas que brilhar e refletir a excelência d'Aquele com Quem temos que tratar.

Do medo ao favor

Assim, nos demoramos um pouco nesses brilhantes relatos dos dias milenares, "os dias do céu sobre a Terra", que brilham no final desta história maravilhosa, além de séria e instrutiva, dos tempos patriarcais. Mas há mais.

No princípio, Jó retinha todas as suas bênçãos com reserva e suspeita. Ele não estava em segurança, nem em repouso, nem sossegado; ainda assim, surgiram problemas. **"O que eu temia me veio"**, diz ele, **"e o que receava me aconteceu"**. Isso precisa ser assim. A instabilidade com que o afastamento de Deus afetou todas as possessões e todos os ganhos aqui torna isso

necessário. Mas, no final das contas, não existem **"temores por dentro"**, assim como não existem caldeus ou **"por fora combates"**. Nenhuma sombra encobre o Sol estabelecido que repousa ao seu redor, nem a luz calma que preenche todo o interior.

E mais: seus parentes e conhecidos, no final, o procuram novamente. Na verdade, eles nunca deveriam tê-lo abandonado. Pois nos enganamos se pensamos que devemos estar corretos se entristecermos *aqueles* a quem Deus está *disciplinando.* Isto está muitas vezes muito longe de ser o caso. O Senhor disse em Zacarias: **"com grandíssima ira, estou irado contra as nações em descanso; porque, estando Eu um pouco desgostoso, eles auxiliaram no mal"**. O mesmo acontece com Isaías 47:6 – e Obadias 10-14, no mesmo sentido. Talvez estejamos mais comumente com a mente de Deus e agimos como vasos vivos do Espírito quando *aliviamos* a esses tais. E tenho certeza que foi assim no caso de Jó. Se seus amigos anciãos conhecessem a maneira de Deus, teriam lidado com ele de maneira muito diferente. Eles não o teriam abandonado. O próprio fato de **"a mão de Deus"** o ter tocado, como ele o expressa tão profundamente, teria sido motivo de **"piedade"**, como diz ainda, por parte dos seus amigos.

No entanto, como parte do Sol brilhante que alegra seu estado no final, seus parentes e conhecidos o procuram novamente. E fazem isso para *consolá-lo* e também para *ter compaixão* dele. E se eles falam com ele sobre tristezas passadas, é apenas para aumentar seu gozo presente – como Israel depois, em sua triunfante festa dos tabernáculos, farão barracas e sentar-se-ão sob elas, em grata lembrança dos dias no deserto.

Restauração completa

Todos estes são reveses felizes, e o último estado do nosso patriarca é duas vezes melhor que o seu começo. Mas entre todas as alegres antecipações que brilham na última página desta

história, não há nenhuma que cative mais o coração do que *a reconciliação.* O patriarca e seus irmãos, como a narrativa nos diz em grande parte, e como bem sabemos, infelizmente se desentenderam no caminho, enquanto caminhavam pela estrada principal **"deste presente mundo mau"**; mas assim que eles entram no **"mundo vindouro"**, o conflito de línguas e o tumulto da guerra não são mais ouvidos nem vistos.

Isso é verdadeiramente bem-vindo ao coração. Que alegria será ser libertado do egoísmo e do orgulho, e de muitas outras obras de natureza mesquinha e pervertida. Como os prazeres do coração são continuamente estragados por tais ladrões! Que coisa é uma página da história! Que registro das agitações da inveja, da ambição e da vingança! Não é uma miséria ver homens **"odiosos, odiando-se uns aos outros"** e depois lembrar que ainda estamos vivos e ativos em meio aos mesmos elementos? Mas outra coisa está na nossa perspectiva; e é o caminho da sabedoria e graça de Deus repetidas vees, no progresso de Sua Palavra, como aqui no capítulo 42 de Jó, para nos dar uma imagem mística disso. Então o homem, como *enganado por Satanás,* cederá lugar; e o homem, como *ungido por Deus,* prevalecerá. Então será conhecida a alegria de sair de tais trevas para tal luz, de contemplar o Sol novamente, após séculos de escuridão da meia-noite.

Sabemos pela Escritura que uma grande virtude física acompanhará este reino vindouro. Como cantam os profetas, **"o deserto e os lugares secos se alegrarão com isso; e o ermo exultará e florescerá como a rosa"** – o coxo saltará como o cervo, a língua do mudo cantará, a vaca e o urso pastarão juntos, e o lobo se deitará com o cabrito. A natureza em toda a sua ordem reconhecerá a presença do Senhor. Os rios baterão palmas, as árvores do bosque se regozijarão diante d'Ele. Assim como a criação já sentiu a escravidão da corrupção, sentirá então a liberdade da glória.

Será como se todas as sensibilidades adormecidas tivessem sido repentinamente despertadas. Será como o dedilhar de um instrumento requintado com mão magistral. Será a *mesma* criação, mas sob nova autoridade, novas influências. Deixe que apenas os filhos de Deus se manifestem, e todo o sistema surgirá em novas condições e consciência.

E assim será com o *homem*, quando os poderes daquela era vindoura o tomar como seu súdito. Basta que a passagem seja feita deste presente mundo mau para o mundo vindouro, e novos princípios imediatamente dourarão e enfeitarão a cena, proporcionando prazeres morais (que são os mais ricos de todos) para toda a vida pessoal e social.

Nova criação

Este será o toque de um instrumento de acabamento ainda mais refinado. O sistema em torno do mundo vegetal e animal é suscetível de formas de beleza e de ordem que podem torná-lo um reflexo vívido e feliz da bondade e sabedoria divinas; mas na mente renovada do homem residem poderes e afeições latentes de nada menos que a textura mais divina. Na sua condição atual, ele tem que lutar com a natureza e sofrer obstáculos e impedimentos da carne. É oprimido e sobrecarregado por uma atmosfera grosseira. Mas tem capacidades de agir, julgar e sentir da mais alta ordem. E quando as influências devidas o alcançarem com poder, essas sensibilidades e faculdades serão todas despertadas, e formas de beleza moral em toda a vida pessoal e social se mostrarão. Que esperança para o espírito provado em conflito com a carne! Será a mesma **"nova criatura"** que é agora: só que em outras condições. Não oprimida e obscurecida, mas, por assim dizer, respirando seu ar nativo.

A Escritura nos dá muitos testemunhos de tal virtude moral e prazer na era milenar. É uma das ocupações mais encantadoras da mente de Cristo em nós ouvir essas testemunhas, em sua linguagem mística, prestarem seu testemunho.

Ordem divina e comunhão

O Pai de Israel e os gentios são vistos juntos, por um momento, em Gênesis 21. E a comunhão deles foi um exemplo do relacionamento santo e feliz entre Israel e as nações, nos dias vindouros do reino. As questões que antes os dividiam e perturbavam estão agora todas resolvidas. O poço de água, que foi motivo de conflito, é agora uma testemunha do juramento ou concerto. Todas as puras afeições sociais adornam esta comunhão de Abraão e Abimeleque; e eles se separam sob uma amizade prometida e empenhada. O bosque de Abraão, em princípio, faz florescer o deserto, e seu altar faz da terra um santuário; mas seu caminho com Abimeleque, e o de Abimeleque com ele, dão àquele momento brilhante seu caráter mais prezado e mais elevado.

Pois não existem prazeres como os prazeres morais, nem prazeres como os do *coração.*

O mesmo ocorre em Êxodo 18. As famílias celestiais e terrenais são vistas juntas, sob a figura de Jetro e das tribos resgatadas, no monte de Deus. E tudo está cheio de beleza moral. E, no entanto, os materiais que compõem a cena tinham, em dias anteriores, uma mentalidade muito diferente entre si. Moisés e Zípora se separaram com ira na última vez que se encontraram, e a congregação murmurava repetidas vezes. Mas agora o monte de Deus tem influência sobre eles, e do mais alto ao menor, de Jetro até as partes mais distantes do acampamento, tudo está no poder da ordem, sujeição e comunhão divinas.

Então, novamente, aquela geração que viveu nos últimos dias de Davi e nos primeiros dias de Salomão exibe o mesmo. Eles estavam contando uns aos outros para a espada, no bosque de Efraim, mas a espada agora se transformou em enxadas e foices. Os dias de Salomão foram, figurativamente ou em espírito, dias milenares, e uma virtude doce e surpreendente os acompanha. Em vez de voltarem ao campo de batalha, assentam-se, cada um

com o seu próximo, debaixo da videira e debaixo da figueira. **"Eram, pois, os de Judá e Israel muitos, como a areia que está ao pé do mar em multidão, comendo, e bebendo, e alegrando-se"**.

Não são estas transfigurações *morais?* E como elas são abençoadas! Passe apenas pela fronteira. Deixe o dia do homem e vá para o dia do Senhor. Respire o ar do Monte de Deus – e toda essa renovação moral, com suas incontáveis fontes e ribeiros de felicidade social será experimentada, sempre fresca e sempre pura. Falta pouco e tudo isso acontecerá. Os *mesmos* irmãos, que agora podem ser uma provação um para o outro, como foi com nosso Jó e seus amigos, aumentarão e ampliarão o regozijo uns dos outros. E nos lugares terrenais, **"Efraim não invejará a Judá, e Judá não oprimirá a Efraim"**. O orgulho e o egoísmo terão deixado de depreciar os prazeres do coração, como fazem agora suas companheiras – as concupiscências e impiedades.

Esta história patriarcal, sobre a qual temos meditado agora, mais antiga e tão ilustre quanto qualquer um desses registros inspirados, nos dá uma amostra semelhante de dias milenares. Jó e seus três amigos, Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita, são os mesmos Jó, Elifaz, Bildade e Zofar, as mesmas *pessoas.* E eles não estão mais disputando, mas unidos como irmãos. Eles subiram ao monte no final; e aí está toda a diferença. E, de fato, se não saudarmos tal perspectiva, nosso coração será estéril de toda afeição graciosa e morto para todas as emoções piedosas.

Aquele que por Seu sangue há muito tempo derrubou todas as paredes de separação, e que agora, por Seu Espírito, dá aos crentes acesso comum ao Pai, em breve, com Sua própria mão, unirá a vara de Efraim à vara de Judá, e fará delas uma só (Ez 37:16-17). Seu Israel na Terra verá **"olho a olho"**, pois a luz e a alegria da salvação de Sião serão transmitidas, com santa velocidade, dos mensageiros nas montanhas aos sentinelas da cidade, e deles ao povo, e dos povos para as nações (Isaías 52:7-

9) – e, entre o povo celestial, os filhos da ressurreição, como Jó e seus amigos, **"o que o é em parte será aniquilado"** e **"o que é perfeito"** virá.

Cantares de Salomão

“Mas verdadeiramente habitará Deus com os homens na Terra? Eis que o céu e o céu dos céus não Te podem conter”.

Este foi o suspiro devoto do rei de Israel (também do escritor deste pequeno livro ao qual agora nos propomos, na graça do Senhor, apresentar diante de nós), quando a glória veio encher a casa que ele havia construído.

Mas assim foi. O Filho de Deus, Companheiro de Jeová, Aquele que estava com Deus e era Deus, Se manifestou em carne e conversou conosco aqui. Ele habitou com os homens na Terra. Ele habitou entre nós. Ele era Jesus. Nós O conhecíamos como Tal. Ele era um *Homem,* um Amigo, um Mestre e um Companheiro. Ele convidou à confiança. Ele buscou empatia e a transmitiu. E, como *Homem,* ainda O conhecemos – como verdadeiramente um Homem em meio às glórias mais brilhantes do céu agora, como uma vez Ele foi um Homem em meio às ruínas e tristezas da Terra – tão capaz, por meio da empatia, de ainda entender os sofrimentos de Seus santos, como quando Ele andou pelas ruas e caminhos daqui, levando nossas dores e tomando nossas enfermidades.

E o que Ele será para sempre? O mesmo *Jesus Cristo.* O domínio de todas as coisas será d’Ele como *Homem.* A cena pode mudar pela segunda vez, do atual templo no céu para o reino de glória, como a princípio mudou das cidades e aldeias daqui para o templo nas alturas, mas é **“Cristo Jesus, *Homem*”** Quem passa de uma cena para outra. Mistério precioso! Tendo a humanidade, uma vez assumida, nunca será abandonada. Foi encontrado um Templo para a glória, um Vaso para a bênção, uma Pessoa para a manifestação, um Instrumento para o exercício do poder e do

governo, adequado aos conselhos da sabedoria divina e aos propósitos da bondade divina.

Homem aproximado de Deus

Desde o início de Seus caminhos, e ao longo deles, o Senhor Deus tem evidenciado Seu propósito de trazer Sua criatura – o *homem* – para muito perto de Si. A expressão disso tem sido diferente, mas ainda constante.

Nos dias patriarcais a intimidade era *pessoal.* Ele andou no meio da família humana, aparecendo pessoalmente aos Seus eleitos; não tanto empregando profetas ou anjos, mas tendo a ver com a própria ação.

Nos tempos de Israel, Ele não estava "na forma humana" como também não estava antes. Ele estava numa vestimenta mística. Mas ainda assim Ele estava *perto* deles. O Senhor na sarça ardente, a glória na nuvem, o Capitão armado em Jericó, falam desta proximidade. O Deus de Israel visto no trono de safira, a glória enchendo os átrios do templo, ou assentado entre os querubins, diz a mesma coisa. E as promessas: **"Porei o Meu tabernáculo no meio de vós"**, e **"andarei no meio de vós"**, e **"os Meus olhos e o Meu coração estarão ali todos os dias"**, testemunham igualmente esta comunhão desejada e intencional.

Então, no decorrer dos tempos, a assunção da Humanidade é um testemunho, posso dizer, que fala por si mesmo; e os *caminhos* de Deus manifestados em carne concordam com isso. Jesus veio **"comendo e bebendo"**. E continua o mesmo, depois que Ele Se tornou o *Homem ressuscitado.* Ele não tinha então, é verdade, uma moradia e refeição com Seus discípulos, como antes. Ele então, como antes, não entrava e saía entre eles. Eles não deveriam conhecê-Lo **"segundo a carne"**, como nos dias anteriores. Mas ainda havia completa intimidade. Havia muitas notas de autoridade consciente sobre Ele, isso é muito verdadeiro. Ele fala de todo o poder no céu e na Terra ser Seu. Ele abre o entendimento deles. Ele pronuncia a paz sobre eles em

bases novas e de autoridade, Ele comunica o Espírito Santo, como o Cabeça da nova criação. Ele abençoou, como Sacerdote do templo, o único Sacerdote. Tudo isso Ele faz, como ressuscitado dentre os mortos, com poder consciente; mas, com tudo isso, Ele mantém a intimidade, intimidade amorosa e pessoal, tão próxima e querida como sempre, se não mais. Ele come e bebe com eles, como fez antes. Ele os chama de **"irmãos"**, como não havia feito antes de Sua ressurreição. Ele fala de ter um Deus e Pai com eles, como não tinha feito até então. Embora com toda autoridade Ele os envie para trabalhar, Ele ainda trabalha com eles – Marcos 16; Lucas 24; João 20. E embora Ele estivesse naquela época fazendo-lhes apenas uma visita ocasional, uma visita de vez em quando, como quisesse, durante quarenta dias (Atos 1:3), ainda assim Ele indica, por uma pequena ação, que, e em breve, toda essa distância e separação terminarão, e eles deviam "segui-Lo" até Seu lugar, ressuscitados e glorificados com Ele mesmo (João 21:19-23).

Intimidade presente e futura

Não permanece toda essa intimidade ainda? Desejamos e desfrutamos de intimidade por parte d'Aquele que eternamente nos ama? E quanto à presente dispensação, a mesma é provida e mantida, embora de maneira diferente. O Espírito Santo veio. O Espírito da verdade está em nós. Nosso corpo é nada menos que Seu templo vivo ou morada, enquanto o Filho, misticamente, nos levou ao céu em Si mesmo e com Ele (Efésios 2:6). Certamente nenhuma forma de comunhão que contemplamos é mais profunda e íntima do que esta. Se, pessoalmente, o Senhor Deus estivesse com os patriarcas e aceitasse um bezerro e um bolo por amor à hospitalidade – se, aos olhos de toda a congregação, Ele deixasse a glória encher os pátios do templo na alegria de sua habitação recém-descoberta – se, no "Homem Cristo Jesus", o Senhor Deus andasse conosco e compartilhasse nossos períodos de descanso, trabalho e refrigério, conversando junto a um poço com um pecador eleito, ou deixando outro reclinar em Seu peito na ceia, e pergunte-lhe sobre os segredos que estavam naquele

seio nos dias atuais. Ele nos tem, nos pensamentos e afeições de Seu próprio coração, no céu com Ele mesmo, e o Espírito Santo está aqui conosco, no meio dos pensamentos e afeições de nosso coração.

Será isto, pergunto, uma intimidade de natureza mais fraca? Isto é um retrocesso de Seu caminho de volta às Suas próprias perfeições e suficiência, ou em meio às glórias e principados dos anjos? Será isso *reserva,* como falam os homens? Isso é retirar-se ou arrepender-se da intimidade anterior com o homem, como se Ele tivesse ficado desapontado e desanimado? "Adão, onde você está?" era Sua voz. Mas será que a retirada de Adão forçou o Senhor a recuar? Deixe que esta Testemunha, esta Testemunha de nossos tempos, este Espírito que habita em nós, nos conduzindo em companhia de Si mesmo dessa maneira, nos diga. Todo o Seu caminho atual é apenas uma busca mais rica daquele propósito que surgiu, em forma inicial, nos dias de Gênesis.

E o que diremos desta intimidade em dias ainda futuros? Os homens redimidos ocupam o lugar da proximidade angelical do trono. As criaturas viventes e os anciãos coroados estão lá, e os anjos apenas os cercam, assim como o trono. A esposa do Cordeiro, a santa Jerusalém, traz a glória em seu seio. O Tabernáculo de Deus está com os homens e Ele habitará com eles.

Santa Aceitação da Proximidade Divina

Mas se tudo isso é assim, como certamente é, surge uma pergunta sagrada: Como devemos considerar isso? Com que espírito e de que maneira devemos agir de acordo com a verdade deste gracioso propósito de Deus? *Devemos admiti-lo e acreditar em toda a simplicidade com que se revela.* Este é o nosso primeiro dever. Não devemos de forma alguma recusar a ideia desta proximidade divina. Será que João, pergunto, recusou-se a deitar-se no seio de Seu Senhor, ou desculpou-se por fazê-lo? Não. Nem devemos, por humildade equivocada, questionar se

interpretamos corretamente as muitas escrituras que declaram esta verdade. Devemos usar os privilégios que ela confere.

Mas com este uso dos seus privilégios devemos honrar as suas reivindicações. Pois esta presença de Deus é um elemento *puro* e também *alegre.* Antigamente, os sapatos deveriam ser tirados dos pés, quando aquela presença fosse adentrada, para expressar o sentimento de santidade que a caracterizava. Mas isso foi tudo. Nem Moisés nem Josué foram obrigados a se retirar; apenas que pisassem suavemente. Foram acolhidos e encorajados, ao mesmo tempo em que instruídos na santidade de tal intimidade.

Assim é nos Cantares de Salomão. A alma se gloria do amor de seu Senhor. Ela não se recusa a ouvir as mais ternas expressões dele, nem a recitar Seu bem conhecido desejo por ela; mas em tudo há uma indignidade reconhecida e sentida. Há a expressão dos pensamentos mais puros, embora mais íntimos – uma afeição rapidamente sensível à desconsideração a essas tão maravilhosas condescendências do amor divino, e diligência em nutrir na alma a resposta que lhes é devida. E desta forma, este pequeno livro dá um testemunho muito claro da verdade da intimidade de Deus com o homem e da maneira como ela deve ser recebida por nós. E ao fazer isso, apresenta-nos um grande mistério divino, que, da mesma maneira, obtém sua ilustração inicial e constante no livro de Deus – um mistério que agora deve prender nossos pensamentos por um tempo. Quero dizer o da Noiva e do Noivo.

Um Noivo sofredor

A Igreja é chamada de **"esposa do Cordeiro".** Mas este título tem o seu significado. **"O Cordeiro"** é uma figura ou descrição do Filho de Deus que nos fala das dores que Ele suportou por nós. A alma entende isso bem; e, portanto, este título, **"a esposa do Cordeiro"**, nos diz que foi por meio de Seus *sofrimentos* que o Senhor a tornou Sua; que Ele a valorizou a ponto de abrir mão de tudo por ela. E desde o início Ele tem publicado esta preciosa verdade do evangelho.

Antes de Adão receber Eva, ele caiu num sono profundo, e do seu lado foi tirada uma costela, da qual foi formada aquela que mais tarde lhe foi apresentada como sua esposa. Isto testemunha o mistério que mencionei. Adão foi humilhado e Adão sofreu (quero dizer, claro, apenas no símbolo ou mistério), antes de ele receber Eva; tudo isso lançando de antemão a sombra da humilhação e do sofrimento do verdadeiro Adão, ao adquirir a Sua Eva para Si.

Depois Jacó teve que suportar o fardo e o calor de um dia longo e cansativo, antes que pudesse receber Raquel. A lei de seu povo, a lei de sua terra e as exigências opressivas do cobiçoso Labão o colocaram nessas condições. Ele teve que suportar ser consumido constantemente pelo Sol e a Lua, trabalhar noite e dia, e prolongar seu exílio, ou ficar sem sua Raquel.

José, antes de obter sua Asenate, foi separado de seus irmãos.

A mesma coisa que vemos em Moisés. Ele também foi separado de seus irmãos. E ainda mais, ele *ganhou* Zípora. Ele a resgatou da opressão, depois abriu o poço para ela e seu rebanho, e então o pai dela reconheceu o direito dele reivindicar a mão dela. O mesmo acontece com sua segunda esposa. Ele teve que tomá-la à custa de seu bom nome junto aos seus próprios parentes; ela era uma etíope negra e isso não correspondia com os pensamentos de seu irmão e irmã. Mas ele suportou a reprovação e casou-se com a etíope.

Em cada um desses casamentos (tanto figurativos como reais) vemos *o caráter* do Noivo – vemos o Senhor Jesus Cristo tomando possessão de Sua Noiva *a algum custo pessoal.* Quer seja humilhação e sofrimento, como em Adão, trabalho árduo, cansaço e conflito, como em Jacó, separação e triste solidão, como em José, ou mera reprovação, como fazendo algo indigno d'Ele, como em Moisés, ainda assim é, em princípio, um Noivo *sofredor* que vemos.

E posso mencionar Boaz, outra figura do mesmo. Ele era um homem poderoso e rico, mas defende a causa de uma pobre respigadora em seus campos; ele permite suas aproximações e seu pedido, e a toma para si como esposa. Ele não tem vergonha de fazer de uma estrangeira destituída, que apenas um dia antes dependia da generosidade de sua mão, a companheira de sua riqueza e honra, e a construtora de sua casa e de seu nome entre as tribos de Israel. E assim o casamento de Boaz revela o mesmo mistério, que o Noivo da Igreja é Aquele que antes havia sido humilhado para redimi-la e torná-la Sua.

Não apenas, porém, esta grande verdade é apresentada em figuras e ilustrações, mas também no ensino claro da Escritura. É dito que Cristo amou a Igreja, depois Se entregou por ela, depois a santificou pela lavagem da Palavra – e tudo isso, para que pudesse apresentá-la dignamente a Si mesmo como Sua Noiva (Efésios 5). Aqui, doutrinariamente, ou na forma de ensino claro, temos o *Cordeiro, o Noivo;* pois antes de tomar a Igreja, *Ele Se entrega por ela.* Ele toma por esposa aquela que antes havia comprado com sangue.

Suportando a reprovação

Nas Escrituras do Velho Testamento, é ensinado o mesmo entre o Senhor e Jerusalém, que é, em *princípio,* o mesmo que Cristo e a Igreja.

Portanto, em Isaías é dito: **"O teu Criador é o teu Marido**... **o teu Redentor"** – toda a passagem mostrando Jerusalém tomada pelo Senhor em simples benevolência, Ele possuindo alguém que, como a etíope ou como Rute, poderia ser uma reprovação a Ele (Isaías 54).

Assim, Jeremias representa o Senhor na mesma graça, tomando Jerusalém mesmo depois de ela ter se mostrado infiel e ter sido despedida legal e judicialmente (Jeremias 3).

Oseias é feito representante do mesmo (Oseias 1-3). Ele compra sua esposa (Oseias 3:2), ele a lava e purifica, e também suporta a reprovação de se desposar a si mesmo com alguém tão inútil e perdida.

O mesmo ocorre na impressionante figura de Ezequiel. Jerusalém é vista em sua degradação repulsiva e ofensiva; mas quando nenhum olho teve compaixão dela, o Senhor não apenas teve compaixão, mas também a vivificou, lavou, vestiu, ungiu, embelezou e dotou-a, e não parou até que a tomou para Si (Ezequiel 16).

É assim que está nos ensinamentos ou nas vozes dos profetas, como nas primeiras figuras e sombras; ambas e todas contando o mistério, que *o Cordeiro* é o *Noivo,* que Aquele que no final a assenta na companhia de Sua glória, já havia redimido-a por Seu sangue, lavado-a e purificado-a por Sua Palavra e Espírito, sofrido reprovação por ela (Lucas 19:7), e descido até ela em sua ruína, antes que Ele pudesse levá-la ao Seu estado e honra.

Amor preeminente

Este é o mistério do Esposo divino. Todos os contos ou fábulas humanas ficam aquém disso, por mais fervorosa que seja a imaginação que os criou. Este é o mistério de um amor que excede todo entendimento entre Cristo e a Igreja. Ela deve amá-Lo pelo serviço que Ele lhe prestou; Ele deve amá-la pelo custo que ela Lhe impôs. Ela se encontrará para sempre ao lado d'Aquele que a amou tanto que morreu por ela. Ele verá ao Seu lado alguém que O envolveu tanto que Ele estava disposto a seguir com Sua afeição, mesmo que o custo de amá-la exigisse (para falar à maneira dos homens) tudo o que Ele valia. Ele não pode deixar de valorizá-la supremamente, e assim também ela a Ele. Esta é a única diferença que pode ser observada – que Seu amor foi provado antes que ela se tornasse d'Ele, pois Ele havia calculado de antemão quanto Lhe custaria amá-la – o amor dela, mais tardio e mais acanhado, e apenas em segundo lugar,

começou quando ela conheceu Seu amor por ela. Pois Cristo, como o Noivo (como em tudo o mais, seja em graça ou em glória, Colossenses 1), deve ter **"a preeminência"**. No caráter de Seu amor, Ele supera inteiramente o amor da noiva, e deixa o amor dela, por assim dizer, sem ser amor algum, por causa do amor que excede.

Mas tendo assim olhado para o Noivo, eu veria, da mesma maneira, a Noiva por um momento ou dois. Mas devo me limitar e, portanto, apenas traçá-la-ei conforme refletida no livro do Gênesis.

A noiva em Eva

Eva é, obviamente, a figura mais antiga. Nela vemos as características pessoais da noiva: ela é formada pelo Senhor para Adão. O regozijo de Adão em uma companheira foi o que o Senhor Se propôs para Si mesmo quando começou a formar Eva. Ele levou em conta a necessidade e o gozo de Adão nessa obra. E quando Adão recebe Eva das mãos do Senhor, suas palavras expressam sua satisfação por ela, justificando a obra do Senhor, de que Sua mão havia cumprido o desígnio que Seu amor havia empreendido. Eva foi adaptada a Adão. Esta era toda a sua beleza pessoal. Ele a reconheceu como osso dos seus ossos e a carne da sua carne.

Tudo nela era atratividade. Ela correspondeu inteiramente às expectativas e satisfez o coração daquele para quem ela tinha sido formada. Ele a tomou e se apegou a ela (Gn 2); e isto, sabemos, é uma figura de Cristo e da Igreja (Efésios 5).

A mãe em Sara

Sara é a próxima mulher de destaque nesse livro; e ela também é uma pessoa mística. Mas não é a Noiva que ela expressa, mas a Mãe. Portanto eu não a mencionarei particularmente. Pois Abraão é **"o pai de todos os que creem"** – e Sara é "a mulher livre" ou, numa alegoria, a **"mãe de todos nós"** (Gálatas 4), ligada à família

de Deus no lugar de Mãe, e não com o Senhor como Sua Noiva. De modo que não vou falar sobre ela.

A noiva em Rebeca

Rebeca vem em seguida nesta linhagem santa, e nela temos a Noiva novamente, como em Eva. Mas grandes e abençoadas verdades relacionadas com a Noiva são contadas em Rebeca. Ela está separada de Isaque. Ele está longe e nunca a viu. Mas Rebeca é a escolha do pai e o cuidado de Eliezer, até que Isaque a receba. Isaque ansiava por ela. Isso é demonstrado por ele sair em solidão para meditar ao entardecer. Mas, além do sentimento desta solidão, não vemos Isaque fazendo ou sofrendo nada por ela. O conselho sobre a esposa é feito entre Abraão e Eliezer. Eles estabelecem todo o plano. E Eliezer, em belo serviço abnegado, trabalha duro e viaja para garantir esta Noiva eleita para Isaque.

E ele a protege. E ele a prepara para ele. Ele não apenas a separa de seus parentes e da casa de seu pai, mas a conduz através do deserto; no caminho, sem dúvida, contando-lhe muitas histórias sobre aquele de quem ela seria em breve – até que finalmente ele a entrega em segurança nas mãos de Isaque, e Isaque, como Adão, é consolado em sua Noiva.

Esta é uma bela luz na qual olhar para a Noiva; aquela que é trazida de uma terra distante para o seu senhor, tendo sido objeto da escolha do pai e dos cuidados do servo. Isto é um mistério. E nisso temos o Senhor recebendo Sua Noiva pelas mãos do Pai e do Espírito Santo, escolhida para Ele, e dada a Ele, Ele não tendo nada a fazer senão tomá-la em suas mãos, e encontrar nela, como Isaque encontrou em Rebeca, o alívio de sua solidão, a habitante de sua tenda e a companheira de todas as suas alegrias.

A noiva em Raquel

Raquel, a próxima na ordem, se mostra para nós. E nela temos a Noiva novamente, embora com um caráter diferente. Aqui

encontramos aquele que deveria possuí-la e se regozijar nela, peregrinando e trabalhando arduamente por ela. E isso é tão verdadeiro, no mistério, quanto o outro. Pois, em certo sentido, Cristo só precisa receber Sua Noiva das mãos do Pai e do Espírito Santo, o dom de Um e a obra do Outro – mas, em outro sentido, Ele próprio foi para a terra distante, e (como já observei sobre o Noivo) trabalhou arduamente e foi reprovado e injustiçado por ela. Em tudo isso, Jacó representa o verdadeiro Noivo. O Senhor Jesus pessoalmente suportou o calor do dia *sozinho.* Ele não tinha onde reclinar a cabeça, como Jacó – ausente da casa de Seu Pai e do lugar de Sua herança – injustiçado repetidas vezes em um mundo que, como Labão e sua casa, sempre busca o que é seu; e ainda assim, suportando tudo isso, e disposto a suportar tudo isso, pelo amor que Ele tinha por aquela em quem Seus olhos pousaram; como os sete anos de serviço de Jacó lhe pareceram apenas alguns dias, por causa de seu amor por Raquel.

Este é um retrato muito impressionante da verdade quanto qualquer outro que já temos visto; aqui o mesmo mistério da Noiva ainda nos é proclamado, embora ainda numa parte distinta dele. Em Eva, tivemos a sua plena aptidão pessoal para o seu Senhor – em Rebeca a tivemos como objeto da eleição do Pai e do cuidado do Espírito, a fim de entregá-la a Cristo – em Raquel, a vemos como o prêmio, a quem o Senhor coloca diante de Seus próprios olhos, por cuja causa Ele Se entregará ao exílio, ao trabalho árduo e às injustiças. Conforme refletido em Isaque, Ele não tem nada a fazer por ela; conforme refletido em Jacó, Ele tem tudo a fazer por ela.

A noiva em Asenate

Asenate encerra essas maravilhas. Ela é a mulher da quarta geração dos patriarcas. Há a Sara de Abraão, a Rebeca de Isaque, a Raquel de Jacó e a Asenate de José. Ela agora, por sua vez, retoma a mesma história mística. Ela era gentia e de forma alguma estava ligada na carne a José como as demais estavam. A inimizade de seus irmãos lançou José entre o povo dela. E ele é

honrado ali, e com estas honras estrangeiras e gentias recebe uma noiva e família gentia; e no seio dessa alegria inesperada ele está disposto a esquecer, por um tempo, a casa de seu pai, e a considerar-se frutífero ou feliz, embora entre estranhos.

Isto, em sua época, é tão cheio de significado quanto qualquer uma de nossas páginas anteriores neste conto da Noiva. Pois aqui temos a Noiva em seu caráter gentio e celestial. Aqui nos é contado um grande segredo; que esta mesma personagem, cuja beleza e características pessoais vimos em Eva; cuja eleição pelo Pai e condução sob a mão do Espírito vimos em Rebeca; e cuja compra para Si mesmo pelo árduo trabalho pessoal e tristeza de Cristo vimos em Raquel, é uma *gentia,* uma *estrangeira,* trazida à união com o Senhor, depois que Seus próprios parentes na carne O recusaram.

O deleite de Cristo em Seus santos

Tudo isso fala claramente ao ouvido do escriba que é instruído para o reino dos céus; ele traça o mistério da Noiva em tudo isso e ouve Eva, Rebeca, Raquel e Asenate contando partes distintas desse mistério. E como tudo isso nos testemunha *o deleite que Cristo tem em Seus santos!* Não é apenas que Ele os salvou pelo Seu sangue, mas eles são Sua coroa e Sua alegria, Sua glória e Seu deleite. Seu próprio amor e obra foram demonstrados em nós, mais altamente do que em qualquer cena de Seu poder. E este deleite de Cristo nos Seus santos exprime-se fortemente em cada um destes casos. Nós O amamos pelas tristezas que Ele suportou, e Ele ama a nós que valorizamos Seu amor dessa maneira (João 14:21). E se essas afeições não forem entendidas como acontecendo entre Cristo e o santo, se não permitirmos, sem reservas, essa satisfação um no outro, nossa alma não entrará muito naquela comunhão que a Escritura provê. Os Cantares de Salomão não serão entendidos se não permitirmos e não alimentarmos a ideia do deleite de Cristo nos santos, com a mesma certeza com que permitimos a ideia de que Ele os comprou e os santificou com Seu sangue.

Várias formas de amor

Mas esta comunhão deve brotar da inteligência da alma, ou será mero fervor natural. Quando Rute buscou pelos pés de Boaz e não voltou ao campo onde respigara, foi porque Noemi a estava instruindo mais sobre ele. Sua alma foi exposta à luz das palavras de Noemi e, depois de ter sido ensinada, ela deseja uma comunhão mais íntima com ele do que até então desfrutava. Ela busca a *ele mesmo.* O campo de colheita, onde ela era menos do que suas servas, é abandonado, e o lugar de pretendente a ele mesmo é assumido. Ela não pode mais se considerar menos do que uma de suas criadas. Ela busca o amor de um parente, pois sabe que ele é um parente. E isso é verdadeiramente abençoado.

O amor, ou desejo por outra pessoa, assume diferentes formas no coração. Existe o amor de *piedade,* o amor de *gratidão* e o amor de *complacência.* O amor da piedade considera seu objeto de alguma forma *inferior* a si e é cheio de ternura. O amor da gratidão, pelo contrário, considera o seu objeto *acima* de si e é cheio de humildade. O amor à complacência não olha necessariamente para cima ou para baixo, mas simplesmente para o seu objeto e está cheio de admiração. Mas, além disso, existe o amor pelos *parentes.* Tem seu fundamento na natureza e por isso é chamado de **"afeição natural"**. E esse amor de parentesco tem uma glória que é peculiarmente sua. *Ele garante as intimidades mais profundas.* Não há necessidade de se ajustar à presença do outro. Há total tranquilidade em sair e entrar. *Expressões* de amor não são consideradas intrusivas – não, elas são sancionadas como devidas e apropriadas. O coração sabe que tem o direito de se entregar ao seu objeto, e isso também, sem controle ou vergonha. Essa é a glória dessa afeição. O amor de piedade, de gratidão ou de complacência deve agir com decoro e de forma adequada. Mas o amor dos parentes, o amor daqueles que moram na mesma casa e que a natureza ou a mão de Deus uniu, sente o direito de se satisfazer e não teme ser repreendido. Veja, por exemplo, Cantares de Salomão 8:1. Esta é a

sua característica distintiva. Nada admite isso, exceto ele mesmo. Isto é, num sentido pleno e profundo, "afeição pessoal".

Pais e filhos, irmãos e irmãs, maridos e esposas (e devo acrescentar, amigos), sabem disso. Eles conhecem o seu direito de se entregarem, sem desprezo ou repreensão, às mais calorosas expressões do seu amor mútuo. E é a festa mais rica do coração. O amor de piedade tem o seu prazer, assim como o amor de gratidão e o amor de complacência; mas eles não garantem, em si mesmos e por si só, esses fervores *pessoais.* Pessoalmente, seus objetos podem estar abaixo, acima ou à distância, e devem ser abordados com o devido respeito a todos os seus direitos. Mas não é assim com os nossos parentes, porque são as suas *pessoas* e não *as suas qualidades* ou *condições* que constituem a base do nosso amor. Podemos lidar com eles sem desculpas ou reservas. Nesses casos é *a própria pessoa* que o coração abraça. Não são suas tristezas, seus favores ou suas excelências, mas é com ele mesmo que essa afeição trata e com quem conversa.

Interesse em si mesmo

Podemos receber um benefício de uma pessoa e ter a certeza de que o receberemos calorosamente, e ainda assim nos sentirmos pouco à vontade em sua presença. Nada é mais comum do que isso. A gratidão é despertada profundamente no coração e, ainda assim, são sentidas reserva e desconforto. Exige algo além da nossa certeza de sua boa vontade e de nossas plenas boas-vindas ao seu serviço, para nos deixar à vontade na presença de um benfeitor. E esse algo, acredito, é a descoberta de que temos interesse *nele mesmo,* bem como na sua *capacidade de nos servir.*

Isto descreve, a meu ver, a experiência da pobre mulher com o fluxo de sangue (Marcos 5). Ela conhecia a capacidade do Senhor de aliviar sua dor e sabia que era bem-vinda para se beneficiar disso. Ela, portanto, vem e extrai d'Ele a virtude sem reservas. Mas

ela vem *por trás d'Ele.* Isso expressa seu estado de espírito. Ela sabe que é bem-vinda ao Seu serviço, mas nada mais além disso. Mas o Senhor ensina seu coração para mais. Ele faz com que ela saiba que ela está interessada *n'Ele mesmo,* bem como em *Seu poder para favorecê-la.* Ele a chama de **"filha"** e reconhece parentesco ou relacionamento com ela. Esta foi a única comunicação capaz de remover seus medos e tremores. Seu rico e poderoso Benfeitor é seu parente. Isso é o que seu coração precisava saber. Sem isso, no espírito de sua mente, ela ainda estaria **"por trás d'Ele"** (ARA). Mas isso lhe dá tranquilidade. **"Vai em paz"** pôde então ser dito, bem como **"sê curada deste mal"**. Ela não precisava ter reservas. Cristo não a trata como Tutor ou Benfeitor (Lucas 22:25). Ela tem interesse *n'Ele mesmo* e também em Seu *poder para abençoá-la.* E o mesmo acontece com os Cantares de Salomão. É o amor que garante *a intimidade pessoal* (a exemplo dos relacionamentos mais próximos e queridos) que este adorável livro respira. A era da união ainda não chegou. Mas é a hora do noivado e nós somos o Seu deleite. Na verdade, era assim antes que os mundos existissem (Provérbios 8).

Crendo em Seu Amor

Cremos nisso? Isso nos deixa felizes? Naturalmente desconfiamos de qualquer oferta que nos faça felizes em Deus. Porque nosso senso moral, nossa consciência natural, nos diz que perdemos todo o direito até mesmo às Suas bênçãos comuns. O mero senso moral será, portanto, rápido em se opor a isso, e questionará todas as ofertas de paz do céu, e estará pronto para desafiar a sua realidade. Mas aqui entra o vigor da mente espiritual, ou a energia da fé. A fé contradiz essas conclusões da natureza. Às vezes recusa-se a *pensar* de acordo com o sentido moral da natureza, assim como às vezes se recusa a *agir* de acordo com as reivindicações relativas da natureza. Em seu próprio lugar, os ditames do senso moral e as reivindicações da natureza são sagrados – como lemos: **"não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter cabelo crescido?"** Mas ainda assim esses ditames não são supremos. Se Deus fizer Sua reivindicação

ou fizer Sua revelação, as *relações* da natureza e o *senso moral* da natureza devem retirar sua autoridade. **"Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim não é digno de Mim"**. E na revelação de Deus, a fé lê nosso abundante título de estar perto d'Ele e feliz com Ele, embora a consciência natural e nosso senso de adequação das coisas nos fariam pensar de outra forma. A fé se alimenta onde as sensibilidades morais da mente natural a considerariam presunção até mesmo pisar.

Pergunto, então: ponderamos, sem reservas ou desconfiança, o pensamento de tal amor por nós no coração de Jesus como este livro sugere? Isso nos faz felizes? Devemos o amor de filhos a Deus como nosso Pai, o amor de redimidos a Deus como nosso Salvador, o amor de discípulos a Jesus como nosso Mestre e Senhor. Mas qual é o amor que devemos por esse caminho do coração de Cristo para conosco? Como devemos corresponder a esse amor de uma maneira digna? Este livro, acredito, nos diz. Mas isso conduz a alma ao Santo dos santos. E que tristeza, e vergonha, e angústia de coração surgem, quando refletimos quão pouco estamos lá, e quantas histórias contra nós tudo isso sempre conta!

Os atributos do noivo

Cantares de Salomão não nos dá os caminhos da afeição de filhos, ou da afeição devida a um benfeitor. Mas eles nos dão, creio eu, a atuação do amor dos noivos, tanto no coração de Cristo como no nosso. O gozo de ouvir a voz do Noivo, posso dizer, cumpre-se aqui no coração do santo, como aconteceu na alma do Batista. E quais, eu perguntaria, são os atributos de uma afeição dominante como essa? Qual é o poder dela quando se instala em nós?

Quanto ao *serviço*, essa afeição o torna bem-vindo. Dizer que o serviço para o objeto desta afeição é **"perfeita liberdade"** é frio demais. Ela torna o serviço infinitamente gratificante, embora exija abnegação ou cansaço. E ela pode fazer a sua oferta sem se

importar com a aprovação de algum olhar ou coração, a não ser aquele de quem se tornou seu objeto. Ela não se importa que outros sejam capazes de estimar seus caminhos. Ela tem todos os frutos desejados do seu serviço, se o seu objeto o aprovar, e dá apenas a sua presença no final do mesmo. Quanto à *sociedade,* esta afeição não deseja nada além daquilo que vem de seu objeto. Se não há cansaço no serviço, como temos dito, também não há aborrecimento na solidão. Tudo o que importa é a presença daquele que comanda o coração. Não há sensação de solidão, se apenas esse alguém estiver presente; não há sensação de saciedade, embora ele seja *sempre* presente. Quanto à *autoridade na alma,* ele ocupa o seu lugar, não preciso dizer, sem rival. É o homem do coração. Rompe as amarras e corta as cordas de outros desejos. Isso nos faz subestimar todas as coisas, exceto ele mesmo. Pode envolver outras coisas, mas isso é apenas passageiro. Ele está sempre olhando para o que lhe é próprio, mesmo que outras coisas estejam por algum tempo em primeiro plano. Ele olha para ela através das grades. As outras coisas são estimadas de acordo com sua conexão com ele. E controlará o que é errado e cultivará as tendências corretas do coração; pois ocasiões que poderiam ferir a vaidade ou gratificar o orgulho não são valorizadas ou perseguidas, enquanto o mantivermos; e ainda assim, para nos aprovarmos lá, fortaleceremos o coração e a mão para caminhos grandes e generosos.

O lugar supremo no coração

Que intensidade está aqui! E que pureza também! Refresca a alma pensar que fomos criados suscetíveis a tais afeições. Mas o aviso de alguém é oportuno. *"Onde quer que uma paixão tenha essas propriedades, ou qualquer uma delas, visíveis nela, ela não pode evitar tornar-se prejudicial a Deus e a si mesma, a não ser que seja consagrada a Deus. A própria nobreza dela Lhe dá direito a ela."* Mas o mesmo nos diz que devemos procurar, não *aniquilá-la,* mas *transfigurá-la*. Ele diz: *"Eu não gostaria que fosse engolido pela morte, o destino comum, mas seria enobrecido por um*

destino como o de Enoque e Elias, que, tendo deixado de conversar com os mortais, não morreram, mas foram transportados para o céu".

É bom para nós ouvirmos isso. O coração tem sido feito profundamente suscetível a essa afeição, e Cristo é o Objeto oferecido por ele. Ele a Si mesmo Se propôs ao coração. Ele reivindica o lugar supremo em nosso coração. **"Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim não é digno de Mim"**. Qualquer que seja a paixão da alma, é direito de Deus ter o mais alto exercício dela em relação a Si mesmo. Ela não O teria tratado como Deus se ela não Lhe tiver dado isso. Se cada uma das paixões de nossa alma não Lhe dá as maiores e mais ricas ofertas, não é uma paixão *de adoração.*

Isto podemos prontamente conceder, necessitando, no entanto, de aumento de graça para sermos adoradores nesse aspecto. Na linguagem de alguém; *"como, entre os Judeus, havia unguentos odoríferos, que não era incomum nem ilegal usar ou dar a seus amigos, mas havia também uma composição peculiar de um unguento precioso, que Deus reservou para Seu próprio serviço, a perfumação de outros com tal unguento era um sacrilégio, portanto há graus regulamentados de amor que podemos nutrir pelos outros, mas há também um certo tipo peculiar de amor que pertence a Deus"* (Êxodo 30:34-38). Devo acrescentar que é idolatria quando concedida a uma criatura, mas é adoração quando prestada a Ele.

O coração apegado a Cristo

Isto pode parecer uma verdade solene, mas é uma verdade feliz. Não é uma bênção saber que nosso Senhor reivindica nosso coração e afeições? Algum de nós, amados, leu **"o primeiro e grande mandamento"** sem, pelo menos às vezes, regozijar-se na graça que nos faria tal exigência? (Marcos 12:30). Será que não significa nada para nós que o próprio Deus valorize o nosso amor e que Ele nos diga: **"Dá-me, filho Meu, o teu coração"?** As virgens

sábias deleitaram-se com tal verdade. Muitas saíram com elas, professando a expectativa comum. As tolas tinham lâmpadas. Elas ocuparam seu lugar na profissão comum. Mas as sábias calcularam o custo da ausência do Noivo e a esperança de Seu retorno. No espírito de suas mentes, elas disseram que, fosse Sua demora longa ou curta, elas ainda deveriam esperar, pois nada poderia satisfazê-las, exceto Sua presença. A noite de Sua ausência poderia ser longa ou curta – elas não sabiam dizer – elas não se comprometeriam a dizer. Pode ser, quanto à duração, uma noite de verão ou uma noite de inverno. Mas o coração delas reconheceu profundamente isso – que nada poderia encerrar, nada poderia transformar aquela sombra da morte em manhã, a não ser a presença restaurada do Noivo. Nisto a alma delas estava fixada. E, portanto, levaram vasos de óleo, bem como lâmpadas. Elas se prepararam para uma temporada noturna, contavam com um período sombrio, até que Jesus voltasse. A expectativa de seu coração apontava tão supremamente para Ele, que nada poderia transformar a esperança em desfrute, exceto a Sua presença; elas devem estar esperando, esperando e ainda esperando, até então. **"Esperança até o fim"** (TB) elas se propuseram a manter, pela graça que lhes seria trazida na revelação de Jesus Cristo. Foi uma esperança *de adoração.*

O frescor inicial desvaneceu, não tenho dúvidas. Isso pode sustentar a nós que estamos tão conscientes da letargia e da tolice do nosso coração. O brilho daquele momento em que a lâmpada foi acesa pela primeira vez diminui. **"E, tardando o Noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram"** (ARA). Mas a realidade do supremo deleite em Cristo e do desejo por Ele não havia desaparecido. Os vasos ainda estavam ao lado das virgens adormecidas. O óleo não precisava ser *comprado,* mas apenas usado *novamente.*

Como tudo isso, como numa parábola, fala do coração apegado a Jesus! E os Cantares de Salomão expressa o mesmo. E os nossos

próprios poetas cantaram este amor, bem como estas canções místicas do Rei de Israel:

"Jesus tem possuído todos os meus poderes,
Minhas esperanças, meus medos, minhas alegrias,
Ele, o querido Soberano do meu seio
Ainda comandará minha voz.
Alguns dos coros mais belos acima
Se reunirão em torno do meu cântico,
Com alegria ao ouvir o nome que amam
Soar da língua de um mortal."

O poder da afeição

A Igreja recebe inspirações como não estando acima da medida ou da melodia da alma. E queremos que essas afeições nos façam felizes e nos libertem. É um método divino para nos libertar da tirania dos desejos carnais ou mundanos. É a maneira do Espírito despojar outras atrações de seu poder de seduzir e encher o coração, e de elevar a alma acima das preocupações de ansiedades inferiores. Veja o poder dominante de tal afeição sobre a pobre pecadora em Lucas 7. Trabalhando em seu coração, ela ficou surda às censuras e cega aos esplendores do fariseu e seu banquete. Ela conhecia apenas seu Objeto. O banquete e os convidados passaram despercebidos por ela. Esse era o *poder* da afeição nela. E qual foi o valor disso para Cristo? Nada do que ela falou ou fez passou despercebido por Ele. Ele parecia estar em silêncio e ser apenas o Receptor passivo de suas ofertas; mas Ele havia notado todas elas. As lágrimas, o beijo, o unguento e tudo mais foram anotados no livro de Suas recordações e elas são lidas a partir daí, quando chegar a hora de abrir esse livro.

E veja o mesmo em Maria no sepulcro. Ela vê os anjos. E eles eram deslumbrantes, lindos em sua geração e maravilhosos aos olhos de carne e osso. Mas o que era todo o esplendor para ela então? O cadáver de seu Senhor era seu Objeto, a imagem

afetuosa de seu coração, e até mesmo as glórias celestiais podem ser ignoradas na busca por Ele. O mesmo acontece com Davi de antigamente. Sua alma estava cheia de gozo no Senhor. Ele dançaria diante da arca, **"perante Ele ainda hei de dançar"** (AIBB); e se isso fosse uma vergonha, ele pretendia ser ainda mais vil. Tal como aconteceu com Zaqueu também, não um rei como Davi, mas um mero cidadão de Jericó (pois o Espírito une ricos e pobres, altos e baixos, gentis e simples, como falamos, numa só afeição), ele pressionava a multidão, e sem parecer pensar na estranheza do ato, subiu em um sicômoro em busca do desejo que então comandava seu coração.

Gostaria que isso, amado, fosse mais derramado em nosso coração! Como deveríamos aprender a entreter Cristo, como esta paixão entretém ou embalsama o seu objeto! E que céu será, quando Ele for nosso desta forma, alimentando esse fogo em nossa alma, e nos dando a conhecer, em Si mesmo e em Suas belezas, esse amor sublime sem esfriamento para todo o sempre!

Quem dera que nosso coração ansiasse por Ele! Isto é o que encontramos exalado nos Cantares de Salomão. Não é o amor filial ou o amor agradecido que enviaria uma mensagem como essa. Diga-lhe que **"estou doente de amor"** (JND). É mais do que isso. Essa não é a linguagem dessas afeições, mas essa é a linguagem dos Cantares de Salomão. E, portanto, não podemos dizer menos deste livro daquilo que ele é, de uma maneira mística, as declarações de Cristo e de uma alma viva e desposada – todas brotando da fé que dá à alma a feliz garantia de aceitação e favor com Deus por meio do Senhor Jesus Cristo.

Poemas Alegóricos

Quanto à estrutura do livro como uma composição, não tenho dúvida, nem por um momento, da correção daqueles que o tratam como *"uma coleção de idílios distintos ou pequenos poemas perfeitamente destacados e separados uns dos outros, sem outra conexão além da que eles derivam de um tema*

comum, as peculiaridades do estilo de um autor comum, e talvez alguma unidade de concepção no sentido místico, que pretendem apresentar". Os sentidos espirituais dos santos devem ser exercitados no discernimento dos inícios e finais destes diferentes cânticos ou pequenas canções, e na interpretação dos santos mistérios que eles expressam. Certamente, podemos esperar diferentes luzes e diferentes regozijos ao fazê-lo entre nós. Mas que estas canções ou pequenos poemas são alegorias, nenhum de nós duvidará. As relações íntimas de um casal de noivos são as imagens; o amor de Cristo e do santo, o sentido místico. E garantidas, tenho certeza, são as sugestões de alguém sobre este assunto, *"que existem aquelas manifestações de Seu amor, e aquelas afeições acesas no coração para com a Pessoa do Filho de Deus, que podem muito bem tomar emprestadas suas alusões da afeição mais terna e poderosa que subsiste entre os homens"*. **"E como o noivo se alegra da noiva, assim o teu Deus Se alegrará de ti"** (TB); **"O SENHOR, teu Deus, está no meio de ti, poderoso para te salvar; Ele Se deleitará em ti com alegria; calar-Se-á por** [**descansará em** – JND] **seu amor, regozijar-Se-á em ti com júbilo"**; **"Assim o rei desejará a tua formosura"** (TB); **"Tu ficarás Comigo muitos dias**... **assim quero Eu ser também para ti"**; **"Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja"**. Estas e passagens semelhantes, com muitas histórias típicas na Escritura e algumas ordenanças da lei, todas justificam esse pensamento, bem como o caráter das muitas atuações do Espírito na alma dos santos.

A autoridade divina deste livro nunca foi questionada de alguma forma digna da menor consideração por parte daqueles que andam simplesmente na luz de Deus, recusando o homem, os seus pensamentos e a sua sabedoria. **"Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século?"** Foi sempre reverenciado pelos Judeus como parte dos oráculos de Deus e, nesse caráter, podemos assegurar-nos, recebeu a sanção de Cristo e do Espírito Santo nos apóstolos. Ninguém deveria parar por um momento para admitir o seu valor para a alma do

santo. *"Podemos"*, como bem disseram, *"formar apenas uma suposição sobre algumas de suas belezas, mas, nas mãos de um Cristão, ela é investida de um brilho mais intenso do que poderiam ter discernido aqueles que as leram nos dias de Salomão. Pois, embora, no que diz respeito às imagens exteriores das alegorias, algumas de suas belezas possam ser perdidas, o sentido místico oculto é trazido mais à luz e manifestado com mais plena certeza ao crente sob a dispensação do Evangelho.* ***'Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes e não o viram'*** *"*.

Comunhão baseada na aceitação

Não há neste livro nenhum questionamento sobre o fato, a base ou a natureza de nossa aceitação por Deus. Tais questões e indagações são resolvidas previamente. A comunhão está no *estabelecimento* de todas elas, como já observei. A aceitação diante de Deus é conhecida. O que temos aqui é o deleite em Cristo, a ocupação com Ele mesmo. Não é a descoberta d'Ele, nem é a confissão dos pecados. A comunhão é a comunhão *de um pecador,* certamente – mas é de um pecador conscientemente perdoado, aceito e amado. E quando qualquer tristeza ou arrependimento é sentido ou reconhecido, não é por qualquer mancha ou transgressão aberta, mas por algum retrocesso espiritual, alguma frieza momentânea, alguma fraqueza em manter ou cultivar o devido fervor da alma. Isso deve ser muito observado. Nada grosseiro, ou mesmo evidente, na conduta – nada estabelecido como um hábito é detectado aqui – nada que uma alma que ainda não estivesse em comunhão simples e sincera com Jesus pudesse ficar apreensiva. É apenas uma *preguiça de coração presente e temporária.* O próprio arrependimento e confissão são de tal natureza que indicam o tom delicado da alma que poderia senti-los e expressá-los. O contato ou toque é tão terno que a própria percepção dele fala da delicadeza do coração que o percebeu e se ressentiu.

Alegria do Senhor como nossa força

Mas que elemento é este! Oh, quão grosseiras, amados, são nossas sensibilidades comparadas com tudo isso. Nossa pobre alma raramente se envolve nisto; muitas vezes ela está empenhada em fazer novamente as primeiras obras, em lamentar as vantagens que nossas concupiscências tiraram de nós, as surpresas que o calor dos temperamentos errados causaram e coisas semelhantes. Mas toda essa ocupação da alma nos mantém aquém desse deleite puro e espiritual em Cristo, dessa doença do amor, dessa respiração nas montanhas de mirra, e desse cultivo e manutenção do jardim de especiarias, aqui tão abençoadamente apresentados. Certamente sabemos pouco disso. Será que Deus é nossa maior alegria? É nos aposentos do Rei e em pensamentos de glória que caminhamos? Estará nosso nardo saudando nosso Senhor? Nossa alma é capaz de chamá-Lo nada menos que nosso **"Amado"**? Na verdade, seria bom se afeições como essas preenchessem e comandassem nosso coração. Então deveríamos ter armas de vitória segura para enfrentar nossos inimigos e derrotar os desejos e pensamentos intrusivos que tantas vezes nos contaminam. No estilo figurativo de alguém, podemos dizer: *"Como quando, numa manhã clara, o Sol nascente se concede visitar-nos, as estrelas brilhantes que adornavam o nosso hemisfério, bem como as sombras escuras que o obscureciam, desaparecem"*. A concupiscência não poderia, com qualquer poder, vir contra uma alma ocupada com isso. Esta **"alegria do Senhor"** seria de fato a nossa **"força"**. Pois que morada se abre aqui para a fé entrar! Que casa de banquetes para a alma! Quão distantes do medo e da obscuridade de consciência estão essas regiões! A terra da rola é esta, o jardim de todos os frutos excelentes.

Mas onde está a fé preciosa para entrar e caminhar até lá? Precisamos clamar por largueza de coração nas entranhas de Cristo Jesus. Ocupar-se com tais afeições traz influência para toda a alma. Isso a fortalece e a santifica – pois todas as questões de nossa *posição* são antecipadas, e nossa energia para *enfrentar a*

tentação é aumentada, e por meio disso a *liberdade* e *a pureza* da alma são asseguradas. Pois como pode ser nutrida a ideia de *condenação* ou a tentação que traz *contaminação,* quando o crente está procurando alcançar mais a luz e o gozo de uma comunhão como esta? Isso não o leva a mais do que uma mera fuga de um espírito de escravidão ou do mal prático? Não é este o método divino de torná-lo mais do que um conquistador?

A moral do Livro

Por expressar uma comunhão como esta, este livro dos Cantares de Salomão pode servir a qualquer santo. Não quero dizer, porém, que possamos necessariamente seguir um caminho de experiência e passar de um estágio para outro. Mas de acordo com o conhecimento cada vez maior que a alma tem de Jesus, assim será, naturalmente, a sua experiência cada vez maior. E deveria haver *progresso* – como lemos: **"Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo"**. E à medida que as diferentes relações que o Senhor mantém conosco são apreendidas e abraçadas pela alma, surgirão experiências correspondentes, pois a experiência é a nossa entrada no poder dessas relações. E julgo que os Cantares de Salomão são as declarações da alma em um ponto desta jornada, desde a primeira vivificação até o desfrute completo e final. Não é a experiência de Rebeca quando se levantou para deixar a Mesopotâmia, nem de Rute, quando se preparou, em Moabe, para tomar o Deus de Noemi como seu Deus, nem como depois uma respigadora no campo – é o exercício do coração de Rebeca, enquanto em seu caminho até Isaque, ouvindo as histórias de seu gracioso e sábio condutor, e de Rute aos pés de Boaz, como pretendente de sua mão e seu nome.

Esta é a moral geral do livro. Mas sendo assim, posso admirar ainda mais a perfeição do Espírito ao fazer deste um livro curto. É um caráter muito íntimo para ter sido muito divulgado. Ele permanece no interior. São os recessos do templo. Foi chamado pelos Judeus de **"Santo dos Santos"**. E esse era o menor lugar, e

também o mais retirado. Ele expressava o caráter mais profundo da comunhão com Deus. Havia uma comunhão no altar de cobre ou na pia de cobre nos átrios – outra no lugar santo, à mesa, no castiçal e no altar – e outra na presença do próprio Senhor, no lugar santíssimo. E deste caráter de comunhão é aquela que os Cantares de Salomão expressa. Pode ser que a alma não consiga entrar nesse lugar todos os momentos. Rute não estava preparada para se colocar aos pés de Boaz quando entrou em seu campo como respigadora. O ensinamento que ela recebeu de Noemi foi necessário para levá-la à eira.

Avançar na intimidade

E esse pequeno livro parece iniciar com a alma expressando tudo isso. Inicia com um forte e fervoroso desejo para com *Ele* mesmo*;* estendendo a mão para apreendê-Lo de uma maneira mais íntima do que havia sido entendido anteriormente. É como se o santo estivesse consciente de estar numa condição inferior à que agora satisfaria. Pois às vezes a alma repousa simplesmente no terreno firme das doutrinas; tais como **"O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado"**. É o poder simples e seguro de tal verdade que por si só responde, às vezes, à necessidade da alma. Mas, novamente, às vezes, o terreno sob nossos pés, como crentes, é entendido e sobre ele descansamos, e é o próprio Senhor que a alma deseja. E tal é a sua condição aqui. **"Beije-me Ele com os beijos da Sua boca"**. Ela vinha cuidando das vinhas – cuidando das coisas no exterior, mas agora estava aprendendo que sua própria vinha havia sido negligenciada; e as coisas mais profundas da comunhão pessoal são almejadas. O santo está deixando o lugar de Marta e tomando o de Maria, desejando alimentar-se sob Seus próprios olhos e de Suas próprias mãos, e não pelas de outrem. E no final, a alma parece saber que *se tornou guardiã da sua própria vinha.* No início, houve a tristeza de que as vinhas de outros tivessem sido guardadas, mas a sua própria tivesse sido negligenciada (Cantares de Salomão 1:6); mas agora tem consciência de estar mais em casa, mais preocupada com a sua própria vinha; como se

tivesse deixado o lugar de Marta, ocupada com muitas coisas, e assumido o lugar de Maria, aos pés de Jesus em comunhão pessoal (Ct 8:12).

Este é o avanço, o avanço consciente e feliz, que a alma faz por meio destes exercícios. Alcançou uma ordem superior de comunhão com o Senhor e deseja que isso continue até que Jesus volte.

O próprio estilo da escrita também é exatamente aquele que se adapta ao coração sob o poder de uma afeição dominante. **"Beije-me Ele com os beijos da Sua boca"** – como Maria Madalena ao suposto jardineiro – **"Se tu *O levaste*"** – ambas as passagens *significando* Cristo, mas nenhuma *nomeando-O.* Pois "o coração já estava absorvido com os pensamentos d'Ele, e para *esse parente* esses pensamentos eram aquele anterior – aquele bom assunto que o coração estava ditando. Pois aqueles que estão cheios de Cristo estão prontos a pensar que outros também deveriam estar assim". Ou é como a linguagem do apóstolo, que *se refere* ao dia da glória e do reino sem *nomeá*-lo, quando diz: **"eu sei em Quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até *àquele Dia"***; e novamente: **"Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará *naquele Dia"***.

Verdade e Amor estão unidos

Assim é, no próprio estilo e maneira da mente renovada, olhando, como o faz, tanto para o próprio Senhor quanto para a glória. E abençoadas são essas afeições. A verdade ou a doutrina do evangelho não é um sistema frio e rígido. Certamente nossa alma deve saber disso. Às vezes é estabelecido em proposições, assumindo a forma de um argumento, deduzindo conclusões de premissas adequadas e comprovadas. Mas ainda assim o evangelho exige as afeições mais calorosas e provê abundantemente para elas. *Mesmo os próprios Cantares de Salomão nunca ultrapassa os limites estritos do evangelho. Nunca*

excede a medida que as regras mais estritas da verdade evangélica prescreveriam. Assim, para que possamos interpretar essas pequenas canções ou idílios à luz das Escrituras didáticas, como podemos ler proveitosamente essas Escrituras no fervor dos Cantares de Salomão. O apóstolo diz: **"vos desposei com um só Esposo, para vos apresentar a Cristo como uma virgem pura"** (TB). Isso pressupõe tudo o que está nos Cantares de Salomão. E desta forma, o evangelho, no seu sentido mais estrito, explicará tudo o que está nos Cantares de Salomão. Este último delineia as afeições que se adaptam bem às verdades e revelações que o primeiro ensina ou transmite. Mas sendo isso tão importante, a meu ver, desejo exemplificá-lo em alguns detalhes.

O Evangelho e o Cantares de Salomão

Nestes idílios, o Senhor considera o santo totalmente amável. E assim é o crente aos Seus olhos. Sendo pecador em si mesmo, ele, pela fé, assumiu sobre si a beleza de Cristo. Ele está **"n'Ele"**. Ele tem **"a justiça de Deus"** sobre ele. Ele é **"agradável** [**aceito** – KJV] **a Si mesmo no Amado"**. Somente a fé lhe dá toda essa formosura. Ele foi batizado a Cristo e revestido de Cristo. Esta é a beleza do crente; e ele é agradável aos olhos de Cristo, como os Cantares de Salomão expressa repetidas vezes.

Na verdade, nesta forma de beleza não pode haver mancha. Pois é com o próprio Cristo que o crente está vestido. A **"melhor roupa"** da casa do Pai está sobre ele. É uma beleza imaculada em que ele brilha. A doutrina do evangelho nos ensina isso, e aqui Cristo expressa Seu deleite nela; tais harmonias existem entre os evangelhos e os Cantares de Salomão.

Mas, além disso, no mistério de Cristo e do crente, Cristo tem um **"monte da mirra"** para a qual Ele aqui convida o crente a dirigir seus passos – e Paulo nos exorta: **"se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus"** O crente sobe aqueles montes com Jesus, como aqui convidado e como no Evangelho exortado.

Sua cidade (pátria – ARA) está no céu. Em Cristo ele está assentado nos lugares celestiais. E ele cheira a mirra e o incenso que ali estão.

Novamente, o Senhor Se deleita nas graças de Seu santo. Ele repousa, com o amor da complacência, no crente que anda no Espírito diante d'Ele (Jo 15:10). Ela é um jardim fechado sob Seu olhar, um manancial fechado, uma fonte selada. Conforme lemos, o Espírito está nele, uma fonte de água jorrando para a vida eterna. Ele tem o cheiro das especiarias e os fluxos da água viva *em si mesmo,* e a fragrância e o frescor destes alegram seu Senhor novamente. Este é o ensino do evangelho, e esta é a linguagem de Cristo nos Cantares de Salomão. Ele Se deleita com o que está *em nós* por meio do Espírito, bem como com o que está *em nós* por meio da fé. Ele tem Seu gozo nos lugares de comunhão com Seus eleitos aqui, como no céu ao qual Ele ascendeu.

Isso nos é amplamente dito na Escritura. **"Ouve, filha, e olha, e inclina teus ouvidos; esquece-te do teu povo e da casa de teu pai. Então o Rei Se afeiçoará da** [**desejará a** – TB] **tua formosura, pois Ele é teu Senhor; adora-O"** (Sl 45:10-11 – ACF). Aqui está algo além da beleza *imputada.* Pois aqui aprendemos a graça nela que acende Seu desejo. Ela esqueceu o seu próprio povo e a casa do seu pai, por isso o Rei a deseja. E ela O reconhece como Senhor e O adora. Ela Lhe prestará afeição e homenagem. E toda essa graça adequada e atraente foi demonstrada em Rebeca. *Ela deixou tudo por Isaque.* Ela esqueceu o seu próprio povo e a casa do seu pai, e atravessou um deserto desconhecido na companhia de um estranho, na singeleza e devoção de um coração não dividido. E ao chegar àquele por quem ela consentiu em tudo isso, *ela lança-se de seu animal e se cobre.* Ela veste o ornamento de um espírito manso e tranquilo. Ela se reveste de timidez e sobriedade. Ela ama, e ainda assim se curva. E então Isaque a deseja. E assim deve a Igreja estar *sujeita* a Cristo, e ainda assim *amá*-Lo com amor virginal. Leia sobre isso em Efésios 5 e 2

Coríntios 11:2. (Afeição gera confiança. Rebeca se comprometeu com Eliezer, *nunca pedindo escolta ao pai ou ao irmão.* Portanto, quanto mais simplesmente amamos Jesus, mais confiantemente nossa alma confiará somente n'Ele e em Seus suprimentos para nós, sem confiança na carne ou qualquer coisa mais).

E nos Cantares de Salomão encontramos o Espírito de Cristo convidando Seu santo para a liberdade deste tempo presente, para a atmosfera de uma casa onde o brado de adoção é ouvido. Toda a era mais sombria e fria já passou. Toda aquela dispensação que mantinha a alma em escravidão e temor acabou. Ouve-se a voz da rola; a voz daquele perfeito amor que lança fora o temor. **"Vão passando as trevas, e já a verdadeira luz alumia"**, diz João, como se tivesse em mente os Cantares de Salomão. O santo deve agora levantar-se, assumindo o seu lugar como o *amado* e o *belo,* estando na plena consciência da pureza e da beleza pessoal, por meio da graça, e do perfeito favor e deleite do seu Senhor. Ele deveria se afastar do **"espírito de temor"** e passar para o espírito de amor e de poder **"e de uma mente sã"** (KJV). Pois tudo na dispensação alegra. As flores aparecem na terra e ouve-se o canto dos pássaros. Tudo é promessa, penhor, e selo, e unção.

E novamente, se a noiva dos Cantares de Salomão *diz:* **"Enquanto o Rei está assentado à Sua mesa, dá o meu nardo o seu cheiro"**, a discípula do evangelho *faz* isso (João 12:3).

E, de acordo com tudo isso, podemos observar como algumas das declarações mais ternas deste livro são garantidas pelas simples narrativas do evangelho. Se o amado zela pela alma restaurada com o mais carinhoso zelo, não permitindo que o passo ocupado de outros perturbe o descanso silencioso e oculto daquela amada, o que Jesus faz na casa favorecida de Betânia senão isso mesmo? Como Ele repreende os movimentos de Marta? Leia sobre isso em Cantares de Salomão 2:7 e Lucas 10:41 (**"Até que *ela* queira"**, deveria ser, já que **"amor"** é feminino neste livro. Cantares de Salomão 2:7; 3:5; 8:4).

Princípios morais

Os grandes princípios morais da verdade também são entendidos aqui de forma estrita e completa, embora sob ilustrações muito delicadas e espirituais. Tiago diz: **"Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites"**. Neste livro lemos: **"De noite busquei em minha cama Aquele a Quem ama a minha alma; busquei-O e não O achei"**. O grande princípio moral, *de que existe uma busca que não encontra,* é igualmente reconhecido em cada uma dessas Escrituras; mas um tem uma exposição muito mais delicada do que o outro. Jesus é aqui procurado na *cama,* isto é, com alguma desatenção mental. A cama pode ser o lugar de *meditação* (Salmo 63; Isaías 26), mas não de *busca,* que exige ação. E, portanto, aquele que *está na cama,* o desatento, apático e sonolento do Senhor, não O encontrará, até que passe pela disciplina, como temos aqui (Cantares de Salomão 3:1-5).

A satisfação de Cristo

Se Cristo repetidamente expressa Sua profunda satisfação por ela, por meio deste livro, o que temos menos do que isso no ensino estrito da Escritura? Ele não descobriu, no início, que Suas **"delícias"** estavam **"com os filhos dos homens"**? E no final, quando Ele vir o trabalho de Sua alma por nós, Ele não ficará **"satisfeito"**? (Provérbios 8; Isaías 53). Se o pecador está contente com Ele, Ele também está igualmente contente com o pecador. A mulher junto ao poço, é verdade, esqueceu-se do seu pote de água por causa d'Ele; mas Ele esqueceu-Se de Sua *sede* por causa dela, e isso foi maior. E então, com igual regozijo de espírito, Ele disse, na mesma ocasião: **"Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis"** (João 4).

Do primeiro ao último momento de nossa história Cristã, nosso poder de revigorar a mente de nosso Senhor é profunda e plenamente reconhecido na Escritura. Nossa primeira confiança n'Ele como pecadores O coloca imediatamente em uma festa (como acabamos de ver em João 4:32), para Se alegrar com Seus

amigos (Lucas 15:9); pois os anjos se alegram. A recuperação de um errante é uma alegria para Ele. Leia a expressão da afeição divina sobre o arrependido Efraim, em Jeremias 31:20. E o que, aos olhos e ao coração de nosso Senhor, é o adequado andar dos santos e suas idas ao santuário? Não é **"um espírito manso e quieto"**, **"precioso"** aos olhos de Deus? Será que o comportamento puro do crente não O *agrada,* não transmite complacência ou deleite à mente divina? (1 Tessalonicenses 4:1). E como tal complacência em nós é testemunhada repetidas vezes pela promessa de que Ele Se manifestará a nós e fará morada conosco! (João 14).

Não confirma tudo isso as sugestões deste livro? E assim, tanto nos evangelhos como nos Cantares de Salomão, Cristo não é levado nos carros do Seu povo excelente (ou disposto – JND)? Onde, pergunto eu, o relato dos setenta O levou? (Lucas 10:17-18). Para onde o desejo dos gregos O transportou? (João 12:21-23). E a fé do centurião gentio poderia, por um momento, manter Seu espírito em deleite e admiração, e então levá-Lo adiante para a glória, quando o Oriente e o Ocidente enviarem para casa os filhos do reino com Abraão, Isaque e Jacó. (Veja Mateus 8:8-11).

Entristecido ou revigorado

Mas a afeição que pode ser *gratificada* desta forma pode ficar *ferida.* Estas estão entre as propriedades do amor. Você pode entristecer e também revigorar o coração amoroso. E o mesmo acontece com nosso Senhor, tanto no Cantares de Salomão quanto nos evangelhos; como lemos também nas Epístolas: **"Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção"**.

E de novo. A noiva aqui sabe que os céus (simbolizados pelos outeiros e montes) receberam o seu Amado. Mas ela sabe também que, embora Ele esteja *à vontade* ali, como um gamo ou um filho do corço em seus montes *nativos,* ainda assim Ele Se deleita na comunhão com ela e a visita, olhando desejosamente

através das grades. E ainda mais; ela sabe que seu dever é vigiar contra intrusões e perturbações, como os guardiões de uma vinha vigiariam contra as raposinhas. E eu pergunto: tudo isso não é a verdade, o prazer e a energia prática, repetidamente reconhecidos e reforçados no ensino do Evangelho? Sabemos que os céus receberam Jesus até **"os tempos do refrigério"**. Sabemos que Ele faz Sua morada atual com o santo e Se manifesta a ele, como não faz ao mundo. E sabemos que deve haver energia e vigilância para que **"andemos no espírito"** e não **"na carne"**, se quisermos provar e desfrutar dessas manifestações de Seu nome em nossa alma.

Trabalho árduo para produzir fruto

Assim, ainda mais adiante, há um jardim, neste livro, sob o cultivo do vento norte e do vento sul, para que possa produzir seus frutos e especiarias ao Senhor. E o estilo mais simples do Novo Testamento não admite totalmente a ideia? O próprio Pai é o Lavrador de uma videira que Ele cava e esterca; e o santo é como um campo que absorve a chuva do céu, para produzir ervas adequadas para Aquele por Quem é cultivado. (Veja João 15; Hebreus 6).

Na figura aqui temos Cristo como um pretendente à porta, pedindo àquela que Ele ama a Sua admissão **"das gotas da noite"**; e no Novo Testamento nós O temos de pé e batendo no coração relutante, desejando aquela recepção que uma afeição reavivada e zelosa certamente Lhe proporcionaria (Apocalipse 3:20). E será bom para nós, amados, se nosso morno laodiceanismo se afastar, como a sonolência desta querida, neste encantador cântico místico (Ct 5:2-16).

O santo conscientemente amado

E não sei se a constante autocongratulação da noiva neste livro está um pouco além da de Paulo. Ela sempre pode falar que seu Amado é dela e, além disso, dizer: **"Eu sou do meu Amado, e Ele me tem afeição"**. Mas ele também pode sempre, em espírito,

cantar (seja qual for o trabalho árduo e o desgaste da vida): **"a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, *o Qual me amou e Se entregou a Si mesmo por mim*"**. E essa é a linguagem de Paulo, feliz na certeza do amor devotado de Cristo por ele. (Isso é comumente interpretado como se Paulo, em Gálatas 2:20, estivesse expressando sua *devoção* ao seu Mestre. Mas não é assim. Isso rouba ao versículo sua extraordinária glória. Ele está antes falando do regozijo de sua alma no conhecimento de que Amante devotado e glorioso ele tinha).

Se, posso também dizer, nas imagens deste livro, o santo amado pode dizer: **"desejo muito a Sua sombra e debaixo dela me assento; e o Seu fruto é doce ao meu paladar"**, o estilo mais simples de uma epístola não é menos fervoroso. **"Ao Qual, não o havendo visto, amais; no Qual, não O vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso"**. Certamente o coração está igualmente na possessão de um Objeto que ele sabe ser adequado para responder a todos os seus desejos.

Terno com o crescimento

E ainda mais. Temos, nas ações deste livro, almas em diferentes elevações, a noiva e **"as filhas de Jerusalém"**. Quanto isso é conhecido entre elas e contemplado nas ilustrações e ensinamentos do Novo Testamento! Nem todos estão totalmente formados – nem totalmente na medida da estatura, por assim dizer. **"Temos uma irmã pequena, que ainda não tem peitos"**. Nem todos são iguais na liberdade da dispensação. Tais pessoas atraem a empatia do santo estabelecido na graça de Deus, e cuidado solícito, oração e indagação ao Senhor são feitos a respeito de tais pessoas, como aqui (Veja Cantares de Salomão 8:8).

Na verdade, não sei se algo pode estar mais nas harmonias do Espírito, nas luzes combinadas e brilhantes do evangelho, do que a expressão da noiva nesta pequena passagem (Cantares de Salomão 8:8-10). As ações de sua alma, tanto para com os outros

como para com o Senhor, são as obras mais doces e escolhidas do Espírito. Ela tem respeito pelas **"fraquezas dos fracos"**, desejando para eles força e edificação na medida mais completa de Cristo, e ainda assim, o tempo todo reconhecendo plena unidade e relacionamento com eles n'Ele, enquanto ela se regozija em sua própria segurança certa e feliz, e na plenitude do seu crescimento, até ao êxtase, que os seus seios eram como torres! E por causa disso, conhecendo o favor de seu Senhor para com ela, e Seu deleite nela. E podemos ter certeza de que tudo isso é pura e ricamente o caminho de uma alma renovada e crente. Adoção plena dos fracos, com desejos de maior liberdade e segurança, e ainda assim certeza de posição pessoal no mais absoluto gozo da inteira segurança, com perfeita persuasão de que toda essa liberdade e confiança estavam profundamente no coração e na mente de Jesus.

Nada pode ser mais perfeito, creio eu, do que tudo isso nas harmonias e luzes de uma mente espiritual, de acordo com o sentido mais estrito da verdade evangélica.

Renovado por um amor despertado

Assim, repetidamente, na história do evangelho, encontramos Jesus sendo levado a esquecer Suas tristezas ao contemplar a fé em um pecador. Ele encontrou ali, como já afirmei, o refrigério do Seu espírito. Ele encontrou um esquecimento transitório de Suas tristezas entre os samaritanos, do centurião, de Zaqueu e do nardo e da comunhão de Maria. Ele busca o mesmo aqui. Ele vem até Sua noiva, para que possa encontrar, em comunhão com ela, alguma outra coisa muito diferente daquela rejeição e recusa que Ele sempre encontrava no mundo. E não é também assim que, se o santo for preguiçoso e descuidado, os fiéis parentes de Cristo ajudarão na disciplina? Se Jesus disser: **"Nem uma hora pudestes vigiar Comigo?"** Paulo dirá: **"portai-vos varonilmente e fortalecei-vos"**. Assim, na ação deste livro. Jesus deixa um memorial da sonolência da alma na **"fresta da porta"**, para que a consciência possa se alarmar; e os guardas da cidade a

espanque, e os guardas dos muros tirem o véu de seu rosto (Cantares de Salomão 5).

As harmonias do **"um Espírito"** são ouvidas em tudo isso. E assim, no decorrer desses pequenos cânticos, posso ver o caminho do Senhor em direção a uma alma arrependida e recuperada (Veja Cantares de Salomão 6:4-13). Ela simplesmente se recusou a abrir sua porta para Ele, mas, por meio da disciplina, foi levada novamente a uma comunhão fervorosa com Ele (Cantares de Salomão 5:2-6:3). E agora Seus olhos e Seu coração estão cheios dela novamente. Ele olha pra ela e a vê tão bela como sempre. Ela é Sua **"imaculada"** e nada menos; nenhuma censura passa por Seus lábios. A movimentação dela em direção a Ele é bela e graciosa em Sua estima. E Ele a fez saber que o arrependimento dela Lhe proporcionou um agradável e maravilhoso refrigério. Assim que ela se dispôs (Salmo 110:2), Ele subiu em um carro para levá-Lo rapidamente e com alegria até ela (Cantares de Salomão 6:12). Ela pode estar surpresa consigo mesma, pode tomar um lugar indigno de qualquer atenção (v. 13); mas o Senhor Se alegra com ela, e os anjos também. Como sabemos nos evangelhos, os noventa e nove justos podem ser deixados por causa de um pródigo; os anjos no céu se alegram; a casa se regozija; os amigos do amado triunfam sobre a Sulamita que retornou. Ela é como o Jacó que retornou: os Maanaim, as hostes de Deus, saúdam a ambos, esperam no limiar da terra ou da casa, para fazer a vontade de seu Senhor para com eles e expressar Suas boas-vindas e preocupação por eles. Leia sobre isso em Gênesis 32:1 e Cantares de Salomão 6:13. (Alguém me fez uma observação que, nos Cantares de Salomão, o Amado expressa *diretamente para ela mesma* as belezas que Ele discerne nela; a noiva nunca faz isso, mas recita Suas belezas aos *ouvidos dos outros;* e observou ainda que havia grande propriedade moral nisso, algo muito de acordo com os ditames de uma atenciosa afeição).

Ansiando pela plena comunhão

E que é que se anseia aqui senão que o dia amanheça? E qual é o anseio da mesma alma nas palavras do Evangelho? **"Ora, vem, Senhor Jesus"** – de forma tão ampla e exata os ensinamentos e as respirações do Novo Testamento, nessas e em outras maneiras semelhantes, medem as afeições do coração neste livro. Cristo habita no coração pela fé. Cristo repousa a noite toda entre os seios (Veja Efésios 3:17; Cantares de Salomão 1:13). E será que o santo não tem sintonizado seu coração com Jesus numa linguagem de igual fervor, tal como todos nós usamos sem nos envergonhar?

"Quão tediosas e insípidas são as horas
Quando Jesus não vejo mais,
Doces perspectivas, doces pássaros e doces flores,
Perderam toda a sua doçura para mim.

O Sol do meio do verão brilha, mas é fraco,
Os campos se esforçam em vão para parecerem vistosos,
Mas quando estou feliz n'Ele,
Julho é tão agradável quanto setembro.

Seu nome produz o perfume mais rico,
E mais doce que a música é Sua voz,
Sua presença dispersa minha tristeza,
E faz tudo dentro de mim se alegrar.

Eu deveria, se Ele estivesse sempre tão perto,
Não ter nada a desejar ou a temer,
Nenhum mortal é tão feliz quanto eu,
Meu verão duraria o ano inteiro."

Outras semelhanças com o Novo Testamento

Estes estão entre os selos colocados nesta bela porção da Palavra de Deus pela mente espiritual do crente, e também por verdades e princípios semelhantes encontrados em outras

Escrituras. E foi dito apropriadamente que *"se não há alusão expressa a este livro no Novo Testamento, a mesma alegoria, como retratando a mesma verdade, evidentemente parece ter sido familiar às mentes dos seus escritores, e para as mentes também das pessoas a quem se dirigiam. Não mais abruptamente João Batista, por exemplo, se refere a nosso Senhor como* ***'o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo'****, como sendo o caráter do Messias que todos conheceriam e entenderiam, do que ele se refere à mesma Pessoa abençoada no caráter do Noivo da Igreja –* ***'Aquele que tem a Noiva é o Noivo'****".*

Tempo de preparação

E não é oportuno, nestes dias de crescente irreligiosidade e mundanismo, alertarmos uns aos outros, amados, para mantermos nossas mentes incorruptas na simplicidade que há em Cristo? Na época de preparação, que é a era atual, e que os Cantares de Salomão contemplam, Eva estava se preparando, sob a mão formadora de Deus, para Adão, e somente para Adão. Adão dormiu para Eva e Eva foi feita para Adão. O mesmo acontece com Cristo e a Igreja. Ele dormiu na morte por nós, e estamos sendo preparados, sob o Espírito Santo, para Ele. **"Vos desposei com *um só* Esposo, Cristo, para vos apresentar a Ele como virgem pura"** (AIBB). Como ele diz também em outro lugar: **"Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós"**, Cristo, e somente Cristo, Cristo em Sua preciosa suficiência por um pecador, em resposta ao pensamento sobre Agar ou os gálatas, em relação a **"dias, e meses, e tempos, e anos"**, aquele outro evangelho que, no entanto, não é outro.

Mas isso é atacado. O evangelho, em sua reivindicação ao pecador de dar sua confiança total em Cristo, tem estado espalhado pelos lábios de milhares de testemunhas, para alegria de milhares de almas. O inimigo assistiu e odiou isso. Trabalhando na cena em que ele vai **"para lá e para cá"** e **"para cima e para**

baixo" (Jó 1:7 – JND), ele está ocupado em seduzir o coração para longe deste evangelho. E o seu sucesso não está muito além do que qualquer um de nós poderia temer? A religião das confianças carnais ou das ordenanças está até agora entre nós. Admite o mundanismo; e o mundanismo está, neste mesmo momento, florescendo em sua companhia. Há a construção de templos para adoração e de palácios para os adoradores; cuidado mais rigoroso para observar, em seu tempo, a devida frequência ao santuário, juntamente com habilidade, energia e iniciativa incomparáveis no avanço da indulgência e elegância da vida humana, de modo a tornar o mundo um lugar *desejável* e *seguro* para se viver – um lugar onde a religião pode agora ser vista como observada e honrada.

Tudo isso é sedutor e afasta o princípio da fé – isso é corrupção da mente ao afastar-se da simplicidade que há em Cristo. O evangelho se dirige ao homem, não apenas como culpado, mas como uma criatura *religiosa.* Encontra-o sob o poder da *superstição* ou *da religiosidade,* bem como do *pecado.* É tão natural que o homem se recuse a entrar na sala de julgamento por medo de ser contaminado, como é, em grande inimizade com Deus, clamar: **"Crucifica-O, crucifica-O"**. E o evangelho recebe uma recusa tão severa por parte do homem *religioso* quanto do homem lascivo. Como nos diz o Divino Mestre, a prostituta entra no reino adiante do fariseu.

Valorizando Sua Bênção

As vaidades religiosas estão desempenhando profundamente o seu papel em nossos dias e fascinando muitas almas. Que resposta, amado, você e eu damos a elas? Será que Jesus é tão precioso que nenhum atrativo tem poder? A pureza virginal da mente ainda é mantida? E, como pessoas castas, ainda estamos desposados apenas com Cristo? Como a recém-formada Eva, estamos nós em nosso lugar de apresentação mais inicial e fresca ao nosso Senhor? Ou será que nós, apartados de Seu lado, abrimos nossos ouvidos à serpente?

O reino dos céus é como uma ceia, uma festa real e alegre preparada para os pecadores, para que possam provar e ver que o Senhor é bom e que é bem-aventurado o homem que n'Ele confia. Não coloca Deus no lugar de um *Recebedor,* esperando que o homem *Lhe dê o que Lhe é devido;* mas coloca-O no lugar de um *Doador,* e o homem é chamado *a valorizar a Sua bênção.* Mas a questão é: quem ouve, com coração desejoso, o convite? Quem usa **"a veste nupcial"**? Quem valoriza Cristo? Quem triunfa em Sua salvação? Quem anseia pelo dia de Seu casamento?

João estava com esta vestimenta, sabendo, como ele sabia, o gozo de ser amigo do Noivo. Ela fluía livremente sobre os ombros de Maria, enquanto ela se assentava aos pés de seu Senhor e ouvia Suas palavras. Paulo a ajustou firmemente sobre si quando disse: **"Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo"**. O eunuco tinha acabado de vesti-la enquanto **"jubiloso, continuou o seu caminho"** com fé no nome de Jesus. Todo pecador se adorna com ela no momento em que seu coração valoriza Cristo. E que gozo é saber assim que quando nos vestimos de Cristo não estamos colocando **"saco"** sobre nós, nem é **"espírito angustiado"** em que entramos, mas **"uma veste nupcial"** nos vestiu, e com uma **"veste de louvor"** adornamos nosso espírito!

Temos aprendido **"o reino dos céus"** dessa forma? Será que entramos nele, em espírito, como um salão de banquetes onde tanto a magnificência como o regozijo nos recebem? Estamos conscientes de que somos convidados do casamento do Filho de um Rei? Aprendemos os mistérios da fé? Temos contemplado a eles? A reflexão sobre eles acendeu um fogo no coração para queimar a palha dos rudimentos mundanos? Paulo tinha esse elemento em sua alma enquanto viajava pela Grécia. E como o brilho desses mistérios se dirigiu aos **"príncipes do mundo"** ali? Isso consumiu todos eles. **"Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século?"** Precioso ardor do Espírito! Que pilha foi disparada dessa maneira nas famosas

cidades dos escribas e dos sábios! E como todos os pensamentos dos homens foram jogados nele como lixo!

E como ele tratou os rudimentos do mundo *religioso?* Ele levou consigo o mesmo sentimento fervoroso de Cristo em suas regiões, para testar que palha e escória havia ali. Na Galácia ele encontrou muito disso; mas ele não poupou nenhuma delas. Ainda que um anjo do céu junte tal lixo; ainda que o próprio Pedro ajude no trabalho; ainda que os gálatas, que antes teriam arrancado os olhos por ele, sejam seduzidos, nada deveria resistir ao calor do Espírito que o levou adiante. **"Ó insensatos gálatas, quem vos fascinou?**... **guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós"**.

Ele poderia fazer menos? Poderia ele carregar Jesus em seu coração e permanecer calmamente e medir sua luz com as luzes da Grécia, ou a grande ordenança de Deus com as tradições do homem?

O que queremos é dar muito valor a Cristo – muito a Si mesmo e a Suas gloriosas realizações pelos pecadores. Queremos simplicidade nesse sentido da palavra – a respiração de uma alma satisfeita com Ele e a paz de uma consciência para sempre descansada em Sua suficiência. **"Que pensais vós do Cristo?"** é a prova, como diz um hino querido e conhecido entre nós:

"Alguns O chamam de Salvador, em palavras,
Mas misturam suas próprias obras com Seu plano,
E esperam que Ele conceda Sua ajuda,
Quando tiverem feito tudo o que puderem.
Se o fazer se mostra muito leve
(Um pouco eles reconhecem, eles podem falhar),
Eles pretendem compensar o peso total
Lançando Seu nome na balança.

"Alguns O consideram a pérola de grande valor,
E dizem que Ele é a fonte das alegrias,

No entanto, alimentam-se da loucura e do vício,
E apegam-se ao mundo e aos seus brinquedos –
Como Judas, o Salvador eles beijam,
E, enquanto eles O saúdam, O traem –
Ah, de que valor será uma profissão assim;
O que aproveitará em Seu dia terrível!

"Se me perguntarem o que penso de Jesus,
Embora todos os meus melhores pensamentos sejam apenas pobres,
Eu digo, Ele é minha comida e minha bebida,
Minha vida, e minha força, e meu tesouro;
Meu Pastor, meu Marido, meu Amigo,
Meu Salvador do pecado e da escravidão,
Minha esperança do começo ao fim,
Minha porção, meu Senhor, e meu tudo."

Um objeto suficiente

Que esses sejam nossos pensamentos e afeições. Eles são o doce testemunho da uma só fé, do um só Senhor, do um só Espírito (Efésios 4), pois expressam a mente que dirige e governa os Cantares de Salomão. Ali, a alma com afeição semelhante tem apenas um objeto, mas esse é o suficiente. Está satisfeita e nunca por um momento sequer procura por um segundo objeto. Tem o **"Amado"** e não se importa com mais nada. Se isso entristece, é por falta de capacidade de desfrutá-Lo. Não busca nada além de Jesus, lamentando apenas que não esteja mais plena e completamente com Ele. E esta é a experiência que devemos desejar: encontrar no Senhor um Objeto que satisfaz, uma cura para as andanças do pobre coração, que, até que se fixe n'Ele, continuará perambulando e ainda dizendo: **"Quem nos mostrará o bem?"**. **"O trabalho dos tolos a cada um deles fatiga, pois não sabem como ir à cidade"**.

"Essa insatisfação com os desfrutes transitórios de que os homens se queixam como a *infelicidade* de sua natureza é de

fato um *privilégio* deles". De fato, esse é um sentimento justo e verdadeiramente apreciado. Por esse ganho sedento, por esse gasto de **"trabalho naquilo que não pode satisfazer"**, lança o coração em Jesus. Como isso sempre foi também é agora. A construção de palácios, a plantação de vinhas, a obtenção de cantores e cantoras, a multiplicação das delícias dos filhos dos homens, todos esses esforços e dores de parto do coração seguem seu curso e ainda seguem seu caminho (Eclesiastes 2). Mas Jesus revelado ao coração, como neste livro, ordena que esses pensamentos e propósitos sejam afastados. Ele fala a linguagem do próprio bendito Senhor; e a experiência nele contida é a experiência da pobre mulher que conseguiu deixar seu cântaro no poço: **"Qualquer que beber desta água tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede, porque a água que Eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna"**.

"Eu Sou a Raiz e a Geração de Davi, a resplandecente Estrela da manhã... Ora, vem, Senhor Jesus" (Ap 22:16, 20).

Céu e Terra

"No princípio Deus criou o céu e a Terra". A cena da obra divina foi dupla; e, consequentemente, **"na dispensação da plenitude dos tempos"**, Deus Se manifestará novamente, tanto no *céu* como na *Terra.*

Eu começaria minha meditação sobre esse assunto divino com Gênesis 1-47, que apresenta, creio eu, uma bela visão do Senhor agindo, alternadamente, no céu e na Terra, até que, no final, os encontramos juntos em uma forma figurada de como será a conexão deles e, ainda assim, a distinção entre eles naquela vindoura dispensação da plenitude dos tempos. Que nossas meditações sejam sempre submetidas à Sua verdade e Espírito, e conduzidas com o temperamento de adoradores.

Gênesis 1-2

Foi somente da *Terra* que Adão foi feito senhor. O jardim era sua residência e ele deveria encher e sujeitar a Terra. Estes eram os limites de sua herança e de seus prazeres. Ele conhecia o céu apenas quando o via acima de si e pelas suas luzes que dividiam seu dia e sua noite. Mas ele não tinha pensamentos que o ligassem, pessoalmente, ao céu.

Gênesis 3

Mas Adão transgrediu e perdeu o jardim, e tornou-se um trabalhador braçal na Terra, em vez de ser o feliz senhor dela (Gn 3:17-19). Ele agora deveria obter dela uma subsistência mínima, até que se deitasse morto sobre ela.

Gênesis 4-5

Tal foi a sua nova condição. Agarrar-se à Terra agora como o seu deleite e porção era agir em ousado desafio ao Senhor do juízo. E tal era o espírito de Caim e de sua família. Ele achava que a Terra era boa o suficiente para Deus e não desejava nada melhor para si

mesmo. Ele deu a Deus o fruto dela e construiu uma cidade para si mesmo sobre a face da mesma, provendo-a com coisas desejáveis de todos os tipos, e indiferente ao pensamento do sangue com que sua própria mão a havia manchado, e da presença do Senhor, a Quem ele havia virado as costas. Mas tal não era Adão, ou Abel, ou Sete, ou aquela linhagem de adoradores que invocam **"o nome do Senhor"**. Eles têm na Terra apenas um lugar de sepultura. Mas tendo a graça provido um remédio para eles como pecadores, e tendo a justiça os separado de uma Terra amaldiçoada, eles creem no remédio e não buscam nenhum lugar ou memorial na Terra, e o Senhor lhes dá uma herança mais elevada e mais rica, até mesmo no *céu* Consigo mesmo, conforme significado na trasladação de Enoque.

Gênesis 6-9

Mas embora o Senhor esteja assim transferindo o cenário de Seus conselhos e as esperanças de Seus eleitos da Terra para o céu, ainda assim a Terra não foi abandonada. Sabemos que ela está destinada a regozijar-se, em breve, na liberdade da glória; ou, como já citei, na **"dispensação da plenitude dos tempos"** (Ef 1:9-10). E, consequentemente, esse propósito o Senhor às vezes repetirá e ilustrará, como faz agora, no devido tempo, na história de Noé.

A família celestial, como acabamos de ver, morreu somente para a Terra e na Terra. Eles poderiam falar, é verdade, tanto sobre o julgamento dela quanto sobre sua bênção que se aproximava. Enoque predisse o julgamento e Lameque a bênção (Jd 14; Gn 5:29). Mas nenhum deles esteve *nas* cenas de que falaram. Mas Noé, que vem depois deles, é novamente um homem da *Terra.* Nos seus dias, a Terra reaparece como cenário de cuidado e deleite divino. Deus tem comunhão com o homem sobre a Terra novamente. Ela passou pelo julgamento da água, e Deus faz um concerto com ela, tem o profeta, o sacerdote e o rei sobre ela, provendo para sua continuidade e governo piedoso. A conexão de Noé com ela era bem diferente da de Caim ou da de Sete. Ele

não a adornou e dela desfrutou, como Caim, desafiando a Deus; nem, como Sete, tomando apenas um lugar de sepultura nela; mas ele desfrutou de toda ela sob o Senhor. O Senhor sancionou sua herança, seu domínio sobre ela e seu prazer nela.

Gênesis 10-11

Assim, a Terra, por sua vez, retoma a história maravilhosa e é o cuidado e o objeto do Senhor. Mas novamente torna-se corrompida diante d'Ele. O próprio Noé, como Adão, inicia esta triste história, e os construtores de Babel, como outra família de Caim, aperfeiçoam a apostasia, procurando encher a Terra de si mesmos, independentemente de Deus. Eles eram caçadores poderosos diante do Senhor. Eles vasculharam a face da Terra, como se perguntassem, com orgulho infiel: **"Onde está o Deus do juízo?"**

Gênesis 12-36

Isso, no entanto, não foi permitido. Outro julgamento cai sobre eles. Eles são dispersos e toda a ordem social humana é terrivelmente desfeita. Mas Abrão é chamado a encontrar a sua comunhão com Deus, à parte do mundo. Sua família morava na Mesopotâmia, além do Eufrates. Ele veio da linhagem de Sem, mas era um adorador de ídolos, como eram todas as nações. Mas a graça soberana o distingue, e o Deus da glória o chama para fora de sua parentela, de sua casa e de sua terra.

É um chamado, porém, que não interfere na ordem da Terra ou no governo entre as nações. Ele é chamado a ser um *estranho,* e não um rival dos **"poderes"**, ou um novo modelo de governador de qualquer povo. Ele anda com Deus como o Deus da glória – um caráter mais elevado do que aquele por Quem **"as autoridades que há foram ordenadas"**. Ele é um peregrino e estrangeiro na Terra e caminha como um *homem celestial.* Ele tem a promessa que *sua semente* e *herança na Terra* se tornariam unidas em breve; mas ele, com Isaque e Jacó, habita

em tendas todos os seus dias, e a vida na tenda é a de um estrangeiro aqui, de alguém que não está em casa e em repouso.

Aqui, então, temos um povo celestial novamente – celestial no caráter de sua caminhada, e celestial, como Enoque ou Lameque, em sua inteligência sobre a história futura da Terra e a promessa à sua semente de herança nela no devido tempo. Mas temos mistérios ainda mais profundos e completos na história daquele que vem depois deles.

Gênesis 37-47

Por causa da maldade de seus irmãos, como todos sabemos, pois é uma história favorita, José é afastado do cenário da herança prometida e pactuada, e torna-se primeiro um sofredor, e depois um marido, um pai e um governador, no meio de um povo distante; até que finalmente seus irmãos, que antes o odiavam, e os habitantes da Terra, sejam alimentados e governados por ele em graça e sabedoria.

Nada pode ser mais expressivo do que tudo isso. É uma manifestação impressionante do grande resultado pretendido por Deus **"na dispensação da plenitude dos tempos"**. José é lançado entre os gentios; e ali, depois do sofrimento e da escravidão, torna-se o exaltado, e o chefe e o cabeça de uma família com tanta alegria, que seu coração por um tempo consegue esquecer seus parentes segundo a carne. Este certamente é Cristo no céu agora, exaltado após Seus sofrimentos, e com Ele a Igreja tirada dentre os gentios, tornou-se Sua companheira e regozijo durante o período de Seu afastamento de Israel. Mas com o passar do tempo, José se tornou o depositário e o dispensador dos recursos do mundo; seus irmãos, assim como todos os demais, tornam-se dependentes dele; ele os alimenta e os governa de acordo com sua vontade. E isto tão certamente é Cristo, como Ele será na Terra em breve, com Israel trazido ao arrependimento e assentado na porção mais bela da Terra, e com todas as nações

sob Seu cetro, quando Ele as governará de acordo com a Sua sabedoria, as alimentará com Seus tesouros e as restabelecerá em sua herança em paz e retidão.

Certamente os céus e a Terra são, em figura, vistos aqui, como realmente serão na **"dispensação da plenitude dos tempos"**, quando todas as coisas, tanto no céu como na Terra, serão reunidas em Cristo. Certamente este é um relato detalhado do grande resultado, e os céus e a Terra manifestam juntos o mistério de Deus!

E não posso deixar de observar a sujeição voluntária e sem murmurações que os egípcios demonstram a José. Ele os move de um lugar para outro, e os acomoda como quer, mas tudo é bem-vindo para eles; e assim, nos dias do reino, o mundo inteiro estará pronto para dizer: Jesus **"tudo tem feito bem"**. Que bem-aventurança! Sujeição a Jesus, mas uma sujeição voluntária e feliz! Seu cetro obtendo aprovação e as boas-vindas de todos sobre quem Ele acena e afirma Seu poder!

E novamente observo que todo esse poder de José é mantido em pleno consentimento da supremacia do Faraó. O povo, o gado e as terras foram todos comprados por José *para* o Faraó. Ainda é o reino de Faraó, embora esteja sob a administração de José – como no reino do qual este é a figura, toda língua confessará Jesus como Senhor, para *a glória de Deus Pai.*

Esses aspectos dão expressão e caráter claros à imagem. Mas há um outro toque (o toque da mão de um mestre, eu diria com reverência) nesta imagem que não é inferior em significado ou em beleza a qualquer outro. Quero dizer que em toda esta colonização da terra, Asenate e os filhos não recebem nenhuma porção. Eles não são vistos; não há sequer menção a eles. Jacó pode ficar com Gósen; mas Asenate, Efraim e Manassés, não recebem nada. Será que a esposa e os filhos foram menos amados, e o pai e os irmãos mais? Não, isso não pode ser. Mas Asenate e os filhos são celestiais e têm sua parte naquele que é o

senhor e dispensador de tudo isso, e eles não podem se misturar nos interesses e arranjos da terra. Até mesmo Gósen, a parte mais bela e fértil da terra, não é digna deles. Eles são a família do próprio senhor. Eles compartilham o lar, a presença e os carinhos mais íntimos daquele que é o feliz e honrado cabeça de toda essa cena de glória.

Não é este o grande resultado, em miniatura ou em figura? Não temos em tudo isso a promessa da **"dispensação da plenitude dos tempos"**, quando Deus reunirá todas as coisas em Cristo, tanto as que estão no céu como as que estão na Terra? Os céus e a Terra aqui não são vistos e ouvidos juntos em sua ordem milenar? Eu certamente julgo que sim. **"Conhecidas por Deus são todas as Suas obras, desde o princípio do mundo"** (KJV).

O lugar terrenal de Israel

Mas à medida que avançamos no curso das dispensações divinas, cenas e propósitos terrenais e celestiais ainda se revelam. Israel, por sua vez, e depois destas cenas do livro do Gênesis, torna-se testemunha de Deus e um povo *terrenal.* Uma parte do mundo é santificada para ser novamente possuída e habitada por Deus. Assim como o dilúvio purificou toda a Terra para o poder e presença divinos nos dias de Noé, assim a espada de Josué agora purifica uma parte dela para o mesmo poder e presença divinos em Israel. Deus tem Seu santuário e Seu trono na terra de Canaã. Ele é adorado em Jerusalém, e ali Sua lei é dispensada. A glória está novamente na Terra. Como Senhor da Terra, o Deus de Israel mantém a corte e governa a Terra novamente. Mas tudo está corrompido novamente, Canaã foi contaminada pela apostasia de Israel, assim como a Terra de Noé foi contaminada pela torre de Babel. Ezequiel, que foi colocado como vigia no dia desta apostasia, vê, portanto, a glória a caminho de Jerusalém para *o céu.* Ela não procura nenhum outro lugar na Terra, mas, sendo perturbada em Jerusalém pelas contaminações de lá, retira-se para o céu (Ezequiel 11).

O movimento da glória

Até esse dia de Ezequiel a glória comunicou-se com Israel *em poder.* Foi uma glória, ou presença divina, que julgou o Egito, guiou o arraial pelo deserto, derrotou as nações de Canaã, dividiu suas terras entre as tribos e depois assentou-se no templo e no trono em Jerusalém. Tudo isso foi a glória *em poder.* Mas, como vimos, Israel agora a perdeu e ela retorna ao céu. Mas ela tinha outro caráter para se mostrar a si mesma. Esta mesma glória, ou a presença divina, o próprio Deus, retorna velada na Pessoa de Jesus; em Quem, como Galileu rejeitado, ou Filho de carpinteiro, não tendo onde reclinar a cabeça, em pior situação no mundo do que os pássaros ou as raposas, andou pela terra de Israel na mais plena graça, curando, pregando, trabalhando arduamente, vigiando; pobre, mas enriquecendo a outros; sedento e faminto, mas alimentando milhares, e em tudo tão simples e seguramente declarando-se ser a própria glória, como fez quando dividiu as águas do Jordão ou derrubou os muros de Jericó. Só que agora era a glória em sua *graça,* como havia sido a glória em seu *poder* naquela época. Nesta forma, porém, Israel, ou a Terra, também a perdeu, embora ela não tenha deixado a Terra da mesma maneira. Anteriormente, quando rejeitada em seu poder, ela deixou a Terra, por si mesma, em justa ira, ressentida com a afronta feita à sua majestade, e retirando-se em juízo (Ezequiel 1-11); mas agora, sendo rejeitada em sua graça, é finalmente mandada embora em vez de retirar-se. No entanto, quer vejamos a glória em poder ou em graça, a Terra a perdeu e ela está agora oculta nos céus (Veja Atos 7:55).

Esta é a história da glória desde Ezequiel 11 até a ascensão de Jesus. E é novamente onde o profeta de Deus a viu se movendo naquele capítulo, ou seja, no céu. Só que agora ela está reunindo ali a plenitude dos gentios, recebendo para si mesma os **"irmãos santos, participantes da vocação celestial"**. O Espírito Santo veio para nos contar aqui sobre a glória ali, para nos associar à sua própria história maravilhosa, ou para fazer da porção dela a nossa porção.

Tal é o lugar e tal a ação da glória agora.

A glória retorna

Mas ainda há outra etapa em sua história. Ezequiel a vê retornar ao mesmo lugar de onde partiu (Ezequiel 43). Ela nunca havia procurado algum outro lugar na Terra. Se Sião não estiver preparada para Jesus, a Terra deverá perdê-Lo, pois somente de Sião Ele disse: **"Este é o Meu repouso para sempre"**. Mas a glória retorna como vemos naquele capítulo de Ezequiel. E então surgirá aquele sistema comumente conhecido pelo nome de "o Milênio", quando Jesus Se tornará o centro, a verdadeira escada que Jacó viu, o Sustentador de todas as coisas no céu e na Terra, reconciliando tudo pelo Seu sangue, e então reunindo tudo em Si mesmo para espalhar Suas glórias sobre todos (Veja Isaías 4:5-6).

Desta forma, as duas partes do reino futuro, a celestial e a terrenal, foram prometidas repetidas vezes desde o início; uma testemunha após outra, convocada nas dispensações, tem, como vimos, contado Seus conselhos; e o Milênio será o reconhecimento destas promessas e o cumprimento das promessas destas testemunhas celestiais e terrenais.

Interação do céu e da Terra

Foi grato à minha própria alma pensar no relacionamento do céu com a Terra, no progresso desta história variada e maravilhosa. Quero dizer nas visões, ou nos sonhos, ou nas visitas angélicas, que às vezes o povo de Deus tem desfrutado. As audiências dos oráculos divinos também são desse caráter. Tudo isso mostra que os céus tinham acesso à Terra e só precisavam passar por um fino véu para encontrá-la ou alcançá-la.

Enquanto a Terra estava imaculada, o Senhor Deus andava no jardim. E depois, embora Ele estivesse de certa forma afastado da Terra, ainda assim Ele estava sempre pronto para visitá-la em favor de Seus eleitos, como nas histórias de Abraão, Josué, Gideão e outros. A escada que Jacó viu, com o topo no céu e o pé

na Terra; as idas e vindas de Moisés entre o Senhor e o povo; os anciãos subindo e vendo o Deus de Israel; A ascensão de Salomão de sua própria casa até a casa do Senhor são indícios do relacionamento entre os céus e a Terra nos dias do reino. Assim, aquela hora brilhante e memorável, quando Jesus foi transfigurado, na companhia de Moisés e Elias, aos olhos de Pedro, Tiago e João. Assim, as aparições ocasionais de Cristo aos Seus discípulos depois que Ele ressuscitou. E assim a visão do lençol descendente e ascendente. As coisas celestiais, em tais momentos, revelam-se aos olhos do homem e nos dão uma doce nota de sua proximidade. Ainda não percebemos esta proximidade, pois a glória ainda não está em seu lugar milenar sobre a cidade dos Judeus; mas a fé lê esses indícios dessa proximidade e os entende (Is 4). A fé, em Eliseu, sabia que o Senhor dos Exércitos estava próximo e orou para que seu servo pudesse ter os olhos abertos para ver que as montanhas ao seu redor estavam cheias de carros e cavalos do céu; e no reino milenar tudo isso estará à vista. A glória celestial, ou glória da cidade dourada, brilhará sobre a Jerusalém da terra de Israel. Ela será uma cobertura para todas as suas habitações. A escada será erguida, com a cabeça nos céus e o pé na terra; o mesmo bendito Senhor será o centro de todas as coisas; e, como nas diferentes partes de um mesmo templo, serão celebrados os serviços de louvor e regozijo, cada língua confessando Jesus como Senhor, para glória de Deus Pai.

Felicidade Moral

A *pura felicidade moral* que será desfrutada por meio desse relacionamento também é docemente retratada em diferentes figuras e profecias. Como no encontro de Jetro e Moisés, de Salomão e da rainha do Sul; como em Isaías 60, ou no Monte Santo, ou na Santa Jerusalém. Que afeições corretas encontramos em todos esses relacionamentos! Que puros prazeres sociais são, como eu disse, retratados diante de nós! No monte de Deus, com que naturalidade Moisés imediatamente ocupa o lugar do inferior, e Arão também; e com que graça Jetro,

representando o homem celestial, cumpre os deveres e ostenta as honras de seu superior! E com que gozo de coração e com que louvor nos lábios ele ouve a história da misericórdia de Deus para com Israel! Na rainha do Sul testemunhamos uma generosidade de alma sem inveja nem ressentimento, e em Salomão uma prontidão para fazê-la feliz! Ele conta a ela tudo o que estava no coração dela e muito mais, enchendo-a de tanta luz e regozijo que, como dizem, não houve mais espírito nela; e ela volta para casa, não para invejar sua grandeza, mas para espalhar a notícia. Em Isaías 60 aprendemos com que alegria todas as nações, no dia do reino, esperarão em Jerusalém com seus tesouros. Assim como o voo das pombas para suas janelas serão as viagens voluntárias dos dromedários de Midiã, ou as viagens dos navios de Társis, com seus tesouros e despojos, para nutrir o regozijo e a glória de Sião. Eles terão prazer em homenageá-la, e tudo estará com o brilho e o fervor de uma oferta voluntária. Como depois, no caso de Pedro no Monte Santo; quando ele acordou para a visão e a percepção da glória celestial, tal gozo encheu sua alma que, imediatamente, e por sua própria necessidade, expulsou todo egoísmo de seu coração. Não foi Pedro propriamente quem falou, mas a virtude do lugar, o espírito da cena. Ele estava, como num piscar de olhos, tão cheio do ar e do sopro do céu, que estava pronto para trabalhar e deixar que outros homens participassem de seu trabalho. **"Senhor, bom é estarmos aqui"**, disse ele; **"façamos aqui três tabernáculos, um para Ti, um para Moisés, e um para Elias"**. E novamente, na Santa Jerusalém, qual é o relacionamento entre as famílias de Deus? Tudo isso é abençoadamente do mesmo caráter grande e generoso. Os reis trazem sua glória e honra à luz da cidade, considerando ser seu lugar e seu gozo prestar-lhe honra, não se aproximando levianamente dela, mas, reconhecendo sua santa dignidade, trazendo *apenas sua glória e sua honra* para ela. E ela distribui seus tesouros com a mesma graça. As folhas de sua árvore, a luz de sua glória, as correntes de seu rio vivo, estão todas à bem-vinda disposição das nações.

Todas essas vagas expressões dos deleites sociais dos tempos milenares serão profundamente valorizadas por nós, se amarmos o exercício de afeições puras e interessadas no bem-estar dos outros.

O céu desceu à Terra

Mas neste relacionamento são os céus que visitarão a Terra, e não a Terra os céus – as pessoas de um descerão para o outro, mas não o contrário – as pessoas da Terra terão apenas que receber e acolher os visitantes do céu.

O reino da natureza, como podemos chamá-lo, demonstra isso. Porque a Terra nada dá ao céu, mas dele recebe; assim como a luz do Sol e a chuva descem para abençoar a Terra, mas a Terra não acrescenta nada em troca. (Os santos da era atual, sendo celestiais em sua vocação, deveriam ser celestiais também no espírito de sua mente, e conscientemente, em todos os seus gostos e desejos, apenas como estrangeiros, e não em casa, na Terra; um povo, como alguém disse uma vez, não como olhando da Terra para o céu, mas olhando do céu para a Terra).

Velando a glória

Mas nesse futuro relacionamento entre os céus e a Terra, quando o povo dos céus sobe e desce a escada mística ou milenar, pensei que a Escritura nos leva a julgar que haverá mudança de vestimenta, ou um certo véu de sua própria glória, quando eles descem e têm comunhão com a Terra abaixo deles e sob eles.

A expressão disso encontramos nas aparições do Senhor depois que Ele ressuscitou dos mortos. Pois então Ele poderia assumir qualquer véu que se adequasse à atividade que tinha que fazer, fosse o de Jardineiro para Maria, o de Companheiro de viagem para os dois que iam para Emaús, ou o de um Estrangeiro cortês nas margens do lago para os pescadores. Nessas aparições, Ele não poderia ser visto no céu; mas Ele poderia velar-Se assim quando a ação que Ele tinha em mãos para realizar na Terra

assim o exigisse. Desde a antiguidade, Moisés era o Moisés sem véu na presença de Deus, mas era o Moisés velado à vista de Arão e da congregação. Uma vestimenta era ajustada ao céu, outra à Terra. E como também, no caso dos sacerdotes, eles tinham as vestimentas que lhes convinham quando estavam *dentro,* e tinham outra vestimenta para aparecerem *fora.* Eles se adequaram de maneira diferente à presença de Deus e à do povo (Veja Levítico 6:11, 16:4, 23-24; Ezequiel 42:14; 44:19).

E, além disso, vemos esta aparência mutável do Filho de Deus nos tempos antigos. Ele tinha vários trajes onde Se mostrava, e onde velava a glória mais brilhante que era adequada apenas para as regiões mais altas. Ele estava em uma sarça ardente em Horebe, em um carro de nuvem pelo deserto e como Soldado armado diante das muralhas de Jericó (Josué 5:13). Os assuntos do reino, as preocupações da Terra, O chamaram aqui; e Ele apareceu de uma forma adequada ao assunto que tinha que tratar. E tudo isso são indicações da mudança de vestimenta, na qual aqueles que vão governar **"o mundo vindouro"** e cuidar dos assuntos do reino na Terra, podem esperar em seu ministério aqui, e então retornar para aparecer novamente sem véu, em seus lugares celestiais mais apropriados.

Regozijos e glórias únicas

Mas, além desta doutrina dos lugares e povos celestiais e terrenais, nos dias da glória vindoura, e além da verdade de haver um relacionamento abençoado e maravilhoso entre eles, como resumidamente tenho afirmado, poderíamos meditar sobre alguns dos regozijos e glórias *peculiares* a cada um deles.

Subir e encontrar o Senhor nos ares é a esperança mais imediata no coração do crente; depois ir com Ele para as mansões da casa do Pai. Como Ele diz: **"virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo, para que, onde Eu estiver, estejais vós também"**. E essa casa proporcionará o exercício a todas aquelas afeições familiares que o coração tão bem entende. O Pai estará lá, e o Primogênito

entre muitos irmãos, e os próprios muitos irmãos. E para ampliar esses relacionamentos, e despertar ao máximo as afeições, ali haverá o casamento, e a Igreja agora desposada se tornará a noiva do Cordeiro (Ap 19).

Há também cenas de glória e ocasiões de outros regozijos que acompanham isso. Naqueles céus haverá a **"Santa Jerusalém"**, a morada dos santos como povo sacerdotal real, o local de *governo* e de *adoração.* E ali estará a árvore da vida, e o rio da vida, e a luz, e o trono de Deus e o Cordeiro. E os santos estarão lá como harpistas, não tendo címbalos e tamboris de habilidade meramente *humana,* adequados para elevar as alegrias da Terra (Sl 98), mas tendo **"harpas de Deus"**, instrumentos de obra divina, adequados para despertar melodia digna do próprio céu. E os anciãos entronizados estarão lá, lançando suas coroas diante do trono, e os anjos deleitando-se em atribuir todo o poder e autoridade ao Cordeiro que foi morto. (Alguém observou uma vez que o momento de maior arrebatamento no céu não é quando os santos *usam* suas coroas, mas quando *as lançam* diante do trono, como visto em Apocalipse 4:10).

E durante tudo isso não haverá nada que perturbe ou atrapalhe. Assim como na Terra, naqueles dias, **"Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da Minha santidade"**, assim, nos céus, não entrará nada que contamine. Não pode haver inimigos, pois foram julgados; nenhuma serpente, pois ela foi esmagada sob os pés. Não haverá cansaço de coração, nem frieza ou apatia de alma, nem desânimo de espírito; mas os servos servirão sem falha, e noite e dia haverá a adoração feliz: **"Santo, santo, santo é o Senhor Deus Todo-Poderoso"**.

Este céu também será um cenário do próprio descanso ou sábado de Deus; e os santos, em sua medida experimentando o mesmo refrigério, habitarão naquele descanso em corpos transformados como o corpo glorioso de Cristo. Eles serão como Ele em Sua glória, vendo-O como Ele é. Eles resplandecerão **"como o Sol"** no reino de seu Pai. Na mente, no corpo e no

estado, eles serão conformados com o Amado. E haverá a visão ou entendimento de toda a preciosa revelação de Deus, não como por espelho em enigma, mas veremos face a face, conhecendo como somos conhecidos. E ali estará a pedra branca; o maná escondido; a estrela da manhã; as *compridas vestes brancas*, para permanecer diante do trono de Deus; os *vestidos brancos*, para caminhar com o Senhor pelos domínios; e as *vestes brancas*, para se assentarem em seus próprios tronos (Ap 2-3). Tudo isso será nosso então.

O futuro para os santos celestiais

Mas isso leva a uma Escritura que é muito frutífera em instruções de gozo e glória celestiais. Refiro-me a Apocalipse 2 e 3. Creio que as promessas feitas ali revelam diante de nós, em ordem santa e exata, as coisas que aguardam os santos dos céus naqueles dias vindouros.

Éfeso

"Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida que está no meio do paraíso de Deus".

Os que estão de fora terão as folhas desta mesma árvore para cura (Apocalipse 22), mas os santos dos céus terão mais – o próprio fruto da própria árvore, colhido, por assim dizer, imediatamente dela, onde cresce no meio do próprio jardim de Deus; não os frutos que lhes foram trazidos, mas colhidos pelas próprias mãos da própria árvore. Forte sugestão do frescor, do frescor constante daquela vida que é deles. Como Jesus diz (e o que pode passar além de tais palavras?), **"Porque eu vivo, vós também vivereis"** (ARA). Aqui, nesta promessa a Éfeso, está a árvore da vida partilhada imediatamente pelos santos celestiais. Pois esta é a sua porção: receber vida das próprias fontes e raízes e ali também alimentá-la e nutri-la.

Esmirna

"Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida... O que vencer não receberá o dano da segunda morte".

Isto é algo além do que foi dito a Éfeso. A vida era considerada transmitida em sua forma mais rica a Éfeso; mas aqui vemos que ela foi conquistada por Esmirna. Pois Esmirna foi duramente provada. Alguns foram lançados na prisão e todos passaram por tribulações. Eles deveriam sofrer muitas coisas, mas lhes foi prometida uma coroa de vida, se fossem fiéis até a morte. Como diz Tiago da mesma maneira: **"Bem-aventurado o varão que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que O amam"**. Aqui a coroa da vida é prometida aos que suportam provações. E isso é belo em sua época. O Senhor Se deleita em reconhecer a fé de Seus santos; e se eles demonstraram que não amaram sua vida neste mundo até a morte, será como se a tivessem ganho no mundo vindouro. A vida será uma coroa para eles lá, como a recompensa gloriosa por não terem se importado com ela aqui.

Pérgamo

"Ao que vencer darei Eu a comer do maná escondido e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe".

Temos outra fonte de gozo revelada aqui. A vida é possuída, e é possuída de forma abundante e honrosa, como vimos, em Éfeso e Esmirna; mas há aqui a promessa de outro regozijo – a percepção do favor e da afeição pessoal do Senhor; comunhão com Ele de uma tal natureza que só é conhecida por corações intimamente unidos naqueles deleites e lembranças com os quais um estranho não poderia se intrometer. Isto é aqui falado ao remanescente fiel em Pérgamo. Eles mantiveram Sua fé em meio às dificuldades e se apegaram ao Seu nome; e isso deve ser recompensado com aquilo que é sempre mais precioso – sinais de afeição pessoal, despertando a gratificante sensação e segurança de que o

coração do Senhor está unido ao seu coração. Ele beijará o santo **"com os beijos da sua boca"**; ou, no meio de tudo isso, dará aquele sinal que confirmará essa afeição. É o maná escondido que aqui é o alimento; e a pedra aqui recebida tem um nome que ninguém conhece, exceto aquele que a recebe. Isto, como alguém disse, expressa afeição individual. Não é regozijo público, mas deleite na possessão consciente do amor do Senhor. Quão abençoado é esse caráter de gozo nos dias vindouros! Já vimos vida possuída em abundância e honra em Éfeso e Esmirna; mas aqui em Pérgamo avançamos para outra possessão – não a glória ainda, em qualquer forma dela, mas a bendita certeza e consciência da afeição pessoal do Senhor.

Tiatira

"Ao que vencer e guardar até ao fim as Minhas obras, Eu lhe darei poder sobre as nações, e com vara de ferro as regerá; e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de Meu Pai, dar-lhe-ei a estrela da manhã".

Aqui chegamos a cenas públicas, cenas de poder e glória. Isto não é apenas vida, embora nunca desfrutada de forma tão abençoada, nem simples afeição pessoal e gozo individual, mas aqui está algo demonstrado em honra e força por toda parte; aqui estão poder e glória no primeiro caráter em que as glórias dos santos estão destinadas a serem reveladas no futuro; isso significa que eles são companheiros do Senhor no dia em que Ele vier para fazer de Seus inimigos o escabelo de Seus pés; ou, de acordo com o decreto do segundo Salmo, quebrá-los com vara de ferro, para despedaçá-los como a um vaso de oleiro. Este será o Seu poder assim que Ele tomar o reino. Esta será a Sua eliminação de tudo o que seria inconsistente com o reino. Este será o cinto da espada sobre a coxa, como Davi, antes de ter subido ao trono, e como Salomão (Sl 45). Será a ação do Cavaleiro, antes que comece o reinado dos mil anos (Ap 19). E nesse exercício de poder e demonstração de glória, os santos (como somos instruídos e prometidos aqui) estarão com Ele. Isto é

abençoado em seu lugar e nos é dado no devido tempo; pois, depois da vida e do gozo pessoal e oculto, as glórias públicas começam a ser apresentadas.

Sardes

"Algumas pessoas... **Comigo andarão de branco, porquanto são dignas disso**... **O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos"**.

Este é um estágio adiante nas cenas de glória. A vingança foi executada, a espada d'Aquele que está assentado no cavalo branco prestou o seu justo serviço, os vasos do oleiro foram quebrados e o reino chegou. Jesus aqui promete aos Seus fiéis que os confessará diante de Seu Pai e de Seus anjos. Isto não é redimi-los do julgamento, ou salvar a alma deles (como falamos), mas reconhecê-los publicamente diante das dignidades reunidas do reino. Ele lhes promete que andarão com Ele vestidos de branco, pois são dignos. Aquela mão que agora em graça lava seus pés, então os tomará em uma intimidade santa e feliz, e terá plena companhia com eles nas esferas da glória. Eles caminharão com Ele.

Que caráter de gozo é esse! Ser publicamente reconhecido, como antes (como lemos sobre Pérgamo) e ainda acariciado de forma privada e pessoalmente. De quantas maneiras o Espírito de Deus traça o regozijo vindouro dos santos! A vida, o amor, a glória que lhes estão reservados; a árvore da vida e também a sua coroa; a pedra branca, que leva, nos sentidos mais profundos do coração, a promessa do amor; e então companheirismo com o Rei da glória em Suas caminhadas por todos os Seus domínios resplandecentes e felizes. Mas ainda mais do que isso o mesmo Espírito ainda tem para contar.

Filadélfia

"A quem vencer, Eu o farei coluna no templo do Meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do Meu Deus e o nome da cidade do Meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do Meu Deus, e também o Meu novo nome".

Acabamos de ver o herdeiro do reino como o companheiro do Senhor do reino, por toda a luz da glória, caminhando ali de branco com Ele, reconhecido diante do Pai e diante dos anjos. Aqui a promessa é que o fiel terá seu lugar no próprio sistema de glória, que ele pertencerá àquela ordem gloriosa de reis e sacerdotes que então formarão o caráter da cena, cada um deles sendo um pilar no templo, e cada um inscrito na cidade. Altas e santas dignidades! Cada um dos fiéis ocupa o seu lugar no templo e na cidade, um membro necessário daquele sacerdócio real então estabelecido no seu santo governo nos céus, onde a Nova Jerusalém habita e resplandece. Que honra é dada a eles aqui! Reconhecido por toda parte em companhia do Senhor, caminhando pela rica e ampla cena de glória; e também reconhecido interiormente, como portador, cada um em si mesmo, de uma parte da glória, cada um deles um vaso necessário para a plena expressão da luz da Nova Jerusalém, e formado como a parte vital da plenitude d'Aquele que deve preencher tudo em todos! Um rei e um sacerdote, cada um deles ocupando seus diversos postos e posições no templo e na cidade, a Salém do verdadeiro Melquisedeque. Que lugar de dignidade! Certamente o amor tem prazer em mostrar o que pode fazer e fará. Se tivéssemos apenas um coração para valorizar essas coisas, principalmente por nos falarem desse amor que assim se aconselhou em nosso favor! Pois que pensamento mais elevado e mais feliz podemos ter, até mesmo da própria glória, do que a maneira pela qual o amor nos permite saber o que fará pelo seu eleito. Pobre, pobre coração que é tão pouco tocado com essas coisas, enquanto a mente agita a concepção delas!

Laodiceia

"Ao que vencer, lhe concederei que se assente Comigo no Meu trono, assim como Eu venci e Me assentei com Meu Pai no Seu trono".

Aqui o ponto mais alto da glória é alcançado. Esta é a elevação brilhante e luminosa até a qual esta passagem pelos gozos e honras do reino nos conduziu. Aqui o fiel entra no gozo de seu Senhor, compartilhando o Seu trono; não apenas reconhecido por Ele em toda parte, e estabelecido com Ele interiormente, andando de branco com Ele, ou estabelecido como uma porção necessária e honrada do grande sistema do sacerdócio real, mas com Ele assentado no lugar supremo.

Estas promessas e compromissos podem agora terminar. Eles falaram de bem-aventurança, de fato.

Glória revelada nos santos

Grandes coisas certamente passaram diante de nós nesta Escritura maravilhosa, Apocalipse 2 e 3. A árvore e a coroa da vida – a pedra branca – a estrela da manhã – a caminhada com Jesus através dos reinos – a residência no templo e na cidade – um lugar no próprio trono! Certamente, se o próprio Jesus é valorizado, então daremos as boas-vindas a tudo. E então, como nos é dito mais adiante, a alegria de dispensar à Terra as correntes daquele rio vivo e as folhas daquela árvore viva que nasce e cresce em nossos céus (Ap 22); com acesso, além disso, à escada que fica entre as regiões superior e inferior, para, como já observei, tratar os assuntos do reino, em consciente dignidade real e plena santidade sacerdotal.

A glória também será revelada em nós, cada santo a carregará ou será um vaso dela, e cada um deles será filho da luz e filho do dia, e cada um deles, filho da glória, glorificado juntamente com Cristo, de modo a unir-se a Ele no derramamento de luz, além daquela do Sol ou da lua, sobre a criação abaixo, para que a atual

e ardente expectativa daquela criação possa ser satisfeita na então manifestação dos filhos de Deus.

"E verão o Seu rosto, e na sua testa estará o Seu nome". Eles estarão intimamente perto d'Ele, falando face a face, como um homem fala com seu amigo, sem medo ou suspeita, pois o título deles estará assinado e selado como que pela Sua própria mão. Ele os terá apropriado para Si mesmo; e isto eles saberão, porque o Seu nome estará sobre eles. E lá, como dentro de todos os véus, eles caminharão em seu templo celestial e olharão para seu Senhor, amarão e ficarão maravilhados.

Tudo ficará bem então

E a tudo isso, podemos acrescentar, que tudo estará de acordo com a nossa mente, como falamos; tudo estará bem aos nossos olhos; tudo nos agradará igualmente e inteiramente, e será exatamente como gostaríamos que fosse. Vemos isso no livro do Apocalipse, em cujo progresso a família celestial, onde quer que seja vista ou ouvida, sempre se encontra em plena concordância com a ação que está acontecendo. Em Apocalipse 4, o trono está se preparando para o julgamento – relâmpagos, trovões e vozes procedentes dele; mas os anciãos e os seres viventes têm suas doxologias em nome do Senhor Deus Todo-Poderoso, que está assentado e ordena tudo. Em Apocalipse 5, o Cordeiro toma o livro, e eles novamente se regozijam, pegando suas harpas para celebrá-Lo e para se alegrarem com a perspectiva que esta visão lhes abre. Em Apocalipse 11, o sétimo anjo anuncia o julgamento, mas eles só precisam prostrar-se, adorar e dar graças. Em Apocalipse 12, a guerra no céu e o seu resultado são exatamente como eles gostariam que fosse; e em alta voz publicam **"Salvação!"** Em Apocalipse 15, *as obras e os caminhos* de Deus, todas as coisas de Seu *conselho* ou Sua *força,* formam o tema de seu cântico. E em Apocalipse 19, o julgamento da mulher que corrompeu a Terra evoca repetidamente a aleluia da família glorificada. Portanto, tudo, do começo ao fim, é igualmente e totalmente certo aos olhos deles; tudo está exatamente como

eles gostariam. Eles triunfam tão ruidosamente no Parente *Vingador* (Ap 19), quanto no Parente *Redentor* (Ap 5). Tudo é formoso para eles em seu tempo. As bodas do Cordeiro e o julgamento da grande prostituta estão igual e inteiramente de acordo com a mente deles.

Nada está totalmente certo agora

Diferente, muito diferente, na verdade, do que agora é sentido pelo crente. Na medida em que ele é espiritual, nada está totalmente certo ao seu redor aqui. E isso apenas aumenta cada vez mais, à medida que o mundo fica mais cheio de suas próprias invenções e cresce com o aumento do homem. E isso proporciona um julgamento sobre o estado de nossas afeições. Pois podemos nos perguntar: Como somos tocados pelo atual avanço nas melhorias do mundo? Estamos parabenizando a nós mesmos e à era por elas, ou elas estão enojando nosso coração? Esta pode ser uma pedra de toque da condição de nossa alma, quer Cristo seja nosso Objetivo ou não. A grande torre nas planícies de Sinar teria sido o orgulho de um Ninrode, mas Abrão teria se afastado dela para chorar. Assim como os mercadores da Terra lamentam sobre aquilo que alegra os céus (Ap 18).

Cristo é nosso Objeto?

E esta é a grande questão para nós agora: Cristo é o Objeto do nosso coração – Aquele que ansiamos? Por isso Ele será nosso, e perto de nós e conosco para sempre, será o ponto mais alto de toda a nossa rica felicidade neste céu futuro para o qual estivemos olhando. A provisão para o *coração* é sempre o pensamento mais querido que podemos nutrir. Tal como aconteceu com Adão no início. Ele foi colocado na possessão de uma boa propriedade, que trazia consigo tudo o que poderia satisfazer os sentidos. Ali estavam as árvores e os frutos daquele jardim, agradáveis aos olhos e ao paladar. O desejo dos olhos e do paladar, e de todos os sentidos e faculdades do homem, poderia ser *santamente* satisfeito, pois da árvore do conhecimento ainda não se havia comido. O Senhor Deus estava no lugar supremo; a criatura não era então adorada e servida mais do que o Criador, e todos os sentidos poderiam aproveitar seus prazeres de forma correta, e o divino Plantador do Éden havia provido para eles (Gn 2:9). Sim, e mais do que isso. Adão recebeu *domínio* da mesma mão. O deleite natural – ou melhor, o divino – em poder e dignidade foi proporcionado dessa maneira; pois assim como o Senhor Deus no mundo acima chamou as estrelas pelos seus nomes, possuindo-as assim, Ele concedeu a Adão na Terra que colocasse nomes no gado e nas aves, assumindo, assim, a posição de cabeça deles. E desta forma ele foi colocado no meio destas provisões divinas para os seus olhos, os seus ouvidos, os seus gostos e o seu desejo de dignidade. Mas o coração ainda estava desnutrido. O dia da sua *coroação* não foi o dia do seu *desposório.* E o Senhor Deus o conhece. Ele conhece a criatura que em Seu amor e perfeições Ele formou. Não é bom, diz Ele, que ele fique só; farei uma companheira de ajuda para ele. E Adão recebe Eva da mesma mão que lhe deu o Éden com seus frutos e o domínio sobre a Terra. E então é que seus lábios se abrem **"do que há em abundância no coração, disso fala a boca"**. **"Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne"**, diz Adão, expressando sua profunda satisfação e dizendo

que agora não precisava de mais nada. O Éden não poderia, com todos os seus deleites para os sentidos, nem seu vasto e incomparável domínio sobre tudo, como "monarca de tudo o que ele avistava", fazer o que Eva fez por ele. Ela abriu os lábios dele com uma confissão de que *agora* ele estava satisfeito. E o mesmo acontece conosco ao possuir Jesus, acima de toda glória, em nosso Éden celestial, para sempre.

Atraídos do terrenal para o celestial

É uma bênção considerar estas e outras descrições semelhantes do céu espalhadas pela Palavra. E, como alguém disse: *"O Espírito Santo, que é chamado de penhor de nossa herança, atua de acordo com essas descrições e as torna vivas para nossa alma"*. E são essas descrições e atrações que nos tornam, no sentido divino, estrangeiros e peregrinos aqui. Observou-se que Abraão se tornou um estrangeiro na Terra, não por qualquer tristeza ou pressão na Mesopotâmia, pois não lemos sobre nada disso, mas porque "**o Deus da glória**" havia falado a ele na linguagem da **"promessa"**. Ele foi atraído para fora de sua parentela, de sua casa e de sua terra por algo que estava adiante dele, e não foi instigado ou expulso por algo que estava atrás dele. Este era o caráter do estrangeiro celestial aqui.

É assim que acontece, amados, ou desejamos que fosse assim que acontecesse, com nossa alma? Estamos ponderando sobre a perspectiva e acompanhando seus distantes vislumbres, com corações fixos e interessados? Estas são as questões presentes para despertar e guiar nossa alma. O exame levará à humilhação e à repreensão, mas será um óleo excelente.

Necessário para Ele

E, como querendo nos dar plena tranquilidade no desfrute deste nosso futuro céu, o Senhor nos ensinou a saber que, de certa forma, somos *necessários* lá, por mais sem importância que possamos nos considerar. Pois cada um deve ser um vaso de glória, como já dissemos; pode ser em maior ou menor

quantidade, mas ainda assim cada um é um vaso *necessário* naquela casa de glória. Geralmente pensamos o quanto o Senhor é necessário para nós. Verdade, de fato. Celebraremos o fato de que devemos tudo a Ele por toda a eternidade. Mas também é uma verdade (falado para louvor das riquezas da graça) que somos necessários para Ele. **"A mulher é a glória do Varão"**. Não da mesma forma, certamente. Ele é necessário para nós tanto para *a vida* como para *o regozijo*, tanto para *a salvação* como para *a glória*; mas nós somos importantes, é claro, apenas para Seu gozo e glória; como está escrito: **"com o fim de sermos para louvor da Sua glória"**; e novamente: **"para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça, pela Sua benignidade para conosco em Cristo Jesus"** (Ef 1:12; 2:7).

O Senhor Deus considerou o regozijo de Adão quando Ele propôs em Si mesmo formar Eva. Eva, podemos saber muito bem, foi abundantemente feliz em Adão; mas ainda assim a preocupação do Senhor era que Adão fosse feliz em Eva. O mesmo acontece agora na dispensação do evangelho. O verdadeiro Adão ainda é consultado. **"O Reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu *filho*"**. E assim será ainda na dispensação ou era da glória. É chamado **"as bodas do Cordeiro"** – não se trata, como uma vez me foi observado, das bodas (ou casamento) da Igreja ou da esposa do Cordeiro, mas as bodas *do Cordeiro,* como sendo *o Cordeiro* o principal interessado nessa alegria.

E assim é. A Igreja terá a sua alegria em Cristo, mas Cristo terá a Sua maior alegria na Igreja. O pulso mais forte de alegria que baterá pela eternidade estará no seio do Senhor por Sua Noiva resgatada. Em todas as coisas Ele deve ter a preeminência; e, como em todas as coisas, também nisto – que a alegria d'Ele nela será maior do que a dela n'Ele.

O coração preparado para o céu

E todos os dantes-conhecidos para esse fim, e nada menos que *todos,* formarão a Eva desse Adão, e serão a Noiva ou a Mulher destinada assim a ser a alegria e a glória do Homem. *Todos* aqui estão *agora* **"bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte"**, e lá *então* não menos do que *todos* serão necessários. Oh, o Senhor não apenas prepara o céu, mas desta forma prepara o coração para o céu, para que possamos desfrutá-lo com toda a tranquilidade, vendo-nos como uma porção necessária do mobiliário santo do lugar! Assim como José consolaria seus irmãos, dizendo-lhes que foi Deus Quem o enviou ao Egito adiante deles, para que a vida pudesse ser preservada por uma grande libertação. Suas mãos perversas fizeram isso, é verdade; mas o propósito de Deus também o fez, e é nisso que Ele deseja que eles pensem agora, e não no que eles haviam feito antes. Pois este é o caminho do amor; e **"Deus é amor"**. O amor não só promoverá a festa, mas fará o que puder para que seja desfrutada com toda a confiança e gozo do coração. O amor fará com que os convidados *se assentem* à mesa, seja lhes dada uma mesa farta e sintam-se à vontade para saboreá-la.

Podemos nós, amados, ler essas descrições do céu que será nosso em breve e para sempre, e, enquanto lemos, desejar que nosso coração se alegre por isso ser assim? Podemos considerar-nos felizes, tendo tais perspectivas como estas? Assim como o avarento pode suportar o desprezo do mundo exterior, pensando em seus tesouros em sua casa, podemos nós, na esperança deste regozijo no céu, viver acima da Terra e de suas promessas?

O "ar" do céu

Tais coisas, no entanto, como estas, por mais excelentes que sejam, têm algo ainda mais com elas. O *ar* de um lugar é mais importante para nós do que o seu *cenário.* Se conseguirmos ambos, melhor; mas se pudermos ter apenas um, o bom ar será certamente preferido.

Agora, o céu, posso dizer, terá ambos. Será repleto de um elemento ou atmosfera moral, bem como repleto de glórias; e o primeiro (falo como homem) será mais responsável pelo nosso gozo do que o último.

Acho bom às vezes refletir sobre isso e aprender algo sobre aquele elemento moral que deve ser o ar do céu. As Escrituras que já observei testam e comprovam a pureza desse ar. A atmosfera milenar, tanto no céu como na Terra, será de fato sempre fresca, carregada de fragrância agradável. Se agora estamos cansados de nosso próprio egoísmo e dos temperamentos da natureza humana **"odiosa e odiando"**, devemos ansiar por uma mudança de ares, tal como se diz que a terra da glória conhece, a terra da voz da rola. Se o brilho dessas regiões, ou o cenário do lugar, têm a sua atração (e que coração pode concebê-la?), qual deve ser a atmosfera disso para a nossa alma feliz, onde a vida social, por todas as suas relações, como entre o céu e a Terra, e entre Jerusalém, a terra de Israel e as ilhas mais distantes, move-se e acende continuamente as afeições mais generosas e delicadas.

Não é que simplesmente haverá triunfo sobre a natureza; – a natureza não estará lá; pelo menos, não nos céus dos quais nos aproximamos. Não teremos que falar de santos que se comportam bem uns para com os outros com bom espírito. Essa segurança está bem em seu devido lugar, e enquanto permanecemos no **"nosso corpo de humilhação"** (ARA). Mas aí o elemento em si será bom. As correntes fervorosas de mentes puras e felizes, fluindo de cada um para todos, irão formá-lo.

A dignidade e a beleza morais, as diversas e ainda assim consistentes perfeições que nos animarão então, serão todas brilhantes e amáveis diante da mente divina. Deus examinará a obra de Suas mãos pelas das diferentes esferas de glória e descansará com deleite nela.

É um pensamento muito a ser acalentado, que nossos caminhos eternos serão, assim, o deleite divino, e mais do que recompensarão a Deus (falo novamente à maneira dos homens) pela tristeza que, por nós e em nós, Seu Espírito agora é tão continuamente submetido.

Tais serão os deleites *morais* nas esferas da glória; não recairá sobre eles qualquer pequena parte daquele banquete no qual o Senhor acomodará Seus convidados, quando Ele sair e Se preparar para servi-los (Lucas 12:37). Podemos ser pouco capazes de compreender a glória em si, mas podemos apreciar essas características morais do céu que estamos alcançando.

Enquanto ainda estamos aqui, nos conflitos da carne e do espírito, estamos, em certo sentido, sob a tutela da *consciência,* aquele princípio que julga o **"bem e o mal"**. Mas a consciência não manterá o céu em ordem. Nossas *paixões* e nossa *justiça* serão lá uma só. Pouco avançamos agora na direção celestial pela graciosa corrente de afeições. Mas que felicidade, quando a própria energia que nos leva *rapidamente* também nos levará adiante *corretamente* – quando o próprio vendaval que enche as velas regulará o leme; a paixão que envolve e deleita a alma é a própria regra e medida de tudo o que é digno da presença de Deus!

Que possamos guardar em nossa alma essas descrições do céu! Sua impressão é fraca; humildemente, de fato, alguns de nós sabemos disso; mas podemos entretê-las e dar-lhes as boas-vindas, lamentando que nossas boas-vindas não sejam mais calorosas e afetuosas.

O futuro da Terra

Mas a Terra ainda é lembrada e guardada para grandes propósitos ainda a serem realizados. O arco-íris foi, antigamente, como sabemos, a promessa disso. É um símbolo do concerto entre Deus e toda a Terra, e todos os seres vivos que nela habitam. O Senhor diz que quando a nuvem vier, o arco estará

com ela – quando o presságio do julgamento diminuir, o sinal da paz brilhará. E, como vemos até hoje, a Terra não foi novamente destruída. Pode não ser a residência da glória, como já foi e como será novamente, mas ainda assim é preservada, de acordo com a promessa do arco-íris. E a Escritura é diligente e exata em nos mostrar que em cada variedade do procedimento divino, esta promessa foi, é e será lembrada.

Portanto, certamente foi lembrado durante todo o tempo em que o Senhor esteve assentado em Sião; pois então o Senhor fez da Terra Sua habitação. Mas quando o trono do Senhor deixa Sião, e o Santo dos Santos perde a glória, porque o povo terrenal, pelo seu pecado, perturbou o seu descanso, e tudo retorna ao céu (Ezequiel 1-11), vemos o trono e a glória carregando o arco-íris com eles. Isto é, embora a Terra tenha sido então despojada de glória; embora Jerusalém, o trono do Senhor, tenha sido então por um tempo colocada em montões e colocada sob o pé dos gentios; ainda assim, o Senhor estaria atento à Terra e faria dela o objeto de Seu fiel cuidado, de acordo com Sua promessa. E assim vemos a glória, embora ela deixe a Terra, levando consigo a lembrança da Terra: *o arco-íris a acompanha até o céu;* isso nos diz que embora o Senhor deixe a Terra como cenário de Seu poder e louvor por um tempo, Ele ainda a tem em lembrança diante de Si. Consequentemente, quando o céu é aberto à nossa visão em Apocalipse 4, vemos o arco fiel circundando o trono ali. Quão abençoado é isso! O Senhor nos céus ainda está atento à Terra. Ele lançou a própria garantia de sua segurança em torno de Seu trono nas alturas, de modo que, embora a Terra não veja esse trono, e ela não seja mais o lugar dele, esse trono vê a Terra e se lembra dela, e anseia, como ela era, por seu escabelo natural.

Segurança da Terra

Isto nos mostra a segurança da Terra durante esta dispensação celestial pela qual estamos passando agora. O Senhor está agora reunindo um povo *para o céu.* É verdade que Ele ainda não está enchendo a Terra de glória, mas dela está reunindo uma família

eleita, para ter comunhão Consigo mesmo no céu; mas ainda assim Ele está atento à Sua promessa. Ele olha para o arco e preserva a Terra, guarda a época da sementeira e da colheita, o frio e o calor, o dia e a noite, o verão e o inverno, nos seus ciclos e estações determinados (Gn 9).

Como tudo isso é simples. Quando o trono foi primeiro da Terra para o céu, vimos que ele levava consigo a lembrança da Terra; e agora em seu lugar nos céus vemos que ele ainda segura em seu peito e envolve em sua testa este símbolo afetuoso e amado da bênção da Terra (Ezequiel 1; Apocalipse 4).

Mas ainda há mais. Pois deixe o Senhor descer nos julgamentos que visitarão a Terra em breve, e O encontraremos tão plenamente consciente de Sua promessa de não destruí-la, como Ele está agora, ou esteve antes disso. Isto vemos em Apocalipse 10. O anjo poderoso, o anjo do julgamento, desce; e ele está vestido com uma nuvem, o terrível vaso da ira e símbolo do julgamento; como foi dito no início: **"Quando eu trouxer nuvens sobre a Terra"**. Mas mesmo assim o arco-íris está com Ele; como foi acrescentado: **"aparecerá o arco nas nuvens"**. Não é simplesmente com uma nuvem que Ele desce, mas com a nuvem e o arco que a acompanha (veja Gênesis 9:14; Apocalipse 10:1). Tanto quanto para nos dizer que no final Ele Se lembra da Sua palavra e debaterá com julgamento. Ele lhe dirá: **"Até aqui virás, e não mais adiante"**. A nuvem vai descer, é verdade; o julgamento deve vir, as salvas (taças) da ira devem ser derramadas; mas é apenas para julgar aqueles que corrompem ou destroem a Terra, e não para destruir a própria Terra; pois o anjo poderoso, como vemos nesta Escritura, que desce **"vestido de uma nuvem"**, também tem **"o arco-íris por cima de sua cabeça"** (ARA). E a nuvem, ao executar sua comissão e derramar novamente sua água ou seus julgamentos, deve permanecer em obediência ao arco que a medirá e controlará. O atual curso das coisas pode cessar, como nos dias de Noé, mas o arco brilha aos olhos do

Senhor. Sua promessa vive em Seu coração, e a Terra será o cenário feliz e o testemunho de seu rico cumprimento.

Assim, então, vemos que mesmo o julgamento em si não afetará a antiga promessa à Terra. Ela ainda é amada por causa de Noé, de quem foi dito: "**Este nos consolará acerca de nossas obras e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra** (**solo** – JND) **que o SENHOR amaldiçoou"** (Gn 5:29). Isto é, por causa do Seu Bendito, de Quem Noé era uma figura; e não precisamos dizer, amados, Quem Ele é. Portanto, ela sobrevive ao julgamento, suporta o choque da descida deste anjo poderoso, embora vestido com uma nuvem, plantando o pé direito no mar e o pé esquerdo na terra, e clamando com grande voz como quando brama o leão.

Preservada para ser glorificada

E para que é reservada? Por ainda mais do que o arco-íris havia prometido. Pois este é o caminho de Deus. Ele cumpre Suas promessas e é Fiel *abundantemente,* fazendo mais do que havia falado. E o mesmo acontece neste caso da Terra. Não é apenas preservada, com a sua sementeira e a sua colheita, o seu dia e a sua noite, mas é levada à **"liberdade da glória dos filhos de Deus"**. Isto é mais do que foi prometido a ela. A cidade santa desce do céu, para se conectar com a Terra; e, brilhando na devida esfera acima dela, desde seu seio ela envia as folhas de sua árvore viva, os riachos de sua água viva e os raios de sua glória interior, para embelezar e refrescar a Terra e suas criaturas abaixo (Ap 21-22). O arco-íris não precisa aparecer agora, pois a nuvem se foi. O arco funcionaria bem enquanto houvesse nuvem, a promessa e o penhor poderiam confortar, enquanto houvesse lugar para julgamento ou para medo do mal; mas agora o julgamento acabou. A nuvem se dissipou e, portanto, o arco não tem lugar. Mas a cidade santa desce do céu, da parte de Deus, para fazer mais, muito mais, do que meramente resgatar o penhor divino. Pois ela está glorificando, e não apenas preservando, a

criação. Então ela se regozijará *na* presença do Senhor, quando Ele vier para governar a Terra.

Criação libertada

Será que o tempo permitiria contar todas as figuras e profecias das bênçãos *da Terra* nos dias do reino? As árvores, os campos e os rios, em sua ordem, então se regozijarão diante do Senhor. A própria criação será libertada para a liberdade da glória dos filhos de Deus. O Salmo 8, com muitas vozes semelhantes, proclama isso. A voz de cada criatura na Terra, debaixo da Terra e no mar, ouvida em visão pelo profeta, antecipa isso (Ap 5). E o dia prometido perceberá que **"o ermo exultará e florescerá como a rosa"**, que **"o leopardo com o cabrito se deitará"** e que **"os céus responderão à Terra, e a Terra responderá ao trigo e ao vinho e ao azeite"** (Is 35; Os 2 – AIBB).

O louvor dos gentios

E *os gentios,* sabemos, ocuparão o seu lugar neste sistema de glória que se aproxima. Eles transformarão suas espadas em relhas de arado; e em vez de aprenderem a guerra, aprenderão os caminhos do Senhor e andarão em Suas veredas. No tempo determinado eles esperarão, cada um com sua oferta, no Rei em Sião, celebrando ali seu elevado e alegre banquete na presença da Sua grandeza. Então, dos confins da Terra serão ouvidos cânticos ao Justo. E então o chamado do profeta será atendido pelos corações dispostos de todo o povo: **"Cantai ao SENHOR um cântico novo e o Seu louvor, desde o fim da Terra, vós que navegais pelo mar e tudo quanto há nele; vós, ilhas e seus habitantes. Alcem a voz o deserto e as suas cidades, com as aldeias que Quedar habita; exultem os que habitam nas rochas e clamem do cume dos montes. Deem glória ao SENHOR e anunciem o Seu louvor nas ilhas"**.

Alegrando Israel

Israel então habitará em segurança – **"cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira"**. Eles **"todos**... **serão justos"**;

eles estarão todos unidos; chamarão cada homem de seu próximo. **"Efraim não invejará a Judá, e Judá não oprimirá a Efraim"**. Os dois bastões místicos se tornarão um na mão do profeta. Eles serão **"uma nação na terra, nos montes de Israel"**. E, como nos dias sombrios de Salomão, então será dito: **"Eram, pois, os de Judá e Israel muitos, como a areia que está ao pé do mar em multidão, comendo, e bebendo, e alegrando-se"**. A alegria deles também será santa. Será a alegria de um santuário. **"Publicarão abundantemente a memória da Tua grande bondade e cantarão a Tua justiça**... **Falarão da glória do Teu reino e relatarão o Teu poder"**. Dentro de si mesmos, em direção às nações ao redor, e sob o Deus de seus pais, o Deus de seu concerto, todos estarão abençoados com Israel. Pois assim diz o Senhor Deus: **"Eles habitarão na terra que dei a Jacó, Meu servo**... **farei com eles um concerto de paz; e será um concerto perpétuo; e os estabelecerei, e os multiplicarei, e porei o Meu santuário no meio deles para sempre. E o Meu tabernáculo estará com eles, e Eu serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo. E as nações saberão que Eu Sou o SENHOR que santifico a Israel, quando estiver o Meu santuário no meio deles, para sempre"**. (Ezequiel 37).

Lugar especial de Jerusalém

Tudo isso conta a história das alegrias milenares na Terra. Mas neste sistema de glória terrenal, além da própria *criação, das nações* e *de Israel,* há um lugar ainda mais ilustre, um objeto distinto no meio de alegrias e dignidades como essas. Quero dizer *Jerusalém.*

E eu já me perguntei: por que Jerusalém é tão citada na Escritura? Por que **"O SENHOR ama as portas de Sião mais do que todas as habitações de Jacó"**?

Era *a Sua* corte – o lugar da Sua presença tanto como Deus quanto como Rei de Israel. Seu palácio e Seu santuário estavam lá. As administrações de Suas leis e as ordenanças de Sua

adoração estavam lá. Os tronos de julgamento, o testemunho de Israel e as ações de graças ao Seu nome eram todos conhecidos ali (Sl 122). Era o lugar onde Jeová havia gravado Seu nome e onde habitava a glória, o símbolo de Sua presença.

Era *a Seu lar.* Toda a terra era domínio do Senhor; mas Jerusalém era a mansão, a habitação da família. Os filhos foram colocados aqui e ali por todas as tribos e divisões da terra, que eram a propriedade da família, mas Jerusalém era a mansão da família. Era a casa do pai, o lar comum, onde, nos dias declarados santos, os filhos se reuniam, segundo o modo comum de afeição dos parentes.

Esta, creio eu, foi a *primeira* atração de Jerusalém aos olhos e ao coração do Senhor de Israel. Ele procurou e encontrou um lar em Jerusalém, dizendo: **"Este é o lugar do Meu repouso para sempre: Aqui habitarei, porque o tenho desejado"** (AIBB). E Ele a deixou, quando o pecado a contaminou, com toda a hesitação e demora que a afeição desapontada tão bem entende (Ezequiel 8-11).

A bênção futura de Jerusalém

Jerusalém era tudo isso – a casa do Pai, o palácio do Rei e o templo do Deus de Israel. Pois Israel eram Seus filhos, Seu povo e Seus adoradores, e as afeições do coração de um Pai, e as alegrias e honras do Senhor e Rei, encontraram seu objetivo e sua esfera em Jerusalém. E isto é mais que suficiente para nos dar conta da sua elevada distinção. E tudo isso ela será novamente. Será novamente o palácio, o templo e a mansão da família. Será o lugar de oração para todas as nações. Será a sede da legislação, da adoração, do juízo e do governo. Será também a fonte das virtudes do novo concerto, de onde fluirão as águas vivas, para torná-la, naqueles dias, a mãe mística da família (Sl 87). E a glória dos céus brilhará sobre ela do alto, fazendo para ela o serviço do Sol e da Lua, enquanto ela é elevada e exposta, para que ela

possa se deleitar em plena luz e habitar sob ela como seu ar nativo. (Isaías 4:5; 60:1; Zacarias 14:10).

E ela será a noiva do Senhor da Terra e a rainha no dia do Seu poder. Ele a vestirá com ornamentos como tais, Se regozijará com ela, transmitirá Seu nome a ela, e a fará tão honrada e estimada pelo mundo inteiro, a ponto de tratar o desprezo contra ela como sendo uma indignidade cometida contra Ele próprio (Salmo 45; Isaías 60; Jeremias 33)

O Senhor e Jerusalém

Tudo isso pode muito bem explicar o lugar que Jerusalém ocupa nos pensamentos do Espírito. Seus profetas, aqueles que falaram movidos por Ele, dirigem-se a ela repetidas vezes como a noiva, a rainha e a mãe, nos dias da glória que se aproxima. Mas o que diremos d'Ele, que assim a adornou com toda beleza e dignidade, e deu-lhe tal relacionamento Consigo mesmo? Não é maravilhoso e feliz ver o círculo de empatias humanas assentando-se na mente divina? *A amizade* é apenas humana? Como posso dizer isso, quando vejo Jesus e o discípulo que Ele amava caminhando em companhia? As afeições dos *parentes são* meramente humanas? Como posso dizer isso, quando penso em Cristo e na Igreja, e em mil testemunhas da Escritura? O deleite do coração em *casa é* um gozo divino e também humano? Como posso duvidar disso, quando vejo o Senhor e Jerusalém? Certamente a mente divina é a sede de todas as sensibilidades puras e justas do coração, e **"Cristo Jesus, Homem"** me diz isso. O Senhor Deus de Israel conheceu, e conhecerá novamente, a afeição que permanece em torno do lar de muitas lembranças e alegrias familiares.

Assim será Jerusalém, e assim será a própria Terra, as nações e Israel, nos dias prometidos da presença e do poder do Senhor. Fracamente traçado pela mão, mais fracamente respondido pelo coração. *"Porém verdade"* ainda que *"superando fábula"*.

A Terra purificada

Toda a Escritura, entretanto, nos mostra que tal alegria não pode ser obtida na Terra, ou nas circunstâncias e na história do mundo, em seu estado *atual,* nem até que a Terra se torne um cenário de justiça; e assim não será, até que o Senhor a tenha livrado de tudo o que ofende e de tudo o que comete iniquidade. *A espada do julgamento* deve ir adiante *do trono da glória.* A Terra deve ser limpa de suas corrupções, antes que possa voltar a ser um jardim de delícias santas e divinas.

O evangelho não está produzindo um mundo feliz ou espalhando um jardim do Éden. Ele não propõe tal coisa, mas tirar do mundo um povo, um povo celestial, para Cristo. Mas a presença do Senhor tornará o mundo feliz em breve, quando essa presença puder retornar a ele com justiça.

O encerramento dos Salmos nos mostra isso. Belo fechamento! Todo louvor – incansável fruto de lábios satisfeitos expressando o gozo de um coração cheio e reconhecendo a glória indivisa d'Aquele Bendito! Mas isso foi precedido pelas tristezas dos justos em um mundo mau e depois pelo julgamento desse mundo. Pois esse livro apresenta os clamores dos justos em um mundo mau, as alegrias do Espírito em meio a esse mal, os variados exercícios da alma pelo caminho, e o fim dos justos na alegria do louvor. Tudo, porém, proíbe o coração de nutrir o pensamento de gozo *na Terra* até que o julgamento a purifique; o descanso será preparado para *Salomão* pela *espada de Davi.*

Não descanse agora

O próprio pensamento sobre isso evitará que o coração seja abalado por decepções e o afastará da expectativa de qualquer progresso para descanso e estabilidade para o mundo, ou nele, até que o Senhor execute o julgamento. Nosso gozo agora é estar n'Ele mesmo, em espírito, no pensamento de Seu amor e no sentimento de Sua paz, ajudado a seguir em frente, dia após dia,

na esperança do gozo pleno e justo com Ele, quando os ímpios tiverem deixado a cena para sempre.

Quão sensivelmente a mente do Senhor se afasta do pensamento de gozo na Terra, quando as pessoas estavam maravilhadas com todas as coisas que Ele fez! Voltando-se para Seus discípulos, Ele disse: **"Ponde vós** [**Permiti que** – JND] **estas palavras** [**se aprofundem** – JND] **em vossos ouvidos, porque o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens"**. Mas isto, posso dizer, foi apenas uma amostra de toda a Sua mente, enquanto Ele olhava para a Terra em sua condição atual. Isso sempre esteve em Seus pensamentos relacionado à provação.

O Salmo 75 expressa isso de forma impressionante. Ali, o Messias olha para a Terra como toda dissolvida e desordenada, prestes a beber o cálice do julgamento da justa mão de Deus. No momento, Ele não esperava nada dela. Mas então, depois de esgotar aquele cálice, Ele a vê como um cenário de gozo, louvor e exaltação da justiça, Ele mesmo sustentando suas colunas e conduzindo seus cânticos.

Amadurecimento para o Julgamento

Sinto, no entanto, ser uma verdade muito solene que Deus está permitindo ao homem, dando-lhe espaço e tempo, que amadureça a sua iniquidade, para que o julgamento possa cair sobre ele no auge do seu orgulho, e esmagar o sistema que ele está se elevando em seu ponto de maior pretensão e avanço. Certamente é uma verdade solene. Mas mesmo nesse propósito, como em todos os outros, **"a sabedoria é justificada por todos os seus filhos"**. O crente pode ficar impressionado com tal fato no trato divino com o homem, mas ele o aprova, entende que é uma coisa apropriada, que o homem seja autorizado a produzir o fruto plenamente amadurecido de seu próprio afastamento de Deus, a apresentá-lo e examiná-lo no orgulho de seu coração, e então receba sua resposta justa a toda a sua vangloriada e desfrutada apostasia, desde o aviso de julgamento de Deus. A medida da

injustiça dos amorreus deveria estar *cheia* antes que a justiça os alcançasse. O Senhor suportou Babel até que o clamor dela subiu até Ele. Nabucodonosor construiu a **"grande Babilônia"**, como ele se gloriava, pela força de seu poder e para a glória da sua magnificência, quando foi expulso de sua posição elevada; Hamã estava cheio quando Deus o esvaziou até a última gota. E o grande homem da Terra, no final, chegará ao seu fim, justamente quando houver plantado os tabernáculos de seus palácios no glorioso monte santo.

É solene; mas é como a sabedoria deseja e como a fé aprova tudo profundamente. Deus é justificado em Suas palavras e vence quando é julgado.

Todas as coisas reunidas em Cristo

Feliz, eu desejo encontrar esta meditação. Onde há muito conflito de pensamento e julgamento entre os santos, é grato à alma voltar-se para assuntos de interesse e deleite *comum;* e quando o cenário ao redor está ficando cheio de invenções e importância do homem, é bom olhar para aquelas regiões de luz e pureza, onde Deus, Supremo e Todo-Suficiente, reunirá todas as coisas, em Cristo, tanto as que estão no céu como as que estão na Terra. Regiões de luz e pureza, de fato, onde tudo indicará intimidade ou proximidade, e ainda assim o pleno sentido da posição do Criador e da criatura, do Santificador e do santificado. Isso se reflete claramente em muitas deleitáveis páginas da Palavra de Deus. O Senhor habitou no meio do arraial de Israel enquanto ele descansava e, enquanto ele peregrinava, Deus ia junto com ele, seja de noite ou de dia, quer a jornada seguisse em frente, quer voltasse para o monte ou para o mar. Mas ainda assim Ele era *Deus,* o Senhor do arraial.

Como tudo isso se recomenda à nossa alma! Nós nos curvamos a isso. Regozijamo-nos em saber que Ele habita numa luz da qual nenhum homem pode aproximar-se e, ainda assim, que Ele caminhou pelas cidades e aldeias da Terra; que Ele é Aquele que

nenhum homem jamais viu, nem pode ver, e ainda assim, ninguém menos do que Aquele que está em Seu seio O declarou para nós, esteve no meio de nós, nosso Parente na carne, bem como o Amigo de Jeová.

Sua autoridade suprema, como Senhor, é infinita; Sua distância e santidade, como Deus, são infinitas. E ainda assim Ele é **"Cabeça sobre todas as coisas *para a* Igreja"**, e o próprio Deus é **"por nós"**. No exato momento em que Ele ordenou a Moisés e Josué que tirassem os sapatos dos pés, por causa de Sua presença, Ele estava Se manifestando a eles em símbolos ou caracteres significativos da mais profunda empatia e do serviço mais devotado (Êxodo 3; Josué 5).

Mas chega. Não prosseguirei mais com esses pensamentos. No entanto, nos dias de crescente escuridão e perplexidade, como o presente, a alma é direcionada para o esconderijo seguro de refúgio, ou para os picos ensolarados de Pisga, de esperança e observação. Ela se acostuma ainda mais a meditar sobre a força daqueles fundamentos que Deus colocou sob nossos pés – a intimidade daquela comunhão na qual Ele mesmo agora introduziu nosso coração – e o brilho daquelas perspectivas que Ele colocou diante de nossos olhos.

Coração na glória

Eu apenas pergunto, amado, estamos prosseguindo em busca dessa porção e desejando-a? Estamos insatisfeitos com tudo em comparação com ela? Estamos nos recusando a formar qualquer propósito ou a considerar qualquer perspectiva que não seja essa? No Salmo 84, o coração do adorador ainda está *a caminho,* insatisfeito, embora tenha **"tanques"**, e **"chuva"**, e **"força"** do Senhor, até chegar a Sião. No Salmo 90 tudo o que o homem de Deus vê é a vaidade da vida humana e a **"volta"** do Senhor. Ele não antecipa mudanças e melhorias nas condições das coisas, mas espera ficar **"alegre"** e **"saciado"** com a **"volta"** de Cristo.

Novamente pergunto: esta é a nossa mente? Ainda somos prisioneiros da esperança, recusando-nos a deixar qualquer coisa alterar a atitude de expectativa da alma? O Espírito Santo nos é dado, não para mudá-la, mas para fortalecê-la. Sua Própria presença apenas alimenta a presente insatisfação do coração e os anseios de esperança e desejo. Ele faz com que o santo **"abunde em esperança"** e dá amplitude e alcance ao clamor: **"Vem, Senhor Jesus"**. O Espírito da verdade, o Outro Consolador, como Ele é, não Se apresenta como sendo o Noivo, nem Se propõe a fazer dos Seus refrigérios **"a ceia das bodas do Cordeiro"**. A energia da esperança, os desejos da alma por nosso Senhor ainda não manifestado, apenas falam da presença do Espírito em nós de forma mais clara e abençoada. É Seu próprio desígnio e obra. Ele nos atrai à esperança até o fim para a graça que nos será trazida na revelação de Jesus Cristo.

E Ele, amado, é nosso Objeto? O coração conhece bem o poder daquilo que é seu objeto. Fazemos de Jesus esse Objeto? Encontramos, em nós mesmos, algo daquela 'doença da esperança' sobre a qual lemos na Escritura? E somos capazes de dizer: **"Quando Ele dá quietude, quem então poderá perturbar?"** (Jó 34:29 – JND)

Que o Espírito espalhe cada vez mais, no coração de cada um de nós, estas e outras afeições semelhantes. E Àquele que nos amou e nos lavou dos nossos pecados em Seu próprio sangue, seja a glória e o domínio para sempre! Amém.

Noiva do Cordeiro! Acorda, acorda!
Por que dormir de tristeza agora?
A esperança da glória – Cristo – é tua,
Filha da glória tu és.

Teu espírito durante a noite solitária,
À parte do gozo terrenal,
Suspirou por Aquele que está longe,
O Noivo do teu coração.

Mas vê, a noite se desvanece rapidamente,
A manhã está próxima,
E Jesus vem com voz de amor,
Para alegrar teu coração abatido.

Ele vem; pois, oh, Seu coração ansioso
Não pode mais suportar detença,
Para cenas de gozo pleno e puro
Para chamar Sua Noiva embora.

Esta Terra, cenário de toda a Sua aflição,
Um deserto sem lar para ti,
Em breve sobre Seu trono celestial,
Seu legítimo Rei verá.

Tu também reinarás, Ele não usará
Sua coroa de gozo Sozinho,
E a Terra verá Sua Noiva real
Ao Seu lado no trono.

Então não chore mais, é tudo teu,
Sua coroa, Seu gozo divino,
E mais doce do que tudo ao redor,
Ele, Ele próprio é teu.

J. G. Bellett

Notas

[←1]

N. do T.: A versão de J. N. Darby traduz: **“E Eu os purificarei do sangue do qual Eu não os tinha purificado”**.

[←2]

N. do T.: A palavra grega é "**εὐδοκία**", significando: satisfação, deleite, bondade, bom prazer, desejo, propósito.

[←3]

N. do T.: אֶשְׁכֹּל *('eshkôl)* ou cacho (de uvas).

[←4]

N. do T.: Recalcitrar significa escoicear, opor-se obstinadamente a qualquer tipo de controle ou autoridade; insurgir-se, rebelar-se, revoltar-se (Cf. Michaelis).